



BETHANY-KRIS

SÉRIE FILTHY MARCELLOS

DANTE

DEA
editora

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BETHANY-KRIS

SÉRIE FILTHY MARCELLOS

DANTE

LIVRO 03


Dea
editora

Copyright © KRISTEN FOURNIER
Copyright © 3DEA EDITORA, 2019

Título Original: Dante - A Filthy Marcellos, Book Three

Editor-Chefe | Patrícia Azevedo
Assistente de Produção | Natália Perruchi
Tradução | Ariane Soares
Revisão | Lívia Mendes
Ilustrador | Murillo G. Magalhães
Imagem | www.depositphotos.com/82606420

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desse livro, sem autorização prévia da autora por escrito, poderá ser reproduzida ou transmitida, seja em quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Esta é uma obra fictícia, quaisquer semelhanças com pessoas reais vivas ou mortas é mera coincidência. Os versos das canções aqui reproduzidas foram usados com base no Art. 46 da Lei Brasileira do Direito Autoral.

Todos os direitos reservados à
www.3deaeditora.com.br
contato@3deaeditora.com.br

Sumário

[Dedicatória](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Epílogo](#)

“Máfia é um processo, não uma coisa. A máfia é uma forma de cooperação entre famílias às quais seus membros prometem lealdade eterna. Amizade, conexões, laços familiares, confiança, lealdade, obediência — essa foi a cola que nos uniu.”

— Joe Bonanno,
Ex-chefe da família mafiosa Cosa Nostra Bonanno

Dedicatória

À minha avó, por sempre ser tão positiva e por me amar como sou.

Capítulo Um

Controle nem sempre é o equivalente a poder.

Dante Marcello nunca tinha estado mais ciente dessa afirmação até agora.

— Eu tenho quarenta por cento da Indústrias Marcello. Você não pode se livrar.

— Posso — interrompeu Antony, calmamente. Eu tenho cinquenta. Giovanni tem dez. Estou comprando de você, Dante.

Dante piscou, suas mãos se fechando ao lado do corpo. As grandes janelas de vidro voltadas para a cidade davam uma visão tão familiar que ele achava reconfortante. Nesse prédio, ele passava oito horas por dia, seis dias por semana. A Indústrias Marcello sempre foi tanto dele quanto de seu pai. Isso não fazia sentido.

— É hora de você se virar sozinho — disse Antony. Você é capaz, então me mostre.

— Me virar sozinho? — A raiva de Dante vibrou por todo o seu corpo. Tenho vinte e oito anos de idade. Tenho trabalhado para esta empresa desde o dia em que me formei.

— Você trabalhou *para* mim.

— Isto é ridículo!

— É mesmo? — perguntou Antony, abrindo bem os braços. — Estou pedindo uma coisa simples, Dante. Isso é tudo.

— Você está ferrando com a porra da minha vida inteira. Tudo pelo que trabalhei.

— Não, tudo pelo que eu trabalhei. Eu quero ver o que você pode fazer agora. Me desafie. Brigue comigo. Mas você não pode ser eu, Dante. Você tem que ser você.

O pai dele se afastou da beirada da mesa, se virou e pegou um pequeno pedaço de papel. Antony entregou o cheque a Dante, esperando pacientemente que ele o pegasse.

— Vá em frente, — Antony pediu.

Dante olhou o cheque com muitos zeros para contar, seu desdém fazendo-o bufar. Vá se foder. Não quero o seu dinheiro, Pai.

— São os seus lucros, então não é meu.

Ele não podia acreditar em como seu pai não parecia se importar. Como se isso tudo não fosse nada para ele.

— Queime — Dante cuspiu. — Eu não quero isso.

— Você fez tudo o que não pedi que você fizesse. Você mesmo disse, filho. Você tem vinte e oito, quase vinte e nove anos. Isso é muito mais do que a Indústrias Marcello agora. É apenas uma das coisas. Pense nisso. Se você não quiser se afastar por conta própria e começar sua vida, então vou te forçar a fazer isso.

— Você está falando sobre casamento. De novo. — Dante engoliu a fúria ardente esaldando sua garganta.

E fazendo isso de uma maneira muito errada, pensou Dante.

— A Indústrias Marcello é apenas uma parte — repetiu seu pai. — É um começo, no entanto.

— Eu.

— Você é capaz, Dante. Mostre-me.

• • •

Dante bateu a porta do escritório com tanta força que ela acertou a parede com um estrondo. Gio se levantou da cadeira, o braço estendido com uma arma apontando para a porta. Caim rosnou de seu lugar aos pés do seu

mestre. No momento em que seu irmão mais novo soube quem invadiu seu espaço, a arma foi abaixada.

— Que porra você quer, uma bala na cabeça? — Gio perguntou, mordaz.

— Você sabia?

— Sério, se continuar fazendo merdas assim é capaz de levar um tiro, Dante. Temos problemas nas ruas agora, e a última coisa de que preciso é pessoas invadindo meu escritório como um idiota. Você tem sorte de eu ser o tipo de cara que olha primeiro e atira depois. Lucian ou papai teriam chutado seu traseiro estúpido.

— Você sabia? — Dante ignorou o discurso de seu irmão.

— Eu acabei de perguntar... — Gio colocou a arma na mesa.

— O que papai ia fazer comigo na Indústrias Marcello, você sabia, Gio? — A expressão no rosto de seu irmão mais novo dizia que ele não sabia. Dante se jogou na cadeira mais próxima enquanto a amargura fervilhava. — Acho que não. Ele não precisa da sua assinatura. Você só tem dez por cento de participação.

— Que eu nem uso — disse Gio, como seu irmão já deveria saber. — Eu recebo um pagamento mensalmente em uma conta que nunca toquei.

— O que diabos você faz com ele, então? — Dante olhou para Gio.

— Pago impostos e misturo entre outras contas para cobrir os fundos ilegais.

Fazia sentido. Dante mordeu a bochecha, irritado.

— Isso é loucura.

— O que aconteceu? — Gio perguntou, descansando em sua cadeira.

— Ele me pagou pra cair fora. — Dante estremeceu, lembrando-se do cheque que ele jogou na lata de lixo do pai. — Tentou. Recusei o dinheiro.

— Quanto?

— Isso é o que você quer saber, sério?

— Estou curioso sobre o valor da empresa. — Gio encolheu os ombros.

— Quatrocentos milhões.

— Uau.

— Sim — disse Dante, suspirando. — Ele está em tudo, você sabe. A Indústrias Marcello está metida em tudo. Só nos últimos cinco anos dobrou de valor.

— Desde que você entrou depois da faculdade. — Gio pigarreou, encarando Dante.

— Exatamente.

— Mas você se concentrou em projetos de desenvolvimento com imóveis e investimentos. Papai está em todos os lugares, incluindo nesses.

— Aonde você quer chegar? — Dante franziu a testa.

— Sua atenção é melhor aproveitada onde você é ótimo e não apenas bom.

— E daí?

— E daí, por que Antony o colocaria em um lugar que só vai te segurar, fazendo você se concentrar em várias coisas em vez de apenas uma?

— Porra — Dante murmurou, sua raiva voltando rapidamente. — Você não entende.

— Por quê? Por que eu não tenho um condomínio de vinte milhões de dólares na Quinta Avenida e não quero? Merda, Dante, consigo entender o que o papai está fazendo, mesmo que seja da pior maneira possível. Ele vai fazer você se comprometer no que é bom em vez de forçar você a assumir uma empresa que pode não querer em trinta anos.

— É Indústrias Marcello por uma razão, idiota.

— Claro — Gio assentiu —, mas as empresas são vendidas o tempo

todo e ele tem cinquenta e oito anos de idade

Dante inclinou a cabeça, algo no tom de seu irmão chamou sua atenção.

— O que a idade dele tem a ver com isso?

— Nada. Eu não quis dizer isso, eu só...

— Mentiroso. O que você não está me contando?

— Dante... — Gio não olhava nos olhos de Dante.

— Me conta, Gio — exigiu Dante.

— Alguns meses atrás, depois do batismo de Johnathan...

— O que tem?

— Não foi apenas sobre a Indústrias Marcello, foi? Hoje, o que quer que ele tenha dito a você, provavelmente, era mais do que apenas negócio. Estou certo?

— Talvez. — A mandíbula de Dante endureceu.

— Foi o que eu pensei.

A opinião de Dante sobre o casamento era bem conhecida por sua família. Ele não queria se casar. Sua vida era e sempre foi um evento completamente planejado. O objetivo mais importante que queria alcançar estava fora de seu alcance — ser o Don dos Marcello Cosa Nostra. Ele não seria um até que uma mulher estivesse ao seu lado usando uma aliança de casamento e carregando seu sobrenome.

Era um completo absurdo, mas essa era a exigência da Comissão.

— Papai já te contou? — perguntou Gio.

— Me contou o quê? — Dante franziu a testa.

— Eu não acredito que ele não contou a você. Temos uma reunião da Comissão em seis meses e...

— Me contou o quê? — O restante da paciência de Dante se foi.

— Não me surpreende que ele esteja pagando e forçando você,

especialmente onde a Indústrias Marcello está presente. Ele está pronto para se aposentar.

A mente de Dante ficou em branco, seus pensamentos interrompendo a capacidade de falar.

— Lucian não vai assumir a família. Eu sou muito jovem e não fui feito para isso. Você tem seis meses para se virar. Você tem ficado com alguém? — Gio perguntou baixinho.

— Não. — Dante se recostou na cadeira, o teto chamando sua atenção.

— Nem mesmo para uma foda rápida?

— Bem, não foi isso que você perguntou, irmãozinho. Na verdade, não tenho muito tempo para isso no momento.

— Se alguém é bom o suficiente para você dormir, por que não é bom o suficiente para namorar, Dante?

Dante poderia perguntar ao irmão a mesma coisa sobre seus últimos relacionamentos com mulheres, mas Gio era casado agora, então não valeria a pena discutir.

— É apenas casamento — Gio continuou. — Do que você está com medo?

Não ser capaz de dar a uma mulher as coisas normais que vêm junto com o casamento e o amor. Falhar em uma coisa na vida que deveria ser fácil, mas que provavelmente não seria. Começar algo com alguém só para acabar, talvez.

Dante não admitiria essas coisas em voz alta.

— Uma mulher não vai me tornar um chefe melhor.

— Mas ela pode fazer de você um homem melhor, Dante. E aposto que é disso que tem mais medo.

• • •

Uma semana depois, Dante se viu tomando rum e coca enquanto ouvia homens gritando um com o outro.

— Estou te dizendo, há um enorme problema nas ruas agora — disse Gio, sua frustração começando a aparecer.

— Nas suas ruas, talvez — respondeu Lucian. As minhas estão bem.

— Nas minhas também — disse Leo, um capo.

— Bem, as minhas não estão bem — concordou Val, outro capo da família Marcello. — Estou com Giovanni nessa. Tem alguma coisa acontecendo.

— Cocaína? — perguntou Gio.

— Principalmente — assentiu Val. — Não está vendendo nada. O pó vende, Lucian. É como bolinhas de chocolate.

— Sei que vende bem porque não tenho problema em vendê-lo. — Lucian soltou um suspiro, lançando um olhar para Dante. — O que você acha?

— Nós importamos essa merda, por isso é difícil dizer. — Dante encolheu os ombros.

— O que a importação tem a ver com não vender nas malditas ruas? — perguntou Leo.

Dante estava a cinco segundos de mandar Leo calar a boca. Ele estava com pouca ou nenhuma paciência para esse absurdo. Além disso, não deveria ser dia de ele lidar com esses homens. Uma vez por mês, todos os dezenove capos Marcello se reuniam para pagar suas dívidas ao pai de Dante. Setenta por cento do dinheiro de tudo o que eles faziam era entregue, eles bebiam e os problemas eram discutidos. Em todos os anos que Dante se lembrava, Antony nunca perdera uma reunião.

Ao olhar o relógio, Dante percebeu que seu pai já estava uma hora atrasado. Era praticamente inédito para um Don Marcello.

— Onde está Antony?

Cada capo na sala se animou com a pergunta. Nenhum dos homens parecia totalmente surpreso que Antony não estivesse lá, mas estavam interessados em por que Dante perguntou.

— Eu pensei que você soubesse. Paulie não está aqui também — disse Gio, franzindo a testa.

— O quê? — perguntou Dante. — Por que eu...

Ele fechou a boca antes de dizer algo estúpido. Antony, Paulie e Dante ocupavam as três posições mais altas da família Cosa Nostra. Era responsabilidade dele saber o que estava acontecendo com os outros homens ao seu redor, sendo o subchefe de seu pai e tudo mais. Dizer que não sabia só o faria parecer um idiota.

Algo de que ele certamente não precisava.

— *Torno subito* — disse Dante, desculpando-se e se levantando.

Dante se certificou de que ele estava longe da vista de todos quando pegou o celular e ligou para o pai. Ele não falava com o pai desde a briga, há uma semana. Era inédito para eles, mas ele ainda estava chateado por causa da Indústrias Marcello. Dante imaginou que manter algum espaço faria sua raiva diminuir.

Não diminuiu.

— *Ciao* — Antony cumprimentou, sua voz alegre demais para o gosto de Dante.

— Onde você está? — Dante perguntou imediatamente. — É uma reunião de recolhimento das dívidas e seus capos estão esperando.

Chega dessa alegria toda. Não era hora pra isso.

— Estou levando sua mãe para jantar e para o cinema. Ela comprou

um vestido novo. Eu queria exibi-la por aí.

— *O quê ?*

— Eu disse...

— *Dio*, eu ouvi o que você disse. Onde diabos está Paulie, então?

— Boliche.

Boliche?

Boliche!

Dante olhou para a parede, imaginando o que diabos havia acontecido em sua vida.

— Você está falando sério?

— Você pode ligar para Paulie e perguntar onde ele está. E se você não acredita em mim sobre meus planos hoje à noite, gostaria de falar com sua mãe? Ela pode te dizer qual filme vamos ver depois do jantar.

— Não, eu não quero falar com minha... — Dante se conteve, apertando a ponta do nariz enquanto tentava recuperar um pouco de controle. Ou pelo menos se recompor. — Por favor, me diga que é a sua idade que o fez esquecer essa reunião, e é por isso que você fez isso comigo hoje. Porque, do contrário, a única coisa que posso pensar é no fato de você ter sido um idiota na semana passada.

Antony ficou em silêncio por mais tempo do que Dante gostava antes de dizer:

— Você acabou de me chamar de velho?

— Papai...

— Não, agora você me irritou me chamando de velho. Isso é inaceitável. Eu não vou aparecer, Dante, então lide com isso como você faria em qualquer outro momento.

— Você sempre esteve aqui!

— Será mesmo? — perguntou Antony.

— Vai, me fala, é sobre a semana passada?

— *Cristo*, filho, qual é. Por que eu ficaria com raiva sobre a semana passada? Eu escolhi pagar você, e não o contrário. Eu queria que isso acontecesse. É apenas uma reunião, Dante. Você pode me atualizar depois.

— Há questões que esses homens precisam discutir com você — disse Dante, tentando fazer seu pai ver a razão.

Nada em sua mente confusa explicava o comportamento repentino do pai e a falta de interesse por *la famiglia*.

— Eles podem discutir isso com você, Dante — Antony respondeu calmamente. — Como tem sido nos últimos meses em todas as reuniões.

A testa de Dante franziu enquanto considerava as palavras de seu pai.

— Mas você esteve aqui.

— Sim, só observando. Meu envolvimento era muito pequeno. Se não me notou deixando você tomar as rédeas de vez em quando, isso já não é minha culpa. Observe melhor as coisas. Você vai precisar disso em breve.

— Você poderia ter me ligado, pai. Me avisar que você não estaria aqui. — Estupefato, Dante sentiu a cabeça começar a latejar.

— Você poderia ter me ligado, filho. Não era eu que estava com raiva esta semana, era você. Em vez de tentar falar comigo, ou mesmo discutir o que queria fazer depois da Indústrias Marcello, você me ignorou. Eu simplesmente deixei.

— Você está me fazendo parecer uma idiota aqui.

— Não, eu estou fazendo você parecer um Don.

Com isso, Antony desligou o telefonema.

— Está tudo bem?

Dante colocou o telefone no bolso quando se virou para encarar Lucian. A abordagem do irmão mais velho tinha sido tranquila, mas Dante sabia que Lucian estava lá antes de dizer uma palavra.

— Eu não sei.

— Essa é uma resposta muito ruim. — A testa de Lucian franziu, puxando o canto da boca.

— Papai não vem.

— Eu imaginei.

Por que ninguém estava surpreso com a ausência de Antony?

— Acho que ele não vai aparecer por um tempo — acrescentou Dante, mais baixo.

— Também percebi isso — disse Lucian, encolhendo os ombros. — O que há de errado?

— Estou pronto para o que isso significa? — Dante encontrou o olhar indiferente de seu irmão.

— Acho que vamos descobrir.

• • •

— Antony está com a esposa, indisposto, e Paulie está ocupado, então vamos continuar como de costume — disse Dante.

— Certo.

— Entendido, chefe.

— De volta ao assunto do pó, então — disse Gio, acenando para Val.

— Sim, voltemos a falar sobre isso. — Dante não mostrou surpresa com o título de chefe. De qualquer maneira, agir como se tudo tivesse normal parecia um plano melhor

Recostando-se na cadeira, Dante bateu os dedos na borda da mesa enquanto os homens falavam. Como Antony havia deixado claro o status de sua posição para os homens, ao não aparecer, e Paulie também não deu as caras, o novo papel de Dante era esperado. Ser chefe interino significava

muitas coisas, mas, principalmente, que ele tinha controle e precisava agir de acordo. Então, em vez de se sentar como antes, ele ficou de prontidão, comandando.

— Não há problema — afirmou Leo, acenando desdenhosamente com a mão na direção de Gio. — Ele simplesmente não quer admitir que pode estar perdendo um pouco do seu toque, só isso. Skip^[1] tem problemas, mas apenas na cabeça dele.

— Que porra você acabou de dizer pra mim? — Gio bufou.

O silêncio envolveu a tagarelice dos homens sentados em volta das mesas. Todos os olhos se voltaram para os dois capos que pareciam estar prontos para se esmurramem. Dante não podia deixar esses homens brigarem, mesmo se um deles fosse seu irmão. Seria péssimo os homens brigarem entre si.

— *Ei!* Acalmem-se, seus idiotas — avisou Dante. — Eu não estou com disposição para essa merda.

Gio não tirou o olhar do capo rival nem por um segundo, mas ele sabiamente manteve dentro de sua cabeça qualquer comentário inteligente que estivesse remoendo. *Cazzo*, este seria um longo dia.

— Como a equipe de Giovanni não é a única a sofrer com a venda deste produto em particular, estou inclinado a pensar que pode haver algo que devemos vasculhar — observou Dante, tamborilando os dedos na mesa.

— Claro que você faria isso — Leo murmurou.

— Como é? — Dante zombou.

— Eu só estou dizendo... chefe.

Dante não gostou do jeito que Leo teve que forçar o respeito em seu tom ao mencionar o título.

— Desembucha logo, Leo!

— Bem, você sabe... ele é seu irmão e...

Isso era besteira.

— Desembucha. Se você tiver um problema, estou disposto a ouvi-lo. Se é covarde demais para falar, então sente-se e cale a boca antes que eu a feche. Estou sendo claro?

— Sim, chefe, eu entendi. — O bigode bem aparado de Leo se contraiu.

— Ótimo. Continuando. Gio, você não é a única equipe, certo?

— Não — respondeu seu irmão rapidamente. — As ruas de Val se encontram com as minhas, e como nós administramos a maior parte da área juntos, faria sentido se ele também fosse atingido. E está, não é?

— Cerca de trinta por cento nos últimos dois meses, eu diria — confirmou Val com um encolher de ombros. — Bom, de acordo com o meu pessoal.

— A minha não — acrescentou Lucian, do lado de Dante. — Mas isso não quer dizer que não haja algo acontecendo nessa área. Estou um pouco mais longe das ruas de Gio e Val e vendo para um grupo totalmente diferente. Val estava certo mais cedo. Pó vende, independentemente do preço ou da qualidade do produto. Vende bem, contanto que seja a única equipe que está vendendo e não haja concorrência.

— E não há — disse Dante, refletindo sobre a implicação disso. — Houve algum boato?

— Não de nossos homens, só não está vendendo como de costume — Gio respondeu.

— Nós importamos o produto, então isso gera um problema. — Dante suspirou, olhando para o teto do clube.

— Ainda não entendi, como assim? — perguntou Leo, ainda parecendo puto da vida.

— Na verdade é simples. Não controlamos as pessoas que nos

fornece o produto. Apenas compramos a substância, exigimos uma quantia, pegamos e pagamos pela remessa, e a partir daí a controlamos. Não temos ideia se alguém está nos subvalorizando nessa área com os fornecedores ou não. Além disso, pode ser que o fornecedor esteja dividindo o produto no barco, retirando do nosso carregamento e entregando-o em outra parte.

— E ainda estamos pagando o preço integral — complementou Lucian.

— Sim — Dante assentiu. — O problema é que é apenas uma ideia. Não é certeza, e nunca tivemos esse tipo de problema antes. Nossos fornecedores lidam com drogas, mas sempre foram confiáveis nos negócios. Se eles nos foderem, acabaremos com eles.

— Quem é estúpido o suficiente para fazer merda no território dos Marcello? — Carmen, um capo mais velho, perguntou da mesa mais longe.

— Suponho que é isso que temos de descobrir — respondeu Dante. — Eu quero todo mundo nessa merda até descobrirmos.

— Vamos ver o que podemos fazer — disse Lucian.

— Não deve demorar muito — concordou Gio.

Dois envelopes na mesa chamaram a atenção de Dante, lembrando-o de toda a questão do maldito dia.

— E antes de vocês começarem outra vez a brigar como um bando de cães latindo, paguem a porra das suas dívidas para que eu possa fingir que dou a mínima, certo?

— Sim, chefe — ecoaram várias vozes.

Lucian riu baixinho quando o dinheiro começou a fluir e as notas foram contadas como em qualquer outro dia.

Dante só tinha mais um problema para resolver antes de engolir mais algumas bebidas e voltar para o seu apartamento.

— Ah, Leo, outra coisa...

— O que é? — O capo em questão levantou uma sobrancelha arrogante para seu chefe.

— Seu rosto — disse Dante com um sorriso.

A tagarelice em torno deles se acalmou novamente.

— Meu ros...

— Esse bigode horroroso. Vai ter que sair.

— Mas...

— As regras são claras: sem pelos na cara. — Dante levantou uma única mão. — Eu não fiz as fodidas regras, apenas as imponho. No próximo mês, é melhor esse bigode não estar aí.

— E eu suponho que essa barba por fazer de Giovanni não te incomoda nem um pouco, não é? — A mandíbula de Leo se apertou.

— Ele não está usando bigode, idiota. Não é a mesma coisa.

— Sim — disse Gio, sorrindo como um tolo do outro lado da mesa. — Além disso, não uso esse visual para ser fofo. Uso porque minha mulher gosta da sensação na...

— Gio — advertiu Lucian.

— Eu ia dizer na bochecha dela, *cafone*.

— Não, não ia. — Dante riu.

Negócios, como de costume.

• • •

A conversa rodopiava ao redor da sala de jantar em um rugido maçante quando a mãe de Dante e suas cunhadas serviram à mesa. Dante não achava que a tradição Marcello de fazer uma grande ceia para seus amigos próximos e familiares mudaria. Perguntou-se qual seria a próxima casa a assumir a quase impossível tarefa de alimentar vinte pessoas ou mais depois

de uma manhã e uma tarde inteiras na igreja.

— Como foi na quarta-feira? — Antony perguntou a Paulie do seu lugar na cabeceira da mesa.

— Bem. Geralmente ganho.

— Você é o único idiota que eu conheço que ainda gosta de boliche.

— Antony riu.

— É um bom passatempo — Paulie defendeu.

— É *boliche*.

— E o que devo fazer, velho amigo? Colecionar facas e carros como você?

— Melhor do que jogar uma bola em um monte de pinos.

Risadas encheram a sala de jantar, incluindo a de Dante.

Lucian se inclinou em seu assento para se aproximar de Dante, baixando a voz para que ninguém mais pudesse ouvir.

— Gio tem notícias sobre o problema que falamos na quarta-feira.

— É mesmo?

Dante se perguntou por que seu irmão mais novo não havia mencionado nada. Gio estava sentado à direita de Dante à mesa, pelo amor de Deus. Mas, de novo, Gio estava completamente envolvido em uma discussão com sua esposa, e quando Kim estava presente, ele pouco se importava com qualquer outra pessoa. Dante deixou pra lá.

— Acho que ele teria falado sobre isso de manhã antes da missa, mas ele está tentando não encher o saco do papai o tempo todo, sabe.

— Nada de negócio aos domingos. Qual é a porra da notícia? — Dante revirou os olhos.

— Mantenha essa boca suja pra você — ordenou Antony.

Dante habilmente virou o dedo do meio para o pai sem que sua mãe visse quando se sentou à mesa. Voltando-se para Lucian, Dante fez uma

careta.

— Em alguns meses, vou completar 29 anos, você vai ter 30 e ele ainda vai estar latindo para nós sobre cochichar na mesa de jantar.

— Ele nunca vai mudar — disse Lucian, rindo baixinho.

Cecelia distraiu Antony sobre algum teatro que ela queria ir, então Dante se aproveitou disso.

— Então, as notícias... — Dante pegou o guardanapo de pano e o abriu, colocando-o sobre as pernas. — O que é?

— Há uma pequena equipe trabalhando a um custo significativamente menor comparado com o nosso e, segundo alguns, um produto melhor. — Lucian encolheu os ombros, imitando as ações de Dante com seu próprio guardanapo. — Então, é isso.

— O quê?! Eles estão vendendo para os traficantes?

— Não, eles estão vendendo também. É por isso que eles venderam tão rápido e fizeram o estrago que fizeram antes de percebermos.

— Tá vendo, isso é um problema. — Dante grunhiu baixinho, agitado.

— Eu sei.

— Não, você está olhando do ponto de vista do capo que está perdendo dinheiro. Eu estou vendo isso como uma coisa de território. Ninguém deve estar em nossas ruas trabalhando, a menos que saibamos ou tenha tido uma boa e velha conversa com eles para que eles entendam as regras.

— Isso também — Lucian concordou em voz baixa.

— Alguém queria chamar nossa atenção.

— Pode ser.

— Mas por quê? — O olhar de Dante se estreitou enquanto pensava sobre isso.

— Isso é você que tem que descobrir.

Sim, Dante estava ciente.

— Faça contato, peça uma reunião e faça rápido, sim?

— Claro.

— Dante — Antony chamou. — Faça-nos um favor e faça a oração.

Dante achava ter rezado o suficiente hoje na igreja, mas ele não tinha interesse em incomodar seu pai depois de passar mais de uma semana ignorando um ao outro. Ou melhor, Dante ignorando seu pai.

Antony nunca fez as coisas só porque queria. Havia sempre uma razão por trás disso e, geralmente, era boa. Dante decidiu se lembrar disso sempre que sua raiva o surpreendia quando Antony ficava de olho em suas ações.

Hora de deixar essa merda pra lá. Isso não significava que Dante não esfregaria na cara do pai o mercado de desenvolvimento imobiliário, porque ele com certeza faria isso quando voltasse.

— Claro, *Papà*. — Dante sorriu e estendeu as mãos para os que estavam sentados ao lado dele se juntassem à oração. As mãos dos seus irmãos encontraram as dele. Ele esperou até que todos ao redor da mesa estivessem de mãos dadas também antes de começar. — Pai abençoado...

Capítulo Dois

— Você tem certeza que não quer estar presente para isso? — Dante perguntou ao pai.

— Não — respondeu Antony, pelo telefone.

Seu pai disse de maneira indiferente, como se Dante já soubesse a resposta, o que era verdade. Duas semanas depois de sua ausência na reunião, Antony havia feito muito pouco em relação à sua Cosa Nostra. Dante, por outro lado, estava sobrecarregado.

— Além disso, você tem mais paciência do que eu para esse tipo de coisa. Sou do tipo que mata primeiro e faz perguntas depois, quando se trata de alguém invadindo meu negócio.

— Bem, eu gostaria de dar a eles a chance de explicar antes de matá-los — brincou Dante.

Mais ou menos.

— Me atualize quando acabar, Dante. Tente não fazer muita bagunça. — Antes que Dante pudesse responder, seu pai acrescentou: — Estou brincando, você vai se sair bem.

Com isso, Antony finalizou a ligação. Dante saiu da Mercedes, endireitando o paletó com uma das mãos enquanto fechava a porta do motorista. Lucian e Gio encontraram seu irmão na entrada do clube mais seguro de Gio.

Bem, mais seguro para uma conversa em uma noite de quinta-feira, na verdade.

Não demorou muito para fazer contato com a pequena equipe vendendo drogas que não eram do Marcello nas ruas que eles controlavam. Uma reunião foi organizada sem problemas e todas as demandas que Dante solicitou foram aparentemente cumpridas. A facilidade dessas pessoas terem

concordado com a reunião e com as vontades de Dante levou-o outra vez a acreditar que essas pessoas queriam chamar sua atenção por algum motivo.

Ele ia descobrir qual era esse motivo.

— Quantas pessoas dentro do clube são nossas? — perguntou Dante.

— Cerca de dez espalhadas por aí — disse Gio.

— E os desconhecidos?

— Ninguém ainda.

— Tem certeza? — perguntou Lucian.

— De acordo com meus funcionários — Gio encolheu os ombros —, todos lá dentro são frequentadores ou alguém que tenham visto pelo menos uma ou duas vezes, exceto por uma ruiva no bar tomando água gaseificada e mexendo no celular. Ela provavelmente não é do grupo que estamos procurando.

— Se não aparecerem hoje à noite, eles não estarão vivos no fim de semana.

— Pronto, chefe? — Lucian bateu as palmas.

— Sim, eu estou pronto. — Dante riu.

Trinta minutos e dois runs com coca mais tarde, três homens entraram no clube silencioso usando calças pretas, casacos esportivos pretos e sapatos engraxados. Seus olhos varreram o chão do clube, pousando na mesa onde Dante e seus irmãos estavam sentados. No início do dia, ele tinha pedido a Gio para colocar a mesa em um canto a fim de que suas costas ficassem para a parede e para ninguém mais durante a reunião.

— Acredito que nossos convidados chegaram. Vamos cumprimentá-los? — Dante inclinou a cabeça para o lado, chamando a atenção do irmão.

— Claro — disse Gio.

Lucian e Gio deixaram a mesa e suas bebidas para trás. Cumprimentar os convidados no estilo Marcello não tinha nada a ver com um olá e um

aperto de mão. Em vez disso, Dante observou seus irmãos revistarem cuidadosamente os três homens e, felizmente, nenhum deles se preocupou com isso. Pelo que parece, nenhum deles tinha nada, além de carteiras e celulares.

Quando os três homens se aproximaram de sua mesa com Lucian e Gio logo atrás, Dante continuou sentado. O mais alto dos três olhou para Dante, esperando que o homem se levantasse e o recebesse. Dante não faria isso. Os chefes não cumprimentavam os associados de nível inferior, e muito menos os rivais. Eles deveriam se abaixar e cumprimentá-lo, mas ele não esperava que esses fizessem isso.

— Sentem-se — disse Dante, acenando para as cadeiras em frente a ele.

Os homens continuaram em pé. O mais alto acenou com a cabeça uma vez e disse em claro italiano:

— *Salve, Dante Marcello. Come sta?*

Dante não permitiu que algo transparecesse em suas características que pudessem ser interpretadas. A saudação do homem era formal, em vez de amigável, o que ele apreciou.

— *Bene, grazie. Come si chiama?* — perguntou Dante.

— Gaetano.

— E seus amigos, quais são seus nomes?

— Associados. — Gaetano sorriu.

— E eles? — perguntou Dante, mais firme na segunda vez.

— Carlos. — Gaetano inclinou a cabeça na direção do segundo homem mais alto à sua direita. O homem ostentava uma cicatriz acima de sua testa. Então, ele apontou para o outro homem à sua esquerda e disse: — Pao.

Não passou despercebido que Gaetano não disse os sobrenomes dos homens, nem que os chamava de empregados. De fato, ele usou a palavra

associados, o que levou Dante a acreditar que ele se considerava no mesmo nível que os outros dois.

Era estranho, pra dizer o mínimo. Um desses homens tinha que ser o chefe, então qual era e por que ele permitira que Gaetano os apresentasse a todos? Dante não gostava desses joguinhos.

— Se você se recusar a se sentar de novo — Dante acenou para as cadeiras —, vou te pedir para sair sem te dar a chance de explicar a ideia ridícula de por sua equipe para trabalhar nas minhas ruas sem o meu conhecimento ou permissão. Acredite, você quer a chance de explicar. Por favor, sente-se.

Depois que eles estavam sentados, Dante esperou que seus irmãos se acomodassem em cada extremidade da mesa antes de continuar.

— Obviamente você queria chamar minha atenção, e agora você a tem — disse Dante em voz baixa.

— *Nós* não queríamos nada — respondeu Carlos, sentando-se em sua cadeira, quase relaxado demais para o gosto de Dante. Nenhum chefe reagiria tão despreocupado.

— Algum objetivo vocês tinham — disse Gio, sentado ao extremo direito. — Porque senão vocês são só um monte de...

— Calma, Gio — disse Lucian antes de se virar para seus convidados. — De onde vem o seu produto?

— Não de seus fornecedores, se é isso que você está perguntando — respondeu Pao, levantando um dos ombros. Ele examinou as unhas como se já estivesse entediado com toda a situação. — Nossos contatos que gerenciam nossas remessas não têm nada a ver com o México, como o seu. Nós checamos algumas coisas, como pode notar.

— E — disse Gaetano, batendo com o dedo no tampo da mesa — ... o nosso vem direto da fonte, então não estamos pagando a mais pelo custo de

transporte. Alguns podem pensar que é um pouco mais arriscado, digamos que se as pessoas antes da gente forem apanhadas... o que discordamos. É um bom acordo.

— Muito rentável — concordou Carlos. — Apesar de que pelo preço que seu pó está sendo vendido nas ruas, estou surpreso que você tenha ganhado algum dinheiro.

Dos três homens, Dante menos gostou de Carlos. Realmente, ele odiava todos eles porque não estavam fazendo nada além de jogar joguinhos com as palavras. Dante estava tão irritado com esses homens que ele poderia cuspir. Apesar disso, ele ficou quieto e deixou seus irmãos falarem.

— Não tivemos problemas — destacou Gio, cruzando os braços.

— Você não terminou a frase. — Pao imitou a posição de Gio.

— Como assim? — perguntou Lucian.

— Ele esqueceu de acrescentar o ‘antes de vocês chegarem’ no final, — explicou Carlos, rindo.

Dante observou o olhar de Gio se estreitar. Isso nunca era um bom sinal. Entre os três irmãos Marcello, Gio era quem não ouvia merda nenhuma de alguém antes de partir para a briga. E ele era implacável.

Era extremamente inquietante como esses três desconhecidos pareciam querer implicar com os irmãos Marcello, sem discutir ou se explicar. Dante já se sentou do outro lado da mesa de algumas pessoas bem desrespeitosas em sua vida, mas eles sempre faziam questão de ir aos negócios por fim.

— Por que por essas bandas? — Gio perguntou, sua mandíbula apertada. Era a única indicação de sua frustração.

Nenhum dos homens respondeu.

O silêncio parecia continuar sem previsão de acabar. Quanto mais o tempo passava, mais irritado Dante ficava. Os homens faziam alusão a um

líder entre eles, mas nunca falavam como se um deles fosse realmente o líder. O silêncio continuou, no entanto. Dante deixou passar mais vinte minutos, só para ver se seus irmãos conseguiam tirar algo dos homens, mas... nada.

Era uma possibilidade que o jogo deles fosse deixar Dante confuso, ou até todos os irmãos Marcello, mas por qual motivo, ele não sabia.

Nenhum chefe faria uma merda dessas.

Dante olhou ao redor da mesa de homens, finalmente chegando a um entendimento. Nenhum desses homens era o chefe de sua operação. Nem um único homem olhou para qualquer outro à sua volta a fim de pedir permissão para expressar sua opinião, uma direção que deveria tomar, ou um líder para fazer a ligação final na reunião.

Essa charada poderia ter sido evitada se Dante tivesse percebido isso antes e seu valioso tempo de merda não seria desperdiçado. Nada o irritava mais do que alguém desperdiçando seu maldito tempo.

— Chega — disse Dante, levantando-se.

Nenhum dos homens se levantou com ele. Mais um sinal de que nenhum deles era a pessoa que detinha o poder.

Revoltante.

— Mas... — Giovanni olhou para o irmão mais velho com uma sobrancelha franzida.

— Mas nada — retrucou Dante, sua irritação aumentando.

— Dante, ainda não temos respostas. Quero saber por que há merda nas minhas ruas que não são minhas e estão tirando negócios e dinheiro da minha equipe.

— Exatamente. — Dante sacudiu a mão com desdém para os convidados que durante a reunião não fizeram nada além de enrolá-los e irritá-lo. — E desses tolos, não vamos conseguir nada.

— Ei — gritou Gaetano. — Tolos é uma palavra muito forte para um

pequeno grupo de homens que se infiltrou em um quarto do seu território em menos de dois meses e conseguiu reduzir o seu produto mais vendido quase pela metade.

O olhar de Dante se estreitou no imbecil que ele queria esganar. A brincadeira acabou. Os Marcello Cosa Nostra não se incomodavam em bancar os bonzinhos com pequenas equipes novas como esta. Eles simplesmente acabavam com eles.

Era uma decisão que ele teria que tomar. Não que gostasse disso, pois era sempre melhor fazer a paz do que derramar sangue em seu mundo, no entanto, ele faria uma escolha.

— Quando os Marcello exigiram essa reunião, fizemos isso com a intenção de falar de chefe para chefe — disse Dante, mantendo a feição calma, mas fervendo por dentro. — Esse foi o acordo estabelecido para esta noite. Em vez disso, o que descobrimos foi um bando de bandidos, brincando com drogas, que claramente não tem a menor ideia da briga que acabaram de comprar com os Marcello. Então, terminamos aqui. Não há mais nada para falar.

— Oh? — perguntou Gaetano.

— Sim, oh. Então, eu dei ao seu chefe a chance de falar comigo cara a cara para que pudesse explicar seus motivos para estar em nossas ruas e ele não veio. Quaisquer que sejam as razões dele para não aparecer, eu não dou a mínima. Evitar um chefe não é aceitável na Cosa Nostra e não faz uma única diferença para mim se você for *la famiglia* ou não. Quando você entra no *meu* território, está automaticamente concordando em seguir *minhas* regras.

— Mas você não é realmente o chefe, é, Dante? — Algo parecido com um sorriso de desprezo apareceu nos lábios de Carlos que estava ao lado de Gaetano.

— O chefe interino é tão bom quanto ser chefe. Isso significa que eu

tomo todas as decisões. E desde que você está sentado em um clube que é do meu irmão, nas ruas que comandamos, e em um território que nossa família controla, seria sábio você lembrar que você não é o único com o poder aqui.

— Você tem certeza que é isso que você quer fazer, Dante? — Os lábios de Lucian se estreitaram quando ele também se levantou da mesa.

— É isso. — Dante assentiu. — Você se importa de acabar com esse absurdo pra mim? Eu preciso da porra de uma bebida depois desse showzinho de merda.

— Pode deixar — disse Lucian.

— Certifique-se de que eles entenderam as consequências dessa farsa também. É uma farsa quando as pessoas me fazem perder a porra do meu tempo. Como se eu não tivesse problemas suficientes.

— Entendido.

Dante deixou o grupo na mesa sem olhar para trás. Tal absurdo sumiu de sua mente no momento em que ele decidiu que não valia a pena tentar tirar mais informações.

No bar, ele estalou os nós dos dedos e chamou a atenção do barman.

— Uma dose. Uísque. Puro.

— É pra já, Chefe — o cara respondeu.

Não importava quantas vezes Dante fosse chamado assim, ainda não tinha entrado em sua cabeça. Todos os outros ao redor dele não pareciam surpresos com a mudança acontecendo na família Marcello, além dele. Antony o posicionara bem.

Dante reprimiu o sorriso, virando as costas para o bar para poder ver seu irmão mais velho brigando com os idiotas à mesa do outro lado da sala, silencioso o suficiente para que ninguém mais pudesse ouvir, só adivinhar pela expressão severa que Lucian exibia enquanto atacava os homens. Seu irmão estava fazendo o que fazia melhor: incitar o medo.

Talvez ele devesse ter ficado na mesa só para ver.

Com o canto do olho, a curva de uma cintura esbelta se fundindo em quadris bem torneados cobertos por um vestido preto justo chamou a atenção de Dante.

Cachos vermelho-escuros que caíam abaixo dos ombros emolduravam o perfil da mulher, mas pouco faziam para esconder suas feições. A pele clara, lábios cor de rubi, grossos o suficiente para fazer um beicinho natural, e as maçãs do rosto altas davam-lhe a aparência de doçura e inocência. Mas o corpo dela, aquele vestido, e o salto preto que dava batidinhas na banqueta falavam inteiramente de pecado e sexualidade. Ela mantinha o olhar no bar, os cílios escuros pousando sobre suas bochechas enquanto um pequeno sorriso aparecia em sua boca.

A garganta de Dante se apertou junto com as calças, e quanto mais ele olhava para a mulher, mais seu interesse aumentava. A noite tinha sido uma merda, então por que não terminar de uma maneira boa? Como entre as coxas daquela mulher.

Dante se virou quando o barman trouxe a bebida que ele pediu.

— Por conta da casa, Chefe.

— Obrigado.

Bebendo o uísque, Dante se afastou do bar, o interesse totalmente focado na mulher a três bancos de distância. Quando se sentou no banquinho ao lado da ruiva, um sorriso sexy, quase convencido, curvou os lábios dela.

Seus olhos castanhos olhavam Dante de lado, observando-o devagar. Ela o olhou de cima a baixo, nem sequer tentou esconder o que estava fazendo. O desejo de Dante ficou um pouco mais afiado com a visão. Havia algo sobre mulheres que sabiam o que queriam e não escondiam suas intenções que o excitava como nada mais.

As unhas pintadas de vermelho, da mesma cor dos cabelos e dos

lábios, arrastavam-se pela parte externa da coxa até a bainha do vestido, forçando o olhar de Dante para baixo.

Cristo, ela tinha pernas lindas.

Ele apostou que ficariam ainda melhor em volta da cintura dele.

— Você está bebendo? — Dante perguntou, seu tom áspero.

— Não esta noite.

Dante piscou, atordoado. O grosso sotaque italiano que cobria suas palavras o fez recuar um passo. Ele não esperava isso, o que, por algum motivo, o deixou no limite.

— É um clube, *dolcezza*^[2]. Não há muito mais o que fazer em uma noite de quinta-feira quando se está sentada no bar.

— Oh, estou fazendo mais do que ficar sentada, *bello*. — Ela sorriu docemente, muito docemente. — E eu não preciso beber para fazer isso.

Sua voz era recatada, as palavras saindo de sua língua baixinho, mas com firmeza. A retidão de suas costas no banquinho mostrava classe, enquanto seu olhar descarado dava um ar de confiança.

Ela o atordoava.

Dante não estava acostumado com isso.

Um som suave chamou a atenção dele para onde o dedo dela batia no balcão. Na parte interna do dedo indicador esquerdo, uma palavra foi tatuada em letras pretas: *Rainha*.

O nervosismo se aprofundou novamente. Para Dante, a forma como as coisas pareciam, elas geralmente eram. Essa mulher fez seu interior remexer. De uma maneira boa e ruim.

Dante olhou de relance para a mesa onde seus irmãos estavam de pé, preparando-se para sair enquanto vestiam suas jaquetas. Porém, eles ainda estavam conversando. Mas o homem que mais incomodara Dante — Gaetano — não estava prestando atenção em Lucian ou Gio. Ele estava observando a

mulher ao lado de Dante.

Não com interesse, como se ela pudesse ter chamado a atenção dele por acaso, em vez disso, ele a olhava com a familiaridade de um amigo.

Os pensamentos de Dante dispararam quando o que realmente precisava era que sua mente ficasse em silêncio. Durante toda a reunião, nenhum dos homens falou sobre o chefe direta ou indiretamente. Os irmãos Marcello sempre se referiam ao líder desconhecido do grupo como *ele*, porque, supostamente, era com isso que lidavam em qualquer jogo que homens estivessem jogando.

Dante só agora estava percebendo que estavam errados ao supor isso.

— Vou te falar, você me surpreendeu — disse a mulher, arrastando suas palavras com uma sensualidade que poderia fazer a boca de um homem se encher de água. Mais uma vez, ela afastou o olhar dos sapatos de couro de Dante para seus olhos verdes. — Você é muito mais bonito pessoalmente do que eu pensei que seria, Dante Marcello.

Três coisas na vida tornavam um homem mais vulnerável: sexo, amor e filhos.

Sexo ocasionalmente levava ao amor, e para alguns, também levava a crianças. Como Dante era incapaz de ter filhos, não tinha interesse no amor. Sexo, no entanto... bem, isso era algo que ele simplesmente não podia ficar sem.

Era muito ruim se sentir exposto, mas tinha que ser agora a hora de aprender a lição de nunca pensar com seu pau quando os negócios estavam em jogo.

A mulher girou rapidamente em sua cadeira ao mesmo tempo em que Dante se inclinou para ela. Ele se encontrou entre as coxas dela, encostando suas costas com força na beirada do bar, quase empurrando-a para fora do banquinho. A magnum, que ele sempre mantinha escondida em suas costas

em um coldre, estava em sua palma antes que a mulher pudesse, e o cano pressionou sua garganta.

Dante apontou a arma para a mandíbula dela, fazendo-a inclinar a cabeça para trás sob o peso. Ela olhou para ele de frente, imperturbável e sem medo, sorrindo maliciosamente. Seus olhos castanhos dançaram com diversão e ameaça.

Ele odiava como a atitude inabalável dela só o deixava com mais tesão.

Algo afiado beliscou a virilha de Dante. Sem precisar olhar para baixo, ele podia sentir a lâmina de uma faca ameaçando cortar suas bolas.

Merda.

— Vamos lá, acione a trava de novo, *bello* — ela o instigou baixinho. — Você não seria o primeiro a tentar me pegar, Dante. Não sou uma garotinha que se assusta com facilidade.

— Quem diabos é você? — Dante exigiu.

— Catrina Danzi.

A arma dele cavou mais forte na mandíbula dela. A faca reagiu de acordo com a força dele.

— O que você quer de mim?

— Ouvi dizer que você precisa de uma esposa. — Catrina mostrou os dentes brancos em um sorriso perverso.

— O que você acabou de dizer? — Dante quase engasgou.

— Ah, acho que você me ouviu perfeitamente bem, Dante.

Quando a faca dela se arrastou para perto de seu pênis, Dante percebeu que ele estava tão duro quanto aço.

— Afaste a porra dessa faca.

— Acho que não. Olha, sua arma ainda está na minha garganta e isso não é muito legal. — Catrina deu a ele outro sorriso perverso, acrescentando:

— Além disso, eu acho que você gostou.

Dante preparou sua arma, completamente despreocupado com os poucos fregueses que circulavam ao redor. Ele não sabia se seus irmãos tinham notado sua situação atual ou não, mas no momento, seu foco estava todo nessa mulher estranhamente bonita e na faca em seu pau.

— Eu não gosto de armas em geral — disse Catrina, inclinando a cabeça para o lado como se estivessem conversando sobre o jantar. — Elas são pesadas e barulhentas. Quase ninguém questiona uma pequena faca, no entanto, sobre uma arma alguém sempre discorda. E, para uma mulher como eu, não há necessidade de uma arma.

— Por que isso? — perguntou Dante, que não conseguia parar de encarar seus olhos castanhos

— Porque os homens são previsíveis, e com um rosto como o meu, eles não conseguem não chegar perto de mim. Uma vez que eles fazem...

— Eles estão fodidos.

Ela o atraiu como uma abelha no mel.

E ele a *deixou*.

— Exatamente. Abaixei sua arma e nós podemos conversar.

Dante não abaixou.

— Aqueles homens, eles são seus, sim?

— São, e eu fiquei muito surpresa que você deixou isso continuar por tanto tempo.

— Eu estava esperando que um deles cometesse um deslize.

— Suspeitei — disse ela com um suspiro. — Mas não deslizaram, é claro. Eu os treinei bem.

Dante teve outro pensamento, e isso o irritou.

— Meu pai poderia ter vindo a esta reunião hoje à noite e não eu, Catrina.

— Me chame de Cat.

O pau de Dante se contraiu com a forma como o nome dela saiu da sua maldita língua. Cristo, como poderia uma mulher irritá-lo e excitá-lo ao mesmo tempo? Era nojento.

— Poderia ter sido meu pai — repetiu Dante, precisando afastar seus pensamentos.

— Não, eu sabia que seria você — Catrina sussurrou.

Bom *Deus*.

Dante sentiu um desejo incontrollável de pôr uma distância entre seu corpo e o de Catrina. A parte de seu cérebro que se perguntava como seria a boca dela na dele enquanto ele a fodia, o fez ficar parado com a faca dela em suas bolas.

— A gente ouve as coisas muito bem em nossos negócios, Dante. Parece que você tem tomado as rédeas ultimamente. Para ser chefe, você precisa de uma esposa. Algo que você não tem e, aparentemente, você não quer se casar se suas refutações sobre o assunto são algo a considerar.

— Como você sabe minha opinião sobre o casamento?

— Outra coisa que meu lindo rosto consegue é *informação*. O que uma mulher doce poderia fazer com um Marcello, *não é*? Ela é apenas curiosa, eles pensam. Homens estúpidos.

— Você me procurou para fazer uma proposta? — A garganta de Dante estava seca.

— De certo modo — Catrina murmurou. — Tenho algo de que você precisa, e você tem algo de que eu preciso. Pode funcionar e não saberemos se não discutirmos isso.

— Eu não te conheço — Dante se forçou a falar. — E depois desta noite, não acho que quero.

— Você realmente precisa abaixar sua arma, *bello*.

— Pare de me chamar assim.

— Não, eu acho que bonito se encaixa muito bem. — A raiva de Dante aumentou, mas antes que ele pudesse responder, a faca de Catrina desapareceu de sua virilha. Ela colocou a lâmina em um estojo amarrado na coxa dela. Catrina acenou para trás de Dante, provavelmente para os homens que ela trouxera para fazer joguinhos. — Isso é apenas um pouquinho do que sou capaz de fazer.

Não que ele quisesse, mas já que ela tinha afastado a faca, Dante colocou a sua arma dentro do coldre em suas costas.

— Não gostei que você enviou seus homens em seu lugar.

— Não apenas meus homens, Dante. Isso tudo. As drogas, suas ruas e a informação. Você ainda não entendeu, não é mesmo?

Dante piscou, incerto sobre o que ela estava perguntando a ele. O dedo de Catrina bateu no centro do peito dele, arrepiando sua pele. A palavra tatuada em seu dedo esguio e pálido chamou a atenção dele novamente.

— Catrina Danzi — ela repetiu.

— Esse nome não me lembra nada.

— Não deveria lembrar mesmo. Se isso acontecesse, eu não seria muito boa no meu trabalho, Dante. — Ela bateu com o dedo no peito dele novamente. — Acho que vou embora e levar meus homens comigo.

— Faça isso. — Dante recuou.

Catrina deslizou do banquinho com uma graça que Dante teria apreciado se fosse qualquer outra mulher, e não uma que tivesse fodido seriamente com sua cabeça e seu tempo nessa noite. Passando por ele, ela se virou, mexendo os dedos provocativamente.

— Para você, é Cat, mas me conhecem mais como *Rainha*.

Atordoado, Dante observou os homens se levantarem de seus assentos e seguirem a ruiva para fora do clube sem dizer uma palavra. Lucian e Gio,

no entanto, estavam a apenas alguns metros atrás de Dante, ambos agitados de raiva e choque. Alguns clientes estavam sendo conduzidos para fora do clube por homens que Dante reconhecia como seus... ou melhor, de seu pai.

— Eu ouvi direito? — Gio perguntou quando a área estava limpa.

— Depende do que você ouviu — Dante respondeu calmamente.

— Muito — disse Lucian para seu irmão.

Dante deu de ombros em resposta, mas até a ação parecia robótica. Ele não gostava de ser enganado e não gostava de ser encurralado, não era um espetáculo de circo nem um animal precisando ser treinado. Aquela mulher — Catrina — o tratou como os dois.

Isso o irritou ainda mais.

— O plano continua o mesmo — disse Dante, voltando ao seu comportamento frio. — Eu quero eles fora das minhas ruas.

— Mesmo que seja uma mulher por trás? — perguntou Lucian.

— Especialmente porque é ela por trás.

Capítulo Três

Catrina Danzi exigia apenas uma coisa na vida para mantê-la feliz e não pela razão que a maioria suspeitaria: homens.

Ela não precisava nem queria intimidade. Muito pouco sobre um homem a interessava o suficiente para manter sua atenção. Os poucos homens com quem ela se relacionara, fisicamente ou não, tinham sido um peão no jogo de alguém ou estavam mortos antes do amanhecer.

No entanto, eles não a chamavam de viúva negra.

Eles a chamavam de Rainha^[3].

A única razão pela qual ela exigia homens em sua vida era para negócios.

Ser uma Rainha de sucesso era, em parte, entender o ambiente de trabalho, depois o produto e, finalmente, o mais importante de todos: a capacidade de encontrar os clientes. Cat era muito boa em encontrar os delas. Sempre foi.

Não era difícil já que sua aparência chamava atenção, seu charme diminuía a distância e seu produto os fazia voltar para mais. Ela se encaixava na alta sociedade sem chamar atenção. Se um homem — qualquer um, desde que tivesse a quantia certa de dinheiro e influência — precisasse que ela fosse o fantasma que arranjasse a droga, ela era o ajuste perfeito.

Ela não tocava nos homens, no entanto. Uma boa Rainha não se envolvia, não emocionalmente, e não com um cliente. Sentimentos e negócios não funcionavam, independentemente de como alguns homens tentaram convencê-la de forma diferente. Se apenas um de seus clientes percebesse que seu valor para ela era tão bom quanto o resultado de sua conta bancária, talvez entendessem a dica.

Ela duvidava disso.

Cat tinha uma marca, pela qual era conhecida por todos os clientes que a tinham na discagem rápida. Além dos vestidos apertados, lábios vermelhos e saltos agulha que acentuavam sua sexualidade e prendiam a atenção, todos passaram a conhecê-la como Rainha.

Apenas isso. Simples e claro. Assim como sua forma de lidar com os negócios.

Bem, tão claro quanto o tráfico de drogas poderia ser, óbvio.

Cat levava uma década para reunir a clientela especializada escondida em seu caderninho preto. Não era apenas para prostitutas e madames. Cat tinha sua própria lista. Políticos, juízes de alto escalão, celebridades e famílias influentes de todo o país estavam em seu caderninho.

Claro, eles poderiam comprar seu pó ou o do que mais precisassem de qualquer traficante nas ruas, mas isso sempre representava um risco. Cat era conhecida por seu silêncio, seu talento de nunca ser vista e seu histórico de deixar todo mundo feliz.

Além disso, ela tinha certeza de que havia um pouco de ego misturado com seus clientes também. Como se o alto padrão de classe dela misturado com uma atitude decisiva, a inteligência e o título da rainha que vinha junto com isso tudo os fizessem sentir que ela não era apenas uma traficante de drogas.

Dio, que tolos; eles estavam tão errados. Ela era tão imunda quanto o homem da esquina que vende para alimentar seu próprio vício. Outra coisa que Cat nunca fez foi tocar em seu próprio produto. Não havia lucro se você estivesse cheirando todo o seu dinheiro.

Sim, aquela garotinha da vila Siciliana, com certeza percorreu um longo caminho desde quando começou.

Levantando-se da cadeira em que descansava, Cat deu uma olhada nos homens sussurrando em volta da pequena cozinha do quarto do hotel.

— Por que todo esse sussurro? — perguntou Cat.

— Como você acha que foi, *regina*^[4]? — Pao se virou em seu assento.

— Você quer dizer ter uma arma apontada na minha cara ou deixá-lo atordoados? Porque não é a primeira vez que isso acontece comigo.

— Não te incomoda, não é? — Gaetano bufou.

— Não, eu esperava que ele reagisse dessa maneira quando descobrisse tudo.

Cat estava mentindo, mas ela não queria que seus homens soubessem. O fato era simples, Dante Marcello a surpreendeu. A última coisa que esperava que ele fizesse era ameaçá-la como ele fez. Os homens eram influenciados com facilidade pelo exterior aparentemente inocente de Cat e, depois, surpreendidos pela escuridão escondida sob sua beleza.

Claro, Dante foi pego por ela no começo, mas isso não durou muito.

Cat notou o silêncio de Carlos. O homem expressara repetidamente seu descontentamento sobre suas escolhas, e estava começando a ficar monótono. Mais do que tudo, Cat odiava ser questionada. Em especial, por um homem.

— Carlos? — perguntou Cat ao mesmo tempo em que acenou para que Gaetano fosse até ela.

— *Sì, regina?*

— Você está terrivelmente quieto, e considerando que você teve muitas opiniões para compartilhar esta semana, estou curiosa sobre esse bico fechado agora. — Cat apontou para a parte de trás de seu vestido. Gae, você pode puxar o zíper, por favor? Eu preciso sair desse maldito vestido.

— Vire-se — pediu Gaetano.

— Você não vai gostar do que eu tenho a dizer — explicou Carlos.

Cat deixou Gaetano ajudá-la a baixar o zíper na parte de trás do

vestido. Ele puxou a pequena peça de metal até que a roupa pudesse ser retirada. Todos os homens desviaram os olhos quando Cat saiu do vestido e se cobriu novamente com uma túnica de seda branca que Gaetano passou para ela.

— Tudo bem, seja honesto comigo — disse Cat, acenando para Carlos. —Grosseiro, até. Não vou ficar com raiva.

Era uma armadilha e qualquer homem que trabalhasse para Cat perceberia isso. Infelizmente, as opiniões pessoais de Carlos estavam afetando o lado razoável de seu cérebro ultimamente, e ele pegaria a isca.

Ele não desapontou.

— Por que envolver este Marcello no seu plano, *regina*? Tudo o que você está prestes a fazer é desistir de tudo o que nós conseguimos, incluindo o anonimato. Realmente acha que vai ser a rainha fantasma se o seu sobrenome se tornar Marcello? É absolutamente... *stupido*.

— Cuidado — gritou Gaetano, defendendo Cat como sempre fazia.

— Está tudo bem, ele está apenas fazendo o que eu pedi. — Cat deu um tapinha no braço do companheiro, acalmando Gaetano.

O fato era que Cat precisava de seus homens para que os negócios continuassem sendo o sucesso que era. Havia uma grande clientela onde seus homens se encaixavam melhor do que ela, especialmente quando as mulheres estavam envolvidas ou até mesmo os revendedores de alta qualidade fornecendo para vários. Eles também eram sua proteção e seus camaradas.

Mas ela nunca os deixou esquecer quem era o chefe. Nem por um maldito minuto.

Carlos estava esquecendo seu lugar.

— Bem, já que é uma escolha minha e será apenas meu nome em uma certidão de casamento — Cat demorou, aproximando-se e parando na frente de Carlos e Pao na mesa — ... você pode seguramente assumir que sua

posição não vale de nada para mim, certo?

— Esse é o problema, não é, *regina*? Nada que dizemos importa.

— Engraçado, minha paciência não foi a única que você tirou hoje à noite, foi? — Cat estalou a língua, estreitando o olhar.

— *Mi scusi*? — A testa de Carlos se arqueou.

— Você me ouviu. — Cat deu outro passo para frente, mantendo os braços cruzados sobre o peito. — Antes da reunião desta noite, fui clara com minhas instruções. Você ia falar em rodeios com os Marcello e me manter fora disso, não mexer com Dante especificamente. E o que você fez, Carlos?

— Nada diferente do que você me disse para fazer, Cat.

Houve outro erro para adicionar à crescente lista de Carlos. Quando Cat agia como a chefe deles, e a rainha estava fora do jogo, Cat não estava.

— Você sabe por que eu mandei não o irritar, Carlos.

— Está preocupada em como seus homens agem pode afetar a maneira que ele a vê como uma mulher de negócios e esposa em potencial?

— Carlos bufou.

Os nervos de Cat estavam a flor da pele. Ela suspeitava que o comportamento de Carlos fosse uma tentativa de estragar seus planos, mas ele simplesmente confirmou.

Carlos apontou o dedo na direção de Cat. Isso foi a última gota, mas as próximas palavras dele selaram o acordo.

— Você está colocando todos nós em perigo e em um holofote por uma merda estúpida.

A faca na coxa de Cat foi puxada da bainha antes que Carlos pudesse dizer outra coisa. Ela girou a lâmina com precisão perfeita, passando pelos dedos e subindo pelo braço dele. O sangue imediatamente pulou dos cortes e pingou no chão de madeira. Cat se afastou e colocou a faca no lugar antes mesmo de Carlos puxar a mão para trás.

— Sua puta do caralho! — Carlos gritou, levantando-se da cadeira tão rápido que tombou.

Pao saiu de sua cadeira muito mais devagar do que seu colega, afastando-se da cena com nenhuma expressão de surpresa.

— Você está sangrando por toda essa bela madeira de cerejeira. Vá se limpar agora.

— Eu vou. — Carlos olhou com raiva.

— O que você vai fazer, Carlos? — Cat provocou, sabendo muito bem que ela parecia cruel. — Não me faça repetir.

— *Cazzo!* — O homem sangrando assobiou, afastando-se dela.

No momento em que a porta que ligava sua suíte a dos homens se fechava, Cat se virou para Gaetano. Pao parou ao seu lado.

— As coisas vão ficar lentas no próximo ano no que diz respeito aos negócios enquanto corrijo o que precisa ser corrigido. Sei que vai me colocar em evidência casar-me com um membro de uma família como os Marcello, mas eu preciso dessa proteção.

— Você acha que ele vai morder a isca? — perguntou Pao.

— Eu acho que sim — respondeu Cat. — Mas acho que vou precisar empurrá-lo para isso. Vamos dar a ele uma semana para me procurar, ver o que ele acha. Enquanto isso, fique na sua, fique longe do território dos Marcello e tudo ficará bem.

— E ele? — Gaetano inclinou o queixo na direção de Carlos.

— Faça ele desaparecer. — Cat acenou por cima do ombro com desdém. Ele — testou minha paciência e me desafiou. Eu não posso deixá-lo agir assim, então não o quero perto de mim. Eu faria isso eu mesma, mas...

— Nós sabemos, *regina*. Você acabou de fazer as unhas. — Gaetano riu.

— Você me conhece tão bem. — Cat se virou quando Pao foi atrás de

Gaetano. — E da próxima vez que nos sentarmos com Dante Marcello, espero que vocês dois se comportem melhor. Carlos não foi o único a tirar a paciência do homem esta noite.

— Entendido — eles ecoaram.

• • •

— Você acredita em amor, Gae? Cat perguntou.

— Por que, *regina*? — Gaetano olhou para ela do outro lado da mesa de jantar, o vinho rodando no copo.

— Apenas Cat esta noite, Gae.

— Tudo bem, por que, Cat? — Ele perguntou de novo, rindo profundamente.

Ela observou o casal a três mesas atrás de Gaetano. O homem e a mulher eram jovens, com vinte e poucos anos, e sentavam-se terrivelmente perto para uma mesa tão grande e com tanto espaço. Suas mãos estavam constantemente se tocando, e seus olhares, atordoados com algo que Cat não entendia, nunca saíam um do outro.

Isso era amor? Amor verdadeiro?

Cat se perguntou como seria ser tão adorada e desejada. Ela supôs que ela era amada pelas pessoas em sua vida, de certa forma, mas não desse jeito.

— Curiosidade — ela finalmente disse, olhando de volta para Gaetano.

— Honestamente posso dizer que amei todos os homens que estiveram em baixo de mim por um curto período de tempo. O que, geralmente, terminava quando eles saíam da minha cama com um sorriso.

— Que romântico, Gae. — Cat riu.

— Eu tento. — Gaetano suspirou profundamente, olhando por cima

do ombro para o casal que Cat estava observando por algum tempo antes de voltar para ela. — O amor não combina bem com este negócio. Coloca raízes no chão e te mantém lá. Isso é o que você sempre me disse, não foi?

— Mas você acredita nisso? — Ela pressionou baixinho.

— De onde está vindo isso? — perguntou Gaetano.

Cat respirou fundo, desejando que seus pensamentos furiosos se acalmassem.

— Ele me chocou na outra noite. Dante Marcello, quero dizer. Assumi que o tinha nas palmas das mãos como a maioria dos homens, antes de me colocar na presença dele, mas claramente não sabia de nada. Quando ele apontou a arma para mim, eu...

— Você não reagiu de forma diferente do que já vi reagir antes — interpôs seu companheiro.

— Talvez sim, mas ainda me pegou de jeito. Está aqui, agora — disse ela, girando um dedo pela testa. — Não tenho certeza de fazer com isso nem como tirar daqui.

— Ele é apenas um homem.

— Um homem que me surpreendeu — Cat murmurou.

Esse era um território perigoso. Os homens eram seus peões e ela era a rainha. Ela os movia como bem entendesse, e não o contrário.

— O que isso tem a ver com amor?

— Nada, mas isso me levou a pensar.

— Sobre o quê? — perguntou Gaetano, claramente confuso.

Gaetano tinha sido amigo de Cat por mais tempo do que podia se lembrar. Pouco depois de sair de casa aos quinze anos, conheceu Gaetano, que era apenas três anos mais velho do que ela. Ela o achou engraçado e charmoso, e ele era um dos únicos homens que não era afetado pelos joguinhos de Cat, porque não tinha nenhuma atração por ela.

Ela precisava de um homem como ele em sua vida. Um amigo muito bom.

— Eu pensei que Vincenzo me amava — confessou Cat.

— Você nunca fala sobre ele. — Gaetano limpou a garganta, obviamente chocado com a direção que a conversa estava tomando.

— Bem, eu me pergunto por quê.

Porque aquele homem horrível fizera coisas terríveis com Cat. Depois de fugir do abuso físico e emocional que o padrasto causava nela diariamente, ela encontrou o conforto de um cara mais velho em quem podia confiar enquanto trabalhava em um clube. Ela, é claro, mentiu sobre sua idade para conseguir o emprego.

Vincenzo Savino parecia um Deus para uma jovem Catrina, com seu dinheiro, status e visão, aparentemente cultural, do mundo. Suas lindas roupas escondiam a cobra por baixo. Durante anos, quase uma década, ele manteve Cat sob seu controle acirrado, treinando-a para ser essa criatura insensível, indiferente e fria.

— Eu estava tão aberta a ele — disse Cat.

— O que você quer dizer?

— Para ele me moldar — ela explicou suavemente. — Depois de ter sido abandonada pelo meu pai biológico e odiada pelo homem que me criou, sem mencionar que a mulher que deveria ter me protegido me rejeitou, como eu poderia não querer que alguém fosse o herói?

— Cat — disse Gaetano, bufando sombriamente. — Vincenzo não era um herói.

— Eu achei que fosse no começo. E também achei que ele me entendia, sabe?

— Na verdade não — admitiu Gaetano.

— Ele me deu o personagem perfeito para encenar, Gae. Ele me

transformou nessa... mulher que jamais seria a pobrezinha da vila, esquecida e abandonada, sozinha e com medo. Isso não te faz pensar que ele sabia do que eu precisava?

— Alimentar o seu ódio pelos homens?

— Não odeio os homens — Cat replicou, seu olhar indo para Gaetano bruscamente.

— Agora não, mas você odiava. E realmente, você não está tão diferente, Catrina. Você ainda é uma devoradora de homens.

Talvez ela fosse. Estava ficando difícil dizer a diferença entre quem ela era naquela época, quem ela era agora e quem ela queria ser. Inferno, nem mesmo Cat sabia.

— De qualquer forma — ela continuou, acenando levianamente. — Acho que ele me amou uma vez.

— Mas você nunca esteve envolvida com ele, não sexualmente.

— Não, mas eu precisava de uma figura paterna e ele me deu isso. — Cat deu de ombros.

— Acho que não.

— Por que não?

— Acho que ele usou sua fraqueza contra você e te moldou exatamente no que ele precisava.

Gaetano estava absolutamente correto. Cat sabia disso.

— Este Marcello... — seu amigo disse, a sobrancelha levantada.

— Me dê um conselho, Gae. Estou morrendo de vontade de ouvir.

— Não se esqueça, ele é apenas um homem, Cat.

Sim. Mas um que a surpreendeu.

— Não sei se acredito em um amor imaculado e livre de manipulação e sujeira — disse Cat, mudando a conversa completamente e voltando para o começo de novo.

— É mesmo?

— Mas eu bem que gostaria.

• • •

— *Ciao, buona sera*, Dante — Cat murmurou no momento em que a porta do apartamento se fechou. — Está uma noite linda lá fora, não está?

A arma de Dante estava nas mãos e apontava diretamente para Gaetano.

— Maldição! Como você entrou no meu maldito apartamento?

— Sou boa com os homens — explicou Cat, descartando suas preocupações com um aceno de mão. — Pelo preço que você provavelmente pagou, o edifício deveria ter seguranças que não são manipulados por uma mulher bonita.

— Anotado. — O olhar de Dante se estreitou, mas sua arma não baixou.

— Sua cozinha é magnífica — disse Cat, olhando por cima do ombro para o mármore preto e o aço inoxidável.

— Seria uma vergonha para minha mãe se fosse menos que isso.

— Vocês, garotos italianos e suas *mammas*... — Cat sorriu.

— O que você quer, Cat? — Dante arqueou uma sobrancelha.

Satisfação tomou conta de Cat. Ela não mostrava isso externamente. Parte de sua batalha já estava ganha, pois ele a chamou de Cat, como ela lhe dissera, e não Catrina.

— Apreciaria se você abaixasse sua arma na direção de Gaetano — Cat disse novamente. — Como eu disse, ele é um bom amigo.

O olhar de Dante parou em um silencioso e estoico Gaetano.

— Bom amigo? — perguntou Dante.

— Ah, o que você diz, Gae? — Cat riu.

— Muito bom, *regina*. — Gaetano não piscou.

— Sim, ele até me viu nua uma ou duas vezes. Não se preocupe, Dante. Há três coisas sobre Gaetano que me agradam. Primeiro, ele é extremamente protetor comigo. Segundo, ele é bem bravo. E terceiro, não tenho as coisas de que ele precisa para se excitar.

Dante limpou a garganta, olhando para Gaetano novamente. Ele largou a arma ao seu lado.

— Entendi.

— Temos o cuidado de manter discrição quanto à homossexualidade, e tenho certeza de que você entende o porquê. — Cat examinou as unhas pintadas quando disse: — Suponho que as preferências sexuais dele deixam você desconfortável por ser da Cosa Nostra e um católico devoto.

— Não dou a mínima para quem ele fode — disse Dante bruscamente. — Também é pecado comer marisco, mas minha mãe adora e você jamais encontrará alguém mais fiel a Deus do que ela. É pecado ser canhoto, mas todo homem da minha família é. Quanto à Cosa Nostra, não fiz as malditas regras. Além disso, ele não está na *la famiglia*, então, ele pode foder quem ele quiser, desde que não seja eu.

— Você não é meu tipo, — respondeu Gaetano.

— Obrigado. Agora saia do meu apartamento.

— Ah, Dante. — Cat suspirou.

— Não você, ele. Suspeitava que você fosse se aproximar de mim novamente depois que seus homens fizeram um pequeno show ao desaparecer das ruas na semana passada. Então, se você quiser conversar, nós vamos conversar, sozinhos. Ele sai. Não vou quer seus minions muito perto, Rainha. Não sou um maldito sociopata que machuca uma mulher se a encontrar sozinha. Mesmo que essa mulher seja *você*.

Cat notou que ele usou a palavra Rainha e não o nome dela.

— Você deu uma pesquisada, eu suponho.

— *Sì* — confirmou Dante.

— Você gostou do que descobriu?

— Depende de como você vê isso.

— Vá para o carro. — Cat acenou para Gaetano.

— *Regina...*

— Vá, Gae. Eu estou bem. Você sabe disso.

Gaetano fez o que ela pediu, mas ele não pareceu satisfeito. Dante se afastou para deixar o homem passar. Assim que a porta foi fechada, Cat se afastou da parede.

— Se você invadir meu apartamento novamente, não serei tão bom outra vez — advertiu Dante.

— Fiquei surpresa por você ter sido bonzinho desta vez, na verdade.

— Ainda estou decidindo o que fazer com você.

Cat sorriu, mas ficou em silêncio.

— Eu tenho um escritório — Dante informou enquanto tirava os sapatos. — Eu preferiria ter você lá.

O jeito que Dante disse essas palavras foi inocente o suficiente, mas algo dentro de Cat reagiu ao pensamento de ele “tendo” ela. Era impossível negar que Dante Marcello fosse um homem bonito, com linhas fortes moldando suas feições e seu corpo, a postura confiante que ostentava e o poder que exercia em sua família. Isso não significava que ela tinha que ceder a esses desejos sussurrando no fundo de sua mente.

Além do mais, Cat não deixara um homem tocar em sua pele por um longo tempo. Dante Marcello não seria o primeiro a fazê-lo.

— Vamos — disse Dante, soltando o nó na gravata.

Cat seguiu seu novo companheiro em silêncio enquanto ele

caminhava pelo apartamento.

— Você vasculhou minha casa?

— Não — respondeu Cat.

— Posso confiar que está sendo honesta?

— Eu diria a você se eu tivesse feito isso. — Cat riu suavemente. —

Embora, eu não possa negar sobre a cozinha. Eu tive que olhar em volta e admirar a estrutura.

— Você cozinha, então.

— Quando posso. Nós, mulheres italianas, temos um dom de fazer isso. Tenho certeza que você entende.

— É claro — murmurou Dante, abrindo a terceira porta no longo corredor. — Damas primeiro.

— Sou uma mulher, mas não iria tão longe me chamando de dama, Dante.

Dante grunhiu algo que não deu para entender e acenou para a porta aberta. Cat entrou sem questionar, encontrando a primeira coisa confortável que conseguiu, que por acaso era um sofá de couro na parede oposta. Em vez de sentar, ela se deitou sobre o couro preto e cruzou os pés de salto alto no braço da cadeira.

— O que descobriu sobre mim, Dante? Estou morrendo de vontade de saber.

Dante se sentou atrás de sua escrivaninha de carvalho, puxando um arquivo de uma gaveta antes de jogá-lo por cima.

— Descendência siciliana, nascida na América, filha de uma italiana que se legalizou, mas voltou com você para a Itália logo após o seu nascimento. Suspeito de que ela não conseguiu continuar trabalhando aqui sem ninguém para ajudar depois que você nasceu e então ela voltou para a casa da família.

— Tudo verdade — observou Cat, impressionada com sua eficácia.

— Você tem vinte e oito anos de idade...

— Ei. Acabei de fazer. Me dê um pouco de crédito, *bello*.

— Você parece gostar de me chamar assim. — O olhar de Dante a examinou do outro lado da sala.

— Combina. Você é muito bonito. Pelo menos eu acho.

— Não brinque comigo, Cat. Não serei uma marionete que se curva aos seus caprichos e controle. Se vamos nos sentar juntos e discutir por que se aproximou de mim e o que tem a oferecer, espero que você e suas intenções sejam tão claras quanto um maldito cristal.

— Seu sotaque é terrível.

— É muito bom para o meu negócio. Conforme-se, ninguém está procurando sua aprovação. Certamente não eu.

— Tudo o que você pode encontrar de mim legalmente ou mesmo profissionalmente é quem eu sou, Dante. — Cat bufou. — Raramente, ou nunca, dou às pessoas um vislumbre do meu verdadeiro eu, mas você pode confiar que quando digo alguma coisa, sempre falo sério. Nunca minto, a menos que seja absolutamente necessário. E acompanho meus acordos e promessas a todo momento. Há algo mais que você gostaria de me questionar a esse respeito?

— Vejamos — disse Dante, com os lábios apertados enquanto voltava para o arquivo. — *Recentemente* fez vinte e oito.

— Obrigada.

— Qualquer informação da Itália sobre você ou sua família é difícil de encontrar. — A cabeça de Dante se levantou e ele encontrou o olhar dela, sem se abalar. — Por quê?

— Minha família era muito pobre. Nós vivíamos no que ainda é considerada uma pequena vila a quilômetros da cidade. Nem minha mãe nem

minha irmã nasceram em um hospital. Saí de casa quando tinha quase dezesseis anos para fazer as minhas próprias coisas, encontrei pessoas interessantes e cresci a partir daí.

— Explique isso — disse Dante em voz baixa. — Depois que você saiu de casa, quero dizer.

— Estou começando a achar que isso pode ser o começo de uma sessão de terapia. — O canto da boca de Cat se levantou em um sorriso. — Não preciso que vasculhem a minha cabeça.

— Diga-me o que eu quero saber ou vá embora, Catrina.

— Tudo bem. — Cat se sentou no sofá, cruzando as pernas. Ela não deixou de observar o olhar de Dante em suas coxas sob o vestido ou os saltos que ela usava. — Logo depois que saí de casa, estava trabalhando em um bar com um nome falso, mentindo sobre a minha idade. Um homem mais velho me ofereceu dinheiro para fazer o trabalho para ele e eu aceitei.

— Que tipo de trabalho? — perguntou Dante.

— Ofertas, coisas dessa natureza. Entregando drogas, ou o que era preciso, a certos clientes que queriam um rosto bonito para olhar. Quanto melhor eu ficava nesse trabalho, mais clientes difíceis eram empurrados para cima de mim. Por fim, fiz contatos e clientes suficientes para fazer minhas próprias coisas, então foi exatamente isso que eu fiz.

— E foi aí que você apareceu pelas bandas americanas novamente — Dante completou, apontando para o papel. — Você usou sua dupla cidadania para entrar na América aos vinte e cinco anos.

— Primeira vez em solo americano desde que eu era bebê. — Cat sorriu. — Demorou algumas semanas até que meus contatos da Itália viessem pra cá com as pessoas que conheciam. Alguns homens vieram comigo e começamos do zero de novo.

— Os mesmos homens que me encontraram no clube do meu irmão?

— Alguns — Cat admitiu. — Só tenho cinco homens trabalhando comigo agora. Apenas dois são homens que mantenho perto de mim. Os outros três trabalham fora do estado, atendem a certas exigências e sempre me mantêm informada sobre o mercado.

— Dois — disse Dante, levantando uma sobrancelha em descrença. — Havia três no bar na semana passada.

— Sim, bem, Carlos me encheu o saco e agora está no fundo de um desfiladeiro. Foi o que Gaetano me contou. O que mais você quer saber?

Dante não viu nenhuma reação com a confissão de Cat.

— Está tudo bem pra você matar homens que trabalham para você quando tem tão poucos?

— Homens como eles são facilmente treinados para os meus propósitos. Ele será substituído em um mês, se eu quiser que seja.

— Entendo. Seguindo em frente, então.

— Por favor, Dante.

— As informações secretas que minhas fontes reuniram sobre a Rainha são bem interessantes — ele disse simplesmente.

— Sempre são.

— Você é muito bem-sucedida.

— Sou.

— Quero perguntar como, mas não acho que eu entenderia.

— Nossos negócios não são os mesmos, sabe. — Cat sorriu, encolhendo os ombros.

— Sei.

— Então, você já deve saber por que não consegue entender meu sucesso. Podemos lidar com os mesmos tipos de coisas ocasionalmente, mas sua família administra centenas de homens, seu foco está em todos os lugares ao mesmo tempo, enquanto o meu só precisa estar nos clientes.

— Clientes, hein? — Dante respirou fundo.

— É uma palavra melhor do que “usuário” e, sinceramente, não administro bem esse tipo de gente. Se eu acho que um cliente em particular está se tornando muito exigente para mim ou para as substâncias que eu forneço, eu as deixo sem aviso prévio ou com uma promessa de retorno. Sou bem-sucedida por causa da minha personalidade: essa habilidade inata de ser um belo fantasma sem nome no mundo deles, sem conexões com suas vidas reais além do que trago para eles, e meu talento de dar o fora tão silenciosamente quanto eu chego. Eles não precisam se preocupar comigo arruinando sua reputação além das minhas *entregas*.

— Você lida com grandes nomes — disse Dante.

— Você gostaria de alguns? — Cat perguntou suavemente.

— Tenho mais do que o suficiente de minhas fontes para saber que você é muito procurada no mundo da alta sociedade, dos políticos e de celebridades.

— Isso te intimida?

— Não, acho admirável, na verdade. — Dante riu, o som profundo atingiu Cat em seu âmago como uma marreta.

— Porque eu sou uma mulher — assumiu Cat.

— Não, porque você é bem-sucedida com pessoas que têm dinheiro suficiente para conseguir qualquer tipo de traficante de drogas que quiserem facilmente.

Cat apreciou o fato de que Dante não dançava em torno do que ela realmente era por baixo de sua beleza e título.

— No entanto, eles querem a Rainha.

— Sim. — Dante descansou de volta em sua cadeira, os papéis na frente dele aparentemente esquecidos. — Como você chegou a esse nome, afinal?

— As rainhas são intocáveis. Alguém achou que combinava comigo e isso pegou, suponho.

— Quem?

— Não é importante — respondeu Cat, não tendo nenhum desejo de explicar a família parecida com a de Dante que ela deixou na Itália.

Felizmente, Dante não insistiu. Em vez disso, ele foi a uma direção que Cat não esperava.

— Por que você precisa de um marido, Catrina? Ao meu ver, você se tornar esposa pode atrapalhar sua capacidade de vagar de estado em estado como você faz, apesar de você não parecer querer um homem ao seu lado como parceiro.

— Você lê bem as pessoas.

— Eu preciso. Pretendo ser o chefe de uma grande família criminosa. Meu sucesso depende da minha capacidade de separar as pessoas, perceber suas mentiras e arrancar os elos fracos antes que possam me machucar. Responda minha pergunta, *ragazza*.

— Minhas razões para precisar, não querer, um casamento são puramente egoístas e em parte para a segurança dos negócios. Quero permanecer em solo americano. É onde meus clientes estão e onde construí o meu nome. Infelizmente, minha dupla cidadania torna minha posição instável. Se eu for presa, o que é improvável, ou se surgirem problemas legais por causa do meu status, serei deportada e não serei convidada novamente. Um casamento garantiria minha permanência aqui, não importa o que aconteça.

— Tudo isso soa comercial para mim. Onde está o egoísmo?

— Seu sobrenome, é claro. Isso não apenas me ofereceria uma grande proteção, já que estamos sempre acumulando inimigos em nossa linha de trabalho, mas também abriria algumas portas com uma nova clientela em

Nova York. Não toquei em Nova York ainda. Há crime organizado suficiente aqui sem eu causar tumulto. Como esposa de um líder, por outro lado, ninguém diria nada.

Dante não piscou um olho.

— Engraçado, quando uma mulher quer se aproximar de mim por causa do meu sobrenome, geralmente é por causa do dinheiro que vem junto com isso.

— Eu tenho meu próprio dinheiro, *bello*. Certamente não preciso do seu.

— Verdade.

— E para ser honesta — Cat continuou com um encolher de ombros delicado —, fiz algumas ligações durante o ano passado com os oficiais. É incomum. Preciso dar um passo para longe do centro das atenções por um tempo no meu comércio e deixar algumas outras garotas voarem sozinhas. Então, sim, mais segurança e proteção para mim.

Cat podia ouvir o barulho baixinho do sapato dele tocando o chão de madeira embaixo da mesa. Mesmo que ela não pudesse, o modo como ele ficou quieto dava a ela todas as indicações de que Dante Marcello poderia estar realmente considerando a oferta de casamento de Cat.

— Parece tudo lindo e ótimo — disse Dante, seu olhar voltando para o dela em um instante — ... mas o que você realmente tem a me oferecer, Catrina?

— Muito, na verdade. O negócio de importação de substâncias específicas...

— Coca, você quer dizer.

— Exatamente. Tenho vantagem sobre você, o que é óbvio o suficiente pelo preço que coloquei o pó em suas ruas. Meu contato é uma linha direta para o produto. Não pago tanto quanto você, meu produto não

passa por tantas mãos quanto o seu, e é uma substância mais pura a um custo mais barato. Praticamente inédito.

— É verdade — ponderou Dante. — Onde seu fornecedor está localizado?

— Itália, na verdade. Nunca vou pra lá, mas é um dos poucos contatos que eu mantive.

— Interessante, mas não o suficiente para acreditar que vale a pena o preço de um casamento, Cat.

— Eu também não acreditaria. — Cat se levantou do sofá, puxando um pequeno caderno de couro de sua bolsa. Ela o jogou na mesa de Dante, esperando que seu interesse fosse atingido antes mesmo que ele abrisse. — Eu também ofereço poder na forma de contatos. Esse caderno está cheio deles. Tenho certeza de que você tem os seus, mas sugiro que separe cinco minutos para dar uma olhada nos meus.

— Creio que seus clientes não gostariam de ser chantageados por um chefe da máfia. — A mandíbula de Dante se apertou, embora ele não desse ao caderno a mínima atenção.

— Nem todos são clientes. E acredite em mim quando digo que os que são, não ficariam surpresos com isso. É praticamente um costume as pessoas da minha profissão usarem quem elas conhecem para seu próprio benefício, mesmo que seja um pouco errado.

E para cada nome na lista que ele usasse, Cat perderia um cliente. Era o preço a se pagar. Ela estava desistindo de tanta coisa por causa disso, mas ela não podia dizer a Dante Marcello.

Cat sabia que as coisas nunca seriam as mesmas para a Rainha, mas ela não se importava. Ela precisava de um casamento.

— Poder — murmurou Dante.

— Sabia que você gostaria disso.

— Por quê?

— Porque apesar de sermos diferentes, também somos iguais.

— Por que eu? — Dante suspirou, olhando para o caderno preto.

— Eu te falei na semana passada. Eu ouvi dizer que o Marcello mais velho estava procurando algo como casamento. Na época, não me interessei. Agora sim.

— É justo, mas isso já faz tempo, e meus sentimentos mudaram sobre essa questão de casamento.

— E por que, Dante?

— Minha cunhada, esposa do meu irmão mais novo, foi obrigada a casar com um homem que não queria e abusava dela apenas para se sentir bem. Eu jamais forçaria uma mulher a um casamento para meu próprio benefício.

Cat piscou, espantada com o nível de sinceridade e emoção em sua declaração.

— Você acha que seria a mesma coisa? Eu que me aproximei de você, Dante. Ofereci o acordo a você, e ninguém está me forçando a fazer nada disso.

— Quanta informação você conseguiu da minha família e negócios?
— Os dedos de Dante tamborilaram em sua mesa.

— Muita. Eu precisava saber quem você era e quem eles são.

— Então, você sabe que um casamento é obrigatório para que eu possa assumir a minha família.

— Entendo um pouco sobre a Cosa Nostra, suas expectativas e suas regras para os homens que se juntam às famílias e as lideram. Sim, estou ciente de que você precisa de uma esposa. É precisamente por isso que suspeitei que esse acordo seria de interesse para você e para mim.

— Não é para daqui um tempo, Catrina. É logo. Preciso casar muito

em breve. Meu lugar não está garantido, e meu pai está pronto para deixar o cargo. Uma reunião da Comissão está chegando e eu preciso cumprir as exigências dele ou alguém será escolhido para ocupar o meu lugar. Não posso permitir que isso aconteça.

— Sente-se e conversaremos mais. — Dante apontou para o sofá atrás de Cat.

— Eu tenho uma pergunta para você. — Cat fez o que ele pediu.

— Vá em frente.

— O que tanto você tem contra o casamento?

— O que faz você pensar que eu sou contra isso? — Os olhos verdes de Dante escureceram.

— Você não é o único cujo negócio exige que saiba ler as pessoas.

— Tenho pouco a oferecer a uma mulher no amor ou na vida. De fato, a minha vida é a Cosa Nostra, sempre foi e sempre será. Não tenho interesse em encontrar o amor, colocar uma mulher em um mundo que ela não sabe controlar ou fazer parte, colocá-la em segundo lugar em minhas escolhas. Porque ela seria a segunda, sempre. Acho isso extremamente injusto. Que mulher gostaria de um futuro incerto?

— Sim, e por causa disso, acho que somos um bom partido, Dante. Não quero que um homem me ame. Não quero nada dele além dos negócios e ganhos mútuos. Não tenho interesse em me acomodar na vida como uma dona de casa.

— Um bom partido, hein? — Dante riu. — Você me fez querer matá-la duas vezes agora.

Cat apreciou sua honestidade.

— Eu tenho muitos efeitos nos homens. Esse é apenas um deles.

— Então estou aprendendo — disse Dante em voz baixa.

— É bem simples. Pessoas como nós foram feitas para não amar. Não

devemos nos apegar. Isso nos arruinaria. Juntos, nós seremos o par perfeito. Juntos, não temos nada a perder. Posso ser a esposa de que você precisa, você pode me dar o sobrenome e a proteção de que preciso para seguir em frente. Qual é o problema?

— Quando você coloca assim, nada.

— A única coisa que eu realmente peço é que me trate como uma igual, Dante. Na vida e nos negócios, isso é tudo. Tenho coisas para oferecer ao seu pessoal em Nova York que irá agradá-los se você fizer negócios comigo. Não vou parecer subjugada ao seu lado, pois não sou o tipo de mulher que é intimidada pelos homens. Seu pai é bastante famoso no mundo da Cosa Nostra, sim?

— Ele é. E o que que tem? — perguntou Dante.

— É hora de você começar a fazer o seu nome também. Quer melhor maneira do que transformar tudo o que seus homens acreditam no melhor, trazendo uma mulher como eu para os negócios?

— O que mais?

— Perdão? — Cat perguntou, confusa.

— O que mais você quer com isso?

Capítulo Quatro

Dante encarou Catrina, seu olhar atento buscando qualquer indício de que ela estava mentindo ou que havia segundas intenções por trás de sua oferta. Até agora, ele não tinha encontrado nada.

— Não entendo o que você está perguntando — disse Catrina. — Eu já te disse tudo o que eu quero.

— Em um nível profissional, com certeza. Não no pessoal.

— Você quer dizer fisicamente ou emocionalmente, esse tipo de coisa? — Catrina tossiu, escondendo sua surpresa lamentavelmente.

— Para começar — respondeu Dante.

— Não quero um relacionamento com você. Não tenho interesse em transar com você.

Dante duvidou de suas palavras pelo modo como ela o olhava. As mulheres só podiam mascarar sua atração por um tempo antes que seus disfarces se quebrassem. Ele não negou por um minuto que achava Catrina Danzi uma das mulheres mais sexies que ele já teve o prazer de olhar, e se ela desse a ele a chance, ele provavelmente a levaria para a cama sem fazer perguntas.

Dante não era nada senão honesto.

— Eu gosto da sua franqueza — Dante disse a ela. Mesmo que ela estivesse mentindo.

— É uma característica que se aprende. Mas se você realmente quiser discutir esse tipo de coisa, nós podemos. Ter um relacionamento físico leva a um relacionamento emocional, independentemente da vontade de alguém. Não quero me apegar a um homem que eu não seja capaz de amar. Também devo acrescentar que não vou agir como sua dócil esposa e não tenho vontade de ter filhos, então se você está esperando por isso, não vai acontecer.

— Bem, você precisa de sexo para fazer bebês, não é?

— As coisas acontecem, Dante. Só estou dizendo que filhos não são uma opção.

— Não importa, já que não posso ter filhos.

— Como é? — Os ombros de Catrina ficaram tensos.

— Não posso ter filhos, o que é mais uma razão pela qual eu sinto que uma mulher seria enganada quando se casasse comigo. Outra coisa que eu não poderia dar a ela caso quisesse algum dia.

— Se eu perguntasse qual é seu problema, você ficaria ofendido? — perguntou Catrina.

— Não, vou te contar. Não é algo que eu compartilho abertamente com o resto do mundo — disse Dante, suspirando. — Quando eu tinha pouco mais de dois anos e minha mãe estava grávida de Giovanni, meu pai levou nossa família para uma viagem à Itália. Negócios para meu pai, já que ele não tiraria férias de outra forma. Naquela época, as regras não eram tão rígidas sobre garantir que as pessoas estivessem com as vacinas em dia antes de viajar. Minha mãe não acreditava em vacinas, uma escolha da qual ela se arrependeu quando houve um surto de rubéola nas aldeias que estávamos visitando. Eu não estava com a vacina em dia e havia um alto risco por causa da minha idade, mas já era tarde demais — explicou Dante, tentando não demonstrar nada enquanto contava a história. Não foram muitas as vezes que ele contou porque, apesar do quanto ele tentara superar, ele não conseguia.

— Como eles estavam tentando controlar o surto e as instalações médicas onde colocaram os doentes em quarentena eram modestas, na melhor das hipóteses, tornou-se uma situação de esperar para ver. Minha mãe, grávida, foi obrigada a ficar longe para a segurança de sua gravidez. A rubéola pode causar aborto e até mesmo incapacidades ou deformidades graves. Meu pai permaneceu comigo. Eu melhorei, voltamos para casa. É

isso.

— Não pode ser só isso.

— É — disse Dante, levantando um ombro para explicar o que não foi dito. — É raro um homem se tornar infértil por causa da rubéola, mas acontece. Especialmente quando as erupções acabam se espalhando por todo lugar sem tratamento para evitar que a região sul do corpo seja infectada. Quando meus pais voltaram para os Estados Unidos, eles foram informados sobre quais poderiam ser minhas possíveis sequelas. Quando eu tinha idade suficiente, fiz o teste e descobri que era estéril no meio da puberdade. E mais uma vez, aos vinte e poucos anos, deu os mesmos resultados.

— Eu sinto muito. — Catrina franziu a testa.

— Não sinta. Sei há muito tempo que filhos não seriam parte do meu futuro. Então, acho que o que estou tentando dizer é que não é algo que eu pediria de você. Nunca.

— E você não quer se apaixonar — disse Catrina.

— Não. Como eu disse, por que levar uma mulher a uma vida em que ela terá só a mim e eu não tenho muito a lhe dar. Estou perfeitamente bem assim.

Dante empurrou a cadeira para longe da mesa, girando-a de modo que suas costas ficassem voltadas para Catrina. Geralmente, ele não dava as costas para uma mulher, em especial uma como Catrina Danzi, mas ela queria algo dele, o que significava que ela não poderia machucá-lo.

O cofre de metal, à prova de fogo, estava apoiado em um grande suporte atrás de sua mesa. Dante girou o botão depois de digitar um código de dez dígitos no teclado eletrônico. O clique silencioso das travas caindo no lugar soou antes que a porta se abrisse. Ele pegou uma pequena caixa de joias na prateleira de cima, fechando o cofre em seguida.

Virando-se para encarar Catrina, que não se moveu um centímetro de

seu lugar, Dante colocou a caixa de joias na frente da mesa. Ela não fez nenhum movimento para tocar a caixa e ver o que havia dentro.

— Você é católica? — perguntou Dante.

— Sou.

— Tudo em ordem?

— Com a igreja, mas com Deus é uma situação completamente diferente.

Dante deixou o humor negro de Catrina o absorver novamente, rindo alto.

— Por curiosidade, como conseguiu entrar nas minhas ruas tão facilmente como você fez? — Dante perguntou, cruzando os braços sobre o peito enquanto se reclinava de volta em sua cadeira. — Parece-me que uma Rainha do seu calibre não estaria caçando ruas para distribuir o produto. Não sei como você teve inteligência para fazer esse tipo de coisa.

— Simples, seus principais homens não ficam lá tempo o suficiente, certamente não são tão ativos quanto deveriam. Isso não quer dizer que não são bons no que fazem, porque claramente eles são se ainda estão tendo lucro, mas acabam perdendo quando deixam pessoas como eu entrar. Os soldados deles — ou seus, se preferir — devem ter pouca liberdade em certas coisas.

— Obrigado — disse Dante. — Eu gostaria que você dissesse isso aos meus homens na próxima reunião de coleta de impostos, para que eles possam estar cientes de seus erros e corrigir os problemas.

— É mesmo? — A sobrancelha de Catrina se ergueu, um sorriso prestes a se formar.

— Sim, e eu estarei lá, é claro.

— É claro — ela repetiu.

— Há outras coisas que você deveria estar ciente também.

— Como o quê?

— Como o fato de que este casamento não pode parecer algum tipo de farsa — disse Dante, gesticulando entre eles. — Preciso que o relacionamento pareça algo sólido e formidável em todos os aspectos da vida pública. Simples assim. Não podemos viver separados, preciso de você ao meu lado para um monte de coisas, e mesmo que você não queira agir como a esposa de um mafioso, há momentos em que você terá que usar essa máscara e sorrir.

— Você tem quartos extras neste apartamento, não é?

— É com isso que você está preocupada depois de tudo que acabei de dizer? — Dante tentou não rir e falhou.

— Bem, sim. A menos que você se importe em dormir no sofá.

— Há um quarto vazio no final deste corredor. Escolha o que você quiser colocar dentro dele que vou mandar trazer para você, Cat.

Dante se inclinou para a frente e abriu a caixa de joias para mostrar um diamante de quatro quilates em ouro branco e rodeado de joias menores como uma pequena coroa. O olho de Catrina foi para a joia imediatamente, mas ela ficou em silêncio.

— Não fique tão surpresa que eu já tenha algo para você. É uma herança e pertenceu à mãe de minha mãe. Eu tenho ele em minha posse desde que minha avó morreu há uma década, quando ela o deixou para mim. Usar isso ajudará no desrespeito inicial que você certamente receberá por ser uma mulher no território de um homem durante a reunião.

— Acho que posso lidar com eles. Desestabilizo os homens, lembra? Não o contrário.

— Como eu disse, usá-lo ajudará. Eu aceito sua oferta, Cat.

— Sabia que aceitaria. — Catrina sorriu maliciosamente.

— Já pode descer do cavalo. Não seja tão convencida ainda.

— Por quê?

— Porque você ainda precisa conhecer minha mãe — disse Dante. — Domingo próximo parece o momento perfeito. Nossa família sempre faz um grande jantar com vários convidados. Meus irmãos de vez em quando chegam na noite anterior, mas eu tenho estado muito ocupado com o trabalho, então não acho que seria um bom momento para te apresentar. Posso encontrar você depois da missa, no entanto, e levá-la para jantar comigo, se quiser.

— Acho que seria bom — respondeu Cat, sorrindo. — Nada de eu ir à igreja?

— Uma coisa de cada vez, Cat. E a privacidade é importante para minha família. Gostaria de te apresentar primeiro. Entende o que eu quero dizer?

— Claro.

A conversa continuou até a noite. Mais tempo do que Dante percebeu, porque acabou sendo bom conversar com essa mulher bonita e inteligente. Logo depois que Dante levou Catrina para fora de seu apartamento e trancou a porta da frente, ele ligou para um número familiar. Era tarde — tarde demais, na verdade —, mas Dante não se importava.

— *Ciao*, filho — a voz cansada e resmungona de Antony o cumprimentou. — Só para constar, este é um momento inaceitável para você ligar.

— Eu aceitei a oferta dela.

Antony ficou em silêncio. Dante sabia que seu pai não perguntaria de quem ele estava falando. Ele não tinha sequer discutido completamente a oferta de Catrina com seus irmãos, depois da aparição dela na semana anterior no clube de Gio. Mas ele imediatamente falou com seu pai.

Claro, as coisas não eram perfeitas com Antony, mas ele era o único

homem que daria a Dante uma opinião imparcial e honesta.

— Já imaginava — Antony finalmente murmurou. — Ela vai se encaixar bem.

— Talvez. Veremos. Ela virá jantar no domingo à noite e eu irei anunciar formalmente então.

— Ela vai à missa?

— Não, imaginei que poderíamos fazer isso no próximo domingo.

— Eu vou preparar sua mãe. — Antony cantarolou no final.

Dante não tinha certeza do que isso significava. Ele estava só brincando com Catrina mais cedo. Antony não parecia estar brincando.

• • •

— *Mamma*, eu gostaria que conhecesse Catrina Danzi. Minha noiva.

Cecelia não disse nem fez nada com a apresentação do filho. Ela simplesmente olhou para Catrina com uma espécie de desrespeito que Dante raramente tinha testemunhado nela antes. Sua mãe não era uma mulher rude — gentileza e polidez eram seu nome do meio. Cecelia Marcello era adequada em todos os aspectos.

No entanto, lá estava sua mãe, observando a mulher ao lado de Dante como se ela sentisse cheiro de algo ruim. Ele não sabia o que fazer com aquilo.

O lugar estava muito quieto para o gosto de Dante. Seus irmãos circulavam pela ilha da cozinha, observando a cena em silêncio. Jordyn e Kim continuaram a cortar legumes, seus olhares voltados para o que estavam fazendo. Antony se sentou à mesa com Johnathan em seu colo, segurando um mordedor para seu neto mastigar.

— *Tesoro*? — perguntou Antony.

Os lábios de Cecelia se afinaram, lutando contra uma carranca. Ainda assim, ela ficou quieta.

— Nossa família e convidados chegarão em breve, Cecelia — acrescentou Antony, mais baixo.

As palavras não ditas eram altas e claras. Seja qual for o problema que a mãe de Dante estava tendo com esta apresentação, ela precisava parar antes que o resto das pessoas aparecesse.

Dante não fazia ideia do que estava acontecendo com a mãe. Deus sabia que quando Lucian e Giovanni trouxeram suas parcerias para casa, ela foi muito gentil. Rapidamente, ela estava apaixonada e feliz por Jordyn e Kim. Ela não se importou com o fato de os relacionamentos com seus filhos terem surgido por causa de circunstâncias perigosas ou até mesmo impróprias. Ela não se importava de que tivesse havido pouco tempo de namoro antes de se casarem. Ela só... as adorava. Aceitou as duas mulheres com uma graça alegre e braços abertos.

Por que ela não estava sendo assim com Catrina?

Os dedos de Catrina enrolados com os de Dante se apertaram brevemente, como se ela pudesse sentir seu desconforto. Ela permaneceu quieta a seu lado, esperando que a matriarca dos Marcello falasse primeiro. Dante teve que dar um crédito à sua nova companheira por estar tão tranquila. Cat não demonstrou estar chateada com a clara indiferença de Cecelia.

Não era como se Dante precisasse da permissão de sua mãe para se casar com Catrina, mas sua aceitação seria apreciada. Para a família dele, ser italiano significava mais do que grandes jantares, encontros barulhentos e domingos em uma igreja. Eles eram próximos e sempre foram. A última coisa que Dante queria que o seu casamento fizesse era afastar sua família, especialmente por causa da desaprovação de sua mãe.

Infelizmente, ele não tinha escolha. Precisava se casar logo. Catrina

era a única pessoa que faria isso acontecer para ele. Ela precisava de algo e ele também. Nenhum deles coagiu o outro a esse arranjo. Era tudo negócio e permaneceria assim durante o tempo que eles precisassem.

— Olá — Cecelia finalmente disse, a voz tensa com a civilidade forçada.

— Prazer em conhecê-la. — Catrina sorriu.

— Igualmente — Cecelia respondeu com firmeza, sua expressão inabalável.

A tensão na sala pareceu disparar enquanto as duas mulheres se olhavam.

Catrina examinou a comida sendo preparada espalhada pelos balcões e perguntou: — Você gostaria de mais ajuda?

— Não, já estamos indo muito bem. Mas vá conhecer a casa enquanto esperamos pelo resto dos convidados.

Na mesma hora que Cecelia encarava Catrina com desdém, ela parou com uma graça desprezível que falava sem dizer sequer uma palavra.

Dante ficou atordoado. As ações de sua mãe foram tão fora do normal. Talvez nem tanto pela ajuda na cozinha, se bem que foi a primeira coisa que ela pediu que as esposas de seus irmãos fizessem.

— Ma... — disse Dante, esperando que seu descontentamento e aviso ficassem claros.

Não haveria nada que ele pudesse fazer sobre a desaprovação de sua mãe, mas ele não podia tolerar que Cecelia desrespeitasse Catrina, especialmente na frente dos outros. Se as pessoas vissem sua mãe tratando sua futura esposa de uma maneira menos do que apropriada, assumiriam que Catrina era inadequada e agiriam da mesma forma em relação a ela.

Catrina balançou a cabeça ligeiramente, puxando a mão de Dante com gentileza para chamar sua atenção.

— Está tudo bem, Dante. A casa é linda, e eu queria conhecê-la, de qualquer maneira. Venha me encontrar quando estiver pronto. OK?

— Claro.

Dante esperou até que Catrina estivesse longe o suficiente para não ouvir, antes de se aproximar de sua mãe.

— O que foi isso, mãe? — Dante perguntou, seu tom afiado como a lâmina de uma faca.

— Eu não sei o que você quer dizer, Dante. — Cecelia se virou para se abaixar e verificar o forno, aparentemente sem se incomodar com a raiva do filho.

— Isso com Catrina. Que porra...

— Cuidado — Antony murmurou sombriamente, levantando uma sobrancelha com cautela.

Dante ignorou seu pai. Ele tinha vinte e oito anos de idade pelo amor de Deus; não iria fingir que estava tudo bem. Antony teria que ouvir e lidar com isso. Afinal, foi ele quem forçou Dante. Mas Dante ficou muito surpreso por sua mãe não dizer nada sobre a linguagem chula que foi usada em sua cozinha. Essa não era ela. Quando ele havia entrado nesse momento surreal?

Seus irmãos e suas esposas estavam parados, cada um ostentando uma cara de confusão e choque. Sem dúvida, eles estavam tão em choque com o jeito estranho de Cecelia quanto Dante.

— Vocês dois já escolheram a data? — Cecelia fechou a porta do forno, jogando o pano de prato no balcão.

Dante piscou com a atitude antiquada da mãe com aquela pergunta.

— Em sete semanas.

— Muito cedo — Cecelia disse baixinho, encarando Antony do outro lado da sala com olhos que expressavam seu desagrado espontâneo.

Antony não olhava nos olhos dela.

— Não há por que esperar e quanto antes, melhor — disse Dante.

— Ah é?

— É.

— Você vai casar muito perto da Quaresma — disse Kim.

— Vai ser depois, então nada vai impedir a cerimônia. — Dante encolheu os ombros.

— A tradição católica requer seis meses de aconselhamento de casal antes que uma cerimônia possa ser realizada. Você sabe disso. — Antony ficou em pé antes colocar Johnathan na cadeirinha.

— Lidarei com isso — respondeu Dante.

— Como? — Cecelia perguntou.

— Lucian fez as aulas semanalmente para casar na data que ele queria.

— Mas eu fiz as aulas — disse Lucian.

— E eu precisei fazer crisma antes que pudéssemos começar as aulas — disse Jordyn.

Dante acenou para eles.

— Giovanni não se casou na igreja e não teve nenhum problema em conseguir que seu casamento fosse reconhecido pelo bispo depois que você entrou em cena. Levou duas semanas para que o casamento fosse validado perante a igreja, Ma?

— Não é a mesma coisa e você sabe disso. — O olhar de Cecelia se estreitou.

— Mantenha meu casamento fora disso. — Gio parecia querer sair da sala o mais rápido possível.

— Sim, por favor — Kim murmurou enquanto lavava as batatas.

— Não vou pedir ao Padre Peter que ignore o aconselhamento, Dante — disse Cecelia.

— Não falei que você precisava fazer isso. Disse que eu iria lidar com isso.

— E eu perguntei como.

— Do jeito que eu quiser, mãe. É assim, ou você me quer casado em nossa igreja pelo homem que me batizou ou não. Se você não quiser isso, tudo bem. Vou fazer a cerimônia em outro lugar e conseguir a validação do casamento depois. Honestamente, isso seria muito mais fácil, e meu casamento com Catrina não será menos oficial por lei por causa do local onde vai ocorrer. Isso é tudo de que eu preciso, mãe, apenas uma certidão de casamento e depois todo mundo ficará satisfeito por eu ter feito o que eles queriam.

Cecelia franziu o cenho. Exatamente, Dante. Todos os outros ficarão muito satisfeitos.

— Dante tem razão, mãe — disse Giovanni. — O casamento dele pode acontecer em qualquer lugar. E ele é considerado devoto à igreja. Sua validação será facilmente concedida com ou sem você. Eu não sei o que você quer...

— Quietos — Cecelia ordenou. — Estou ciente, mas isso não significa que eu concorde.

— Você não precisa — replicou Dante.

— Catrina parece... legal — disse Jordyn suavemente, encolhendo os ombros.

— Muito, se você nunca a viu em ação — respondeu Dante.

— *Bella mia*, Catrina não é uma italiana católica comum, apesar de seu sotaque e rosto aparentemente inocente. — Lucian suspirou, olhando para a esposa.

— Eu ouvi muito bem — Cecelia murmurou, nunca tirando os olhos de Dante.

— Esse é o seu problema, mãe? — ele perguntou.

— Não. Olhe para o meu marido, Dante. Você realmente acha que isso é o que me incomoda sobre ela?

— Eu não entendo — Kim disse, dando uma olhada em Gio. — O que há de errado com ela?

— Para o nosso tipo de família? Nada, na verdade. Ela é uma Rainha, então a garota vai se encaixar na mesa de jantar sem se sentir fora do lugar.

— Gio — rosnou Dante.

— Escute, idiota, minhas prioridades não incluem mentir para minha esposa.

— Sério? — perguntou Jordyn, de queixo caído. — Como no topo da cadeia alimentar da área do tráfico?

— Sì — respondeu Antony antes que alguém o fizesse. — Ela é muito popular e bem-sucedida em seus negócios por causa de sua clientela mais selecionada. Isso não quer dizer que não tenha pessoas nas ruas, porque ela claramente tem. Foi assim que chamou a atenção de Dante em primeiro lugar. Na idade dela e sem uma família apoiando seu ofício, suas realizações são um grande feito.

— Vamos falar de outra coisa que não a profissão de Catrina, por favor. Nós não discutimos negócios na cozinha desta casa. — Antony sacudiu a mão na direção de Jordyn e Kim.

— Desculpe — Kim e Jordyn murmuraram juntas.

— Catrina é uma mulher que eu não gostaria de encontrar em um beco escuro — disse Giovanni, fazendo Lucian rir. — Mas ela é exatamente o que Dante precisa, tanto em sua vida pessoal quanto nos negócios.

— Vamos discordar sobre a vida privada, mas vou concordar sobre o lado comercial das coisas — disse Dante.

— Ei, eu não disse que gostava dela, cara, só que ela poderia trabalhar

para você.

— Nós não somos assim.

— E algum dia vai ser? — Cecelia perguntou severamente.

— Isso não é da sua conta, mãe — Dante zombou.

Antony tentou bloquear o olhar sério que Cecelia estava dando a Dante. Ele colocou as mãos na bancada da ilha e encarou a esposa de frente.

— Chega, Cecelia.

Silenciosamente, Lucian e Giovanni pediram que suas esposas saíssem da cozinha sem olhar para trás.

— Isso é tudo culpa sua — Cecelia sussurrou para o marido. — Você fez isso e estou com tanta raiva de você por isso, Antony.

— Tudo bem, mas você tem que parar com isso agora, *Tesoro*.

— Estou tão bravo — ela repetiu.

— Dante, vá encontrar sua noiva e peça desculpas pela falta de jeito e comportamento rude — disse Antony sem encarar seu filho. — Deixe Catrina saber que ela será tratada com o maior respeito de agora em diante... por todos.

O que quer que estivesse acontecendo entre seus pais, Dante não queria entrar no meio, então ele fez o que seu pai pediu e saiu da cozinha. Não demorou muito para encontrar Catrina. Ela estava sentada em um sofá na sala e ele se juntou a ela.

— Peço desculpas pelo que aconteceu lá, Catrina. — Cecelia não é... aquela não é minha mãe. — Ela não age assim. Normalmente não.

Catrina encolheu os ombros, inclinando a cabeça para o lado. Seu olhar brilhou, cheio de alegria.

— Ah, eu acho que é exatamente quem sua mãe é. Não que eu me importe, na verdade.

— O quê?

— Ela é sua *mamma*, Dante. Claro, que ela não vai aprovar ou ficar feliz com a sua escolha em se casar comigo.

Dante se recostou no sofá e esfregou a testa, desejando que a dor que estava começando a sentir fosse embora.

— Você não entende. Olha, Cecelia é normalmente gentil e educada. Ela nunca desrespeita as pessoas, nem mesmo aquelas que ela odeia. E acredite em mim, há algumas delas.

— *Hmm*, não, você não entende. Ela é mãe, ela quer que você seja feliz.

— E daí?

— E daí que ela sabe que eu não te faço feliz, *bello*. Não de verdade. Não da maneira como o marido a faz feliz, ou do modo como as esposas dos seus irmãos os fazem felizes. Não há amor entre você e eu, não como eles têm. Eu a deixo triste por você e, conseqüentemente, isso a deixa com raiva de mim.

Droga.

— Está tudo bem, Dante — disse Catrina com um suspiro silencioso. Não esperaria nada diferente de uma mulher da posição de Cecelia. Honestamente, eu a respeito por isso.

— *Cristo*, por quê? Isso foi horrível, Cat.

— Porque ela me mostrou o que sentia desde o começo. Ela não se escondeu atrás de uma máscara ou de gentilezas. Eu preferiria saber o que sua mãe pensa desde o início, em vez de ser apunhalada pelas costas mais tarde. Acredite, isso é melhor e mais fácil para nós dois.

— Ótimo. Que comece o inferno. — Dante gemeu quando a campainha da casa tocou.

— Acho que com o resto será muito mais fácil. — Catrina deu um tapinha no joelho dele, sorrindo. — E eu estaria disposta a apostar com os

outros que sua mãe estará muito menos propensa a ser inconveniente comigo e com você. Vamos lá. Vamos nessa.

Depois que a comida foi servida e Catrina foi formalmente apresentada como a futura esposa de Dante às pessoas mais importantes da família Marcello, os convidados do jantar dominavam a casa. Dante surpreendentemente relaxou com os outros por perto. A família e os amigos pareciam aceitar Catrina sem muitas perguntas. Não que fosse da conta deles.

Encostado na parede da sala, Dante observou a neve cair através da grande janela da sacada enquanto bebia um copo quase cheio de vodca. De alguma forma, ele conseguiu não ficar irritado quando a mãe se aproximou dele.

— Vou falar com o padre Peter — disse Cecelia.

Dante inclinou o copo para bebericar a vodca. Ele não estava com vontade de ter outra discussão com sua mãe, então escolheu encher a boca de álcool em vez de acabar falando o que ele queria.

— É ele quem deve casar você, eu concordo.

— Imaginei que você faria isso, mas dada a posição que o estamos colocando com o prazo reduzido e o fato de eu não querer uma cerimônia enorme, ele pode recusar e exigir que o diácono faça o serviço.

— Somos Marcello. Ele não vai recusar quando eu falar com ele, acredite em mim. — Cecelia franziu a testa. — E me desculpe pelo modo como eu agi antes.

— Você quer pedir desculpas mesmo ou está apenas sendo educada? — perguntou Dante.

— Você é meu filho. Não é necessário que eu seja educada com você só para ser, Dante. Você, por outro lado, é obrigado a me respeitar sempre.

Justo.

— Eu sei que você não aprova. — Dante controlou sua raiva e deu à

mãe o respeito que lhe devia.

— Não. Eu realmente não aprovo.

— Eu preciso fazer isso, mãe — disse Dante, encolhendo os ombros.

Cecelia assentiu na direção de Catrina. Sua noiva estava conversando com um primo dele na sala de estar com aquele olhar astuto.

— Ela não te satisfaz. Você não está fazendo isso porque quer, mas porque precisa. Eu não posso aceitar e gostar de uma mulher que não te dá o tipo de coisa que você deveria ter. Coisas que você merece ter.

— Eu nunca quis me casar, então nenhuma mulher vai me dar isso, mãe.

— Só porque você não pode ter filhos não significa que você não pode ter amor.

— Você está exagerando.

— Não, você está — respondeu sua mãe, bufando. — Sei que você sente que tem pouco a oferecer a alguém porque não pode lhe dar certas coisas, mas filhos não são a única coisa em um casamento, Dante. Eu amava seu pai muito antes de pensar em ter você.

— Mas você ainda queria filhos — Dante apontou com firmeza. — Negue isso, mãe.

— Nem toda mulher quer filhos. Nem toda mulher sente que tem necessidade de ter filhos.

— Obrigado.

— Pelo quê? — Cecelia franziu a testa.

— Por eu não precisar explicar por que o arranjo entre Catrina e mim foi feito e como vai funcionar, porque você acabou de fazer isso. Então, obrigada.

— Eu...

— Catrina é o tipo de mulher que não quer filhos, portanto, não estou

negando nada a ela. Ela não quer laços emocionais pesando sobre ela. Nenhum de nós precisa de amor em nosso acordo para nos deter. Nosso negócio se mistura de uma forma que acreditamos poder fazer sucesso. Ela trabalha para mim e é o que eu preciso agora. Além disso, filhos têm pouco a ver com o porquê de eu nunca querer me casar. Foi apenas um dos motivos, — acrescentou Dante.

— Ela vai ser sua *esposa*, Dante.

— Ela está usando o anel de noivado de sua mãe. Estou ciente de que ela vai ser minha esposa — ele respondeu secamente, levantando o copo novamente para tomar outro gole.

— Sim, já vi. O anel combina bem com ela, mesmo que eu não goste de vê-la usando. Se ela não vai esquentar certas partes da sua vida, como a sua cama, por exemplo, quem fará?

Dante quase engasgou com a vodka em sua boca. Forçando a vontade de tossir, ele balançou a cabeça. Cecelia acreditava que o sexo deveria acontecer apenas dentro da santidade do casamento. Obviamente, seus filhos não concordavam com essa escolha. Dante sabia que sua mãe não ignorava as ações dos filhos a esse respeito, mas ela raramente discutia isso com eles. Ela não aprovava e eles não se importavam. Era mais fácil deixar o assunto pra lá e não brigar por isso.

Evidentemente, sua mãe não deixou isso pra lá.

Merda. Dante não queria falar sobre sexo com a mãe.

— Ma, *Dio mio!* Pare com isso.

— Eu sei que não é da minha conta.

— Não, minha vida íntima certamente não é.

— Acredito em dedicação total e compromisso apenas com a parceira que você escolher, Dante. E tenho pouca confiança em quem não faz isso. Se seu pai tivesse me traído uma vezinha sequer em nosso casamento, eu o teria

chutado para fora e ficaria com tudo o que ele tinha, incluindo seus filhos. Eu criei vocês três...

— Eu sei como você me criou. Eu sou fiel, *Mamma*. Pare com isso.

— E vai ser assim sempre? Será outra parte da sua vida que você terá de desistir em razão desse casamento de fachada para agradar seu pai e *la famiglia*? Porque eu te conheço muito bem, meu garoto. Você não é o tipo de homem que forçaria uma mulher a algo que ela não está disposta a lhe dar.

— Pare com isso — ele repetiu mais irritado.

— Está bem. Nossa, você está ficando muito irritado por causa disso.

— Cecelia suspirou, o olhar mirando Catrina mais uma vez. — Ela é muito bonita.

— É como ela conseguiu se infiltrar tão bem em sua linha de negócios, eu acho. — Dante riu.

— Não duvido nem por um minuto. Mulheres com olhos adoráveis têm esse efeito em homens imbecis.

— Vai ficar tudo bem, mãe. É minha escolha, e é isso que quero. Sei que você acha que é tudo sobre a Cosa Nostra e *Papà*, mas é mais do que isso. Esta é a minha vida, e para chegar onde quero alcançar as coisas que preciso, tenho que fazer isso. Para Catrina e eu, não tem ninguém nos forçando a isso. Nós decidimos e estou bem com isso.

— Eu ainda não aprovo.

— Não precisa — lembrou Dante suavemente.

— Mas você quer que eu aprove, não é?

Sim.

Dante não admitiria isso em voz alta, no entanto. Se gostar de Catrina fosse impossível, no mínimo, ele queria que sua mãe respeitasse sua futura esposa. Mas ele queria que Cecelia fizesse isso sozinha e não porque ele pediu isso a ela.

— Vá encontrar Gio e pedir um segundo neto, ok? É sempre engraçado vê-lo se irritar com isso.

Cecelia deu um tapinha no braço dele levemente, com um sorriso largo.

— Acho que é exatamente o que vou fazer. Algo para tornar este dia terrível um pouco mais leve, de qualquer maneira.

Quando sua mãe se foi, Dante voltou sua atenção para Catrina mais uma vez. Ela tinha ido falar com outro convidado. Seus sorrisos tímidos e silenciosos lembraram a ele que Catrina estava sempre atenta. Não importava onde ela estivesse ou o que poderia estar acontecendo ao seu redor. A garota não sabia como desligar a Rainha dentro dela.

Ela sabia como usar uma máscara.

Sim, Catrina era precisamente o que Dante precisava em uma esposa se ele fosse precisar de uma.

Capítulo Cinco

Gaetano e Pao ladeavam Cat enquanto ela entrava no clube fechado para os negócios durante o dia.

Bem, fechado para negócios regulares, de qualquer maneira.

No momento em que Cat apareceu com seus homens em seu encalço, os dezenove — ela perguntou antes quantos homens estariam na reunião — Marcellos e seu chefe ficaram em silêncio. Enquanto a expressão dos outros eram de choque e confusão, Dante simplesmente ofereceu a sua noiva um sorriso e sua mão quando ela parou ao seu lado.

— Como foi sua manhã, *dolcezza*? — ele perguntou.

— Boa. E a sua?

— Longa.

— Temos a reunião com o Padre Peter hoje à noite — Cat lembrou.

— Eu estarei lá. Não se preocupe.

Dante incitou Cat a se virar para encarar a multidão boquiaberta e sem fala que assistia a toda a conversa. Cat, olhando os rostos, reconheceu alguns dos homens da mansão Marcello no jantar de domingo, duas semanas antes. Muitos deles ainda eram desconhecidos.

— Gae, Pao, vão encontrar um lugar para se sentar — disse Cat, dispensando seus homens com um movimento.

Eles fizeram o que ela pediu sem questionar e ganharam algumas risadinhas. Ah, isso com certeza seria divertido se a falta de respeito não estivesse começando.

— Boa tarde, senhores — cumprimentou Cat. — Tenho certeza que a maioria de vocês sabe quem eu sou agora por causa dos rumores, mas vamos nos conhecer melhor ao longo do dia.

— Dante, o que... — Lucian se levantou da mesa.

— Eu a convidei, Lucian — Dante o interrompeu friamente. — Espero que todos os homens nesta sala a tratem com o respeito que ela merece, não só pelo seu sucesso como uma Rainha, mas como minha noiva.

— Você poderia ter me avisado — cuspiu Lucian

— Você teria discutido comigo sobre isso? — perguntou Dante.

— Sim.

— Exatamente. Sente-se e cale-se como o resto dos homens, irmão.

O queixo de Lucian caiu, fazendo Cat rir baixinho. O som chamou a atenção de homens ao seu redor, mas ela ignorou todos os olhares curiosos e alguns irritados.

— Antony nunca teria permitido isso — rosnou outro homem.

— Não sou Antony, e ele não está aqui. — Dante encolheu os ombros. — Olhem ao redor, porra. Nem Paulie está aqui. Só eu. Nós todos sabemos o que isso significa. É muito simples. Eu consigo decidir tudo. Sou o maldito chefe. E se vocês não gostam disso, podem dar o fora. Não serão convidados a voltar, mas haverá um túmulo com o nome de vocês, caso façam isso.

— Uma mulher no mundo dos negócios realmente deixa os garotos desconcertados, não é? — Cat perguntou.

Nenhum dos homens respondeu.

— Acho que nunca os ouvi tão quietos. — Dante sorriu. — Esta deve ser uma reunião rápida e fácil.

Giovanni olhou para a ponta da mesa. Cat se surpreendeu por até seus futuros cunhados estarem desconfortáveis com isso, mas ela suspeitava que Dante não os tinha preparado para sua presença hoje. Era uma tática inteligente pegar as pessoas desprevenidas e colocá-las em seu devido lugar.

— Isso é ridículo — disse Giovanni. — Nós não envolvemos mulheres.

— Ela não está envolvida como você pensa — respondeu Dante, ignorando seu irmão. — Ela está aqui por algumas de razões, mas, o mais importante, porque ela vai ser minha esposa e nosso negócio pode se sobrepôr às vezes. Há certos aspectos que ela precisa ter permissão para discutir...

— As mulheres não têm.

— As mulheres podem fazer o mesmo que os homens — Cat interveio docemente, apontando os dedos na direção do homem que tinha falado. — E vou falar uma coisa, não acho que você conseguiria usar saltos, como eu faço, enquanto lida com isso.

Algumas risadas soaram pela sala. Cat tomou isso como um bom sinal. Ela só precisava que esses homens aceitassem a ideia de incluí-la, e como o lobo que era, ela iria direto para a matança. Eles não eram seus homens, claro, mas se ela ia trabalhar ao lado de seu futuro marido às vezes, esses tolos precisavam respeitá-la.

— Primeiramente, Gio e Val, vocês eram os dois com problemas com a coca — disse Dante, levantando o corpo da mesa para se sentar ao lado de Cat. Sua mão encontrou o joelho dela em um gesto silencioso que Cat supôs ser aprovação ou apoio. Ela não precisava dele, mas era bom o ter, no entanto. — Cat está aqui para explicar exatamente por que esses problemas aconteceram. Acho que devem querer ouvir o que ela tem a dizer para que vocês possam conversar com seus caras e ajeitar as coisas antes que eu tenha que fazer isso.

— Nós tivemos esses problemas porque ela colocou um produto com preço mais baixo em nossas ruas — disse Giovanni, balançando a cabeça em frustração. — O que mais há para dizer além de que ela nos roubou?

— Talvez você esteja dando mole em suas ruas, Gio — disse um homem sentado de frente ao Marcello mais novo.

— Talvez eu deva cortar a porra da sua língua e dar ela a Cain, Leo — sibilou Giovanni.

— Ei, só estou dizendo que... quando um homem tem permissão para contornar algumas regras, ele fica se achando o maioral e eu não estou falando sobre aquela coisa entre as suas pernas. Skip não é o manda chuva que um dia já foi, você sabe. E tudo por causa de uma boceta também.

— Cuidado com a porra da sua boca!

Os dentes de Dante rangeram sob o queixo cerrado.

— *Cristo*, que idiotas! Lidar com vocês é como cuidar de crianças mimadas do caralho. Se vocês dois não pararem com isso, eu farei isso por vocês. Entenderam?

— Sim. — Giovanni continuou olhando Leo do outro lado da mesa.

— Sim, o quê?

— Sim, chefe — Giovanni corrigiu, dando um olhar de desculpas ao irmão mais velho.

— Leo? — Dante exigiu.

— Tudo bem, chefe.

— Não vou fazer essa merda de novo no mês que vem. Estou falando sério. Está dando vergonha essas brigas de vocês dois. Não é assim que homens agem em relação uns aos outros. Parem com isso, e rápido.

Cat inspecionou a cena inteira em silêncio, percebendo rapidamente que havia mais coisas aqui do que dava para ver. Ela estava curiosa, mas não o suficiente para perguntar a Dante o que havia acontecido entre os homens. Não era um bom momento.

— Vamos tentar de novo — Dante murmurou, apontando para Cat. — Ela vai explicar por que ela foi capaz de entrar em suas ruas tão facilmente. E também acho que vocês se beneficiariam em saber como o produto dela superou o de vocês com quase nenhum esforço da parte dela.

Ignorando os grunhidos desinteressados dos homens, Cat bateu o salto de seus sapatos na perna da mesa para conseguir atenção. Cruzando as pernas e se deslocando para endireitar as costas, ela suspirou.

— Não tem nada e tudo a ver com os seus capos — disse Cat calmamente. — Eu sei que isso deve ser confuso para pessoas como vocês, já que todos acreditam que essa é a única coisa em que vocês são bons, o que talvez seja verdade. Quem sou eu para dizer? O problema é que pessoas como eu são um pouco melhores. — Cat mostrou os dentes, sorrindo maliciosamente. — Foi culpa de alguém eu acabar sendo capaz de oferecer o mesmo produto, com melhor qualidade por um preço menor? Absolutamente não. Foi apenas uma das razões pelas quais fomos capazes de inserir o pó com força e colocá-lo nas mãos dos usuários até que o de vocês fosse empurrado para escanteio. Eu escolhi três homens da minha equipe principal, dei a eles acesso ao produto e às ruas, e os deixei se virar.

— Essa não foi a parte fácil — continuou Cat. — A parte mais fácil foi mexer com os seus... como vocês os chamam, Dante? Soldados, é isso?

— Sim, *soldati* — confirmou Dante.

Cat se virou para os homens, encolhendo os ombros.

— Soldados. Olha, a maioria daqueles bandidos que vocês estão lidando está lá fora alimentando o próprio vício ao mesmo tempo que tentam fazer com que seus rostos fiquem conhecidos por seus chefes. E o vício traz desespero. No momento em que eles perceberam que ainda poderiam vender, mesmo que não estivessem vendendo tão bem, e ganhar dinheiro suficiente para alimentar o vício com um produto mais barato, era exatamente o que estavam fazendo. Aposto que foi terrivelmente difícil extrair informações deles sobre quem estava invadindo o território de vocês, não foi?

Ninguém respondeu. Cat não precisava.

— Alguns provavelmente até mentiram, mas eu não ficaria surpresa.

Inevitavelmente, seus clientes começaram a migrar para os meus homens também. Não demorou muito para que pudéssemos chamar a atenção de vocês, que era exatamente o objetivo da coisa toda. Minha sugestão para todos é que comecem a encontrar os elos fracos de suas ruas. Encontre pessoas que gostem do jogo, dinheiro é o que essas pessoas querem, não a droga. Não será tão difícil quando isso acontecer. Depois de fazer isso, vocês retomarão o controle.

— Nossas ruas sempre foram bem administradas — afirmou um homem sentado ao lado de Giovanni, a irritação visível em suas feições.

— Até alguém como eu entrar nelas — respondeu Cat. — Fui simplesmente a primeira.

— Ela não será a última — acrescentou Dante. — Não quero ver esse problema surgir novamente, nem um monte de usuários viciados estragando as regras que criamos e o respeito que conquistamos nas ruas com a bagunça deles. Todo mundo entende isso?

Confirmações silenciosas ecoaram pela sala.

— Há mais uma coisa pela qual trouxe minha linda noiva hoje — Dante informou, levantando-se da mesa. Cat ficou onde estava sentada, contente com seu lugar acima dos homens. Ela geralmente estava nessa posição, de qualquer maneira. — De agora em diante, Cat controla a importação e o fornecimento de pó. Se vocês precisarem de algo nesse sentido, falem com ela ou um de seus homens. Eles têm boas conexões e vocês já viram o que o produto deles pode fazer.

Ninguém respondeu Dante, mas apenas por um breve momento. Recusas fortes e furiosas encheram o clube. Indignados e frustrados com uma mulher ganhando qualquer tipo de poder. Cat não conteve sua diversão nem por um minuto.

Homens, eles eram todos iguais.

Levantando-se da mesa, Cat deu um tapinha no rosto de Dante e uma piscadela.

— Divirta-se, *bello*. Não quero brincar de gritar com homens estúpidos hoje, e você é o chefe deles, não eu. Acho que vou curar minha nova dor de cabeça com uma bebida.

— Pegue uma para mim também.

— Uísque, puro. Eu lembro. — Cat riu. — Certifique-se de que todos estarão como ovelhinhas boas e complacentes quando eu voltar.

Dante sorriu de uma maneira sexy que poderia deixar qualquer mulher molhada. Cat não era exceção.

— Pode deixar comigo — ele murmurou.

• • •

— O que vocês acham? — Cat perguntou às suas futuras cunhadas.

— Ah, eu definitivamente gosto dessa cor creme — disse Jordyn quando Cat apareceu com outra amostra. — Ficaria ótimo nas paredes de Cecelia.

— Eu concordo — Kim respondeu.

Cat suspirou, comparando as cores com os tons terrosos das paredes da cozinha da mansão Marcello. Os tons eram suas escolhas para a decoração do casamento e da recepção. Cat não estava fazendo a organização sozinha, já que Dante tinha contratado seus dois organizadores de eventos, porém ela tinha que aprovar a maioria das coisas.

Precisava ver os tecidos em vários lugares, mas Cecelia Marcello não era outra coisa senão peculiar. Cat tinha aprendido isso nas últimas semanas que passara com a família. A mulher gostava que as coisas, principalmente as dela, fossem iguais. Seus estilos de design refletiam isso.

— Eu gostei — disse Cat finalmente. — Eu vou verificar a sala também, mas eu acho que já está decidido.

— Aqui, prove isso. — Virando-se, Jordyn ofereceu um pequeno prato de comida para Cat. — Escolha quais você gosta e vamos colocar no menu. Kim está terminando de selecionar a sobremesa.

— Obrigada. — Cat aceitou a oferta.

Sentando-se à mesa do outro lado da sala, Cat voltou aos trabalhos, experimentando os diferentes pratos que as garotas haviam preparado. A recepção que ela e Dante planejavam não era seria um grande acontecimento, mas haveria uma quantidade decente de pessoas. Eles mereciam ser alimentados e bem.

— Sexy ou sem graça para o seu vestido? — Kim perguntou, jogando uma piscadela por cima do ombro para Cat.

Cat riu junto com Jordyn ao ver o olhar malicioso de Kim.

— Com o que vocês duas se casaram?

— Nosso casamento foi na frente de toda a congregação em uma manhã de domingo e o Padre Peter deixou claro que eu deveria me vestir apropriadamente — disse Jordyn. — Lucian agia como se não se importasse, mas acho que ele não queria pressionar ninguém. Idiota, é isso que ele é.

— Vou usar o que me agrada. — Cat bufou com desdém. — A igreja é muito rigorosa com esse tipo de coisa, de qualquer maneira.

— E mesmo assim, nós ainda vamos... — Kim murmurou. — Eu não tive um vestido de noiva. Eu usei jeans e a jaqueta dele. Nós fugimos.

— Oh — disse Cat, afundando-se em sua cadeira. — Eu não sabia disso.

— Foi legal para nós; perfeito, na verdade. — Kim encolheu os ombros. — Giovanni não gosta de pessoas se metendo.

— Não foi por isso que vocês dois se casaram em uma cerimônia em

Las Vegas. — Jordyn cutucou a cunhada.

Cat sabia um pouco sobre a história.

— Você deveria ter se casado com outra pessoa, não é?

— Sim, mas Giovanni apareceu e eu não consegui aceitar a ideia daquele casamento. — Kim se virou para encarar Cat, sorrindo tristemente.
— Não que eu quisesse. Eu estou dando a versão curta, mas é só porque é mais fácil do que explicar toda a história.

— Eu não me importo com um pouco de sordidez. — Cat sorriu.

— Você vai se acostumar. — Jordyn riu.

— Eu tento. — Cat mostrou a tatuagem de Rainha, fazendo as garotas rirem novamente. Algo sobre sua profissão divertia as duas mulheres. Tudo o que Cat entendia era que elas achavam que ela parecia ser muito inocente e bonita para ser traficante de drogas. Depois que se acalmaram, Cat disse: — Sério, me diga o porquê de a cerimônia acontecer em Las Vegas.

Kim ficou sóbria, lançando um olhar sério a Jordyn, que simplesmente encolheu os ombros em resposta.

— Tudo bem — disse Kim. — Eu estava envolvida com Gio enquanto estava noiva de outro homem.

— E eles descobriram?

— Sim. Só não falamos muito sobre isso. Gio teve que ouvir muito dos outros capos, eu acho. Ele ignorou, mas...

— Você sabe que isso o incomoda — completou Cat.

— Mais ou menos.

O sarcasmo que ela testemunhara há duas semanas na reunião entre Giovanni e seus companheiros fazia muito mais sentido. Seu respeito havia sofrido um impacto. Cat simpatizou por Giovanni, mas ela não entendia a situação dele, pois nunca passado por algo semelhante.

— Reputação é tudo para homens como eles, Kim. Ele vai se

recuperar, eventualmente.

— Espero que sim, — Kim respondeu baixinho.

Observar duas garotas folheando uma revista de noivas e conversar sobre os diferentes vestidos era esclarecedor para Cat. Principalmente porque ela não se encaixava bem com as duas, mas se via estranhamente atraída por elas, como se talvez pudessem ser amigas.

Inferno! Talvez elas já fossem.

Bem, Cat supôs que se ela fosse ser educada com qualquer mulher, gostaria de ser com o bando dos Marcello. Elas tinham que ter algum tipo de resistência para se casar com esses homens. Jordyn e Kim também se davam bem. Cat as respeitava mais do que poderiam entender.

— Posso interromper?

A voz de Cecelia Marcello deixou Cat instantaneamente inquieta. As duas tiveram pouca interação além de irem a algumas missas na igreja e nos jantares que se seguiram. Cecelia cumprira sua promessa de conversar com o Padre Peter, algo que Dante havia contado para Cat. Na verdade, Cat ficou chocada quando a mulher ofereceu sua casa para a recepção do casamento sabendo como ela desaprovava descaradamente Cat.

— Claro — disse Cat, acenando para a comida na frente dela. — Nós estávamos terminando de selecionar as comidas e as palhetas de cores.

— Eu gostei desse creme puxando para o rosa. — Cecelia deu uma olhada nos tecidos sobre a mesa.

— Catrina também — acrescentou Jordyn.

— Sim, ela parece ter bom gosto — disse Cecelia, sem rodeios.

Cat tomou isso como um elogio, mesmo que tivesse sido falado como se ela nem estivesse no lugar. Independentemente do quanto a incomodasse o fato de Cecelia não gostar muito dela, Cat ofereceu à mulher o respeito que ela merecia.

— Eu queria perguntar se alguém sabe o que os meninos vão fazer para o aniversário deles — disse Cecelia. — Lucian e Dante costumam fazer algo juntos, mas ninguém mencionou nada para mim.

Dante não queria uma festa. Cat decidiu fingir desconhecimento.

— Dante não mencionou nada para mim.

— Jordyn? — perguntou Cecelia, voltando-se para a nora. — E Lucian?

— Lucian disse que tem muita coisa acontecendo e tem o casamento e...

— Não quero saber — Cecelia interrompeu suavemente. — Sempre comemorei o aniversário deles de alguma forma.

Cat se encolheu internamente. Apesar de entender por que Dante não queria fazer uma festa ou qualquer outra coisa, Cat não daria mais munição à mãe dele para odiá-la.

— Dê-me cinco minutos — disse Cat, em pé.

Cecelia acenou com a cabeça, mas sua boca ficou fechada.

Cat já estava discando o número do celular de Dante enquanto saía da cozinha. No momento em que ela chegou a uma área mais privada, seu noivo atendeu ao telefonema.

— *Ciao*, Catrina — cumprimentou Dante, sempre cavalheiro.

— Você está ocupado?

— Mais ou menos. Procurando propriedades. Trabalhando, mas do tipo real.

— Meu trabalho é real — disparou Cat.

— Não disse que não era, *Amore*.

Cat suavizou com o uso casual de um apelido. Ele tinha começado a usá-lo de repente e, na primeira vez, a pegou desprevenida. Dante poderia ser um homem doce quando queria. Às vezes, isso deixava sua atração por ele

muito mais difícil de ignorar.

Na verdade, ela mal conseguia ignorá-lo.

— Seu aniversário é daqui a três semanas, certo? — ela perguntou.

— A partir de sábado — respondeu Dante.

— Você está quebrando o coração de sua mãe por não fazer uma festa. Não pode fazer isso, Dante. Faça uma maldita festa para que ela possa comemorar com você como sempre fez.

Dante ficou em silêncio, mas não durou muito tempo.

— Há muita coisa acontecendo agora.

— Quantos clubes Giovanni possui?

— Alguns.

— Certamente ele pode abrir um para a festa. Eu organizarei tudo; passe-me o endereço quando você souber em qual clube será. Convide pessoas, ou sei lá o que vocês fazem. *Dio*, você deveria deixar essa mulher feliz, especialmente agora.

— Eu não queria uma festa, Cat.

— Fazer o que — respondeu Cat. — Sua mãe quer.

• • •

— Catrina Danzi.

Cat se virou para a voz masculina desconhecida, encontrando um homem da idade dela com cabelos escuros e olhos castanhos. Um sorriso parecia estar puxando o canto de sua boca enquanto ele a olhava de cima a baixo, seu olhar permanecendo por muito tempo em seus seios.

Um arrepio percorreu sua espinha e não de um jeito bom.

— Não sei o seu nome — disse Cat, recusando-se a deixar um homem fazê-la se sentir desconfortável. — Nunca esqueço um nome, muito menos o

de um homem que já fez negócios comigo. O que posso fazer por você?

— Disseram que era você, mas eu não tinha certeza. — O homem sorriu. — A festa de aniversário de Dante parecia um lugar seguro para ver se os rumores eram verdadeiros. Aparentemente, são. Se eu não tivesse visto você com meus próprios olhos, não teria acreditado. Uma Chefinha, imagine isso.

— Chefinha? Isso é ofensivo. — Cat se eriçou.

— Me desculpe. Eu também ouvi que você era irritadinha. — Suas mãos voaram no ar.

— Quem é você? — Cat estava farta do joguinho deste homem.

— Matteo Calabrese, mas a maioria das pessoas me chama de Matty.

Uma família de Nova York. O filho do líder deles, na verdade. Cat reconheceu seu nome ao discutir sobre os territórios com seus homens antes de entrar nas ruas de Dante.

Bem... *merda*.

Cat retraiu suas garras, apesar da vibração assustadora que o cara exalava. Ela não podia envergonhar seu futuro marido em sua festa de aniversário, desfigurando um novo idiota... Matty.

— Posso comprar uma bebida para você, *bellissima*? — Matty se aproximou de Cat no bar, puxando um banquinho.

— Sugiro que você não me chame de apelidos — alertou Cat. — Dante não vai gostar se ouvir, e sinceramente, não gosto de ser tratada como se me chamar de bonita me fizesse derreter toda. Não vai, mas vai te dar uma bola a menos entre as pernas.

Matty uivou como se ela estivesse brincando com ele.

Cat queria estar.

— Irritadinha. Uma bebida? — ele perguntou novamente.

Aparentemente, ela já havia tomado meia dúzia e podia sentir os

efeitos dos martinis de maçã. Ela provavelmente deveria ter parado no segundo, mas eles eram sua fraqueza em um clube quando não estava trabalhando.

— Não, obrigada.

Matty se inclinou em seu assento, perto o suficiente para Cat sentir a respiração dele em sua bochecha.

— O que ele te prometeu para levá-la para a cama dele, *hmm?*

— Como é...

— Matty, quanto tempo.

Calabrese não perdeu tempo em se afastar de Cat com a saudação pesada de Dante. Houve uma acidez por trás de seu tom. Definitivamente, um aviso. Cat encontrou o olhar intenso de Dante apenas tempo suficiente para saber que ele estava chateado.

Sem qualquer aviso, Dante se inclinou para Cat, colocando as duas mãos no balcão ao lado dela. O cheiro de uísque e charuto se misturava com o aroma de sua colônia. O sangue de Cat aqueceu apenas pela proximidade de Dante, o ar travando em seus pulmões. Quanto mais perto ele chegava de Cat, mais imóvel ela ficava. O nariz dele roçou a bochecha dela, enquanto a boca dele lambia sua orelha.

Arrepios se arrastaram ao longo da pele dela enquanto respirava tremulamente. Não havia um homem que despertasse o desejo de Cat como Dante Marcello fazia há muito tempo. Ela não fazia ideia de como deveria ignorar a luxúria que queimava fortemente por ele. Às vezes isso ficava adormecido, especialmente quando Dante era teimoso e difícil. Outras vezes, como agora ou quando ela menos esperava, batia nela como um tsunami de necessidade.

Maldição, ela escolheu o homem errado para colocar uma regra física e casar ao mesmo tempo. Cat deveria saber que isso ia acontecer desde o

primeiro momento em que conheceu Dante — seus truques não o perturbaram e ele a desafiou descaradamente.

Os homens *nunca* desafiavam Cat quando a conheciam.

Dante, sim.

O que diabos ele estava fazendo?

O que havia de errado com ela?

— Entre no jogo, *bella* — sussurrou Dante. — Quero deixar a minha posição com você clara para que ele não volte a falar com o pai dele que minha esposa é simplesmente uma noiva contratada. Isso pode fazer com que o meu casamento pareça uma fachada para a Comissão. Não quero essa suposição rondando por aí.

Cat acenou imperceptivelmente, engolindo em seco a sensação dos lábios dele em sua orelha.

Não houve tempo para Cat reagir antes que a boca de Dante estivesse na dela. O beijo era tudo menos doce e certamente nada gentil; Cat não se importou. Seus olhos se arregalaram com o gosto do uísque explodindo quando a língua de Dante encontrou a dela. Os dentes dele arranharam seu lábio inferior, acabando com o pouco de controle que ela cuidadosamente construiu. A barba por fazer picou seus lábios e queixo.

Cat não conseguia respirar e não tinha certeza de quanto tempo eles se beijaram. Tempo suficiente para os dedos dela se enfiarem em sua camisa e puxá-lo para mais perto; para que as mãos dele saíssem do balcão e encontrassem a cintura dela, segurando firme; e tempo suficiente para Cat esquecer que a única razão pela qual ele a estava beijando era por causa do homem sentado ao lado deles.

Esse sentimento só durou até Matty pigarrear alto, quebrando o transe em que Cat estava. Finalmente, Dante começou a se afastar, um sorriso arrogante contorcendo seus lábios e a aprovação brilhando em seu olhar. Ele

não soltou Cat quando ele inclinou a cabeça para encarar Matty.

— Feliz aniversário, velho amigo — disse Matty, sorrindo quase sarcasticamente.

— Não sabia que você foi convidado para a festa. — A expressão fria de Dante não mudou.

— Foi um convite aberto, não foi?

— Claro, mas para a família Marcello. — Dante ficou em pé, soltou a cintura de Cat e deu um passo para o lado dela. Ele virou as costas para ela como se para bloqueá-la da visão de Matty. — Onde está sua esposa, Matty?

— Em casa.

— Que pena. Ela poderia ter aproveitado uma noite com o marido. Pois então, se ela tivesse visto você conversando com a minha noiva como estava, aposto que ela não teria ficado satisfeita.

Cat riu. Dante não se incomodou em fazer rodeios. Ela tinha que admitir que gostava disso no cara.

— Eu estava apenas me divertindo, Dante.

— Catrina não se diverte com nenhum outro homem além de mim.

— Não é o que eu ouvi. — Matty riu. — Ela finge muito bem. Essa aí tem uma bela de uma reputa...

Suas palavras foram abafadas com um som alto quando ele foi derrubado de sua banqueta. Cat nem tinha visto a mão de Dante voar para acertar o homem até que seu braço estava baixando. Matty conseguiu manter o equilíbrio o suficiente para não cair no chão. O que foi lamentável. Cat teria gostado de vê-lo beijar o chão abaixo dos sapatos de couro de Dante.

Dante pegou a banqueta do homem sem dizer uma palavra, sorria com escárnio suficiente para zombar do homem abaixo dele. Matty se endireitou e ajeitou a calça.

— Você deveria desejar um feliz aniversário a Lucian, Matty. Ele

gostaria disso. E minha futura esposa adoraria que você se afastasse dela. Diga ao seu pai que eu mandei um oi.

Com outro olhar furioso lançado na direção despreocupada de Dante, o homem foi embora. Dante suspirou, mostrando sua frustração.

— Esse homem está sempre causando algum tipo de problema. Seu pai, Carl, deixa ele e o outro irmão fazerem a porra que eles querem. Não é sempre que aparecem quando não são convidados.

Cat colocou as mãos cerradas no colo, afastando os estranhos efeitos do beijo. Como o fato de suas costas doerem como se ele a tivesse fodido contra uma parede e houvesse o pulsar entre suas coxas, exigindo mais.

— Por que isso? — Cat perguntou, afastando a luxúria em sua voz.

— Porque temos muito mais poder que a família Calabrese em Nova York. Eles sabem disso e, sabiamente, escolheram ser submissos ao nosso controle. — Dante saiu do banquinho, oferecendo sua mão para Cat. — Venha dançar comigo um pouco. Aquele idiota não é o único hoje à noite que está falando besteiras. Podemos fazer um bom espetáculo.

— Dançar?

— Oh, não me diga que você não sabe dançar, *Amore*.

— Sei — disse Cat. Ela não sabia se era uma boa ideia agora. — Você sabe?

— Que rude. — Dante bufou. — Vamos, Cat.

Cat pegou a mão dele e deixou que a puxasse da banquetta.

Dante sabia dançar muito bem, na verdade. Ele gostava de liderar e ela não se importava em permitir. Cat não deveria ter ficado tão surpresa por ele mover o corpo em perfeita harmonia. O homem parecia ser muito bom em tudo o que fazia, então por que não nisso também? Com o traseiro apertado contra a virilha dele, os quadris balançando ao ritmo acelerado da música, as mãos dele percorreram suas curvas com um toque carinhoso.

A sensação que as mãos dele deixaram para trás, no entanto, era tudo menos carinhosa. A pele de Cat queimava, o desejo acendendo um fogo perverso. Ela ainda podia sentir o gosto de seu beijo e sentir como se seus lábios estivessem pressionados contra sua boca.

Ela estava entrando em território perigoso.

A voz de Dante em seu ouvido quando os lábios dele beijaram sua mandíbula suavemente quebraram seus pensamentos.

— Obrigado pela atuação de antes. E por isso, suponho.

Cat assentiu em resposta, mas precisava se afastar dele. Para pensar, talvez respirar. Ela não tinha certeza de nada. Mesmo que cada centímetro de seu corpo estivesse gritando para ela ficar, ela *não* podia. Afeiçoar-se a esse homem, mesmo fisicamente, seria ruim para os dois.

Isso só iria machucá-lo.

De alguma forma, Dante parecia sentir sua guerra interior. Ele se afastou dela, girando-a para que ela pudesse encará-lo. A sobrancelha escura dele se ergueu, esperando que ela falasse ou explicasse por que havia ficado tão dura em seus braços. Ou era o que Cat suspeitava que ele estivesse pensando.

— É melhor eu ir — Cat disse calmamente, suas palavras desaparecendo na música alta. — Eu preciso...

— Não crie desculpas — interrompeu Dante com firmeza. — Eu entendi. Nós fizemos um acordo, então vamos mantê-lo. Vejo você na missa no domingo, Catrina.

Cat estava agradecida por sua franqueza mais uma vez.

— Domingo.

Não demorou muito para que Cat saísse do clube. O ar fresco e frio do estacionamento entrou em seus pulmões. Ela rapidamente encontrou seu carro, entrou e sentou-se no banco do motorista no momento em que a porta

se fechou e lhe ofereceu privacidade.

Estar sozinha não ajudou acalmar a tempestade em seu corpo. A dor ainda estava presente; o desejo acelerou seu coração. Pressionando as coxas, ela tentou afastar o impulso de sentir algo ali para cessar o pulsar. Isso não ajudou. Seu sexo estava apertando, precisando de pressão enquanto seu clitóris pulsava.

Antes que Cat entendesse o que estava fazendo, sua mão estava entre as pernas, mergulhando sob a calcinha de renda branca para encontrar o alívio que desejava. No momento em que as pontas de seus dedos entraram em contato com suas dobras sensíveis, Cat pressionou contra o assento, o ar saindo de seus pulmões dolorosamente forte.

Ela deslizou os dedos para baixo, abrindo os lábios de seu sexo e encontrando-o molhado. Com a base da palma da mão pressionando o clitóris com força, Cat mergulhou dois dedos em sua boceta. As paredes de seu sexo abraçaram seus dedos, mais uma prova de que queria provocá-la. Não foi suficiente, nem perto, mas a rapidez de seus dedos fodendo sua própria boceta ofereceu um pouco de alívio para que ela respirasse novamente.

O auge não veio, não como ela queria. Certamente não tão rápido quanto ela precisava. Adicionar um terceiro dedo não ajudou. Torcer os dedos para estimular o ponto G só fez a umidade dela jorrar, mas não a fez se aproximar do orgasmo.

Cat choramingou, batendo as costas no assento, desesperadamente querendo gozar para fazer o desejo desaparecer. Sua mão empurrou o volante buscando apoio que ela nem precisava. Um grito alto saiu de seus lábios trêmulos. Cristo, ela estava tão perto. Tão perto. Foi só quando ela pensou na boca de Dante na dela, imaginou que eram seus dedos acariciando dentro de seu sexo que sua mente e seus nervos finalmente sucumbiram à felicidade inevitável.

Minutos se passaram enquanto Cat se acalmava, retirando a mão trêmula de entre as pernas e ajeitando o vestido. Ela não tinha certeza de quanto tempo esteve sentada assim, mas não estava muito preocupada se alguém a viu perder o controle, considerando que as janelas em seu novo carro — um presente de seu futuro marido — eram tão escuras que chegavam a ser ilegais.

Uma batida na janela do passageiro fez Cat pular, um grito de surpresa saindo de sua garganta. Ligando o carro, ela abaixou a janela. A forma familiar de Gaetano apareceu quando ele descansou os braços na janela e se inclinou no carro.

Sem dúvida, Cat sabia que Gaetano podia sentir o cheiro de sua excitação fluando pelo carro, mas ele não disse nada. Ele não faria — não sendo quem era. O homem não julgava e Cat o adorava por isso.

— Pao e eu vamos pegar o voo amanhã de manhã para resolver as coisas com a clientela em Los Angeles por um tempo. Você vai ficar bem aqui sem nós?

— É sério que você está me perguntando isso, Gae?

— É preciso, se você está deixando um homem mexer com sua cabeça, Cat.

— Ele não está mexendo com a minha cabeça — ela latiu.

— É mesmo? Aquele foi um show e tanto, *regina* — disse Gaetano.

— E você está parecendo muito excitada e incomodada agora.

— Não comece.

— Você gosta dele.

— Gosto. — Cat molhou os lábios.

— Bem, lembre-se de para quem você está fazendo isso em primeiro lugar, Rainha. Você não pode deixar seu coração estragar o que sua cabeça já sabe.

— Estou ciente.

— Acredito que sim. Suponho que não te verei de novo por alguns meses depois do casamento, não é? — perguntou Gaetano, rindo.

— Algo assim.

— Mais três semanas e você será uma mulher casada. Nunca pensei que veria esse dia.

— Tecnicamente, você não vai.

— Verdade. Acho que me daria um maldito ataque cardíaco.

— Chame um táxi para mim, Gae. — Cat suspirou, desligando o carro.

— Por quê?

— Estou um pouco bêbada.

Capítulo Seis

— Você não precisa fazer isso — disse Lucian, mantendo a voz baixa para que o resto da família do outro lado da sala não pudesse ouvir.

— Não? — Dante encolheu os ombros, ajeitando a gravata cor de creme no espelho.

— Ok, deixe-me reformular isso. Você não deveria se casar com uma mulher que não ama apenas por causa da Cosa Nostra, Dante.

— Você está ficando muito molenga desde que se casou com Jordyn, irmão.

— Não estou. Eu ainda poderia te dar um chute na bunda se eu quisesse. Simplesmente não aceito esse absurdo. — O canto da boca de Lucian se curvou em um sorriso perverso. — Bela tentativa. Mudar de assunto não funciona comigo.

— Nós dois sabemos que tenho de fazer isso — murmurou Dante, encontrando o olhar de seu irmão no reflexo do espelho.

— E se...

— E se o quê?

— E se eu substituir você na Comissão? Até você estar pronto, completamente pronto.

— Se você quer dizer até encontrar uma mulher que eu ame, isso provavelmente nunca vai acontecer. O amor torna as coisas complicadas e isso é algo que não preciso agora. Além disso, você não quer ser Don, Lucian. Como você estar no meu lugar seria diferente de me casar com Catrina para garantir minha posição na *la famiglia*?

Lucian não respondeu e Dante se perguntou se a opinião de seu irmão mais velho mudara em ser o líder de sua família criminosa. Se tivesse, isso só traria problemas para os dois. Os sangrentos. Ninguém queria esse problema.

— Lucian, eu fiz uma pergunta. Eu gostaria de uma resposta.

— Não é, você está certo.

— Todo mundo, menos papai, fica me dizendo que eu não tenho que fazer isso — disse Dante, suspirando, puxou o paletó e abotoou os botões.

— Porque não queremos que você seja infeliz — respondeu Lucian.

— Estou ciente. Meu problema é que você também está assumindo que eu não quero.

— Você quer se casar? — Lucian ficou rígido.

— Eu quero ser Don. E preciso me casar para conseguir isso. Então encontrei uma mulher que tem um objetivo semelhante ao meu, que pode ser útil para mim sem me causar muitos problemas, e não precisa de nada emocional de mim para mantê-la feliz. Além disso, ela me faz querer matá-la e transar com ela ao mesmo tempo. É divertido, na verdade.

— Meu Deus — Lucian resmungou baixinho.

— Mas não somos assim — Dante acrescentou, encolhendo os ombros como se não fizesse diferença. Por dentro, ele sabia que era mentira. Ignorar o quanto se sentia atraído por Catrina se tornara quase impossível, mas ele conseguia. — Sim, quero casar com Catrina. Ela é a melhor opção para minha situação e meus requisitos. E eu sou o melhor para os dela.

— Está bem então. — Lucian piscou, sua surpresa pairando sobre seu olhar.

— Ótimo. Estou feliz por termos esclarecido isso. — Dante olhou por cima do ombro, olhando para o resto de sua família, menos as esposas de Gio e Lucian, esperando para ir à igreja. — Vamos me casar.

• • •

Dante ficou surpreso com o tamanho da igreja quando não estava

cheia até as portas com os paroquianos. Das muitas fileiras de bancos, apenas as primeiras de ambos os lados do corredor estavam cheias de convidados para o pequeno casamento.

O casamento de Lucian fora enorme. Giovanni não teve cerimônia e se recusou a deixar sua mãe fazer uma festa de comemoração depois. A cerimônia de Dante e Catrina seria pequena, nada muito espalhafatoso. Um jantar para a família e os amigos próximos na casa dos Marcello estava planejado para mais tarde.

Naturalmente, não significava que nada fora feito na igreja para que parecesse que um casamento estivesse sendo realizado em uma terça-feira tranquila. Um longo tapete de cetim branco cobria o chão do corredor. Tules de cor creme puxado para o rosa estavam ligados entre cada banco, unidos com laços de seda amarrados em torno das hastes com arranjos de rosas. Pétalas se espalhavam pelo chão até o altar onde Dante estava esperando com as mãos entrelaçadas nas costas. A luz do fim da manhã entrava pelos vitrais, banhando a igreja com cores suaves.

Ninguém estava ao lado de Dante no altar. Suas testemunhas se levantariam quando necessário, mas elas realmente não precisavam ou queriam. Dante não se importava. Ele e Catrina eram adultos dando o próximo passo da vida juntos —tornando-se um.

Era o casamento deles, afinal de contas. Melhor fazer o que eles queriam.

Catrina queria entrar sozinha pelo corredor. Dante queria ficar sozinho.

Quando a música mudou, Dante olhou para o corredor enquanto os convidados se levantavam de seus assentos. As testemunhas, Lucian e Jordyn, que assinariam os documentos, já tinham entrado e se sentado no banco da frente junto com o resto da família Marcello. Um sorriso dividiu os

lábios de Dante ao encontrar o olhar de Catrina no outro lado da igreja.

Catrina estava linda. Claro que ela estava.

Não eram seus traços estonteantes ou sorriso carismático recatado escondido sob o véu que o surpreendia. Não, era a cor do vestido dela. Um rosa claro quase creme, muito parecido com a cor de seu colete, gravata, sedas e tules que decoravam a igreja. Um laço envolvia o corpete de seu vestido apertado em sua figura delicada e tonificada, exibindo perfeitamente sua silhueta em forma de ampulheta. A gola escondia o busto de forma modesta. O vestido era justo em seu corpo até logo abaixo de suas coxas, onde as rendas começavam a se abrir até encontrar o chão em uma linha suave.

Catrina tinha sido incisiva sobre certos aspectos de seu casamento. Dante decidiu recuar e deixá-la fazer o que diabos ela queria. Mesmo assim, desde a primeira vez em que se sentaram e discutiram suas preferências pelo casamento, ela tinha sido tão reservada sobre seu vestido.

Dante tinha achado a atitude ridícula. Só um pouco, porque não eram exatamente um casal tradicional. E apesar do fato de estarem trocando votos em uma igreja católica, a cerimônia seria muito mais curta do que uma cerimônia católica completa. Mas aquele vestido... aquele maldito vestido, Catrina manteve tudo o que podia o mais discreto possível.

Má sorte, ele se lembrou dela dizendo a ele.

Dante revirou os olhos, deixou-a se divertir sem forçar.

Agora ele estava feliz por ela ter sido tão reservada quanto foi. Nada sobre eles ou este dia era real — não em um sentido emocional. Ele não tinha acordado ansioso naquela manhã. Parecia qualquer outra terça-feira com um evento extra, o qual ele precisava que fosse feito antes que pudesse se preocupar com as coisas mais importantes.

Era só... isso.

Simplificando, o vestido de Catrina era impressionante. Ela parecia absolutamente linda nele. A visão da renda creme rosada, o véu adornado com pérolas e o sorriso por baixo deles pareciam verdadeiros. A gratidão dançou lado a lado de seu breve momento de prazer.

Dante adorou a única coisa que ela conseguiu dar a ele sem nem mesmo saber. Quanto mais perto Catrina ficava, mais o sorriso dele aumentava. Ele não pensou nas pessoas que o observavam dos bancos. Seus pensamentos e opiniões sobre o casamento não fariam diferença no final.

Padre Peter, que estava a apenas trinta centímetros de Dante com a bíblia na mão, riu. Muito calmamente, o Padre disse:

— Ela é uma linda noiva, Dante.

— Ela é. — Dante assentiu quase sutilmente, mantendo o olhar fixo em Catrina o tempo todo.

E mesmo Catrina não sendo realmente dele, ela ainda seria de certo modo. Se nada mais marcasse o dia, essa seria uma coisa que Dante lembraria. Confidencialmente, claro, mas ele se lembraria disso.

Quando Catrina parou no altar, ela lhe lançou um sorriso brilhante e uma piscadela. Mesmo na igreja, a garota era um problema. Mas com essa simples ação, ela tirou toda a tensão ainda persistente em sua coluna reta. Ela selaria seu destino, seu assento dentro de sua família, e ele estava muito agradecido por isso. Dante não pensou nem por um minuto que o acordo seria fácil, mas decidiu estar aberto à amizade de Catrina.

Mesmo vindo com garras.

Dante desceu os degraus do altar para ficar ao lado de Catrina e encarar o Padre. Seus olhos foram para a parte de trás do vestido e sua boca ficou seca. Apesar de a cor e o estilo serem mais do que apropriados para uma cerimônia católica, o decote nas costas mergulhava quase até o começo da bunda dela.

E, puta que pariu, era sexy como pecado.

Dante quis que o súbito desejo disparando pela sua corrente sanguínea fosse embora. Ele não precisava dessa merda agora. Não na igreja.

Padre Peter apresentou o casal para os convidados. Havia pouca flexibilidade em uma cerimônia católica em certos aspectos, especialmente na área da tradição e do rito do casamento.

— Dante, quem te apresenta para esta união? — perguntou o Padre Peter.

— Eu me apresento a essa união livremente.

— Quem te apresenta hoje, criança? — perguntou Padre Peter a Catrina.

— Eu me apresento.

— E você entra nesta união livre em mente e puro em seu coração para amarrar sua alma a deste homem?

— Certamente livre em mente, Padre. — Catrina sorriu perversamente sob o véu.

Uma risada silenciosa murmurou entre a pequena multidão de convidados ainda em pé.

Padre Peter estalou a língua, mas Dante percebeu o humor quando o Padre disse:

— Tenho que perguntar de novo, Catrina?

— Eu venho de bom grado para esta união, Padre.

— E, Dante, você entra nesta união livre em sua mente e puro em seu coração, aberto a amarrar sua alma a desta mulher?

— Eu venho de bom grado — respondeu Dante.

Padre Peter sorriu.

— Vocês estão aqui juntos, fazendo um ao outro a promessa de fidelidade ao longo da vida e lealdade ao seu casamento?

— Sim — disseram Catrina e Dante juntos.

Dante molhou os lábios, esperando pela última pergunta antes que eles pudessem começar a cerimônia, que só tinha sido incluída porque precisava, não porque ele queria. O Padre sabia das razões de Dante ao incluir a pergunta inútil para o casal, o que tornava isso um pouco mais fácil.

O sorriso do Padre Peter desapareceu um pouco quando ele perguntou:

— Juntos, como uma unidade em seu casamento, vocês estão abertos a filhos?

— Sim — responderam em voz baixa.

— Certo, então vamos começar.

Kim se afastou do lado de Giovanni na fila da frente para pegar o pequeno buquê de rosas brancas da mão estendida de Catrina.

Uma vez que Kim estava de volta junto ao marido e ao resto da família Marcello, Catrina e Dante subiram os degraus que levavam a parte mais alta do altar. Quando Catrina se virou para Dante, ela estendeu as mãos para ele, que as pegou sem hesitar antes que o Padre Peter pedisse. Dante considerou isso uma demonstração de sua disposição em se casar, então ele fez o que tinha que fazer.

Duas cadeiras foram colocadas atrás de Dante e Catrina para que pudessem participar com o resto dos convidados durante a cerimônia. Eles ficavam de pé, se ajoelhavam, rezavam, liam e agiam como todos os demais.

Padre Peter começou a falar com o tom alto e claro de costume, abençoando tanto o casal quanto os convidados. Quando ele terminou a bênção inicial, Catrina soltou as mãos de Dante ao mesmo tempo em que ele soltou a dela. Ambos fizeram os movimentos da cruz junto com o Padre e com os convidados antes de serem convidados a sentar.

Catrina e Dante haviam renunciado à opção de oradores individuais

lerem orações e Evangelhos de sua escolha, e em vez disso, escolheram que o Padre fizesse as leituras.

Dante inclinou a cabeça apenas o suficiente para olhar nos olhos de Catrina. Seu sorriso não tinha desaparecido debaixo do véu, mas não era tão provocante quanto antes. Agora, ela parecia observar com um pouco mais de intensidade enquanto o Padre lia o texto que foi selecionado e falava do sábio que construiu sua casa na rocha.

O tempo passou mais rápido do que Dante pensou que passaria. Era estranho como seu casamento parecia normal e não o arranjo que era. Ele sabia que era porque o casamento sempre foi o próximo passo que ele se recusava a aceitar. Mas agora que ele estava fazendo isso, um peso invisível foi tirado de seus ombros.

Depois de hoje, nada poderia impedir Dante de ser o Don.

A cerimônia progrediu com o casal ajoelhado mediante as orientações, recitando as orações e a união de seus corações mais vezes do que Dante conseguiu contar. Quando eles se levantaram pela última vez, o último Evangelho foi lido, e o Padre Peter juntou a mão direita de Catrina com a de Dante mais uma vez.

Dante ficou de frente para a mulher que em menos de dois minutos se tornaria sua esposa. Ele manteve o olhar fixo em Catrina enquanto repetia os votos que o Padre recitava.

Afeto, amizade e comprometimento.

Deus e honra. Lealdade, estima e confiança.

As palavras saíram fáceis para Dante quando ele também recitou os votos.

Foi somente durante a bênção final, depois que os votos foram proferidos, que Dante titubeou em seus pensamentos. Ele sabia que essa hora chegaria. Merda, era uma das partes mais importantes da cerimônia para a

maioria dos casais, mas ele e Catrina não tinham compartilhado qualquer tipo de intimidade, exceto por aquele showzinho na primeira vez que se encontraram e aquele beijo no aniversário dele.

— Pode beijar a noiva, Dante — disse Padre Peter.

O olhar de Dante foi para o sorriso de Catrina que apareceu de repente sob o véu. Sua sensualidade estava de volta em um piscar de olhos, provocando-o. Catrina era boa em fazê-lo comer na palma de sua mão. Nada seria entediante ao lado dela. Ela gostava de surpreender.

— Beije sua noiva, Dante — ela murmurou, silenciosamente.

Era hora de surpreendê-la pela primeira vez, ele decidiu.

Ela entrou no jogo o dia inteiro sem desapontá-lo. Incomum para Catrina, para dizer o mínimo. Ele estava contente por ela ter deixado o dia acontecer sem problemas para os dois.

Catrina se aproximou de Dante quando ele segurou seu véu. Ele passou o tecido sobre a cabeça dela, segurou sua mandíbula com firmeza e a beijou com força. Os olhos de Catrina se arregalaram, seus dedos envolvendo os pulsos dele.

Ela não tentou se afastar do beijo, no entanto. Em vez disso, Dante sentiu os lábios dela se contorcerem em um sorriso antes de se separarem apenas o suficiente para deixar a língua dele penetrar no calor da boca dela. Ela o beijou de volta quando os aplausos começaram a ecoar pela igreja.

Quando Dante se afastou de Catrina, mantendo seu olhar fixo no dela, ela ainda segurava seus pulsos firmemente.

Os aplausos continuaram.

Estava feito.

• • •

— Hora de preencher as vagas — disse Antony em voz baixa.

Dante pegou os dois irmãos olhando para ele enquanto tomavam um gole de conhaque.

— Não há vagas para preencher.

Não nos Marcello Cosa Nostra, de qualquer maneira. Todas as vagas importantes estavam preenchidas — inclusive *caporegimes*. Preencher as vagas significava dar a um homem um cargo, transformando-o em um homem feito para *la famiglia*.

— Vai ter — respondeu Antony vagamente.

— Aqui, esta noite? — Dante acenou para os convidados vagando, celebrando o casamento do último irmão Marcello.

— Aqui. — Antony assentiu. — Dez minutos, meu escritório. Avise os homens.

Sem outra palavra, o pai de Dante voltou para a multidão de convidados.

— Você tem que abrir uma vaga para preenchê-la — disse Giovanni à esquerda de Dante.

— Até onde eu sei, não temos ninguém para expulsar — acrescentou Lucian em voz baixa. — Eu saberia se o tivéssemos. E não quero que Cecelia veja a bagunça que pode ser feita se ele está sabendo de algo que eu não estou.

— Talvez ele esteja abrindo uma nova vaga para alguém — sugeriu Dante. — Embora devesse ter falado comigo, já que estou atuando como chefe.

— Não, só tem alguns homens em potencial. — Lucian balançou a cabeça. — As indicações ainda nem foram abertas. Algo está errado.

— Eu odeio quando ele faz coisas assim. — Giovanni suspirou, claramente irritado.

Dante também. Ele era o maldito subchefe de Antony que deveria ter sido informado se alguma mudança fosse acontecer ou vagas estivessem sendo abertas. Em vez disso, seu pai agia como se Dante não tivesse poder nenhum e não tivesse o direito de se meter nos planos dele.

Ele estava ficando de saco cheio disso.

Rapidamente, Dante deu uma olhada nos convidados ao redor. Supôs ter sentido que Antony fizesse algo naquela noite, considerando que todos os homens feitos em sua família tinham sido convidados para o casamento. Sem mencionar, eles vieram comemorar na mansão Marcello também. Na verdade, não importava quando isso aconteceria. Se vagas foram abertas e preenchidas, os homens teriam que aparecer onde mandassem, independentemente do que estava acontecendo naquele momento.

Era uma regra, pela qual eles morreriam por quebrar.

Dante lembrou-se em silêncio que ele também tinha que seguir essas regras da mesma forma que todos os outros. Isso incluía confiar nas escolhas e nos motivos do pai, quer ele soubesse ou não quais eram os planos de Antony.

— Não questionamos um chefe — disse Dante. Ele queria a atenção dos irmãos ao que estava prestes a acontecer. — Fale com os homens que uma vaga precisa ser preenchida. Oito minutos agora. Não deixe Antony esperando.

Lucian e Gio se separaram de Dante, sem ele precisar falar de novo. Dante passou pelos convidados, que apreciavam a comida e as sobremesas, para procurar onde sua nova esposa poderia estar. Ele encontrou Catrina na pista de dança improvisada, girando uma garotinha que Dante reconheceu como sendo a filha de um dos capos de seu pai.

Catrina parecia muito feliz com as mãos da criança nas suas, balançando ao som da música. Era para ser uma noite para ela aproveitar,

mesmo que o casamento deles fosse uma farsa gigantesca, e ele odiava ter de interromper a diversão dela.

Não importava. Não dava para sair despercebido quando Catrina chamou sua atenção. Ela piscou, acenando com a cabeça para ele se aproximar.

— Você já conheceu o Sr. Marcello? — Catrina perguntou à criança quando Dante parou ao lado de sua esposa.

— Não — disse a garotinha.

Ela parecia assustada olhando para Dante, por algum motivo.

— Ah, não tenha medo dele — disse Catrina, acenando para o marido. Ela pegou a menina no colo para que ela pudesse estar na mesma altura de Dante. — Ele é como um gatinho fofo.

Gatinho fofo?

— E ele nem sequer tem garras — acrescentou Catrina baixinho.

Pelo amor de Deus.

— Eu não sou um...

— *Stata Zeet, bello* — disse Catrina, efetivamente mandando ele calar a boca, dando-o um sorriso malicioso. — É a primeira vez que ela vem aqui. Está nervosa porque a casa é enorme e ela não conhece ninguém. Diga olá.

— Olá. — Dante se sentiu mais desconfortável a cada minuto porque a criança parecia assustada com ele.

— Oi! Eu sou Catie. — Um largo sorriso apareceu no rosto da criança.

Dante deveria ter imaginado isso.

— Cat, não vá ensinando a esta criança seus truques só porque ela tem o mesmo nome que o seu. Nem todo gato precisa de garras, *bella*.

— Melhor ainda — brincou Cat. Ela colocou a criança no chão e a conduziu até algumas outras crianças dançando. — Não vi você, Dante.

Precisamos dançar, você sabe.

— Podemos fazer isso daqui a pouco, se você quiser.

Ele não se importava em ceder a Catrina, quaisquer que fossem seus planos.

— É uma festa de casamento. — Ela gesticulou para as pessoas. — Você tem que fazer cumprir as tradições. Pelo menos sua mãe conseguiu convencê-lo a cortar o bolo. Sorria e aguenta firme.

— Daqui a pouco — ele repetiu. — Tenho algo para resolver e preciso desaparecer um pouco. Você vai ficar bem sozinha, ou você precisa que alguém afaste os lobos?

Catrina riu daquele seu jeito. Confiante e fechada ao mesmo tempo. Não era de admirar que ela pudesse encarar um homem com quase nenhum esforço. A mulher aperfeiçoou sua teia.

— Você acha que eu preciso de alguém para afastá-los?

— Não, mas achei que deveria perguntar. Minha mãe se esforçou para conversar com você hoje à noite?

— Sim e foi estranho, como de costume. Não se preocupe. Vá fazer... seus negócios, sim?

— Estamos abrindo uma vaga. Eu não sei de quem.

— Acho que eu deveria... — Catrina franziu os lábios.

— Não assim. Isso nunca seria aceitável — interveio Dante, querendo parar antes que Catrina decidisse.

Deus sabia que quando esta mulher decidia querer alguma coisa, não havia nada que a impedisse.

— Você não me deixou terminar, Dante. Vocês, homens italianos, são todos iguais, sempre precisando falar antes de qualquer outra pessoa. Eu ia dizer que acho que eu deveria lhe desejar boa sorte ou algo assim. Vagas só são abertas quando um lugar fica vazio, correto?

— Sim — confirmou Dante.

— Como eu disse, boa sorte.

Catrina estendeu a mão e apertou a de Dante antes de voltar para as crianças. Era uma ação inocente, mas o deixou petrificado, como se seus pés fossem feitos de cimento.

Uma mão pousou no ombro de Dante, tirando-o de seu torpor.

— Vamos — ele ouviu Lucian dizer atrás dele.

Os dois irmãos chegaram ao terceiro andar, onde ficava o escritório de Antony, em tempo recorde. A maioria dos homens que precisavam estar na sala já estava lá. Dante se sentou de um lado da mesa do pai e Paulie já estava sentado do outro lado. Antony estava na cabeceira, estoico e silencioso, torcendo o anel de sinete em torno de seu dedo.

Lentamente, o resto dos homens entrou na sala, todos com os rostos cheios de confusão e curiosidade, entreolhando-se desconfiados. Ninguém disse uma palavra enquanto se apoiavam contra as paredes e sentavam-se no sofá. O escritório de Antony praticamente encheu até que houvesse pouco espaço para se movimentar.

Dante contou os homens feitos de sua família — trinta e oito incluindo seu pai e seus irmãos, dentre eles dezenove eram capos, os outros eram homens que haviam entrado na família por algum motivo.

— Alguém feche isso. — Antony assentiu para a porta do escritório ainda aberta. — Não há necessidade de incomodar os convidados se isso ficar alto.

— Há algum problema, chefe? — Alguém perguntou do fundo da sala.

— Só se alguém aqui quiser transformar em um — respondeu Antony, parecendo entediado. — Feche a maldita porta.

A porta se fechou com um clique silencioso.

— Três vagas estão sendo abertas esta noite — Antony murmurou, ainda torcendo o anel.

Homens se mexeram, murmurando silenciosamente. Mais uma vez, alguns lançaram olhares desconfiados um para o outro. Nunca era algo bom quando vagas eram abertas. Significava morte porque essa era a única maneira de alguém deixar a Cosa Nostra.

A não ser que...

Os pensamentos de Dante evaporaram quando ele encontrou o olhar de Lucian contra a parede oposta. Seu irmão mais velho era um pilar de compostura e frieza, como costumava ser, mas também havia um pouco de empolgação por trás de seu olhar.

Putá merda.

Dante não estava pronto para isso, estava?

— Três vagas, Chefe? Não sabia que houve um problema para ter que abri-las.

— Não há — disse Antony. — Seria rude manchar de sangue os lindos tapetes da minha esposa. Não, não há problema a menos que alguém queira arrumar um. Alguém quer?

O não confirmatório ecoou dos homens.

— Ótimo — Antony murmurou. Ele se levantou da mesa, puxando o anel de sinete do dedo indicador enquanto se endireitava. A joia foi colocada na mesa com o maior cuidado. — Formalmente, para a nossa Cosa Nostra, deixo o cargo de chefe.

O silêncio encheu a sala como uma névoa invisível.

Antony cruzou os braços sobre o peito, olhando para os homens com um olhar mais suave do que costumava ostentar.

— A Comissão tomará, é claro, a decisão final dentro de alguns meses, mas enquanto meu sucessor for uma figura apropriada para ocupar

meu lugar, não haverá problemas.

Dante não podia mais olhar para o pai. Seu coração pulsava na garganta.

Pelas regras de Cosa Nostra, só havia uma maneira de Dante sair vivo da sala caso fosse indicado para ser o chefe — o que ele sabia que seria — e isso se ninguém mais se opusesse à sua indicação. Tinha que haver uma boa razão para alguém objetar. Questões pessoais, brigas, roubos, uma dívida e assim por diante. Qualquer coisa que pudesse provar que ele era incapaz de liderar. Dante vasculhou as memórias para encontrar algum problema que pudesse ter causado.

Se alguém se opusesse e a questão fosse fundada, ninguém poderia ajudá-lo. Nem seus irmãos, nem seu pai... ninguém.

Essas eram as regras da Cosa Nostra. Homens feitos viviam por elas e morriam por elas.

— Se tirarmos tempo para pensar nisso — disse Antony, apontando para o anel na mesa — ... não deve ser surpresa para nenhum de vocês. Já passou da hora pra mim. Eu quero me aposentar e não fiz segredo desse fato. Antes que alguém tenha a ideia de tirar o lugar de mim porque não quero mais, decidi desistir. Além disso, este é o jeito muito mais honroso para mim do que minha esposa ter que me enterrar, não é?

Ninguém respondeu. Brincar com a morte do chefe era um negócio perigoso e não era algo que queria se envolver. Dante reconheceu a afirmação de seu pai pelo que era: um teste.

— Uma vaga em nossa família está aberta, preencham-na — ordenou Antony.

Dante endureceu na cadeira, percebendo que provavelmente seria a última exigência do pai para seus homens. Bem, oficialmente, de qualquer maneira. Antony sempre seria um homem feito. Ele sempre estaria ligado por

sangue e fraternidade a La Cosa Nostra. Seu legado como um dos chefes da máfia mais impiedosos e lucrativos que Nova York já viu iria além de sua vida.

Mas ainda era o fim de alguma coisa. Sua era, talvez. Seu reinado, definitivamente.

Antony se moveu ao redor da mesa, deu um tapinha na bochecha de Dante enquanto passava e saiu do escritório sem olhar para trás. Ele fechou a porta atrás de si enquanto ia embora.

Mais silêncio preencheu o lugar enquanto os homens absorviam o que acabara de acontecer. Paulie e Dante, sendo os dois membros do mais alto escalão abaixo de Antony, tinham a primeira escolha de propor um sucessor. Eles não podiam se apresentar para tomar o lugar, mas podiam apontar um ao outro. Dante sabia que Paulie não queria a vaga de seu pai — ele nunca quis. Além disso, Paulie era mais velho que Antony. Estava pronto para passar seus anos de glória com sua esposa e não administrando um império criminoso.

Paulie cortou a ponta de um charuto que tirou do paletó. Ele acendeu o charuto, deixando todos ao seu redor perdidos em seus pensamentos. Seguramente e em silêncio, como se estivesse partindo o pão para começar uma refeição, o *consigliere* disse:

— Eu nomeio Dante Marcello.

— Apoiado — respondeu Lucian, antes que Dante pudesse falar.

— Sim — ele ouviu Giovanni concordar em algum lugar na multidão de homens.

Mais confirmações surgiram dos capos reunidos no escritório. Dante se sentiu relaxar na cadeira, sua tensão se dissipando. Porém ele não entraria se ao menos uma pessoa se opusesse a ela.

— Alguma objeção à proposta? — perguntou Paulie quando a sala se

acalmou.

Ninguém falou, mas Dante viu Gio se movendo para atrás de outro homem. Sua mandíbula estava apertada, a cabeça inclinada para baixo para que seu irmão não pudesse ver as palavras que saíam de sua boca. Dante também não podia ver quem Gio havia abordado quando foram engolidos pelos homens à sua frente.

— Está decidido, então. — Paulie se virou para Dante, sorrindo enquanto dizia: — Chefe... uma segunda vaga está aberta.

Demorou muito tempo para Dante entender o que Paulie estava dizendo a ele. Ele tinha que escolher o subchefe para tomar seu lugar de antes e os homens tinham que concordar. Olhando para seu irmão mais velho, Dante nem precisou pensar sobre isso.

— Lucian Marcello.

Lucian respondeu a Dante com um único aceno, inclinando o queixo para baixo.

— Apoiado — Paulie expressou.

Como o lugar de Lucian não era como o de Dante, eles não precisavam esperar por mais confirmações. Um voto era o suficiente.

— Alguma objeção? — perguntou Dante.

— Não — os homens ecoaram juntos.

Dante soltou um suspiro lento quando se inclinou para frente e juntou as mãos entre os joelhos.

— Mais uma vaga está aberta. Quero acabar com isso logo e voltar para minha esposa. Há alguma indicação?

Um nome voou de lados opostos do escritório. Dois capos querendo dar a um membro da família a vaga. Tanto Dante quanto Paulie vetaram a sugestão instantaneamente.

— Muito jovem — disse Paulie.

— Giovanni tinha apenas dezessete anos.

— Giovanni estava garantido por causa de sua posição na família Marcello — explicou Dante calmamente. — Desde os quinze anos ele trabalhou arduamente nas ruas sob vários capos nesta sala e dois outros que agora moram em um cemitério. Ele também conseguiu terminar o ensino médio enquanto fazia isso. Pergunte a qualquer homem feito se Gio não merece entrar por mais do que apenas seu sobrenome. E se alguém quiser discutir a entrada de Giovanni, sintase à vontade para nos fazer um favor e engolir uma bala quando sair.

Dante sorriu, sabendo muito bem que aquilo soava cruel.

— Continuando. Algum outro?

— Salvatore Bonelli — disse Leo, o capo que testava regularmente a paciência de Dante. Dante não pôde ver o homem atrás de outro, mas ele pôde ouvi-lo.

— Quatro prisões nos últimos dois anos por agressão. — Dante acenou com a mão com desdém. — Pequenos delitos, claro, mas acabou sendo preso do mesmo jeito. Nossos nomes não têm que ser fichados, se pudermos evitar. Se ele não consegue segurar a mão fora da família, não será capaz de se meter em brigas com outros homens feitos.

— Verdade — disse Paulie. — Alguém mais?

Ninguém falou mais nada.

— Vamos voltar a falar sobre isso outro dia, mas por enquanto, a vaga está aberta. — Dante não queria ficar sentado no escritório por mais tempo do que o necessário.

— Os homens precisam de um líder — disse Lucian. — Eu posso cuidar de alguns, mas nem todos trabalham pra você.

— Divida-os entre os capos mais próximos do território — ordenou Dante. — O imposto continua o mesmo. Falando nisso, vejo todos vocês no

final do próximo mês. Vão beber e cumprimentar meu pai.

Uma vez que os homens se foram, Dante foi rápido em perguntar:

— Gio, quem ia objetar?

— Não acho que ele faria isso, mas não queria arriscar. — Giovanni arqueou uma sobrancelha, imperturbável.

— Quem?

— Leo.

— Temos que decidir se ele vai acabar sendo um problema que precisa ser abatido. — Lucian suspirou asperamente, esfregando a testa.

— Ele ficou de cara feia para mim desde a primeira reunião que Antony não apareceu.

— Eu sei — murmurou Lucian.

— E ele está realmente me irritando com seus malditos comentários também. Vou colocar alguns homens no grupo dele e veremos onde vai dar — disse Gio.

— Você deixou de fora algo importante. — Paulie riu ao lado de Dante.

— O quê? — Dante não achava o mesmo.

— O anel, meu menino.

Franzindo as sobrancelhas, Dante pegou o anel da família Marcello, o sinete do pai, na escrivaninha. Ele o girou ao redor da ponta do dedo médio, observando-o. Era costume que o chefe usasse algo dessa natureza como sinal de seu lugar e importância. Quando homens feitos o saudavam, eles geralmente beijavam a peça.

Mesmo assim, Dante não tinha certeza se queria usar ou não o anel.

— É o anel do meu pai.

— É seu agora — corrigiu Paulie gentilmente.

— Parece que você tem duas novas joias para usar — disse Lucian.

— Tudo isso em um dia.

— Cale a boca, cara.

Lucian levantou um ombro em resposta, ainda encostado na parede como se fosse um dia qualquer para ele. Dante se perguntou como seu irmão mais velho poderia estar tão indiferente com toda a situação. Para ele, parecia um soco no estômago — mas não necessariamente de um jeito ruim.

— É tradição usá-lo — explicou Paulie. — Antony não teria desistido se ele não estivesse realmente pronto para isso, Dante.

— A geração mais velha vai esperar que você esteja usando o anel em todos os momentos — acrescentou Giovanni, fechando a porta do escritório. — Você sabe que todos os velhotes como Paulie amam suas tradições.

— Olha a boca, Giovanni. Chame-me velho mais uma vez e veja o que esse *velho* fará com você.

Gio bufou, mas sabiamente preferiu ficar quieto.

Dante deslizou o anel pelo dedo, o ouro crepitando em sua aliança de casamento. Não ficava estranho, nem pesava em sua mão física ou simbolicamente. Ele precisava disso. Apenas a Comissão, agora.

— Com o casamento selado, você não precisa se preocupar — assegurou Paulie.

— Parabéns — disse Lucian, seu sorriso astuto fazendo Dante sorrir também. — Os Marcello têm um novo chefe.

— E uma geração mais jovem de homens tomando seus tronos — disse Paulie, estendendo a mão para o joelho de Dante. — Deus salve todos nós.

Capítulo Sete

Cat sentiu o coração aliviar quando viu seu marido tecendo seu caminho por meio da multidão em direção a ela. Ela não sabia que tipo de negócio ele precisava cuidar mais cedo, mas a expressão confusa dele a incomodou. E depois que Dante sumiu, todos os convidados homens praticamente sumiram, e isso só piorou. Sem mencionar as mulheres sussurrando entre si como galinhas cacarejando em um celeiro.

Dio, Catrina odiava as mulheres.

Bem, normalmente. As cunhadas de Dante não eram tão ruins. Elas ainda tinham que se acalmar como a maioria das mulheres.

Cat pegou a mão que Dante ofereceu, deixando-o puxá-la para perto. Ele tinha tirado o smoking, ficando apenas com a camisa cinza-clara, colete creme e gravata para ela admirar. O tom de rosa lhe caia bem, não que Dante não fosse bonito o suficiente por conta própria. Ela estava feliz por seu marido não ter brigado por causa das cores que ela escolheu para esse dia.

Dante colocou a outra mão nas costas de Cat quando começaram a se movimentar com a música romântica e lenta. Os convidados saíram da pista de dança improvisada para permitir ao casal a primeira dança como marido e mulher, mas ficaram perto o suficiente para assistir a Cat e Dante dançarem juntos.

Com os dedos de Dante entrelaçados aos dela enquanto os dois se moviam pela sala na batida da música, Cat podia sentir algo novo na mão esquerda dele. Uma olhada rápida mostrou um novo anel de ouro em seu dedo indicador, brilhando ao lado da aliança de casamento deles. O sinete no meio do anel exibia uma águia olhando um império abaixo dela.

Ela reconheceu imediatamente como o emblema dos Marcello.

— O que é isso? — Cat perguntou, deixando seu dedo tocar a nova

joia de Dante.

— Eu me perguntei quanto tempo você levaria para notar.

— Você está se esquivando da minha pergunta? — Uma das partes mais importantes do trabalho de Cat e o que a mantinha mais segura era conseguir perceber as coisas.

— Claro que não — respondeu Dante, sorrindo maliciosamente. — A reunião foi bem, a propósito.

— Você está vivo, então suponho que sim. Negócios, huh?

— Negócios importantes. Os Marcello têm um novo chefe, Cat, e você está dançando com ele.

— É mesmo?

— Sim. Como está indo para a primeira dança?

— Decente o suficiente, embora a noite esteja quase no fim e você, terrivelmente atrasado para os curiosos.

— Minhas desculpas, *dolcezza*.

— Você continua me chamando de *dolcezza*, mas não acho que entenda o que isso significa — disse Cat provocativamente. — Porque se entendesse, saberia que não há nada sobre mim que seja doce, *bello*.

— Oh, acho que há um pouco de doçura em algum lugar da sua alma negra. — Dante piscou.

Cat não tinha certeza se havia algo doce em sua alma. Se houvesse, ela não tinha encontrado. Emoções nunca combinavam bem com sua profissão e ela aprendeu há muito tempo que era melhor apagar aquele lado dela, colocar a máscara certa para a ocasião e dar às pessoas o que achavam que queriam dela.

Há quanto tempo ela estava jogando esses jogos mesmo?

Anos. Tantos anos.

— O que há de errado, Cat? — Dante perguntou.

— Nada.

Cat deu a ele o que ela esperava que fosse um sorriso sensual e o suficiente para distrair a atenção de Dante de seu humor para sua beleza. Os homens eram ridiculamente previsíveis. Tudo o que uma mulher bonita precisava fazer era focar o homem que ela queria que a admirasse, e todos os outros pensamentos se perdiam.

Ela já deveria saber que não era tão fácil distrair Dante Marcello, como ela fazia com qualquer outro homem. Dante não era como todos os outros, Cat sabia disso.

— Catrina — disse Dante, o tom de voz como um aviso. — Achei que tínhamos concordado em não mentir um para o outro.

Cat quase odiava a maneira como a voz e a atenção daquele homem a incomodava de maneiras que não conseguia explicar. Era sempre ela que ditava as regras — *sempre*. Dante fazia Cat perder o controle cuidadosamente construído. Não ajudava em nada o fato de que ela o achasse atraente e interessante.

Os homens não eram interessantes para Cat.

Atraentes, claro.

Interessantes, não.

Dante Marcello tinha as duas coisas. Homens eram peões para Cat. Um meio para um fim. Cat compreendia o poder da manipulação feminina melhor do que qualquer um e usava isso a seu favor da maneira que fosse possível a fim de alcançar seus objetivos ou satisfazer suas necessidades.

Cat estava aprendendo que Dante não era o tipo de homem a ser manipulado.

E isso a deixou inquieta.

— Eu não estou mentindo — Cat finalmente respondeu, forçando seu comportamento a permanecer o mesmo e não mostrar a bagunça interior.

— Omissão é a mesma coisa. Por que a cara feia? Você nunca faz isso. Raiva ocasionalmente, mas nunca franze a testa. Conte-me.

— Você é um homem muito agressivo, Dante. — Cat bateu sua unha bem cuidada no peito dele, levantando a sobrancelha em desafio. — Acho que vai descobrir que eu não sou uma mulher facilmente controlada e tentar mandar em mim não levará você a nenhum lugar comigo.

A mão de Dante segurava a de Cat apertadamente, sua palma nas costas dela a empurrando firmemente em sua forma muscular.

— Seus truques não vão funcionar em mim, Catrina Marcello.

— Eu sou, não sou? — Cat encontrou os olhos de Dante, sua surpresa quase a fez tropeçar, embora Dante os mantivesse em movimento sem perder o ritmo.

— *Hmm?*

— Catrina Marcello.

— Nós nos casamos às onze da manhã e você está apenas percebendo isso só agora, *bella mia*? — Dante mostrou os dentes brancos em um sorriso sexy.

— Bem, não.

Talvez...

— Calado — disse Cat, fazendo o sorriso do marido diminuir com um único olhar. — Não a parte de casada, mas meu nome. Você é a primeira pessoa a realmente falar em voz alta além do padre esta manhã.

— Isso é uma pena — murmurou Dante. — Eu achei adorável.

— Você só está sendo homem. É outra maneira de marcar seu território, não? — Cat franziu os lábios.

— Mantenha a língua afiada para si mesma, Catrina. Estou te entendendo mais rápido do que você pensa. Quando alguma coisa te incomoda, por algum motivo, você acaba afiando a língua. Isso pode

funcionar com todos os outros, mas não tem nenhum efeito sobre mim.

Sim, Cat estava percebendo.

— Eu achei que soou legal — Dante acrescentou, deixando Cat se afastar enquanto a música mudava de ritmo. Ele a trouxe de volta em seus braços em um movimento suave. — E já que nós dois sabemos que você não é o tipo de mulher a ser possuída, isso tem pouco a ver com marcação do meu território, como você diz.

A determinação de Cat vacilou.

— Diga-me por que você estava de mau humor, Cat.

Ela não podia dizer a verdade, sem demonstrar fraqueza. Nada valeria um homem vendo suas fraquezas. Absolutamente nada.

Mentira, sua mente exigiu. *Mentira, mentira, mentira.*

— Algumas dessas pessoas acreditam que estamos apaixonados — disse Cat, encostando sua bochecha na de Dante. — Eles falam como se fôssemos ser felizes para sempre. Isso não incomoda você?

— Não.

— Por quê?

— Porque a maioria deles não sabe que isso é um acordo pessoal entre mim e você. Além disso, eles poderiam estar me comparando aos meus irmãos. Tanto Lucian quanto Giovanni encontraram seus *amores* rapidamente e não perderam tempo em levá-las para o altar. Inferno, Gio nem contou que ele era casado até Kim aparecer na nossa porta.

— Mas mesmo assim... eles esperam ver coisas — disse Cat, encolhendo os ombros sob o peso de seu vestido. — Intimidade e carinho, você sabe.

— Amor, você quer dizer.

— Exatamente.

A risada de Dante retumbou. Os lábios dele raspavam sobre a orelha

dela, fazendo Cat estremecer.

— *Dolcezza*, dê uma olhada ao seu redor e pense no que essas pessoas estão vendo agora. Já dançamos duas músicas sem tirar os olhos um do outro e a música que está tocando não é o tipo de música feita para dançar coladinhos. Estou segurando você muito perto de mim. Minha boca está na sua orelha e seu sorriso está pressionado minha bochecha.

A barba por fazer no maxilar de Dante fez cócegas na pele de Cat enquanto ele falava, despertando seus longos desejos latentes. Ela afastou os impulsos, precisando ignorá-los.

— Estamos falando tão baixo que ninguém mais pode ouvir — ele continuou, sua mão subindo até a pele nua das costas de Cat. — Você está incrivelmente linda, certamente parecendo feliz, e talvez até um pouco mais do que satisfeita em meus braços. Acredite em mim quando digo que fingimos muito para essas pessoas.

Cat engoliu o nó que se formava em sua garganta. Era desconcertante o modo como as palavras de Dante fluíam sobre seu corpo como mel. Ele se afastou de Cat o suficiente para deixá-la ver o sorriso excessivamente presunçoso que ele ostentava. Claramente ele sabia o efeito que causava. Aqueles olhos verdes tão notáveis que poderia silenciar uma sala com um único piscar de olhos. Um corpo destinado a ser admirado e tocado. Confiança e arrogância em abundância.

Ele também usava tudo isso. Muito parecido com ela.

Aquelas paredes de Catrina se fecharam em um instante.

— Você é muito atraente para a sua sorte — disse Cat, suspirando. — Quem é que está jogando agora, Dante?

— A vida não é um tabuleiro de xadrez, Cat. — Dante franziu a testa enquanto a olhava. Ela havia julgado mal suas ações?

Não era?

Ela sempre foi Rainha.

• • •

Cat xingou baixinho sem parar, incapaz de alcançar o ponto entre as omoplatas com a pequena tesoura. Ela lutou com seu reflexo no espelho do banheiro do hotel, tentando manobrar as lâminas da tesoura no lugar certo em seu vestido para cortar o pedaço de fio branco.

Porra, Kim e sua ideia ridícula de costurar o único pedaço do vestido de Cat que o mantinha inteiro. Se não fosse pelo pequeno pedaço da renda que se conectava aos ombros dela, o vestido cairia sobre seu corpo e não ficaria tão apertado.

— *E se o fecho abrir enquanto você estiver dançando?* — sua nova cunhada perguntou.

Ótima precaução de segurança... o olhar de Cat se estreitou em frustração antes que ela jogasse a tesoura na pia. Ela não queria arruinar o lindo vestido, cortando a renda. Apesar de seu casamento ser nada mais do que um negócio, Cat queria sentir alguma aparência de normalidade nesse dia. Poderia ter facilmente comprado um vestido simples e parado no altar para fazer seus votos, ter deixado de lado as decorações e o bolo, talvez até mesmo a pequena recepção e o jantar logo depois.

Mas Cat não queria. Ela só ia se casar apenas uma vez. Mesmo que não fosse pelo amor, o dia merecia ser lembrado com carinho.

Já era ruim o suficiente haver tantas coisas que ela tivera de ficar sem. Sua família era uma delas. Não que seus pais tivessem vindo se convidados. Doeu, mas Cat não se permitiu insistir sobre isso. Sua irmã... bem, era simplesmente impossível.

Cat bufou, recusando-se a deixar sua mente vagar até aqueles

pensamentos dolorosos. O dia tinha sido bom, apesar de tudo, e a última coisa que ela queria fazer era arruiná-lo com todo esse absurdo.

Ao deixar o banheiro, Cat olhou para o quarto do hotel com pouco interesse. A suíte havia sido reservada por uma semana como um presente de seus novos sogros. Ela não tinha certeza se era o jeito de Antony e Cecelia mostrarem alguma forma de aceitação ou não. A suíte presidencial de cinco estrelas era um pouco demais com seus dois quartos privados, salas de estar e de jantar, uma sala de entretenimento e acesso à varanda privativa. Na opinião de Cat, de qualquer maneira. Felizmente, a suíte tinha quartos de dormir separados divididos por mais do que apenas uma única porta.

Alguém havia pensado nisso, pelo menos.

Cat atravessou o quarto e bateu na porta de Dante, esperando que ele já não estivesse dormindo. Antes que ela pudesse dar um passo para trás, ele abriu. Dante estava com um telefone pressionado ao ouvido, uma expressão severa estragando suas feições, e seu colete e camisa completamente desabotoados. A gravata pendia solta em volta do pescoço dele como se ele a estivesse puxando antes que ela o interrompesse.

Dante levantou um único dedo, silenciosamente, pedindo um momento, mas Cat não prestou a menor atenção. Não, seu olhar estava completamente preso na extensão nua do peito e abdômen de Dante.

Cada parte bem definida de músculo que Cat teve o prazer de ver saltou quando Dante voltou para o quarto, acenando para sua esposa segui-lo. Ela não se mexeu. Foi pega como um cervo nos faróis admirando a visão à sua frente.

A parte de uma tatuagem quase não podia ser vista no peito de Dante. Do que pôde ver, Cat gostou muito. Ela nunca teve queda por homens tatuados, mas um pedaço de asas de águia chamou sua atenção quando ele se virou e sua camisa se abriu mais. Os gominhos abaixo do peito de Dante

desciam até a forma em V de sua virilha. A calça social que ele usava também estava desabotoada, mostrando um pedacinho da cueca boxer preta por baixo e uma camada de pelos escuros que provavelmente ia até seu...

Cat se controlou bem a tempo de afastar aqueles pensamentos lascivos. Seu olhar voltou para o rosto de Dante, que ainda aparentava frustração. Pelo menos, ele não tinha notado seu deslize.

Cristo, ela tinha que lidar com essa bobagem.

— Sim, bem, ou ele pode ir se foder com a sua opinião ou pode parar com essa merda — disse Dante.

Ele acenou mais uma vez para Cat entrar no quarto. Desta vez, ela entrou.

— Eu não me importo se ele não gosta que eu misture negócios com uma mulher. Não estou na família dele, estou na nossa, Lucian. Isso significa que minhas decisões não precisam ser aprovadas por ele, e se não gosta disso, ele pode chupar meu pau.

Cat bufou, apontando o dedo para Dante com uma falsa advertência pela sua linguagem. Como o homem fazia qualquer coisa no sentido comercial usando palavras como essa, ela não entendia. Mas quando se tratava da Cosa Nostra, eram sempre homens gritando um para o outro. Se uma mulher estivesse envolvida, ela duvidava que fosse a mesma história.

— Que seja, passe minha mensagem pra ele. — Dante revirou os olhos. — Se ele quiser fazer uma reunião sobre isso, faremos. Certifique-se de deixá-lo saber que Catrina estará lá e a esposa dele também. Talvez elas possam fazer uma porra de um café da tarde. Boa noite.

O telefone foi desligado e jogado na cama, esquecido. Enquanto Dante tirava a gravata e o colete, jogando-os na cama também, ele disse:

— Você deveria tirar esse vestido, Cat. Esteve com ele o dia inteiro.

— Estou tentando — ela respondeu, sorrindo sarcasticamente. — E

esse café da tarde?

Dante tirou a camisa, deixando-a cair no braço de uma cadeira. A tatuagem de águia espalhada por seus músculos peitorais era incrível e a única tatuagem que ela podia ver em seu corpo. Cat evitou olhar para o corpo dele, não querendo se distrair novamente.

— Não é nada. Apenas a porra da família Calabrese falando merda. O chefe está discordando do fato de que eu estou deixando uma mulher entrar em alguns dos meus negócios, enquanto ela deixa seus homens espalharem seus produtos nas minhas ruas. Aparentemente, você sendo minha esposa não faz diferença.

— Um café da tarde, sério? Eu sei que eles me chamam de rainha, Dante, mas eu não vou bancar a boazinha com um bando de mulheres mal-intencionadas só porque eu tenho um útero, um par de peitos e uma boa dose de estrogênio. Essa é a única coisa que teríamos em comum. Estou mais propensa a matar uma delas do que fazer amizade, se você nos deixar sozinhas.

— Foi uma piada, *bella mia*.

— Espero que sim — disse Cat francamente.

— E sobre matá-las, é melhor ser piada também — acrescentou Dante, erguendo a sobrancelha.

Ela não podia prometer isso a ele.

— Não gosto de mulheres, Dante. Especialmente esses tipos de mulheres. Elas fazem pouco caso, mas me incomodam com suas queixas, fofocas e brigas. A ideia de diversão delas é beber vinho, conversar sobre quem está fodendo quem e ignorar o que seus maridos estão fazendo pelas suas costas. Desde que tenham casacos novos, um carro veloz e um diamante em cada dedo, quem se importa com o fato de seus homens terem uma dúzia de prostitutas espalhadas pela cidade?

— Cat...

— Não vou bancar a boazinha com essas mulheres apenas para atender às suas necessidades.

— Eu não disse que você precisava!

— Ok. — Cat abaixou o queixo, surpresa com a explosão súbita de Dante.

— Bom Deus, mulher, deixe-me *falar*.

— Ok — Cat repetiu.

— Carl Calabrese não é um homem estúpido. Quando Lucian disser a ele que eu falei que minha esposa e a esposa dele poderiam tomar um café juntas, pode ter certeza que ele vai entender que eu não estou sendo nada mais do que um idiota e desafiando-o ao mesmo tempo. Se ele já sabe que você tem homens trabalhando para você, ele também sabe que você não é nada parecida com uma esposa que gosta de fingir que o marido não está administrando uma organização criminosa.

— Oh.

— Sim, Cat.

— Tudo bem, então. — Desde que seu marido não preparasse um jantar digno de querer cortar os pulsos, Cat estaria bem. — Tudo bem, eu farei o... o que quer que precise que eu faça.

— Você é impossível — disse Dante, balançando a cabeça.

— Como é? — Os punhos de Cat encontraram seus quadris.

— Exatamente o que eu disse. Você é difícil de lidar. Nada me incomoda mais do que uma mulher que gosta de me irritar.

— É bom saber que eu te irrita, *bello*. — Cat não se incomodou em esconder seu sorriso de satisfação.

— Incomodar, irritar... a mesma coisa.

— Seja gentil — alertou Cat. — É a nossa noite de núpcias, afinal de

contas.

— Sim, e nós já estamos discutindo, sem contar que nem sequer transamos — respondeu Dante com a mesma rapidez. — Acho que, se estivéssemos, isso poderia te tornar mais tolerável às vezes, mas provavelmente você não está disposta a testar essa teoria. Sem dúvida, este será um bom indicador dos próximos cinquenta anos da minha vida com você ao meu lado. Estou tão ansioso por isso.

Dante não parecia nada satisfeito quando ele tirou as calças. Cat teve que desviar os olhos novamente para não ficar de queixo caído com o corpo que poderia deixá-la com água na boca. Até as coxas dele eram fantásticas, pelo amor de Deus. Ele puxou uma calça de algodão e as vestiu, em silêncio.

Cat se sentiu mal por se conter. Ela não era uma mulher mimada, por assim dizer. No entanto, também não estava acostumada a lidar com um homem como Dante Marcello. Ou melhor, um homem na posição dele enquanto deveria ser seu parceiro. Cat nunca teve parceiros. Homens trabalhavam abaixo dela. Homens trabalhavam para ela. Mas os homens nunca trabalharam com ela. Isso era novo.

Ela se lembrou de que Dante não queria nada além de uma certidão de casamento e agora ele tinha isso. O que mais ele poderia querer dela além de tratá-la como uma esposa? Sem o lado físico das coisas, claro.

De alguma forma, Cat tinha que descobrir uma maneira de dar a Dante um pouco de espaço antes de pôr as garras para fora.

Quebrar velhos hábitos, era mais fácil dizer do que fazer.

— Vou tentar não ser tão difícil.

— Seria bom. — Dante suspirou.

— Em algumas coisas — acrescentou rapidamente.

— *Insuportável*.

— Você tem que ver da minha perspectiva também, Dante.

— Eu tentei e falhei — ele murmurou.

— Eu vou ser respeitosa... conversar, ou pelo menos tentar me comportar bem.

Os olhos verdes de Dante encararam Cat com uma intensidade que a paralisou. Não tinha a menor ideia do motivo pelo qual ele tinha esse tipo de efeito sobre ela. Nenhum homem poderia domar Catrina, nunca. Dante, por outro lado, poderia fazê-la se sentir como vidro e aço frio com apenas um olhar. Não era de admirar que ela quisesse se rebelar e provocá-lo.

Todo homem tinha um ponto de ruptura, afinal.

Velhos hábitos, sua mente repetiu.

— É bem simples, Cat.

— É?

— Acho que sim. É assim: na Cosa Nostra, você não significa nada. E eu não estou dizendo isso para ser um idiota. É a verdade, goste ou não. A menos que você tenha um pênis entre as pernas, não haverá um homem que se importe ou queira ouvir sua opinião sobre algo, a não ser que você ganhe o respeito deles primeiro. Mesmo assim, alguns deles podem não dar a mínima. Quando você está de pé ao meu lado e faz negócios comigo, isso te torna muito mais admirável para eles.

— Você não tem que concordar com isso, mas é fato — prosseguiu Dante bruscamente, fazendo Cat estremecer internamente. — Então, se eu pedir a você para bancar a boazinha com a esposa de um certo homem para um único jantar, você pode querer fazer exatamente isso, não apenas pela sua posição como minha esposa, mas também pelo nosso trabalho mútuo.

Dante estava certo, Cat não gostava de nada disso, mas ele tinha razão. Além disso, ela precisava de toda a rede de segurança que pudesse obter de seu casamento com Dante. Se ganhar o respeito de outras famílias ao seu redor lhe daria isso, ela engoliria seu orgulho e o faria.

— Eu vou. — Cat assentiu.

— Obrigado.

— Mas eu não gosto de mulheres — ela repetiu com firmeza. — E você não pode me forçar só porque mandou, Dante.

— Você se dá bem com Kim e Jordyn. Qual é a diferença? — Dante riu, olhando para ela com diversão.

— Os maridos delas fazem toda a diferença — respondeu Cat honestamente. — Como eles tratam suas esposas faz com que elas não precisem de um homem para tudo, entende o que quero dizer?

— Entendo sim. Devo salientar que elas já eram assim, no entanto. Lucian e Gio têm muito pouco a ver com o gênio de suas esposas, sabe.

— Mesmo assim ... não é a mesma coisa. Elas são da família também. *Agora*, Cat acrescentou silenciosamente.

— São.

O telefone de Dante vibrou na cama, mas ele não deu atenção.

— Você precisava de ajuda, ou algo assim? — Ele perguntou.

— Bem...

O telefone parou de vibrar, mas antes que Cat pudesse falar, começou de novo.

— Você não vai atender? — Cat perguntou, apontando para o telefone.

— Não.

— Por que não?

— De repente parece que todo mundo tem problemas que precisam ser discutidos com o chefe, neste exato momento, como se eu estivesse de prontidão para eles ou alguma merda dessas. Eles esquecem que trabalham para mim e não o contrário. Porque eles acreditam que é aceitável continuar ligando para mim, eu não sei. Tenho certeza de que eles podem cuidar de si

mesmos por uma noite, e se não, eles têm Lucian.

Quando o telefone parou de tocar pela segunda vez, Cat ficou surpresa pelo telefone não começar a tocar imediatamente.

— Por que você veio me encontrar? Precisava de ajuda? — ele perguntou novamente.

— Eu preciso de ajuda — ela admitiu.

— Com o seu vestido?

— Como você sabe?

— Você ainda está usando-o e chegamos ao hotel já faz duas horas — disse Dante, rindo. — Não que eu me importe. Eu gostei dele, claro. Existe um fecho que você não consegue alcançar ou algo assim?

— Não exatamente — Cat respondeu, suas bochechas ficando rosa.

Por que estava envergonhada com a situação, Cat não tinha certeza. Talvez porque uma pequena parte dela sabia que confessar o que tinha feito para conseguir que seu vestido ficasse perfeito o dia inteiro poderia parecer mais do que realmente era.

— Vire-se — ordenou Dante.

Cat se virou sem questionar.

— Sim, há um fecho, mas...

Os dedos quentes de Dante cobriam a nuca de Cat, fazendo-a perder as palavras e estremecer ao mesmo tempo. Se notou a reação dela, ele não disse nada.

— Você mostrou um pouco de pele de mais em uma igreja católica, esposa.

— O decote era mais que apropriado. — Cat não pôde deixar de sorrir ao seu tom de zombaria.

— Oh, certamente — Dante concordou, seus dedos saltando para onde a linha de trás do vestido se encontrava nos ombros de Cat. — Eu não

vou discutir por isso nem por um segundo. Ele é bem aberto, mas francamente, é perverso pra caralho. Não esconde nada a não ser o começo da sua bunda, Cat, e esconde muito mal ainda por cima.

— Você acha que fui longe demais? — Cat mordeu sua bochecha interna.

— Não, eu não disse isso. — As mãos de Dante em sua pele congelaram.

— Eu sei, eu só me perguntei o que você achava disso, isso é tudo.

— O que eu achava? — perguntou Dante.

— Sim, foi o que eu disse.

— Por que você se preocuparia com o que eu acho ou não do seu vestido, Catrina?

— Eu...

Cat não conseguiu responder a essa pergunta. Mas ela se preocupava com a opinião dele e não podia negar. Quando comprou o vestido de casamento, Cat escolheu propositalmente um que ela gostava, óbvio, mas também escolheu um que ela esperava que seu marido também gostasse.

— *Bella?*

— Eu só esperava que você gostasse, só isso — disse Cat, sem saber mais o que dizer.

— Gostei — Dante respondeu calmamente. — Achei a combinação perfeita entre incitação e beleza. Elegante com a renda, apropriado na cor...

— Não adianta usar branco só para mentir, *bello*. — Cat riu baixinho.

— ... e provocativo com a abertura nas costas. Juntando todas essas coisas, achei que o vestido combinou muito bem com sua personalidade, Catrina.

— Você gostou, então — declarou Cat.

— Sim, é um lindo vestido.

— É engraçado você ver isso desse modo.

— O que, por quê? — Dante perguntou, suas mãos deslizando pela cintura dela. — É verdade, Cat.

— Meu padrasto diria que eu me pareço uma prostituta.

Cat não tinha ideia do porquê tinha dito isso a Dante. As palavras escaparam antes que pudesse detê-las e ela certamente não poderia pegá-las de volta agora.

— Por favor, me diga que você está brincando. — Dante ficou rígido atrás dela.

— Infelizmente não. — Cat se virou para ele, encolhendo os ombros.

— Eu quase posso garantir que ele me chamaria de imundície, mas como ele sempre achou que eu fazia as piores escolhas, então não teria sido novidade. Definitivamente não é algo que eu não tenha ouvido dele antes.

— Eu não sei o que dizer sobre isso.

— Você não precisa dizer nada.

— Agora entendo por que você não queria convidar seus pais.

— Não falo com eles desde os quinze anos, então seria uma conversa estranha e nada mais. Isto é, se meu pai tivesse me deixado ir tão longe a ponto de pedir a presença deles hoje.

— Isso é muito tempo, Cat. — A sobrancelha de Dante se arqueou. — Quer dizer, eu sabia que você estava se virando sozinha por um bom tempo, mas quinze anos?

— A Rainha veio depois que eu saí de casa, obviamente. Muito depois. Não quero falar sobre isso hoje à noite. É uma história que não tenho interesse em contar, de verdade.

Porque não era bonita. Nada sobre sua vida era, mesmo que quisesse.

Dante não pareceu como se quisesse desistir do assunto, mas desistiu. Cat ficou agradecida.

— O vestido é ousado, mas você não parece uma prostituta, Cat. Essa é a última impressão que uma mulher como você dá, especialmente quando está tão bonita como esteve hoje.

— Obrigada. — O ar de Cat ficou dolorosamente preso em seu peito.

— Na verdade, eu deveria ser o único a lhe agradecer, *Tesoro*.

Tesouro.

Bom Deus. As emoções de Cat já estavam confusas o suficiente e a última coisa que ela precisava ouvir era esse homem chamando-a de seu tesouro. Eles não tinham *algo*. Não desse jeito. Eles não deveriam ter porque não funcionaria, e Cat tinha que manter uma distância para se lembrar de por que ela se casou com Dante em primeiro lugar.

— Agradecer-me por quê? — Cat perguntou, querendo afastar esses pensamentos da cabeça o mais rápido possível.

Dante riu, o som reverberando diretamente para o ponto entre as coxas de Cat.

— Por usar este vestido e se certificar de que eu não a visse até que viesse me encontrar no altar.

Não era isso que todas as noivas faziam? Ou até mais?

— Por que diabos você me agradeceria por isso?

— Porque eu não tinha pensado muito no casamento. Era apenas um dever para mim. Fiz muito pouco até hoje, além de contratar as pessoas que você queria e me certificar de aparecer na hora certa. Não era nada mais do que algo que precisava ser feito em minha vida. Depois de tudo dito e feito, eu poderia seguir em frente para tomar o que era meu por direito de primogenitura como eu sempre quis.

— E o meu vestido mudou essa sua ideia? — Cat perguntou, sentindo-se mais incerta do que nunca.

— Sim, mudou — disse Dante. — Porque quando vi você, me fez

parar e perceber que eu estava realmente me casando e não deveria ter tentado deixar o evento inteiro de lado como se fosse apenas um dia qualquer. Hoje não era outro dia qualquer, mesmo que eu quisesse que fosse. Porque é o começo de algo para mim, e acho que para você também. Ainda é um dever, mas pelo menos eu terei lembranças boas disso e não ruins, como pensei que seria.

— Meu vestido, hein? — Cat ainda não acreditou nele.

Dante riu profundamente enquanto olhava para Cat como se estivesse memorizando seu corpo e suas curvas. Seu corpo ficou quente sob o olhar dele.

— Sim, este vestido é muito perverso, Cat.

— Ah, pare com isso. Eu não sou o tipo de mulher que pode ser seduzida por uma voz sexy e algumas palavras bonitas. — A palma de Cat bateu no meio do peito de Dante levemente, fazendo o olhar dele encontrar o dela.

— Quem disse que eu estava tentando seduzi-la?

Ele era um homem com um pau. Claro que ele estava tentando algo.

— E uma voz sexy, hein? — Dante perguntou roucamente.

Deus, por que ele tinha que falar assim? Ela sabia que ele só estava fazendo isso para conseguir transar com ela, ou tentar.

— Pare com isso — Cat estalou.

— Como quiser, Cat.

— *Mhmm*.

— Vire-se para eu ajudá-la com o fecho — Dante exigiu, girando o dedo sobre a cabeça dela.

— Eu não sou uma bailarina, Dante.

— Vire-se, mulher.

Capítulo Oito

Dante tentou soltar o pequeno fecho de metal nas costas do vestido de Catrina e descobriu que havia uma linha branca costurada ao redor do gancho para mantê-lo no lugar. O motivo, ele não sabia.

— Quem diabos iria costurar essa coisa? — Dante perguntou, tentando não rir e falhando miseravelmente.

— Kim — Catrina disse calmamente. — Ela achou que talvez o fecho enfraquecesse quando eu dançasse e...

— Era a única coisa que seguraria o vestido entre seus ombros, além das mangas finas de renda.

— Teria arruinado a aparência dele. Eu queria que o vestido fosse lindo — explicou Catrina.

— E é, *bella*. Muito. — Dante suspirou, sabendo que não conseguiria abrir o maldito fecho, a menos que o rasgasse na pequena costura. Isso também poderia rasgar a delicada renda. — E você não quer que eu estrague esse vestido, não é?

— Na verdade, não. Demorei um mês para encontrá-lo. Mesmo que eu não o use de novo, vai ser bom ficar com ele.

Um mês?

— É só um vestido, Cat.

— Sim, mas é meu. E eu queria que você gostasse dele também. Nenhum outro parecia realmente se encaixar.

Dante se acalmou com a admissão dela, mas suspeitou que ela não iria querer que ele lhe dissesse que apreciava seus esforços, já que era provavelmente sentimental demais para a mulher.

— Espere um segundo, não se mova — disse Dante.

Catrina ficou parada de costas para Dante enquanto ele procurava o

que precisava em sua pequena mochila. Dentro de um nécessaire de couro, ele encontrou uma pequena tesoura de prata. Dante acenou com o objeto para Catrina quando ela olhou por cima do ombro. Sua risada era leve.

— Kim não pensou em algo assim?

— Fiquei com raiva, joguei a tesoura que ela me deu na pia e vim pra cá.

— Às vezes um homem é exatamente do que você precisa, Cat, mesmo que você não queira admitir isso. — Dante riu alto.

— A maioria dos homens é inútil; alguns homens têm suas qualidades — ela respondeu.

Ele escolheu tomar isso como um elogio, enquanto retirava cuidadosamente a linha branca do fecho. Uma vez que agarrou a linha, ele a puxou para longe da renda e soltou o gancho, expondo os ombros de Catrina.

A boca de Dante ficou seca com a sensação de sua pele sedosa sob as palmas das mãos enquanto ele empurrava a renda sobre as curvas de seus ombros.

— Você precisa que eu te ajude a sair do vestido ou não?

— Não, mas seria útil se você pudesse abrir o zíper na parte inferior. — Catrina balançou a cabeça.

Oh, Cristo.

Dante olhou para o pequeno zíper, que começava na altura de sua bunda e parecia ter apenas uns quinze centímetros de comprimento.

—Este vestido é terrivelmente justo. Não que eu esteja dizendo como algo ruim, ou algo assim.

— Eu sei. Gostei do estilo — explicou ela. — Parecia da realeza.

— Claro.

— E apesar de ser chamada de rainha por muitos, raramente me sinto como uma por dentro. — Acrescentou Catrina, baixinho. — Usar este vestido

me fez sentir como se eu fosse a rainha de alguém por um momento.

— E agora você não se sente assim? — A espinha de Dante ficou rígida.

— Bem...

Ele a girou para que ela pudesse encará-lo. A mão de Catrina agarrou o corpete de seu vestido, deixando-o em volta dos seios.

— Você não sabe o que tem agora? Quem é você?

— Não entendi o que você quis dizer.

— Venha comigo — disse Dante, agarrando seu pulso.

— Meu vestido pode ficar preso...

— Então tire-o.

— Você está me dizendo para ficar nua, *bello*? — Catrina ficou imóvel.

— Você está com medo de que eu veja você sem roupa, Cat? Duvido seriamente que você precise se esconder debaixo desse vestido. — Dante apontou para a camisa dele na cama. — Coloque isso.

Dante saiu do quarto e menos de dois minutos depois, Catrina saiu de camisa e nada mais. A bainha da camisa dele tampava sua bunda, mas não havia como esconder o fato de que não usava sutiã. A calcinha apareceu na junção de suas coxas quando ela cruzou os braços sob os seios, fazendo a camisa subir.

— Você pode dormir assim, se quiser — Dante disse, levantando uma sobrancelha.

Catrina não respondeu, mas ele não deixou de notar quando ela mordeu o interior de sua bochecha também.

— O que você quer me mostrar, Dante?

Atravessando o quarto, Dante apertou um botão do lado da parede oposta. Quando as persianas eletrônicas começaram a se abrir, expondo uma

parede de vidro que ia do chão ao teto, com vista para uma das partes mais movimentadas da cidade, Dante ficou em pé diante de uma poltrona de couro em frente as janelas. Catrina estava ao seu lado em um instante.

— Eu não vi isso antes.

— Lindo, não é? — perguntou Dante.

— É certamente uma vista diferente da cidade.

— Nossa cidade — ele corrigiu.

— Como é? — Catrina o encarou.

— Todas aquelas luzes, este lugar e aquelas ruas... são nossas, Cat. E não quero ouvir esse absurdo saindo da sua linda boca novamente. Não há necessidade de sentir que está escondendo algum tipo de indigente sob suas roupas, não quando você está olhando para um império.

Lentamente, Catrina andou para frente até que as mãos dela pressionaram o vidro. Dante seguiu logo atrás. Sem pensar em suas ações, ele segurou a cintura de Cat enquanto estava atrás dela. Foi provavelmente a pior coisa que ele poderia ter feito, considerando que estar perto dela sempre o deixava no limite e confundia sua mente.

Sem mencionar seu pau.

— Nunca pensei em nosso casamento dessa maneira — disse Catrina.

As mãos de Dante apertaram sua cintura quando ela se virou em seus braços.

— Nós mandamos nesta cidade. Você pode ter sido uma rainha antes, mas eu te dei as chaves do reino hoje. Acho que você é mais do que digna disso, *Amore*.

A respiração de Catrina estava rápida, o lábio inferior preso entre os dentes. Dante reconheceu o brilho vulnerável em seus olhos porque ele trabalhou toda a sua vida para esconder o dele. Era apenas uma parte de ser quem ele era.

Era uma parte dela também.

Dante não queria fazê-la se sentir como se tivesse que desistir, então ele disse:

— Eu deveria voltar...

— Não vá — Catrina interveio com um sussurro.

— O que você quer de mim?

Porque ele com certeza não sabia.

As próximas ações dela falaram muito, então ela não precisou responder. Os dedos ágeis de Catrina começaram a trabalhar nos botões da camisa que ela usava. Quando eles estavam todos abertos, ela tirou a camisa, mostrando seu corpo para ele. Dante manteve seu olhar fixo no dela, ainda que desse para observar sua pele macia e suave e as belas curvas que ele havia imaginado.

Ela era deslumbrante. Incrível. Perfeição em sua pele nua.

E então Catrina o beijou. Agarrou seu pescoço, puxou-o para ela e o beijou. Dante escolheu não questionar seus motivos ou deixar que os protestos em sua mente o impedissem. Em vez disso, ele se deleitou com o calor da boca dela e sua língua dançando na dele.

— O que você está fazendo? — Dante se afastou, empurrando-a para o vidro.

— Não pense demais — disse Catrina. — Só... não...

— Eu não sei se posso fazer isso.

— Não me importo.

Dante não pôde evitar se inclinar para trás e encarar seu corpo novamente. Santo Cristo. As mãos dele de repente doíam para explorar a beleza oferecendo-se a ele e seu pau latejava.

— Oh, gatinha...

— Era um apelido que eu não esperava ouvir. — Catrina riu baixinho.

— É perfeito. Uma leoa por fora e um gatinho por dentro. As pessoas não conseguem ver, no entanto, não é?

Ela não respondeu.

Perdoe-me, Pai... estava tatuado em letra cursiva ao longo da costela direita dela, próximo ao seio. Para Catrina, era perfeita. Era a única tatuagem em sua pele que ele conseguiu encontrar além de “Rainha” em seu dedo. Querendo provar as palavras que ela escolheu cuidadosamente para serem permanentemente marcadas em seu corpo, Dante fez exatamente isso, beijando a tinta preta e deixando sua língua varrer as letras.

— Continue — ele a ouviu dizer acima. — Por favor.

Ficando de joelhos, Dante bateu no interior das coxas dela com as palmas das mãos. Catrina abriu as pernas para ele. Sua pele e tatuagem não eram a única coisa que ele queria provar. Não agora que ele tinha a chance.

— Se você quer que eu pare, agora seria a hora de dizer isso, Cat. — As mãos de Dante estavam presas nas bordas da calcinha de renda.

— Não pare.

Ele tirou a calcinha pelas pernas dela e a jogou no chão. Os dedos dela encontraram o cabelo dele quando ele beijou por cima de seu clitóris. Seus quadris se afastaram da boca dele como se a tivesse queimado.

Houve um olhar de hesitação enquanto ela olhava para ele. Dante suspeitava que apesar de Catrina ser experiente com homens, havia certas coisas que ela não permitiria. Talvez esta fosse uma delas, por algum motivo.

— Quem já fez isso com você? — perguntou Dante.

— Ninguém — Catrina respondeu, suas palavras abafadas.

— Por que não?

— Poder. Não quero que um homem tenha isso. Não sobre mim.

Mas ele tinha e ela estava deixando ele fazer isso.

Dante continuou olhando para ela enquanto sua língua se erguia

contra seu sexo novamente, deslizando entre as dobras de sua boceta. Ele lambeu a entrada, levando consigo sua excitação. Ela era picante e quente na língua de Dante, fazendo sua boca se encher de água.

— Você tem um gosto sublime.

Os dedos de Catrina se apertaram, fazendo o couro cabeludo dele arder, enquanto ela sufocava um som ansioso.

— Você gostou disso, gatinha?

— Muito.

— Mais? — perguntou Dante.

— Sim.

Dante não precisou perguntar novamente. Ele fodeu sua boceta com a língua com apressadas e ásperas batidas em seu clitóris, alternando-se até sua entrada, onde ele avançou ainda mais para lamber a umidade. Ela não demorou muito para chegar ao auge, e quando gozou na língua dele, seus gritos altos e roucos, ele lambeu seu clitóris mais forte até que um segundo orgasmo foi arranhando pelas suas veias também.

— Oh meu Deus — resmungou Catrina.

No momento em que ela o soltou, Dante se levantou. Girou o corpo dela, pegando seus pulsos na mão e colocando-os acima de sua cabeça. Nesta posição, seus seios pressionavam contra a janela, as costas de Catrina se curvavam para trás e sua bunda estava em exibição para ele. Arredondada e perfeita contra a palma da mão dele. Ele arrastou a mão por sua espinha, sentindo-a tremer sob seu toque. Os olhos castanhos dela o observavam sob um olhar excitado e cílios grossos escurecidos com rímel.

— Você é a coisa mais pecaminosa que eu já vi — murmurou Dante.

Catrina se contorceu em seu aperto, esfregando-se deliciosamente ao longo da costura das calças de algodão dele, onde sua ereção estava se esticando contra o tecido. Não havia como esconder o que ela estar nua e sob

seu poder estava fazendo com ele. Não que ele quisesse esconder.

— Tão linda — ele disse, sua mão descendo para bater na bunda dela.

— *Dante...* de novo, por favor.

— Tão sexy. — A mão bateu nela novamente.

Dante enfiou a mão entre a virilha e o traseiro dela. Seus dedos deslizaram ao longo da entrada da bunda dela até que ele chegou ao seu sexo. Afastando suas dobras carnudas, a excitação quente e escorregadia encontrou as pontas dos dedos dele.

— Porra, você está tão excitada agora, não é, gatinha?

Catrina assentiu, sem vergonha. Para uma mulher tão controladora e forte, ela gostava que seus homens tivessem o poder no quarto. Ele adorou e estava mais do que disposto a preencher essa necessidade.

Os dedos de Dante afundaram em sua boceta, enrolando-se para encontrar o local que enfraquecesse seus joelhos. Não demorou muito para encontrá-lo. Catrina empurrou seus seios ainda mais contra o vidro enquanto ele a fodia com os dedos lentamente, devagar para conhecer seu corpo e os sons enquanto ele a levava até mais um orgasmo.

Oh, sim. Catrina era uma gritadora.

— Mais alto — ele murmurou em seu ouvido antes de beliscar o ponto sensível logo abaixo.

Ela obedeceu de uma maneira linda pra caralho.

Seus gritos eram música. Perfeita. Dante adorava ouvir o que ele fazia com uma mulher.

Diminuindo o ritmo de seus dedos até que estivesse apenas massageando seu ponto G com os dedos, Dante viu a expressão de Catrina na janela se transformar em desespero enquanto os músculos de suas costas se contraíam. Ele sabia que ela estava tentando se segurar. A estimulação do ponto G era um orgasmo completamente diferente.

— Isso vai ser tão bom pra você, Cat. Quando você gozar em meus dedos, você vai chover neles. Pare de tentar se segurar e deixe-se levar, *mia regina*.

Catrina lutou contra ele, mas Dante segurou seus pulsos com força contra o vidro, recusando-se a soltá-la.

— Por favor, por favor, por favor...

— O que, *bella*? Conte-me.

— *Eu não consigo*.

— Sim, você consegue.

Dante pressionou os dedos um pouco mais forte no local que dominava Catrina, e ela não teve escolha. Assim como ele disse, sua umidade inundou os dedos dele enquanto seu grito sem ar perfurava o quarto quando o orgasmo a levou.

Antes que a euforia pudesse diminuir, ele estava puxando os braços dela para baixo e girando-a. As costas de Catrina atingiram o vidro com um baque. Sua boca encontrou a dela enquanto ela empurrava as calças de algodão dele. Dante abaixou as calças, saindo delas sem perder o ritmo. Sua cueca boxer tomou o mesmo caminho.

— Não tenho preservativos — disse Dante, querendo que ela soubesse antes de irem mais longe. — Não achei que tivesse motivo para trazê-los.

— Não estive com alguém há muito tempo e quando estive, me preveni. — Catrina encolheu os ombros.

— Eu sempre me preveni também.

— Gravidez não é uma preocupação — disse Catrina, falando para que Dante não precisasse dizer.

— Não. Estamos bem?

— Muito bem.

Encontrando as mãos dela com as dele, Dante se moveu para trás até sentir suas pernas baterem no sofá de couro. Quando ele se sentou, ela se virou novamente, sentando sobre o colo dele. Sem hesitar, Catrina se afundou em seu membro, seu gemido satisfeito combinando com o tremor que rastejava sobre seus ombros pálidos. Seu sexo era puro calor ao redor do pau dele, apertando-o com força suficiente para tirar o fôlego. O sabor persistente de sua umidade ainda o deixava com água na boca, mas era ainda melhor vê-la se excitar com seu pau.

Dante se recostou na poltrona, mantendo um pé no chão para manter o equilíbrio e o outro dobrado. Catrina ajustou seu corpo em cima dele, mas em vez de colocar os pés em ambos os lados da cintura dele para montá-lo, ela colocou um na parte externa da perna dele que estava dobrada e a outra entre suas coxas abertas. Ele podia sentir seu sexo molhado movendo ao longo da coxa dele quando ela começou a montá-lo.

A bunda era gostosa pra caralho toda vez que se encaixava na virilha dele. Dante tinha a visão perfeita de seu comprimento encharcado e nu afundando em suas dobras cor-de-rosa e sentindo sua boceta agarrá-lo com força a cada elevação de seus quadris. Ele segurou as mechas vermelhas de seu cabelo com uma mão e a curva de sua cintura com a outra, puxando-a com mais força em seu pau a cada estocada.

— Ah, porra — Dante respirou. — Você fica linda assim, *bella mia*.

Catrina inclinou a cabeça para o lado, dando a ele a visão de seu perfil e olhos excitados. Dante não achava que eram muitas as vezes que essa mulher se entregava a um homem, então ele era o sortudo por tê-la agora.

Um tremor balançou o lábio inferior dela enquanto seus dentes cortavam a carne vermelha, outro grito abafado. Puxando agudamente seu cabelo, Dante rosnou:

— Eu quero ouvir você gritar pra mim de novo, gatinha.

As unhas dela cravaram na coxa dele, a outra mão dela agarrando o pulso dele. Ouvi-la gritando o nome dele o acertou diretamente no estômago como uma maldita bola de demolição. Cat revirou os quadris de um jeito que fez seu clitóris ser estimulado pela coxa dele, seus fluidos jorrando por seu pau. O coração de Dante martelou rápido enquanto ele continuava observando a visão erótica do sexo dela levando-o mais e mais.

— Cristo, queria que você pudesse ver isso — disse Dante, forçando as palavras entre seus dentes rangendo. — Você está tão molhada, e eu posso sentir suas batidas contra o meu pau, Cat.

— Oh, *Deus*.

Uma pressão estava aumentando na espinha dele e suas bolas se apertaram com a promessa de um orgasmo que se aproximava, mas ele se recusou a relaxar. A leve picada das unhas dela e o atordoamento em que ele estava o mantiveram focado. A visão dela era fascinante. Livre, selvagem e aberta. Não eram muitas as vezes que ela ficava assim, mas ele amava o fato de ela ter feito isso agora.

Especialmente com ele.

Dante soltou a cintura dela, deslizando a mão para baixo de sua bunda. Sua umidade descia ao longo de seus dedos enquanto ele segurava a base de seu pau e ela continuava a cavalgá-lo. Arrastando os dedos úmidos para a entrada de trás dela, ele massageou o buraco apertado no mesmo ritmo dela.

— Por favor — ele ouviu Catrina sussurrar.

Dante sorriu, molhando os lábios com a língua.

— Implore por isso, gatinha. Me diga que você quer meus dedos fodendo sua bunda enquanto meu pau está enterrado entre suas coxas.

— Sim, eu quero. Eu quero mais, por favor. Eu quero você em todo lugar.

Quando ela desceu sobre ele novamente, Dante mergulhou os dois dedos no fundo da bunda dela. Combinou o ritmo de seus dedos fodendo sua bunda ao dela. Espalhando os dedos para esticá-la e enchê-la com ele, ele sentiu ambos os buracos se fecharem ao redor dele com tanta força que fechou os olhos, arqueou-se contra o sofá e gemeu o nome dela.

Catrina gritou o nome dele logo em seguida. Suas coxas tremeram com seu orgasmo quando ela caiu para frente para se segurar com as palmas das mãos na cadeira. Dante soltou o cabelo dela, esfregando a mão para acalmar Catrina. A respiração dela estava rápida. Ela estava suando, os cachos enrolados em uma bagunça emaranhada, e o rubor mais doce a cobria da parte de trás do pescoço até a base da coluna.

— De novo — ela exigiu.

— Oh, ainda não terminamos — prometeu Dante sombriamente.

Catrina choramingou quando seu pau empurrou dentro de sua boceta, ainda duro e querendo mais.

Dante a levantou do seu membro antes que ela pudesse protestar, embalou-a em seus braços e se dirigiu para o seu quarto da suíte. Ele a jogou na cama, deixando-a cair sobre o lindo vestido de noiva de renda que ela tinha sido inflexível para que ele não estragasse.

Imediatamente, ela abriu as pernas para ele, mostrando seu sexo enquanto suas mãos seguravam o vestido. Ela não parecia se importar que estivesse puxando as rendas, ou que sua excitação estivesse provavelmente se infiltrando no tecido. Não, Catrina apenas empurrou o peito para cima, mostrando os mamilos rosados e duros e os dentes com seu pequeno sorriso perverso.

— Sim — disse Dante, subindo na cama entre as coxas dela. — Nós não estamos nem perto de terminar, porra.

• • •

O corpo de Dante parecia ter passado por um treino infernal. Memórias da noite anterior inundaram sua mente e ele riu profundamente, como ele supôs que tivesse sido com Catrina.

Bom Deus, a garota sabia foder. E ela tinha gosto de pecado.

Seu pau endureceu sob suas finas calças de algodão ao pensar no corpo dela em cima dele novamente. Ele queria fazer de novo. E logo, de preferência.

Tirando o lençol de cima de seu corpo, Dante saiu da cama, estalando a coluna e pescoço. Catrina não estava na cama com ele, mas isso não o atingiu. Do jeito que ela era, as chances eram de que ela já estivesse de pé e andando pela suíte.

Claro que Dante a encontrou descansando no sofá onde ela o montou na noite anterior. A garganta dele se apertou, ameaçando calar suas palavras enquanto ele olhava para sua beleza espalhada pelo couro, as pernas longas e bem torneadas nuas e cruzadas nos tornozelos, usando apenas sua camisa novamente.

Ela era perfeita pra caralho.

Catrina ofereceu-lhe um sorriso quando percebeu que ele estava na porta do espaço comum entre os dois quartos. Suas unhas bem cuidadas com cristais colados acenaram para ele, lembrando-o da sensação daquelas unhas nas suas costas.

Dante mal conseguiu reprimir o arrepio tentando rolar por sua coluna.

— Bom dia, gatinha.

— Dia.

— Você fica um espetáculo sentada assim.

— É mesmo? — Catrina riu.

— Sim.

— Eu estava pensando no que pedir no café da manhã.

— Você fica deliciosa fazendo isso.

— Podemos fingir que a noite passada nunca aconteceu? — Catrina acenou entre eles, sem se mover de seu lugar no sofá.

Dante refletiu sobre suas palavras antes de mostrar qualquer tipo de reação. A noite passada tinha vindo da necessidade, não porque qualquer um deles havia planejado aquilo. Ele suspeitava que ela pudesse se sentir assim pela manhã e não a culpava por isso. O acordo deles ainda era o mesmo em relação ao casamento. Mesmo que Dante quisesse algo físico novamente com Catrina, ela também tinha que querer isso.

— É isso que você quer, Cat?

— Sim.

— Pode ser mais fácil dizer do que fazer, com você sentada assim, usando nada além da minha camisa.

Os lábios de Catrina se arquearam escandalosamente.

— E isso também — acrescentou Dante, seu pau se contorcendo mais uma vez.

— Não posso mudar quem eu sou.

— Essa mulher absolutamente tentadora sentada desse jeito, você quer dizer.

Catrina estremeceu e satisfação o preencheu até o limite. Ela era uma mulher teimosa e esse era o maior problema dela.

— Não torne isso mais difícil do que precisa ser, ok?

— Sim, ok. — Dante engoliu seu orgulho. — O que diabos você estava pensando ontem à noite, fazendo aquilo comigo se é isso o que você ia fazer hoje?

— Eu queria você e foi o que eu fiz. Sempre consigo o que quero,

Dante.

Isso soava frio. Dante desejou ser surpreendido.

— Nós fomos ótimos, no entanto — Catrina murmurou baixinho.

— Negócios e prazer — disse Dante, dizendo o que ela claramente não falaria. — Não é nada bom.

• • •

Dante examinou o frasco de loção que estava na pia do banheiro. Havia um semelhante no chuveiro. O rótulo dizia que era algum tipo de loção corporal orgânica que deveria ter cheiro de morangos ou alguma merda dessas. A cor rosa pálida da etiqueta tinha um desenho de babados nas bordas e letras desenhadas estampavam o nome.

Onde as mulheres acharam esse tipo de porcaria? Por que elas não poderiam ser como homens e lavar os cabelos com o mesmo produto que usavam para limpar o corpo? Dante não entendia. Parecia um gigantesco desperdício de espaço, dinheiro e tempo para ele.

Por que Catrina sentiu a necessidade de encher seu banheiro com suas tolices femininas, ele não tinha certeza. Havia outro banheiro que não era ligado ao quarto principal, e como eles não estavam nem dormindo juntos na mesma cama, ele não conseguia descobrir por que diabos ela estava colocando essas coisas em seu espaço.

Ser casado significava que Dante precisava engolir certas coisas e compartilhar. Ele não compartilhava muito bem, mas ele estava aprendendo. Catrina não lhe dava muita escolha, na verdade. A maior parte do espaço dentro do grande apartamento agora tinha coisas de Catrina misturadas com as dele, não que ela tivesse muito a trazer. Ela praticamente se apropriara de sua cozinha e discutir com ela sobre isso só o deixava com uma dor de cabeça

furiosa. Ela sabia cozinhar, graças a Deus, mas ainda era louca.

E não de uma maneira divertida.

Dante tinha vivido dezoito anos com uma mulher que comandava a cozinha insanamente antes de finalmente conseguir dar o fora — sua maldita mãe. Ele não esperava estar vivendo com outra.

Na maior parte, Catrina e Dante se mantinham afastados um do outro. Claro, eles tinham suas brigas, mas quem não tinha quando duas pessoas passavam de morar sozinhas para de repente ter um companheiro de quarto. E eles eram casados, claro. Talvez não fosse a mesma coisa, mas perto o suficiente. Não era como se eles estivessem fodendo. Isso poderia tornar tudo mais fácil se estivessem.

A mente de Dante voltou à noite de núpcias. Seu deslize com Catrina... o erro deles. Bem, poderia muito bem nunca ter acontecido pela maneira como os dois agiam perto um do outro. Esquecer que aquilo aconteceu era outra coisa. Catrina era uma mulher apaixonante em um dia bom. Desafiadora, um pouco difícil, argumentativa o suficiente para fazer Dante sentir como se estivesse sendo desafiado de um jeito bom, mas quando ele transou com ela naquela noite... *Cristo*.

Na cama, Catrina o fez se sentir como se ele possuísse cada centímetro dela. Sexo com ela poderia rapidamente se transformar em um vício do qual Dante não precisava. Serviria apenas para foder com a cabeça dele. Era melhor deixar essa parte dormente do que revivê-la tudo de novo.

Dante suspirou, olhando para o frasco de loção com tanto ódio interno quanto podia ter pelo minúsculo frasco de plástico. Ele se perguntou se esta era uma batalha que ele queria escolher com Catrina ou não. Abrindo a tampa, ele apertou o frasco suavemente e cheirou. Tinha cheiro de morango. Morango com um toque de algo forte e doce, talvez mel.

Pela segunda vez, a mente de Dante voltou à noite de núpcias como se

ele não pudesse controlar seus próprios pensamentos. Ainda podia sentir o gosto dela em sua língua, como ela estremecia e ouvir seus gritos. Ele não conseguia se lembrar se ela cheirava a loção ou não, mas seu pau se contorceu do mesmo jeito.

— O que você está fazendo?

Dante se virou, quase deixando a loção cair na mão. Ele ficou cara a cara com uma Catrina irritada. As mãos dela estavam presas em seus quadris enquanto seu olhar se movia entre o frasco que ele segurava e os olhos dele.

— Olhando para essa merda no meu banheiro — Dante finalmente respondeu.

Não era óbvio?

— É loção, Dante. Certamente você já viu isso antes.

— Claro, mas não no meu banheiro.

— São oitenta dólares por frasco, então eu apreciaria se você não a usasse para... o que quer que você esteja pensando.

— Tá falando sério? — Dante piscou para a porcaria rosa.

— O quê?

— Isso custa oitenta dólares, porra?

— É uma marca chique, orgânica e importada. Sim, é caro. Então não, não quero que você o use para brincar.

— Brincar, o que você está falando? — Dante perguntou, tão confuso que ele não sabia o que pensar.

— Exatamente o que acabei de dizer.

— Você quer dizer usá-lo para bater punheta? Jesus Cristo. Não ia usá-lo para nada e especialmente não para isso!

— Hmm — Catrina cantarolou, soando como se não acreditasse nele nem por um minuto.

— É loção que você esfrega em sua pele, depois lava mais tarde, e

você paga oitenta dólares para fazer isso? — Dante ainda estava pensando no preço do frasco.

— *Sí.* — Catrina endureceu. — Existe algum motivo para esta condenação dos meus produtos pessoais?

— O que, Nivea não funcionaria do mesmo jeito? Você tem que usar algo que custa mais do que o calçado da maioria das pessoas? Tenho consciência de que tenho dinheiro para fazer o que eu quiser, e sim, provavelmente gastei muito dinheiro de maneiras que os outros considerariam estúpidas, mas isso parece totalmente ridículo, Cat. Oitenta dólares. *Sério?*

— Nivea não me faz lembrar do jeito que minha irmã costumava comer seus morangos com mel. Quando você encontrar uma marca mais barata que tenha o mesmo cheiro e não faça com que minha pele fique com urticária, sinta-se à vontade para me avisar.

Dante se sentiu um idiota todo enrolado e bagunçado. Ele também provavelmente cruzou algum tipo de linha invisível com sua esposa, e talvez devesse se desculpar por isso. Catrina falava muito pouco de sua família na Itália. Na verdade, ele não sabia praticamente nada além do que soube pesquisando sobre a vida dela. E não era muito.

— Sinto muito — murmurou Dante. — Aqui, toma. Não estava fazendo nada, apenas me perguntando por que diabos estava aqui.

— Está aqui porque moro neste apartamento com você, Dante. — Catrina pegou o frasco e colocou de volta onde Dante o encontrou.

— É justo, exceto que este é o banheiro anexo ao quarto principal onde eu durmo e você não.

— E o outro banheiro não tem banheira, apenas um chuveiro. Prefiro tomar banho na banheira.

— Eu não estou acostumado com isso. — Dante não havia pensado

nisso.

— Viver com uma mulher? Sim, estou vendo.

— Me dê uma folga — murmurou Dante, olhando para o frasco cheio de loção e desejando que ela desaparecesse de seu espaço pessoal. — Faz apenas duas semanas, Cat.

— Não, acho que não. Isso foi divertido.

— Divertido? — A testa de Dante franziu.

— *Hmmm*. Ver você se contorcer, quero dizer. Quantas vezes isso acontece com você? Se eu tivesse que adivinhar, não muito.

— Você não pode trazer coisas com você e levá-las quando você sair?
— Ele respirou fundo, desejando que seu aborrecimento fosse embora.

— Por quê? Nós dois moramos aqui. É a nossa casa. Você também precisa se acostumar comigo e com minhas coisas, Dante. — Catrina se virou para sair do banheiro, falando por cima do ombro. — E se você levar suas coisas para o outro banheiro, acho que devo avisá-lo que meus absorventes estão embaixo da pia.

Dante engasgou em choque.

Como diabos seus irmãos conseguiram sobreviver de morar sozinhos para de repente ter uma mulher em casa?

Aqueles bastardos fizeram parecer fácil. Essa coisa de morar junto é uma *droga*.

Resmungando baixinho, Dante seguiu Catrina para fora do banheiro para o quarto dela no final do corredor. Vestidos estavam jogados sobre a cama, separados em pilhas por estilo e cor.

Ele rapidamente descobriu que havia certas coisas sobre Catrina que eram peculiares. A limpeza era uma que ele não se importava. Dante não vivia na sujeira, mas ele certamente não precisava da empregada duas vezes por semana como de costume. Não com Catrina no apartamento. Organização

era outra de suas peculiaridades, e ele estava começando a se perguntar se ela tinha um TOC leve. Até agora, ele conseguiu mantê-la fora de seu quarto.

Porque, inferno, era o quarto dele.

Finalmente, o fanatismo de Catrina pela cozinha. Dante não iria falar disso de novo.

— Você ainda não conseguiu arrumar seu armário? — perguntou Dante.

— Sim. — Catrina olhou para ele por cima do ombro, a testa franzida da maneira mais fofa.

— Não parece.

— Eu preciso escolher um vestido, *bello*. Tenho um processo pra isso. Cuide de sua vida. Não julgo como você escolhe suas roupas.

— Sim, você faz isso sim! — Dante soltou uma risada. — Ontem mesmo você reclamou que minhas gavetas estão uma bagunça e que uso muito preto com branco. Esta manhã você murmurou que eu não tinha sapatos suficientes para o tamanho do meu guarda-roupa.

— Bem, você usa muito preto com branco e precisa de mais sapatos. E suas gavetas são uma vergonha. Você deveria me deixar arrumar isso.

Dante soltou uma lufada de ar. Sim, morar com outra pessoa, especialmente Catrina Marcello, era nada menos do que uma dor de cabeça.

— Não. Absolutamente não. É o meu quarto, Cat.

— Sua mãe ficaria chocada.

— Minha mãe já viu isso, mas porque ela não mora mais comigo, ela fica quieta.

— Sim, mas eu moro com você, então...

Oh, pelo amor de Deus.

— Você precisa de alguma coisa? — perguntou Dante.

— Por quê?

— Você veio e me encontrou no meu banheiro. Você queria alguma coisa.

— Ah — disse Catrina, sorrindo brilhantemente. — Sim, vamos jantar com seus irmãos e suas esposas mais tarde. Escolha uma gravata azul. Só tenho que escolher um vestido azul que eu goste.

Desde quando eles estavam jantando? Dante não se incomodou em perguntar. Ele tinha outras coisas em mente.

— Falando de jantar.

— Sim, o que tem?

— Não sobre esta noite. Em duas semanas. Carl Calabrese e sua esposa finalmente concordaram em se reunir conosco.

— Podemos escolher o restaurante? — Catrina levantou uma sobrancelha, como se estivesse contemplando alguma coisa.

— O que importa?

— Nada de mais. — Ela encolheu os ombros.

— Sim, suponho que poderíamos escolher.

— Ok. E eu pretendia mencionar isso antes, mas você esteve muito ocupado esta semana.

— Mencionar o quê?

— Tenho que fazer uma viagem para Los Angeles em algumas semanas por alguns dias. Gaetano e Pao estiveram lá, alisando os detalhes para alguns clientes e trabalhando ao lado de uma nova garota.

Dante percebeu o jeito como Catrina se recusou a olhá-lo enquanto falava.

— Te incomoda que haja outra garota fazendo o seu trabalho?

— Na verdade não. Tenho outras coisas para fazer agora.

Sim, como reclamar sobre o estado de suas gavetas e sua falta de sapatos.

— Por que você tem que ir para lá, então? — Dante perguntou.

— Para me certificar de que tudo esteja certo. Há também uma questão ou duas sobre a cadeia de oferta e demanda que eu gostaria de ter certeza de que será tratada, você sabe.

Dante sabia. Ser o chefe de sua própria operação significava que entendia a necessidade dela de controlar os detalhes.

— Eu preciso conseguir tirar alguns dias de folga para... — Catrina se virou, de frente para ele. — Eu já disse a você que meu trabalho não é como o seu. Onde você pode me encaixar, não posso encaixar você.

— Férias seriam boas — murmurou Dante. — É tudo o que estou dizendo.

— Bem, planeje uma.

Capítulo Nove

Cat examinou as cinco caixas quando Giovanni enfiou um pé de cabra no topo de uma delas e começou a bisbilhotar. A madeira quebrou quando os pregos cederam ao metal e à força do homem. Cruzando os braços, Cat ficou em silêncio. Geralmente seus homens lidavam com uma remessa de produtos quando chegavam, mas desde que Gaetano e Pao tinham deixado a cidade, ela foi deixada para fazer isso sozinha.

Giovanni puxou a tampa de madeira do caixote, deixando-a cair no chão. Ele retirou punhados de feno seco de dentro, jogando-o de lado também. Finalmente, depois de dois minutos retirando o enchimento da remessa, ele puxou um tijolo de cinco centímetros de espessura por oito de comprimento envolto em celofane e fita adesiva.

Cavando mais, Giovanni sacudiu a cabeça como se não acreditasse no que estava vendo.

— Merda, deve haver pelo menos dois mil aqui.

— O valor na rua triplica isso — informou Cat. — Sempre foi um bom acordo para mim. De qualquer forma, funcionou.

— Para onde você costumava mandar? — Giovanni a olhou com uma expressão contemplativa enquanto descansava o braço do lado da caixa de transporte.

— Onde quer que eu estivesse no mês — ela respondeu. — Nós sempre conseguimos.

— E o fornecedor?

— Um velho amigo.

— Isso é útil.

— Nossos negócios se cruzaram uma ou duas vezes na Itália. — Cat disse, dando de ombros. — Eu o ajudei a se livrar de um problema uma vez e

ele tem sido bom para mim desde então.

— Se eu perguntar que tipo de problema, você me contaria?

— Você está muito curioso para um homem que acha que as mulheres são inúteis em seus negócios. — Cat sorriu.

— Eu nunca disse isso — Giovanni a corrigiu bruscamente. — As mulheres podem ser duas vezes mais perigosas que os homens porque você nunca suspeita delas, e elas são muito mais implacáveis quando se trata de conseguir o que querem. Cosa Nostra não acredita em envolver mulheres. Não me importo de trabalhar com uma mulher fora disso.

— Você está trabalhando comigo agora.

— É vantajoso — ele disse, explicando tudo.

— E sou a esposa do seu irmão.

— Isso também. Apesar de não ter muita coisa aí, hein?

Cat desviou o olhar, recusando-se a reconhecer isso com uma resposta. Além disso, ela estava tentando esquecer sua fraqueza um mês atrás em sua noite de núpcias. Isso era terrivelmente difícil de fazer quando cada centímetro dela se lembrava de como foi Dante tocando-a, provando-a e transando com ela do jeito que ele tinha feito.

Difícil.

Absolutamente impossível.

— Você não respondeu à minha pergunta — apontou Giovanni. — Sobre o seu fornecedor.

— Alguém que eu conhecia estava planejando se aproximar dele por causa da sua influência no comércio. Acharam que ele tinha muito controle e não estava oferecendo poder para aqueles que entendiam que o mereciam por causa de sua influência. Como ele também estava escondendo algumas das minhas atividades extras, já que eu não tinha acesso a outro produto além do dele, eu não podia deixar isso acontecer.

— Por que você precisaria esconder alguma coisa?

— Eu trabalhava para outra pessoa enquanto fazia meu próprio negócio. Poderia ter sido morta. Você faz muitas perguntas. — Havia partes do passado de Cat que precisavam ficar lá e essa era uma delas. — Os tijolos parecem estar limpos, certo?

— Limpos o suficiente. Eu vou abrir alguns e verificar a cor para pureza, mas parece que está tudo certo. Você quer ficar para olhar o resto?

— Não, tenho jantar com Dante em meia hora. — Cat checkou o relógio, suspirando.

— *Hmm*, a reunião com Calabrese. Tente ser boazinha, Cat.

Ela sorriu levemente. Giovanni provavelmente nem percebeu que estava começando a gostar dela.

— Homens são fáceis, Gio. São as mulheres com quem tenho problemas.

— Como minha mãe.

— Uma delas — ela disse baixinho.

— Convide Cecelia para jantar na sua casa — disse Giovanni, puxando mais tijolos do caixote. — Deixe ela cozinhar com você. Você só esteve na casa dela, certo? Leve-a pra sua casa. Confie em mim, vai funcionar. Ou ajudar, pelo menos.

— Obrigada.

— Ela ainda está muito irritada sobre o casamento todo, mesmo depois de um mês de vocês dois, então talvez espere mais um mês para deixá-la se acalmar. — Giovanni riu. — Ela não gosta quando seus filhos não querem suas opiniões ou quando sente que não precisamos mais dela.

— Mães italianas e seus meninos. — Cat sorriu. — Vou levar isso em consideração ... em um mês, mais ou menos.

— Sim, bem, eu sei que é difícil para meu irmão sentir que a mãe dele

odeia a esposa dele, então...

Os homens sugavam as emoções. Talvez fosse por isso que Cat se dava melhor com homens do que com mulheres. Ela não empurrou Giovanni para dizer mais, sabendo que ele provavelmente não queria.

— Passe-me dois desses tijolos, por favor?

— Certo.

Giovanni jogou os blocos pesados de coca nas mãos de Cat. Sem explicar seus motivos, ela os enfiou em sua bolsa grande. Ela preferia bolsas pequenas, mas já que ela tinha coisas para cuidar hoje à noite, envolvendo importação de pó que chegou no dia anterior, ela optou pela coisa monstruosa que estava carregando.

— Obrigada. Não brinque muito com o produto, Gio.

— Divirta-se e sorria — Giovanni disse Cat enquanto passava pelo armazém.

Ela levantou o dedo no meio pra ele.

O bastardo apenas riu.

Marcellos malditos.

• • •

— Esse imbecil — rosnou Dante, desligando o celular.

— O quê? — perguntou Lucian.

— Pegue Jordyn e vá para casa. — Os punhos de Dante se fecharam ao lado do corpo, dando as costas para Cat.

— Não — respondeu Lucian. — Não foi esse o combinado.

Como Cat não entendia o que mudara no decorrer de um telefonema para justificar o novo plano desconhecido e a raiva de Dante, ela preferiu ficar quieta.

— Sério, leve ela e vá embora. Carl vai trazer a amante, não a esposa.

— Você está brincando. — Lucian se encolheu.

— Eu queria estar.

— Qual é o problema? — perguntou Jordyn, tão curiosa quanto Cat.

— É desrespeitoso trazer uma *goomah*^[5] para uma reunião quando o outro lado traz a esposa. É como dizer que a minha esposa ou a de Lucian só vale para ele o que a amante dele é. — Dante falou baixinho, acrescentando:
— Não posso acreditar que ele fez isso comigo.

— Eu também.

— Ele nunca teria feito uma merda dessas com Antony — sussurrou Dante.

— Então certifique-se que depois de hoje à noite, ele não faça isso com você de novo — disse Cat.

— E quanto a Catrina? — perguntou Lucian.

— O que você acha, *dolcezza*? — Dante olhou para Cat por cima do ombro.

Ela gostou do fato de ele pedir sua opinião sobre isso.

— Carl nunca me conheceu e ele não apareceu no casamento, certo?

— Não.

— Aquele filho horrível dele vem também? — Cat perguntou.

— Não que eu saiba — respondeu Dante. — Por quê?

Cat tirou os anéis de casamento e entregou-os a Dante. Depois de pegar um elástico de cabelo de Jordyn, ela puxou o cabelo no topo da cabeça para dar o efeito de um coque bagunçado.

— Alguém tem chiclete? — Cat perguntou.

Lucian a olhou cautelosamente antes de pegar um pacote de chiclete com sabor de hortelã. Ela aceitou com um sorriso e colocou dois em sua boca, fazendo barulho enquanto mastigava.

— Uau — murmurou Dante, encolhendo-se.

— Uma nova mulher, querido.

Os olhos de Dante se arregalaram. Cat tinha perdido seu forte sotaque em um piscar de olhos só com um penteado diferente e uma mudança de atitude, ninguém saberia a diferença.

Bem, desde que eles não a conhecessem.

— Isso funciona, querido? — Cat perguntou, sorrindo. — Eu posso ser quem você precisa que eu seja.

— Contanto que você não leve isso para casa. — Dante pigarreou.

— Vou tentar me lembrar disso.

— Jesus Cristo — disse Lucian baixinho. — Com quem você se casou?

— Eu ainda não tenho certeza, cara.

— Vamos jantar. — Cat agarrou o braço de Dante, puxando o paletó dele.

• • •

— Dante, meu filho — Carl cumprimentou, enquanto Dante se levantava de sua mesa reservada. — Como você está?

— Não posso reclamar — respondeu Dante com um sorriso fácil.

Cat sabia, por trás daquele sorriso, que seu marido estava chateado, mas ela não disse nada. Ela encarou a mulher em um vestido vermelho apertado com um decote profundo e muito curto. Não esquecendo seu papel, Cat ofereceu à mulher um sorriso brilhante, ainda mastigando o chiclete.

Dante acenou para a mulher, mas não ofereceu a mão. Cat suspeitava que se ela fosse a esposa de Carl, ele teria feito isso.

— Esta não é a Cynthia.

— Não, esta é Felícia.

— Então, *não* é sua esposa.

— Sim, bem... — Carl ficou de pé.

— Bem, o quê? — Dante exigiu calmamente.

— Não tinha certeza se queria expor minha esposa para... — O homem parou, acenando para Cat na mesa.

— Minha esposa, você quer dizer? — perguntou Dante.

— De certo modo, sim. Já me disseram que ela é uma pessoa interessante, com certeza, mas não é alguém com quem quero que minha esposa se misture.

— Já que minha esposa não está aqui esta noite, acho que não temos que nos preocupar com isso, não é? — Dante mostrou os dentes em um sorriso de escárnio.

— Mas... — Carl olhou entre Cat e Dante rapidamente.

Cat esticou a mão, balançando os dedos de forma sedutora. Sem um pinga de sotaque italiano, ela disse:

— Prazer em conhecê-lo. Você pode me chamar de Tess. — Parecia um nome suficientemente bom na opinião de Cat.

— Pensei que sua esposa viria, Dante. — Carl pegou a mão de Cat, apertando-a suavemente antes de soltá-la.

— Ela está ocupada fazendo o que faz. Voo de última hora para Los Angeles.

— E esta mulher bonita é...?

— Eu te disse, eu sou Tess — repetiu Cat, fazendo-se de boba, embora soubesse o que o homem estava perguntando.

Carl riu, dando uma piscada para Cat.

— Não, querida, eu quis dizer de Dante. O que você é para ele?

— Você sabe o que ela é — respondeu Dante, sorrindo. — Ela

concordou em vir comigo esta noite. Sente-se Carl. Sua amiga também, claro.

Depois que os dois tomaram seus lugares, um garçom veio e fez o pedido. Cat continuou mantendo seu papel sob controle, rindo estupidamente sobre a conversa silenciosa entre os homens e passando a mão sugestivamente no braço e no ombro de Dante.

Realmente, ela poderia muito bem estar imitando as ações da mulher na frente dela. Parecia que a personagem que Cat escolheu encenar não era tão distante da vida real.

Dante mal prestou atenção em Cat enquanto ela continuava com seus jogos, mas ela também entendia isso. As mulheres usadas pelos homens para fins de sexo deveriam ser boas para os olhos e um buraco para enfiar. Certamente não atrairia a atenção ou o respeito como uma esposa, mas os homens sempre cuidavam de suas amantes. Era como as *goomahs* se comportavam. Assim como Cat e a mulher que Carl trouxera, ignorando completamente os homens enquanto discutiam sobre suas esposas.

— Ouvi que você e meu Matty se esbarraram no seu aniversário. — disse Carl a Dante, enquanto bebia um pouco de rum e coca.

— Isso foi há quase dois meses — respondeu Dante, sem se incomodar. — Eu esqueci isso.

— Certo. Certo.

— O que isso deveria significar? — O olhar de Dante se levantou, encontrando o do homem.

— Bem, seria uma pena se nossas famílias estivessem brigando por algo tão mesquinho quanto uma esposa, isso é tudo. Especialmente uma como Catrina.

— Esposas não são uma coisa mesquinha, certamente não a minha.

— Não foi o que você disse ontem à noite. — Cat cutucou o ombro do marido de brincadeira.

— Shiu — Dante murmurou sem sequer olhar para ela.

Ela fez beicinho, mas ficou quieta como lhe foi ordenado.

— Elas certamente podem *ser* insignificantes — continuou Dante, encolhendo os ombros. — Quero dizer, olhe para a sua.

— Como é? — Carl tossiu em um gole de sua bebida.

— É isso mesmo. — Dante se endireitou na mesa. — Se você vai falar assim da minha esposa, independente de ela estar aqui ou não, simplesmente porque é uma mulher em uma profissão que você acha que deveria pertencer a um homem, então eu posso falar da sua.

— Eu nunca disse...

— Nem precisa, Carl. Sua atitude é mais que suficiente.

— Seu pai estaria terrivelmente envergonhado com *sua* atitude, Dante. — Carl franziu o cenho.

— Meu pai não está aqui, e ele não está mais cuidando disso. Te fará bem lembrar disso daqui para frente. — Dante respondeu ao homem com uma expressão fria.

A conversa empacou depois disso. Para a surpresa de Cat, Dante voltou sua atenção para ela assim que a comida foi servida na mesa. Em vez de ignorar suas atitudes idiotas como antes, ele fez o contrário, inclusive deu pedacinhos de comida na boca dela. Cat entrou no jogo, sorrindo recatadamente quando os dedos dele passaram sob o queixo em um gesto doce ou mesmo quando ele beijou o canto de sua boca.

— Bem — Carl falou devagar, trazendo o foco de Dante de volta para a mesa e para longe de Cat. — ... Estou feliz que você esteja ciente da minha desaprovação pela sua esposa. Ou, pelo menos, pela sua posição de permitir que ela se misture nos negócios. Nossas famílias trabalharam juntas em muitas coisas, e ainda trabalham em alguns aspectos, Dante. Não quero uma mulher mandando em meus homens.

— Por quê? Está com medo de que ela acabe corrompendo seus homens? — Dante perguntou, seu tom era puro sarcasmo. — Ela não fica esfregando a buceta na cara dos outros, idiota. Ela é apenas uma mulher, que por acaso é muito boa em seu trabalho. Você não precisa aprovar. Não é a sua família.

Cat mal conseguiu segurar sua risada. Seu respeito por Dante aumentou ainda mais.

— A Cosa Nostra não permite mulheres. — A raiva brilhou nos olhos de Carl.

— Ela não faz parte dela; está fornecendo material. Não é a mesma coisa.

Antes que o homem pudesse responder, o telefone de Dante começou a tocar em seu bolso. Ele puxou o aparelho, verificou o identificador de chamadas e franziu a testa.

— Eu tenho que atender. — Dante encarou Cat. — Vai ficar bem? É só um segundo.

— Claro, querido.

Dante se levantou da mesa enquanto Felicia se retirava para ir ao banheiro feminino. Cat ficou sozinha na mesa com Carl. A maneira como ele a olhava de cima a baixo deixou sua pele arrepiada. Sem uma palavra, ele deslizou pela mesa até ficarem lado a lado.

— Diga-me, querida, o que uma coisa linda como você está fazendo com um homem como Dante Marcello?

— Ele é tão diferente de você? — Cat sorriu.

— Bem, isso depende do modo como olha para isso. Dizem que a idade faz toda a diferença.

Cat discordava. Carl tinha pelo menos trinta anos a mais que o marido, um corpo envelhecido com um peso extra, e um jeito estranho que a

lembrou do filho dele, que ela conhecera meses atrás.

Quando a mão dele deslizou para seu joelho e subiu, a brincadeira para Cat acabou. Ela tirou a mão dele com um tapa, batendo em seu peito antes que ele pudesse reagir. Ao mesmo tempo, ela puxou sua faca favorita da bainha na parte interna da coxa. Cat não precisou se mexer muito na mesa para mostrar a ele o que tinha. Ela simplesmente se virou o suficiente para esconder seus movimentos sob a mesa e enfiou a ponta da lâmina na virilha dele enquanto as unhas dela se enterravam na garganta dele. Não havia necessidade de assustar as pessoas no restaurante.

— Prazer em conhecê-lo, Carl Calabrese. — Cat sussurrou, com seu sotaque de volta. — Se você colocar as mãos no meu corpo de novo, eu vou me certificar de que meu marido tenha o prazer de cortá-las antes que as enfie em sua bunda.

— Merda... — Carl engasgou quando Cat afundou a faca em sua calça um pouco mais.

— Parece que seu filho aprendeu com você. E aqui estava eu pensando que os homens da Cosa Nostra sabiam como tratar adequadamente uma mulher. Não se preocupe, não estou ofendida com a sua desaprovação em relação a mim, ou mesmo com seu caráter nojento, porque nós dois sabemos a verdade, não é mesmo?

— Sua vadia — ele cuspiu.

— Isso, Carl... é o quão intimidado você está sendo por mim.

— E deveria estar mesmo — disse Dante atrás de Cat. — Solte-o antes que alguém veja, *dolcezza*.

Relutantemente, quando ela estava gostando do choque e do medo nos olhos de Carl, Cat soltou o homem. Ela deslizou para fora da mesa, sem medo de que ele se voltasse contra ela. Dante enfiou a mão dentro do paletó e puxou um tijolo da cocaína que Cat lhe dera antes para a reunião. Ele jogou o

tijolo na mesa antes de se inclinar sobre ele e agarrar a gravata de Carl.

Dante puxou o homem para a frente até que ele estivesse inclinado sobre a mesa também, cara a cara.

— Isso é coca de qualidade fornecida pela minha esposa, que você tão facilmente descarta por ser mulher. É puro e, por causa do baixo custo para importar, o preço de venda é suficiente para que ele saia voando nas ruas.

— Qual é a questão? — Carl chiou.

— Pegue-o e coloque nas ruas — Dante rangeu, o punho segurando mais firme a gravata do homem. — Vou até dar a você e à porra da família Donati todos os contatos que eles precisam para manter um bom suprimento rodando, porque eu sei que esses bastardos estão pilhados por causa de Catrina também.

— O que é, Dante? — Carl tossiu por trás da risada.

— Vou te dar acesso ao material, e vou até ignorar suas ações vergonhosas hoje à noite e seu comportamento em relação a minha esposa...

— Em troca de quê?

— Um voto na Comissão e a promessa de você jamais se manifestar contra a minha esposa, nem em negócios ou em algo particular. Entendido?

— Eu...

— Deixe-me esclarecer direito — disse Dante, não cedendo nem por um segundo. — Se você recusar, vou acabar com suas ruas e arruinar seu nome em Nova York em uma semana. E se você acha que eu não posso me safar ou que não tenho o poder para conseguir isso, vá em frente e me teste.

— Você tem a minha palavra — disse Carl baixinho.

— Ótimo. — Dante sorriu com um olhar cruel.

— *Bello* — disse Cat, batendo o salto no chão.

— Sim, Cat? — Dante soltou o homem e se levantou, ajeitando o paletó.

— Eu quero uma bebida.

— Vamos ao bar do restaurante, *Amore*. Ouvi dizer que eles fazem aqueles martinis de maçã que você gosta. — Dante acenou para Carl. — Vamos embora, Carl. O que minha esposa quer, ela consegue. Tenha uma boa noite.

• • •

As mãos de Dante deslizaram pelo cabelo de Cat enquanto o barman preparava suas bebidas. Ela o deixou desmanchar o coque, sacudindo o cabelo em volta dos ombros para redefinir os cachos. Rindo o tempo todo, Dante estendeu um guardanapo para ela cuspir o chiclete.

— Nunca use seu cabelo assim de novo, gatinha.

— Realmente não é meu estilo, de qualquer maneira. — Cat tentou disfarçar que o apelido a lembrava da noite de núpcias.

— *Hmm*, eu gosto de seus cabelos soltos.

— Eu sei.

— Você foi perfeita — disse ele, sorrindo amplamente.

— Fui?

— Sim.

— Eu teria continuado, mas ele cruzou a linha quando tentou me tocar.

— Não espero que você aceite merda de homem nenhum só porque ele já foi iniciado na família ou até mesmo é um chefe. Seja forte assim, Catrina. Sempre.

— Você sabe que sim — ela respondeu.

— Claro. — Dante riu.

Cat e Dante conversaram tranquilamente, quase como se fossem

velhos amigos. A risada silenciosa dela encheu o bar enquanto conversavam e bebiam. Uma sensação de conforto se infiltrou no sangue de Cat enquanto eles estavam juntos.

— Você acha que teremos que fazer isso com a família Donati? — Cat perguntou.

— Não, eles são muito mais fáceis de lidar do que a família Calabrese e mais inteligentes também. — Dante balançou a cabeça, colocando o copo de uísque na mesa do bar. — Carl vai falar sobre o que aconteceu, e nós vamos conseguir a confirmação do acordo, não vai demorar muito.

— Ótimo. Sei que você está preocupado com a Comissão.

O que Dante explicou sobre a próxima reunião em alguns meses fez com que o envolvimento dela nos negócios fosse complicado para o marido. O jantar desta noite tinha sido mais um ponto a favor dele.

— Vai ficar tudo bem. Beba, *bella*.

Cat bebeu, voltando a conversar com Dante sobre outras coisas. Enquanto conversavam, ela mantinha os olhos no restaurante, observando os convidados entrando e saindo e sendo direcionados para suas mesas pelo *maître*.

Finalmente, alguém que Cat reconheceu e estava esperando foi levado a uma das mesas semiprivadas quase nos fundos do restaurante. Ela não tinha certeza se o homem a vira, mas foi capaz de dar uma boa olhada em seu perfil quando ele se sentou na mesa.

— Sim? — Cat colocou a mão no pulso de Dante, interrompendo-o de seus pensamentos.

— Você não era o único com negócios aqui hoje à noite, Dante. Agora eu tenho que cuidar disso.

— Vai ter que me explicar isso, Cat. — A testa de Dante franziu.

Ela apontou para seu cliente nos fundos. Dante o reconheceu quase

instantaneamente.

— Eu tinha um motivo ao escolher o restaurante hoje à noite, sabe. Sabia que ele ia estar na cidade e é assim que a maioria das nossas reuniões costuma acontecer. Em um lugar público, mas reservado, uma reunião rápida e depois tchau e até a próxima.

— Esse é... — Dante ainda parecia atordoado.

— Bem, o pai dele acabou de ganhar um segundo mandato — disse Cat, sem rodeios. — Estou surpresa que os guardas costas não estejam atrás dele que nem urubus hoje à noite. Eles provavelmente estão todos do lado de fora. Você sabe como é o Serviço Secreto.

— O filho do Presidente, Cat, *sério*? — Dante forçou-se a falar. — Não acha que está mexendo com um vespeiro?

— Nem todos os meus clientes são fáceis, Dante. Por razões óbvias, como a delicada situação de Travis Johnston.

— O Presi...

— Sim, e tenho que ir. Quanto mais tempo deixá-lo esperando, mais provável é que alguém realmente perceba sua presença e nossa reunião. Já volto.

Dante assentiu e Cat saiu do bar. Ela atravessou o salão rapidamente com a bolsa na mão, sorrindo quando sua presença chamou a atenção de Travis. O homem se levantou, sempre cavalheiro, quando Cat se aproximou.

— Está ótima, Rainha — Travis cumprimentou.

— Qual é. Nós dois sabemos que eu sempre estou ótima.

— Mesmo enquanto dorme, *hmm*? — Travis riu.

— É o que dizem por aí.

Olhando por cima do ombro, Travis disse:

— Eu notei que tinha um homem com você. Nunca te vi trazer convidados, Rainha.

— Catrina — disse Cat suavemente. — Esta noite, você pode me chamar de Catrina.

— O que é isso? — O sorriso alegre de Travis esmaeceu.

— Leve ao banheiro e você encontrará o pacote dentro. É a mesma quantidade de sempre. — Cat passou a bolsa debaixo da mesa. Ela já havia tirado seus objetos pessoais antes.

— Cat.

— Aquele homem é meu marido — Catrina o interrompeu calmamente.

— Ele parece familiar. — Travis olhou novamente na direção de Dante.

— Sim. É Dante Marcello.

Instintivamente, Travis recuou. Ela esperava essa reação subconsciente à notícia de ser casada com um homem que era bem conhecido em Nova York, sem mencionar seu envolvimento com a Cosa Nostra.

— Catrina — disse Travis, suas palavras um sussurro áspero e furioso. — Você está me colocando em uma saia justa...

— Não te coloquei em mais perigo ao ser visto agora, confie em mim. Nunca faria isso, mas estou ciente de que minha posição como esposa daquele homem me coloca em evidência agora.

Por causa disso, ela perderia cliente após cliente. Assim como Travis. Valia a pena, no entanto.

— Há um contato na bolsa, Travis — disse Cat. — Pergunte por Gaetano. Ele vai direcioná-lo para uma garota que tomará o meu lugar.

Travis parecia tão aturdido quanto seu marido anteriormente, só que por diferentes razões. Ela supôs que as amizades que forjara com alguns de seus clientes, como Travis, magoariam os homens quando acabasse. Não, nunca houve nada além de negócios e uma conversinha ou duas, mas ainda

era um relacionamento valorizado.

E esse estava chegando ao final.

— Você está largando muito por um homem, Catrina. Isso não parece em nada com você.

— Suponho que não.

— Por quê?

— Poder — ela respondeu.

Capítulo Dez

— Achei ter ouvido algo aqui atrás.

Os ombros de Dante ficaram tensos com a voz baixa de Catrina. Quatro meses depois do casamento e ele podia contar em uma mão a quantidade de vezes que ouvira Catrina falar como acabara de fazer. Talvez porque era tão diferente dela ter uma fala mansa, especialmente quando ele estava preocupado. Ela era impetuosa — até mesmo mal-humorada, e ele gostava disso, mesmo que ela o levasse a loucura na maioria dos dias.

Pelo menos ele sabia que tinha conseguido encontrar uma boa parceira em uma esposa. Alguém que o tornava competitivo, mas apenas para melhorar a si mesmo. Uma mulher cuja força e valor não precisavam ser determinados por seus elogios e aceitação. Ela se tornara uma espécie de amiga para ele e, definitivamente, uma confidente.

Essas qualidades eram raras — lindas, na verdade. Elas também os uniam como nada mais, mas a concordância deles era clara. O casamento era negócio. Ela não queria um amante. A intimidade arruinaria o delicado equilíbrio que haviam conseguido juntos.

— Dante?

— Sim? — Ele limpou a garganta, virando-se para encontrar Catrina em pé na porta de seu escritório.

— É tipo... uma da manhã.

— Não há descanso para os perversos, Cat.

Ela sorriu.

— *Hmm*, mas isso não parece muito perverso — disse Catrina, acenando para o quadro branco na parede do escritório. — Isso parece trabalho.

— Faço mais do que vender drogas, armas e extorquir dinheiro, Cat.

— Eu sei.

Catrina suspirou, baixando os braços enquanto dava um passo para dentro do escritório. O roupão de seda clara que usava fazia pouco para esconder suas pernas bem torneadas, considerando que ele chegava só até no meio da coxa. O olhar de Dante percorreu seu corpo esbelto. A faixa preta presa na cintura a deixava mais proeminente. Mesmo sonolenta e com o cabelo vermelho despenteado, ela realmente parecia ter rolado nos lençóis com alguém.

Catrina era uma mulher bonita, e Dante achava cada vez mais difícil ignorar seu desejo aumentando. Controle era o seu nome do meio — um que essa mulher conseguia acabar com o estalar dos dedos.

Tipo agora.

Dante lambeu os lábios e se virou para o quadro branco que estava encarando antes da interrupção de Catrina.

— Estas são algumas opções para os planos de desenvolvimento em que tenho trabalhado.

— No desenvolvimento imobiliário — disse Catrina.

— Sim. Eu gosto de possuir coisas. Quanto mais eu tenho, mais controle eu possuo. Quanto mais controle, mais poder. Porque controle e poder não é a mesma coisa. Pode até parecer, mas não é. Os Marcello dominam o jogo em muitas coisas, mas acabei de perceber que, na verdade, é o meu pai quem domina. Ele é dono das propriedades, das empresas e assim por diante. Ele tem o poder e isso não nos levará a lugar nenhum quando ele se for.

— Eu perdi algo aqui? — Catrina perguntou, parando ao lado de Dante. — Eu sinto que há algo que você não me contou.

— Algumas semanas antes de nos conhecermos, meu pai me demitiu.
— Dante riu.

— O quê? Demitiu você? Mas você é filho dele e é dono da Indústrias Marcello. Certo? — A cabeça de Catrina se virou para que ela pudesse olhar para ele, franzindo a testa.

— Eu sei. Essa foi a minha primeira reação também. Mas foi isso mesmo que ele fez. Me despediu. Vendi minhas ações na Indústrias Marcello, embora não tenha aceitado o dinheiro. E nem vou. Mesmo que ele tente forçar a me pagar, eu vou doar. Parecia realmente sem sentido aceitar o dinheiro e começar meu próprio negócio como ele queria, se tivesse recebido o dinheiro como herança, certo?

— Entendi.

— Eu tenho dinheiro — explicou Dante, apontando para o seu escritório, mas realmente significando seu apartamento como um todo. — Obviamente, tenho dinheiro. O dinheiro que comprou este apartamento, meus veículos e qualquer outra coisa que não tenha vindo do meu pai. Veio de mim trabalhando duro por anos. Tanto no lado legal quanto no ilegal das coisas. Claro que tinha uma grande participação na empresa de meu pai, mas trabalhava horas e horas todos os dias em um escritório como qualquer outra pessoa naquele prédio. E quando saí daquele escritório, também tinha que dar meus pulos. Eu pensei...

— O quê? — Catrina perguntou.

— Pensei que estava fazendo minhas próprias coisas, mas não estava. Precisei levar um chute na bunda para perceber que eu estava simplesmente seguindo os passos do meu pai, não traçando os meus.

— Então, basicamente, ele o tirou de lá para te ajudar a entender quem você era.

— Exatamente. E sem tais coisas, achei que não tinha controle e, portanto, não tinha poder.

— O que fez você perceber que estava errado?

— Eu ainda sou um Marcello. — Dante deu de ombros. — Eu sempre serei um Marcello. Posso não ser Antony Marcello. Depois que a Indústrias Marcello for vendida pelo maior lance; isso acontecerá eventualmente; eu preciso ter poder na minha família. O máximo de poder que eu puder controlar. Qualquer coisa e tudo que possa ser comprado e atrelado ao nome Marcello, eu o farei.

— Então, o que é tudo isso? — Catrina deu uma olhada nos planos de desenvolvimento imobiliário mais uma vez.

— Devagarinho estou voltando ao jogo, suponho. Nos últimos meses, tenho me concentrado nesse casamento e no que isso tudo significou. No processo, deixei isso de lado em alguns aspectos.

— É?

— De certa forma. — Dante suspirou. — Tenho uma reunião com um conselho de investidores amanhã à tarde. Quando saí da empresa do meu pai, deixei tudo o que ganhei para trás. Bem, exceto algumas coisas. Meu nome, minha reputação e todos os meus contatos. A única razão pela qual consegui entrar para a reunião de amanhã é por causa dos meus contatos.

— Você parece nervoso. Não parece você.

— Não mesmo. Mas não é apenas uma reunião. É mais como uma guerra de lances entre empresas rivais por, bem... — Dante acenou para o quadro branco, seus planos para Catrina ver. — ... isto. Eu não tenho influência nenhuma sem a Indústrias Marcello me apoiando, mas tenho contatos, e isso pode me quebrar por um curto período de tempo, porém eu tenho dinheiro.

— Um pouco de risco é bom para você. Só fazer coisas seguras não te levará a nada, Dante.

— Estou ciente.

— E, mesmo assim, você ainda está nervoso.

— Porque uma dessas empresas que vou licitar amanhã é a do meu pai. Tenho quase certeza de que ele estará lá. Especialmente sabendo que estarei também. Ele pode ser dono da empresa e ter equipes que podem fazer esse tipo de coisa para ele, mas sempre esteve envolvido com investidores.

Catrina ficou em silêncio.

— Estou autorizado a ficar um pouco nervoso agora? — perguntou Dante, brincando.

— Por que a Indústrias Marcello precisaria de dinheiro de investidores?

— Porque eles também são investidores de muitas outras empresas menores. É provável que eles estejam envolvidos nesse plano de desenvolvimento por meio de terceiros e agindo em nome deles. Provavelmente, a Indústrias Marcello teria uma pequena parte do contrato, a terceira teria a mesma porcentagem ou um pouco maior, e então o investidor ganha sua parte com base na quantia de dinheiro assinada e no valor do contrato.

— Parece simples — disse Katrina, revirando os olhos. — Ou não.

— Ele não vai me deixar ganhar facilmente — Dante continuou em voz baixa. — Antony Marcello não dá nada a ninguém sem fazê-lo sangrar, suar e implorar por isso. Eu o testemunhei em lances contra outras empresas. Ele é implacável.

— Você nunca esteve do outro lado, creio eu.

— Não. Por que eu deveria? Eu trabalhava para ele.

— Você está ficando nervoso à toa.

— Você ouviu o que... — Dante levantou uma sobrancelha, encarando Katrina.

— Sou uma mulher, não surda. Entendo que *la famiglia* não se interessa muito por mulheres nos negócios, então é provável que você

acredite que está sempre certo por ser homem, mas, neste caso, não está, Dante.

Ah, lá estava. Garras e tudo mais.

— O que seu pai te disse quando ele te demitiu? — Catrina perguntou.

— Para desafiá-lo, brigar com ele, mas não ser ele.

— Bem, é exatamente o que você está fazendo.

— Na verdade, eu não tive a chance de fazer isso do jeito que meu pai quer. — Dante se sentiu ainda mais confuso.

— Você vai estar contra a empresa dele amanhã. Essa é certamente uma postura desafiadora a ser tomada. Além disso, se você conseguir fazer com que o dinheiro dos investidores seja adicionado ao seu, esses planos nos conselhos farão com que a Indústrias Marcello tenha um grande rival no setor imobiliário. Especialmente considerando que você é uma empresa muito menor agora.

— É um trabalho, Cat, não *la famiglia*.

— Mas é seu, Dante. Não dele.

— Verdade — ele admitiu baixinho.

— Eu queria perguntar antes, mas esqueci. Agora parece um bom momento. Quantos anos seu pai tinha quando ele assumiu a família como Don?

— Trinta e poucos anos.

— E você tem vinte e nove anos, Dante. Você já está superando ele em certos aspectos. Isso não quer dizer que você não tenha muito mais a fazer, e sua reputação em sua família aumentará conforme mais poder tiver, mas ele também levou anos para fazer seu nome ficar acima dos outros. Assim como você vai.

— Você está trilhando seu próprio caminho, Dante. Quanto mais você

andar, mais definido ficará. — Catrina se virou para Dante, sorrindo enquanto cutucava a barriga dele de brincadeira.

— Eu não digo isso com frequência, mas obrigado. — Dante sorriu.

— Eu não preciso que você agradeça.

— Eu sei — murmurou Dante. — Você não procura aprovação. É uma das coisas que eu mais gosto em você.

Catrina ficou em silêncio, o olhar se afastando de Dante. Mas antes de se virar, ele viu em seus olhos. Uma pequena indecisão. Uma oscilação em suas emoções. Houve apenas um outro momento em que ele testemunhou isso nela. Na noite de núpcias deles; a única vez que ela o deixou tomá-la. A lembrança dela embaixo dele — a única que ele tinha — nunca se apagou de sua mente.

Dante não pôde deixar de lembrar das palavras dela: *Pessoas como nós não devem sentir. Nós não nos apegamos. Isso nos arruína. Juntos, nós seremos o par perfeito. Juntos, não temos nada a perder.*

Quanto mais ele conhecia Catrina, mais difícil era acreditar naquelas palavras.

— Você deveria voltar para a cama, Catrina — disse Dante, voltando-se para seus planos.

— Eu...

— Não, vá. Você dificulta a minha concentração. Eu dificulto que você seja... bem, você.

Ele deixou que ela fizesse o que queria. Seria a única vez que Dante daria o braço a torcer.

— Você realmente faz isso, Dante. — Então, Catrina estendeu a mão e agarrou o mindinho dele, ligando-os por um breve segundo. De pé na ponta dos pés, ela deu um beijo rápido na parte inferior de sua mandíbula. — E não sei se eu gosto ou não.

Dante congelou, sem saber o que fazer.

Catrina não lhe deu a chance de descobrir. Ela saiu do escritório e fechou a porta sem dizer uma palavra.

• • •

Os punhos de Dante pressionaram com força o topo da longa mesa de carvalho, a raiva aumentando. No outro extremo, seu pai estava sentado calmo e sereno. Isso irritou Dante ainda mais.

Das três empresas escolhidas para apresentar suas ofertas e planos ao conselho de investidores, apenas a Empire Developments e a Indústrias Marcello permaneceram. A terceira empresa desistiu graciosamente depois de saber que as outras duas tinham reduzido seu total em quase vinte e cinco por cento.

Dante e Antony, no entanto, estavam quase na mesma em relação aos custos.

— Empire Developments é muito nova no ramo — disse Antony calmamente, folheando uma pasta e dando a ela toda a sua atenção. — Tão nova, que na verdade, eles nem tiveram tempo de equipar seus escritórios com trabalhadores apropriados para gerenciar a empresa.

— Está em andamento — respondeu Dante, de alguma forma mantendo seu tom baixo. — E se considerarmos que esses planos propostos devem começar só daqui há *treze meses*, a Empire Developments tem mais do que tempo suficiente para concluir o trabalho necessário para atender às necessidades do contrato.

— Mas, sendo tão novos como são, seus empreiteiros e pessoal poderão manter o cronograma e o orçamento do contrato quando começar? — perguntou Antony.

— Esse é a... — Kaleb Trenton, um investidor, tirou os olhos da papelada, — ... pergunta de setenta milhões de dólares, não é? Para cada mês que o contrato for além do prazo, todos nós perderemos. Poderia ser recuperado eventualmente? Claro. Infelizmente, quero que o investimento seja pago o mais rápido possível. A Empire Developments é um enorme risco nesse sentido.

Dante soltou um suspiro lento, observando o pai com cuidado. Esse absurdo de vai e volta estava em andamento há duas horas. Ele estava cansado e chateado.

— Você não tem nada para mostrar — disse Antony, finalmente tirando os olhos de sua pasta para olhar para seu filho. — Nenhum número para provar. Não há contratos cumpridos. E, o mais importante, não há capacidade para jogar junto com os jogadores maiores.

Antony se aproximou e clicou em algumas teclas do seu laptop. O projetor iluminou a parede com gráficos de crescimento sobre o desenvolvimento de sua empresa, a Indústrias Marcello.

— Nós, por outro lado, certamente temos.

Dante fez uma verificação rápida dos números que seu pai estava mostrando e um sorriso começou a se formar. Antony Marcello estava se preparando para jogar sujo e Dante sabia disso. Ele destruiria seu rival e cada golpe que ele desse, um pedaço de sua reputação seria tirado aos olhos dos investidores.

Dante conhecia essa tática. Ele testemunhou seu pai fazer isso muitas vezes.

Era uma pena que seu pai não tivesse percebido seu erro.

— Belos números — elogiou Dante em voz baixa.

— Claro que sim — respondeu Antony. — A Indústrias Marcello tem trabalhado arduamente para mantê-los em um nível de lucros constantes. Se

importa em mostrar o seu?

— Não preciso.

— Como? — O olhar de Antony se voltou para o de Dante.

Para Dante, os investidores já não importavam para Dante, se eles queriam ou não dar o contrato à sua empresa. Esse era o jogo. Às vezes, era tudo sobre influência e reputação, e às vezes era sobre de quem você puxava o saco e os nomes que você conhecia.

Dante não puxaria o saco de ninguém para conseguir o contrato. Mas a maldita reputação dele estava lá para todo mundo ver agora. O erro de Antony colocou isso em exibição.

— Eu não tenho que mostrar meus números ou a minha história pois ela é mais do que conhecida neste conselho — disse Dante, apontando para os gráficos de seu pai. — Você fez isso por mim.

Dante se levantou da mesa, movendo-se para a parede. Seu dedo indicador apontou para o primeiro gráfico de crescimento substancial da Indústrias Marcello.

— Aqui, esse foi meu segundo ano na empresa trabalhando exclusivamente em empreendimentos imobiliários. E à medida que fomos subindo — disse Dante, com o dedo seguindo a linha vermelha mais alta —, só continuou a crescer. Na verdade, dobrou ano após ano. Em cinco anos, não houve uma vez que sua linha de lucro caiu. Nenhum contrato foi perdido por mim enquanto trabalhava para a empresa.

— Você também teve...

— Ah, antes de começar a falar sobre a empresa que me apoiou, deixe-me esclarecer isso para vocês. — Dante se virou. — A Indústrias Marcello tinha uma equipe inteira atrás de mim nesta área da empresa. Essa equipe respondia a mim; ela confiava em mim. Trabalhei ao lado dela em pequenos escritórios, tratei-a com o respeito que merecia e sempre acreditei

nas conquistas da equipe. Tanto que alguns membros dela até me seguiram para a Empire Developments sabendo que a empresa ainda está em seu primeiro ano, não está correto?

— Até certo ponto. — A mandíbula de Antony endureceu.

— Sem enrolar, senhor Marcello — disse Dante, encarando o pai. — Você me ensinou isso. Ou é ou não é. Nada de até certo ponto.

— Então é.

— Bem, obrigado por isso. — Dante voltou para a projeção, de olho no último ano que parecia ter os dados indeterminados na Indústrias Marcello. — Isso é um pouco precipitado, não?

— Não entendi o que você quer dizer — respondeu Antony.

— O último ano, está inacabado.

— Claro que está. Ainda não está concluído. É apenas uma projeção baseada em contratos.

— Claro, mas você está incluindo tudo, não é? — Dante assentiu.

— Não gosto desses joguinhos — murmurou Antony.

— Deixe-me esclarecer para você. Sua equipe de contabilidade de desenvolvimento incluiu todos os contratos que começaram a funcionar neste ano, mas eles se esqueceram, intencionalmente ou não, de remover o contrato de maior pagamento que deveria começar no próximo mês.

— O que...

— O contrato do Curod — interrompeu Dante, olhando por cima do ombro com uma sobrancelha erguida. — É um contrato de noventa milhões de dólares para Washington, o qual dediquei seis meses ao desenvolvimento da proposta e demorei menos de trinta minutos para vencer no conselho. Sua equipe incluiu este contrato, embora Washington ainda esteja considerando desistir, certo?

— Sr. Marcello? — Kaleb perguntou. — Isso é verdade?

— O contrato ainda está nas mãos da Indústrias Marcello — disse Antony, despreocupado.

— Mas, só porque Washington me seguiu para a Empire Developments, eles ofereceram o contrato, já que queriam que meu nome estivesse lá, porém acabaram voltando para sua empresa. Por que isso? Porque eu não tinha o financiamento nem o tempo para reunir o que eles precisavam, e eu fui honrado demais para aceitar e acabar causando perda de dinheiro mesmo que eles estivessem dispostos a isso. Quando você me pagou, quebrou o contrato com eles, livrando-se da única pessoa que eles queriam naquele time. Não estou certo?

— É, mas ainda temos o contrato. — Os braços de Antony cruzaram o peito.

— Você continua dizendo isso. Mas não acho que faça diferença.

— Para você, não faria.

— Quanto lucro você vai ter que desistir para ficar com eles? — Dante perguntou, honestamente curioso.

Antony se recusou a responder.

Dante não se importou.

— E enquanto a Indústrias Marcello está recebendo dinheiro de um terceiro, assim como o banco de sua própria empresa, para *esta* proposta, a Empire Developments está inserindo dinheiro diretamente de uma conta particular. Posso ter que dar duro para fazer com que minha empresa cresça, mas fique tranquilo, tudo o que tenho está nesta proposta. Literalmente.

A irritação de Antony estava começando a transparecer quando ele tamborilou rapidamente com os dedos na mesa. Dante não se arrependeu.

— Se a Indústrias Marcello falhar, não afetará seus resultados. Eles não têm nada a perder. Portanto, o investimento pessoal no contrato só pode ser determinado pelo peso de suas perdas em um possível fracasso. A Empire

Developments tem tudo a perder se o contrato falhar, então, consequentemente, não permitiríamos que isso acontecesse. De jeito nenhum.

— Sr. Marcello?

Antony e Dante se viraram para o investidor — Leigh Denor — mas o homem estava olhando para Antony.

— Você tem uma refutação para isso? — Leigh perguntou.

Antony não podia refutar isso. Ele não tinha nada a dizer para Dante estar ciente.

— Acho que temos tudo o que precisamos para começar as considerações sobre a proposta — disse Trina Sleen, a única investidora do sexo feminino. — Não há necessidade de continuar cortando gargantas aqui, mesmo que o show seja fantástico de se assistir. Mas, se assim posso dizer, bom trabalho, Empire Developments.

— Apreendi com o melhor. — Dante encarou seu pai.

• • •

— *Cristo*, o cheiro está incrível — disse Dante enquanto entrava no apartamento.

Dante talvez estivesse começando a se acostumar com o fato de que ele não tinha mais controle em sua cozinha. Rapidamente atravessou a sala e tentou pegar um dos biscoitos frescos na bancada.

Sem sequer tirar os olhos do pão que estava sovando, Catrina estendeu a mão, pegou uma colher de pau e acertou as costas da mão dele. Forte.

Putá que pariu. Dante assobiou, afastando a mão de outro tapa em potencial.

— *Cazzo!* Eu paguei por essa cozinha, Cat. É minha.

— Talvez, mas sou a única entre nós que realmente a usa. Por direito, agora se torna minha. Fique fora da minha cozinha, Dante.

— Você é horrível.

— Eu posso ser — Catrina concordou. — Quando o pão estiver pronto, você pode comer.

— Mas estou com fome agora.

— Você deveria ter pensado nisso quando recusou o café da manhã. Aposto que você estava ocupado demais para almoçar, como eu disse que estaria.

Dante suspirou, sabendo muito bem que ele não ia ganhar a batalha. Catrina era ridiculamente peculiar.

— Você entrou em contato com seus homens em Los Angeles?

— Sim, Gae gostaria de me ver em uma semana. As coisas estão ficando complicadas.

Uma semana?

— Outra pessoa não pode...

— Não é assim que funciona. — Catrina parou de sovar o pão, cortando Dante com um olhar. — Minhas oferta e demanda não acontecem da mesma maneira que a sua, Dante. Meus clientes não são seus usuários comuns nas ruas. Não querem que qualquer um entregue seus produtos, eles querem a Rainha. E eles pagam na mesma moeda. Voos particulares. Festas exclusivas. Política. Atletas. Nomes de Hollywood. Esse é o meu jogo. Eles pagam um certo preço por um certo tipo de negociante. Então, se Gae quiser que eu entregue para alguns clientes e verifique a cadeia de suprimentos enquanto faço isso, farei.

— Tudo bem — disse Dante em voz baixa. — Entendi.

Isso não significava que ele tinha que gostar disso, no entanto.

— Você não deveria se preocupar. — Catrina voltou a sovar o pão.

— Não estou me preocupando.

— Mentiroso, você está e não deveria. Eu faço isso há mais de uma década.

— Mas você também é minha esposa, Cat. Você é um alvo maior agora. Especialmente para policiais ou até mesmo alguém que queira me irritar. O que significa que seu jogo de antes não vai mais funcionar. Estou pensando em enviar um reforço com você.

— Absolutamente não. — Catrina congelou.

— Cat.

— *Não*, Dante. Não preciso de reforços. A resposta é não. Eu posso cuidar de mim muito bem.

— Estou ciente do que você pode fazer.

Na maioria das vezes, de qualquer maneira. Catrina e suas facas do caralho.

— Estou falando sério, não mande homens me seguirem. Isso poderia arruinar a confiança do cliente sobre minha capacidade de permanecer invisível em suas vidas, e nem Gae nem Pao gostaram de ter seus homens por perto enquanto eles estavam aqui. Se você enviar homens sem minha permissão, prometo que vai se arrepender.

— Como é? — Dante piscou, atordado.

— Você me ouviu, Dante.

— E o que diabos você faria, *dolce ragazza*? — Dante sentiu suas paredes subindo, suas defesas se elevando.

— Apenas um de nós voltaria para Nova York. — Os olhos castanhos de Catrina brilharam com um aviso.

— Você não pode matar meus homens.

— Há uma diferença entre não pode e não deve. Não me importo muito com as regras, e minha capacidade de matar funcionou muito bem

durante anos. Nenhum de nós faz promessas vazias, então não vamos começar a testar um ao outro.

Ela estava falando sério. Dante não entendia a cabeça dessa mulher. Seu nível de frustração só aumentou.

— A propósito, como foi hoje? — Catrina perguntou, colocando um pano de prato sobre a tigela de pão enquanto a massa ficava pronta.

— O assunto acabou, simples assim?

— Argumentar é inútil.

— Com você, argumentar é inútil.

— Mesma diferença — disse Catrina, sorrindo.

Dante odiava como a natureza combativa e a teimosia de Catrina eram totalmente atraentes para ele.

— Me conte como foi com os investidores, Dante. Fiquei louca aqui o dia todo querendo saber. Eu ia ligar e perguntar, mas não achei que você fosse querer isso.

Sério?

Suas paredes desabaram de novo. Dante não tinha ideia de como Catrina conseguia fazer isso. Um minuto ele poderia estar pronto para trancá-la em um quarto até que ela visse as coisas de sua perspectiva, e no próximo, o lado mais doce dela aparecia e o pegava desprevenido.

Dante não queria um caso de amor com essa mulher louca... ou ele não queria antes. Eles deveriam ser parceiros. Uma vantagem que cada um poderia aproveitar. De alguma forma, ele sabia que eles iriam falhar nessa primeira. Especialmente considerando a maneira como Catrina estava sorrindo para ele, ansiosa para saber como foi sua reunião, dizendo a Dante que ela se importava. Mais importante ainda, com ele. Quão difícil seria levá-la a admitir isso?

— Você poderia ter ligado — disse Dante, encostado no balcão. —

Não teria me importado.

Ele deu o braço a torcer de novo. Ele ainda estava esperando que ela fizesse o mesmo.

— Vou manter isso em mente para a próxima vez. Então me conte.

— Tudo correu bem. Não vou ter resposta sobre o contrato por um tempo, mas tudo correu bem.

— Ótimo. Tá vendo, eu te disse que suas preocupações eram inúteis.

— Talvez. — Dante sorriu.

— Oh, eu esqueci de mencionar, mas sua ma...

O toque do celular no bolso do casaco de Dante interrompeu Catrina. Dante levantou um dedo para pedir a ela um minuto enquanto atendia a ligação sem antes verificar o identificador de chamadas.

— Dante Marcello falando.

— Parabéns, filho.

— O que eu fiz para merecer o elogio? — Dante ficou quieto com a voz do pai, virando as costas para Catrina.

Além de te chatear hoje, pensou Dante.

— Acabei de receber o telefonema há cinco minutos enquanto ia me encontrar com Lucian para jantar, me avisando que eles não precisariam dos meus planos.

— Não foi você que falou que não gosta de joguinhos hoje, pai?

— Falei mesmo. — Antony riu profundamente. — Pedi a eles que me deixassem contar a novidade e eles concordaram.

— Vá logo, pai. Estou meio ocupado aqui.

— *Hmm*, claro que você está. Você precisa trabalhar nesse seu gênio. Então, seu projeto superou o da Indústrias Marcello. Então, parabéns de novo, filho.

— O quê? — Dante sentiu como se tivesse engolido a língua.

— Você me ouviu. Eles vão ligar em breve, eu imagino, mas eu tinha que contar primeiro.

Claro que sim.

— É verdade? — perguntou Dante, ainda não acreditando.

— Sim, Dante. Bom trabalho.

Dante se despediu do pai e desligou o celular, espantado. Colocando o telefone no balcão, sua mente começou a correr. O mais proeminente de todos os seus pensamentos era o fato de seu pai não soar nada chateado por perder a licitação para a empresa iniciante de seu filho. De fato, Antony parecia... *orgulhoso*.

E merda, seu pai com certeza não deixaria Dante vencer.

— *Bello* — Catrina perguntou, afastando Dante de seus pensamentos.

— Eu consegui — sussurrou Dante.

— O quê?

— Ganhei o maldito contrato, Cat. — As palmas de Dante bateram no balcão de granito, fazendo barulho.

— Sério? — O sorriso de Catrina brilhou mais.

— Sim! Puta merda, não achei que iria conseguir. Quer dizer, o contrato é sólido e tudo mais, mas não é tão representativo como a Indústrias Marcello e...

— Pare de divagar — ordenou Catrina, rindo.

Dante percebeu que sua empolgação em ganhar a licitação fora terrivelmente contagiante, porque Catrina parecia tão feliz com seu sucesso quanto ele. Ele não percebeu logo de cara enquanto observava o rosto de sua esposa se iluminar com alegria de ver sua reação, mas o impulso inegável de beijar Catrina o acertou como uma bola de demolição.

Sem se importar em pensar em seu próximo movimento, Dante se inclinou sobre a ilha, segurou o queixo de Catrina em suas mãos e beijou seus

lábios sorridentes. A risada dela morreu em um suspiro ofegante com o beijo repentino. Ela tinha gosto de açúcar cristalizado e no momento em que seus lábios se abriram, ele espetou a língua na suavidade quente da boca dela para encontrar mais desse sabor.

Dante não sabia o que esperar de sua esposa quando ele quebrou a barreira invisível entre eles. Depois da única vez que eles realmente fizeram sexo na noite de núpcias, suas falas foram claramente pensadas. O lado físico de sua relação emocional inexistente não precisava ser alimentado. Dante sabia exatamente por quê; eles funcionavam assim e isso poderia ser uma coisa ruim.

Ele não se importou naquele momento, apenas continuou a beijá-la. Os dedos de Catrina se enrolaram em torno dos pulsos dele, trancando-o no lugar. O sorriso dela ficou um pouco mais sexy quando ele começou a se afastar do céu que era sua boca. O tempo todo, o olhar aquecido dela fixou-se no dele.

— Oh!

Aquela pequena palavra que Dante não esperava o mandou cambaleando para longe da ilha e de Catrina. Ele se encolheu e xingou alto. A cabeça de Dante se virou, imediatamente encontrando sua mãe em pé na entrada entre a sala de estar e a cozinha. Algo semelhante à mortificação inundou o estômago de Dante.

Cecelia não deveria estar em seu apartamento. Bem, não sozinha com a esposa de Dante, de qualquer forma. Havia pouco ou nenhum amor entre as duas desde aquela primeira apresentação, e ele não entendia por que ela estava ali olhando para ele com um sorriso e uma risada silenciosa.

— Eu tentei te avisar, mas o telefonema... — Catrina limpou a garganta.

Dante acenou cegamente para a esposa, dispensando o que quer que

fosse dizer.

— Eu tenho coisas para fazer.

Sim, isso parecia um bom plano. Qualquer coisa, menos o que ele estava fazendo agora soava perfeito pra caralho.

Capítulo Onze

Cat se debruçou na entrada do quarto de hóspedes que Dante usava como uma academia em casa. Os punhos dele bateram no saco de pancadas repetidamente, sem pausa entre os golpes.

— Dante?

Ele ou não a ouviu chamar seu nome, ou ele a estava ignorando. Cat não se importava se fosse o último. Depois de mais cedo, ela podia entender sua falta de vontade de falar, especialmente com ela. Ela deveria ter dito a ele imediatamente que sua mãe tinha vindo a convite de Cat, mas ela não achava que ele se importaria, na verdade.

Bem, Dante provavelmente não teria se importado se ele não tivesse... Jesus, ele a beijou. E foi magnífico.

Cat estava farta de fingir que Dante não tinha algum tipo de efeito louco sobre ela fisicamente. Não que ela pudesse desconsiderar isso agora, se ela realmente quisesse. Desesperadamente, ela precisava mais desse sentimento de mais cedo. Ela não se importava com o que significava querer isso também.

— Dante? — Cat chamou novamente, mais firme e mais alto na segunda vez.

Dante se virou, arrancando um fone de ouvido que Cat não havia notado. O fio pendia sobre o ombro dele, a música ainda zumbindo do alto-falante. Enquanto ele olhava para ela com aqueles olhos penetrantes, ela o encarou, dele estava todo suado. Seminu ou vestido, não fazia a menor diferença. Dante era lindo, e ele era o único homem que fez Cat querer se curvar aos seus desejos, algo que ela continuava lutando contra.

Cat sabia que aquelas mãos dele poderiam encontrar cada lugar para excitá-la sem um pinga de problemas. Seus braços, cheios de músculos,

poderiam levantá-la, prendê-la ou abraçá-la. Ela o teve uma vez... e foi tão, tão bom. Poderia ter sido mais fácil se ela não tivesse cruzado a linha em primeiro lugar, mas de alguma forma, Cat duvidava disso.

— O que, Catrina? — Dante perguntou, sua respiração ainda pesada por causa do treino.

Ela não se incomodou em esconder o arrepio que percorreu sua espinha ao som de seu nome na boca dele.

— Eu queria que você soubesse que sua mãe foi embora já tem um tempo.

— Eu teria ido dar tchau. — Dante franziu a testa.

— Ela disse que estava tudo bem. Você estava... ocupado. — Cat encolheu os ombros.

— Envergonhado, você quer dizer.

— Bem, isso também. — Cat ofereceu a ele um sorriso que não foi devolvido. — Não há realmente nada para estar...

— Se você terminar a frase, vou fisicamente chutar sua bunda para fora dessa sala.

— Você poderia tentar. — Cat riu. — Dante, você tem vinte e nove anos, pode beijar sua esposa se quiser. Não acho que Cecelia se importou em ver isso. Ela foi mais legal comigo agora do que antes, então talvez ver isso ajudou.

— Esse não é o problema — murmurou Dante.

— Então o que é?

— Eu não estou com disposição para isso agora.

— Dante, chega.

— Aparentemente, vamos conversar querendo ou não — disse ele, virando-se para ela com os braços cruzados e um olhar defensivo.

— Sobre mais cedo.

— Sinto muito por ter cruzado uma linha. Isso não vai acontecer novamente.

Cat balançou a cabeça, exasperada.

— Eu gostei — disse Cat, abrindo os braços. — Não me importei de você me beijar. Foi um choque? Sim, mas tudo bem também. Tudo bem, *bello*.

— Gostou. — Dante olhou para ela como se ela fosse um bicho de sete cabeças.

— Muito. Nunca neguei minha atração por você, Dante. Eu só disse que não queria que nós fizéssemos isso.

— Por que minha mãe estava aqui? — Limpando a garganta, Dante desviou o olhar de Cat.

— Você está mudando de assunto de novo.

— Não, estou sinceramente curioso.

— Eu a convidei. — Cat admitiu.

— Deus, por quê? Ela não é a pessoa mais legal com você, *bella mia*. Eu entenderia se você quisesse manter distância.

— Talvez sim, mas eu também não me esforcei muito para mudar isso.

— De vocês duas, ela quem deve dar o primeiro passo, Cat. — Dante levantou uma sobrancelha quando a encarou novamente.

— Para você, claro. Para mim, não. Hoje foi a minha maneira de convidá-la para o nosso espaço, não para o dela. Estamos casados há quatro meses e você ainda não convidou sua mãe para vir aqui nem uma vez. Entendo por quê. Mas também estou ciente de que isso provavelmente a machuca, independentemente de ela admitir ou não. Então, convidei-a para cozinhar comigo.

— Se você acha que vai ajudar, *dolcezza*.

— Estou fazendo isso porque ela é sua mãe e é importante para você. Quanto mais você a afastar por minha causa, menos ela vai gostar de mim, Dante. Quero que Cecelia pelo menos encontre algo em comum comigo em que possamos trabalhar. Cozinhar parece um bom começo.

— Ela gosta de cozinhar. — Dante riu.

— Eu também.

— *Hmm*, sei.

— Eu queria que você não tivesse fugido daquele jeito.

— Sinto muito — disse Dante em voz baixa. — Ela só... me chocou, isso é tudo. O problema não era minha mãe, mas ela não ajuda.

— Qual era o problema?

— A facilidade. Beijar você, quero dizer. Eu nem sequer tive que pensar sobre isso e se minha mãe não tivesse nos interrompido, eu não teria parado. E daí você gostou, Cat. Isso é ótimo, mas você deixou claro o que queria de mim e não era um relacionamento físico.

Cat bateu no chão com o pé. Antes que ela perdesse a coragem, ela perguntou:

— Você foi fiel a mim?

— Como é?

— Você tem sido fiel a mim desde que nos casamos, Dante?

— O que isso tem a ver com alguma coisa? — ele perguntou.

— Para mim, tem muito a ver com isso.

— *Por quê?*

— Posso presumir, com base na sua reação, que a resposta é não, não foi? — Cat não gostou do tom da voz dele ou como ele parecia na defensiva.

— Você não pode assumir isso — Dante retrucou de volta.

— Por que você não acha que é da minha conta questionar sua fidelidade?

— Não é da sua conta.

— Não fique surpreso, Dante. É muito comum em nossa cultura que os homens tenham amantes do lado de suas esposas e namoradas.

— Não em minha casa. — Dante parecia ter engolido uma vespa.

— Não?

— Não, meu pai sempre foi fiel a minha mãe e também meus irmãos em relação a suas esposas.

— Mas nós não somos como eles, Dante. Não estamos apaixonados, construindo uma família ou qualquer uma dessas coisas normais que vêm com o casamento. Não me chocaria saber que você esteve com outras mulheres desde que nos casamos.

Mas iria machucá-la e falaria muito sobre esse homem. Cat precisava saber se ele havia saído com outra pessoa.

— Isso não significa que eu não tenha fé na santidade do casamento, Catrina. Eu tenho, *completamente*. Apesar de não querer me casar, absolutamente acredito nos votos que falei, e quando eu os disse, estava falando sério. Sobretudo permanecendo fiel à minha esposa. — Dante gesticulou na direção de Cat, acrescentando: — E você? Nunca te questioneei sobre sua fidelidade a este casamento ou a mim. Se eu perguntar, você responderá com sinceridade ou irá me evitar?

Cat não respondeu.

— Você teve a oportunidade de foder alguém?

— *Cristo cazzo*, Catrina!

— Bem, fiz uma pergunta. Eu gostaria de uma resposta.

— Sim, claro. Você sabe o que eu faço para viver. Passo pelo menos quatro horas por dia em locais que circulam muitas mulheres bonitas. Algumas delas conhecem meu nome. Nenhuma delas chamou minha atenção, desde que nos casamos.

— Você quis, ou pensou sobre isso?

— Essa é uma pergunta injusta, *Amore*. — Dante inclinou a cabeça para o lado, estreitando o olhar.

— Como assim?

— Porque é. Acreditar na santidade do casamento significa que no momento em que você aceitou meu sobrenome, eu sabia exatamente do que estava desistindo, incluindo o meu direito de foder quem eu quisesse. Isso não significa que eu não possa apreciar minha capacidade de fantasiar.

Cat não piscou com a sua atitude grosseira.

— E você estava pronto para desistir de ter algum tipo de intimidade com alguém por isso?

— Sim. Isso é uma surpresa para você? O homem que eu sou grita infiel e sujo para você?

— Eu não disse isso. — Cat mudou de pé, desconfortável sob o olhar dele. — E daqui uma década ou sei lá quanto tempo, se você acabar amando alguém? Você teria permanecido fiel?

— Como posso encontrar alguém quando não tenho interesse em estar apaixonado, *bella*?

— Não foi isso que eu perguntei.

— Para encontrar o amor, você tem que se envolver com uma pessoa em um nível além do sexo. A única mulher com quem tenho qualquer tipo de relacionamento com o qual estou envolvido diariamente é você. Nós dois sabemos que não há amor aqui.

— Além disso, se você quiser discutir sobre perguntas que não estão sendo respondidas, você ainda não deu uma resposta à minha. O que diria se eu fizesse essas mesmas perguntas, Catrina? Como se sentiria ao ser bombardeada e interrogada desse jeito?

— *Normal*. Eu me sentiria normal. Minha resposta é não.

— Não? —Dante ficou tenso.

— Sei que meu trabalho coloca minha aparência na vista dos homens. Há muito tempo que passei do ponto em minha profissão em que preciso realmente usar meu corpo para manter a atenção deles, Dante. Os homens são pouco mais do que peças de xadrez que eu preciso mexer, e isso é tudo. Não houve nenhum homem que chamasse ou mantivesse minha atenção o suficiente para eu tirar o foco no meu jogo... ou, não houve até você. O que eu te disse na nossa noite de núpcias ainda está de pé.

— Eu fui o único em muito tempo. Sim, eu me lembro.

— Bem, você já sabe. O que mais há para perguntar?

Um tom quase amargo revestiu suas palavras quando ele perguntou:

— Peças de xadrez, é?

— Toda rainha precisa de seu rei, Dante. Até no tabuleiro de xadrez.

— Mas ele só está lá para protegê-la e se ele morrer, o jogo ainda continua.

— Talvez, mas ela não dura muito tempo sem ele. — Cat acenou para ele. — Além disso, nunca escondi de você minhas intenções.

Não completamente, ela corrigiu silenciosamente.

— Não, acho que não. — Os braços de Dante descruzaram, sua postura relaxando.

— Antes que sua mente louca vagueie por aí, quero que você saiba de uma coisa. — Cat sorriu.

— O que é?

— Quero que você faça de novo.

— Fazer o que, Catrina?

— Me beijar. Quero que faça de novo, e não quero que você pare.

— Isso é o que você quer, hein? — Dante parecia estar mastigando o interior de sua bochecha, considerando as palavras dela.

— Isso é o que eu quero, Dante.

— Agora, gatinha?

— Não, olha, o jantar ainda precisa ser comido.

Ela o deixou resmungando atrás dela.

Uma boa espera não o mataria.

• • •

— Catrina?

A cabeça de Cat se ergueu, mas o marido já estava engolindo outra colherada da caçarola de queijo parmesão. Ela esperou até que ele terminasse antes de perguntar:

— Sim?

— Eu menti.

— Quando?

— Mais cedo.

— Sobre o quê? — Cat decidiu ouvi-lo antes de reagir.

— Quando você me perguntou se eu queria estar com alguém, eu menti.

— Mas você basicamente disse que tinha pensado sobre isso — ela apontou, confusa. — Eu não chamaria isso de mentira.

— Foi uma mentira, mais ou menos.

Enquanto falava, Dante manteve a cabeça baixa. Ela ficou desconfortável por não poder avaliar a reação do homem com quem ela estava falando, mesmo que esse homem fosse seu marido.

— O que eu disse foi que eu tinha pensado nisso, mas dei a impressão de que meus pensamentos estavam apontados para outra pessoa.

— O que você está tentando me dizer, Dante? — Cat engoliu em

seco, endireitando-se na cadeira.

Ele finalmente olhou para ela, os olhos verdes de Dante brilhavam.

— Eu pensei em foder alguém. Frequentemente. Todo maldito dia, Cat. Uma vez que estava na minha cabeça, ela não dava o fora, e eu não poderia inventar uma fantasia sobre outra pessoa quando eu já a tinha. Conheço o gosto dela, o jeito que ela fica enrolada no meu pau, e até como meu nome soa na boca dela. Sim, eu pensei muito nela. Então, eu diria que menti.

— Mas você disse que tinha... — as palavras de Cat foram interrompidas quando Dante arqueou a sobrancelha. — Oh.

— Você — ele murmurou. — Eu pensei em foder você.
Jesus.

O ar de Cat passou por seus lábios em um assobio. Todo o corpo dela reagiu àquelas palavras que ele expos tão inocentemente, mesmo com sua natureza perversa.

— Oh.

Dante se levantou da mesa e Cat pulou em seu assento em frente a ele, insegura do que estava fazendo.

— Eu acabei de comer, então vou tomar um banho, gatinha.

Banho?

O quê?

Ela tinha claramente oferecido seu corpo e cama para ele, ele falou como se certamente a quisesse, e agora ele ia tomar banho. Doce Cristo, ele continuou usando aquele maldito apelido como tinha feito na noite de núpcias. Por que ele continuava fazendo isso? Não fez nada para acalmar seu coração inquieto ou aliviar a onda de desejo.

Fantástico.

— Eu vou limpar tudo. — Cat se recusou a encarar Dante. Ela

deixava os homens no limite, e não o contrário.

— Obrigado.

Uma vez que Dante saiu de vista, Cat bufou e bateu as palmas das mãos na mesa, frustrada. Ela limpou a bagunça que sobrou do jantar e preparou os pratos para serem lavados. A cozinha ostentava uma lava-louças de tecnologia de ponta, mas ela preferia lavar os pratos se era apenas ela e Dante. A limpeza era quase tão terapêutica para Cat quanto cozinhar.

Como a última década de sua vida consistia em morar em hotéis, não havia tempo para ela ser realmente... normal. Quando se casou com Dante, Cat sabia que seu primeiro ano como esposa atrasaria muitas coisas para ela.

Pela primeira vez, ela sentiu que havia algumas raízes sendo colocadas no chão e talvez estivesse se tornando estável. Cat não queria jogar isso fora, mas ainda tinha negócios para fazer também. Felizmente, seus homens tratavam de alguns clientes. Eles não se importavam que os homens de Cat abastecessem os revendedores e lidassem com as demandas.

Enxaguando os pratos com água e sabão, Cat emergiu em seus pensamentos. Ela não percebeu quanto tempo tinha passado até que ela estava quase terminando. Olhando para o relógio digital do micro-ondas, ela se perguntou se Dante tinha ido dormir depois do banho, considerando que ela não ouvira um pio dele desde que deixou a mesa.

Cat voltou aos pratos em silêncio. Enquanto esfregava o último, o rangido de uma tábua de chão foi o único aviso que Cat recebeu antes de ser levantada do chão por duas mãos agarrando sua cintura. O prato caiu na água e sabão, enviando água e bolhas por toda parte.

Ela gritou, surpresa quando se viu virada e sentada no balcão da ilha da cozinha. Dante parou entre as coxas abertas, sorrindo como um idiota.

— O que é isso? — Dante perguntou, levantando a mão dele para ela ver. Uma gravata preta estava em volta de sua palma.

— Sua gravata — disse Cat, levantando uma sobrancelha. Não era óbvio? — E o que foi isso tudo, me jogando assim como um bárbaro?

— Só voltando para o seu show de mais cedo, gatinha.

— Que show?

— Não seja burra. Você não é uma mulher estúpida. Quando você me abordou mais cedo, basicamente disse que estava aberta para jogar, e então me disse que o jantar estava pronto como se estivéssemos discutindo o maldito tempo. Você é provocadora. Eu te fiz provar do próprio veneno. Não é bom ficar esperando, não é, Cat?

Cat endireitou os ombros, recusando-se a ceder à sua acusação. Ela não queria dar a ele nem a menor indicação do seu efeito sob ela, não importando o desejo já começando a se acumular entre suas pernas. Era difícil, no entanto. Ele cheirava bem, um cheiro leve de sabonete e perfume. Seu cabelo curto ainda estava úmido, e ele usava uma calça de algodão que pendia nos quadris.

Nada mais.

Definitivamente não havia algo debaixo daquelas calças, dado que Cat podia sentir a ereção dele cavando em sua coxa.

— Sério, Cat, o que é isso? — Dante perguntou de novo, agitando sua gravata.

— Eu te disse, sua.

— Eu sei que é minha. Eu comprei. Mas não estava onde normalmente está quando eu fui procurar para que eu pudesse usar amanhã. Estava em uma gaveta com vinte outras gravatas, enroladas. Parecido com aquele jeito estranho que você dobra as coisas. Você estava futucando minhas gavetas, não estava?

Oh. Bem...

— Suas gavetas são uma vergonha, Dante. — Cat não o encarava. —

Não há organização. Você só joga tudo lá e vai embora, revirando a bagunça quando quer algo para vestir.

— Eu gosto assim. Sei onde tudo está. Calças em uma gaveta, camisas em outra.

— É uma bagunça — repetiu Cat.

— Escute, só porque você é a louca da organização...

— Eu não sou!

— ... não significa que o resto de nós se importe se a nossa gaveta de roupas íntimas está organizada por cor e estilo — Dante terminou bruscamente.

— Mas estava uma *bagunça*. — Cat fez beicinho.

— Oh meu Deus, *dolcezza* — ele gemeu. — Você não entende.

— A única coisa remotamente suportável em seu quarto é o fato de você pendurar muitas coisas em seu armário, embora também precise de arrumação, e o fato de você arrumar sua cama todas as manhãs. Tirando isso, você é uma causa perdida. Eu só estava ajudando.

— Não é o seu quarto para se preocupar, é meu — ele murmurou, mas ela podia ver o humor escondido em seu olhar.

— Agradeça e deixe isso pra lá. — Cat bateu no peito nu dele com a palma da mão levemente. As gotas de água que caíram dos dedos dela se espalharam pelo pescoço e pela mandíbula dele.

— Tenho que explicar a você novamente que não é o seu quarto para futucar?

— *Bello...*

Dante calou Cat quando a boca dele caiu sobre a dela. Quente, perversa e promissora. O beijo dele era assim. A língua dele encontrou os lábios dela, silenciosamente exigindo que ela abrisse a boca para o desejo dele. Cat abriu, saboreando a língua dele dançando com a dela enquanto ele

desfazia o o rabo de cavalo bagunçado que ela tinha feito.

Subconscientemente, Cat abriu ainda mais as pernas enquanto o corpo dele pressionava firmemente contra o dela e suas mãos se fechavam ao lado de seu vestido. A saia se agrupou ao redor de seus quadris, expondo a calcinha preta simples de algodão que ela usava. Dante a puxou para a beirada do balcão, o cume duro do pau dele perfeitamente alinhado na abertura de seu sexo. Apertar seus quadris contra sua ereção deu ao clitóris dela um pequeno alívio.

— Não pare, ok? — Dante rosnou contra a boca dela.

— Nunca pare — Cat respondeu, já sem fôlego e sentindo-se excitada pela luxúria.

— Isso vai mudar as coisas.

Ela ouviu o aviso dele, mas realmente não se importou.

— Não muito — disse Cat antes de morder o lábio inferior, encontrando os olhos dele. — Nós simplesmente não teremos de fingir que não queremos foder um ao outro.

— Acho que não. — Dante riu sombriamente, o som vibrando no peito dele contra os mamilos já duros dela.

— Me beije de novo — Cat ordenou, querendo mais da boca dele em seu corpo.

— Onde, *bella*?

Um nó se alojou na garganta dela quando se lembrou da primeira vez que ele a fodeu com a boca. Ele literalmente a cegou com a intensidade, algo que ela não havia experimentado antes. Cat não tinha certeza se poderia lidar com isso hoje à noite. O que ela realmente queria era que ele apenas transasse com ela — desse a ela o que estava negando há muito tempo por causa de sua própria teimosia.

— Me beije e me foda. Sem truques hoje à noite.

— Implore, gatinha. — O sorriso de Dante se tornou malicioso.

— Mas...

As mãos dele pousaram ao lado dos quadris dela, seus dedos cavando deliciosamente em suas coxas nuas com força suficiente para doer e ser gostoso pra caralho ao mesmo tempo.

— Me implore para te foder, Cat. Me diga o quanto me quer e o que posso fazer com você. Me deixe ver que tipo de mulher está tentando controlar. Dê isso para mim de novo. Me peça para te foder com força, exija, mas é melhor me implorar como eu sei que pode fazer.

Cat ficou sem palavras, o coração martelando em seu peito.

— Vamos, gatinha, me deixe ver — ele pediu.

— Por favor, Dante.

— Mais. Eu sei que você pode fazer muito melhor que isso. — Os olhos dele escureceram.

Cat não percebeu que suas mãos estavam tremendo de sua necessidade e nervosismo até que ela estava agarrando a mandíbula dele e puxando-o para perto o suficiente para que seus narizes se tocassem. O hálito quente dele passou pela pele dela. A leve barba no rosto dele arrastou pela pele sensível dela, certamente deixando um pedaço dele para trás enquanto seus lábios se sobrepunham aos dela.

— Me implore, *belíssima*. — As palavras de Dante não eram mais altas do que um suspiro.

— Me foda, Dante — Cat sussurrou, mantendo o olhar fixo no dela.
— Me foda tão forte, até que eu não possa respirar nada além de você. Até que eu não possa ver ou sentir nada além de você. Eu quero você em cima de mim, me tocando, me provando. Você faz isso tão bem. Me deixa louca. *Por favor*, me foda, Dante. Por favor.

— Isso é o que eu queria ouvir — disse ele densamente.

Dante levou as mãos acima da cabeça dela e tirou as poucas panelas e frigideiras da prateleira de metal acima da ilha. Ele as jogou no chão, o barulho ecoou pelo apartamento quieto. Então ele estava puxando o vestido dela por cima da cabeça, jogando-o em algum lugar atrás dela. Cat não usava sutiã por baixo do vestido, apenas calcinha. A boca de Dante instantaneamente encontrou o seio direito, a mão dele cobrindo o esquerdo. A língua dele lambeu a ponta endurecida, sugando seu mamilo enquanto seus dedos brincavam com o outro.

— Amo seus peitos — Dante murmurou contra sua pele antes de morder o sensível volume de seu seio. Cat engasgou em uma lufada de ar, precisando sentir como se ela não fosse se afogar sob o desejo deste homem.

A mão de Dante soltou seu seio, deslizando entre suas coxas e sob o tecido de sua calcinha. A boca dele deixou o seu mamilo enquanto ele a olhava no momento em que seus dedos entraram em contato com o sexo dela. Cat não pôde deixar de tremer com a sensação. Fazia meses desde que ele a tocou assim... e ela não aguentava mais. Com o mínimo de fricção, os nós dos dedos dele varreram as dobras dela enquanto os dedos dele a exploravam.

— Tão molhada, gatinha. Como seda quente. Eu mal posso esperar para ter você me lambuzando.

A mão de Dante desapareceu pelos limites de sua calcinha e, em seguida, ele puxou o tecido frágil para baixo, passando pelo traseiro e pelas suas pernas. A gravata que ele jogou por cima do ombro estava de volta ao seu alcance. Dante segurou os pulsos de Cat nas palmas das mãos antes que ela pudesse protestar, a gravata entrelaçando os pulsos e em volta dela com vários laços, mas nunca muito apertados para cortar o fluxo de sangue.

— Você está bem? — Dante perguntou, puxando a ponta da gravata.

— Sim. — Cat assentiu.

Ela observou em silêncio quando ele puxou seus braços acima de sua

cabeça. Dante amarrou a seda ao redor da prateleira em um nó que não seria desfeito se ela a puxasse.

— Porra, olhe para você — disse Dante, passando as mãos pelo corpo de Cat. — Você é a mulher mais sexy que eu já tive o prazer de foder, Catrina. Minha pequena esposa perigosa, você não sabe com que frequência eu pensei sobre isso. As coisas que eu quero fazer com você são completamente imundas.

— Me foda — Cat exigiu.

— Logo, logo.

O peito de Cat ofegou com a respiração pesada enquanto ela olhava para a prateleira e a gravata amarrada em torno de seus pulsos, mantendo os braços altos e seu corpo em exibição para ele.

— Puxe essa porra o quanto quiser, Cat. Está presa e não vai sair.

— Suponho que devo dizer que é uma coisa boa. — Ela engoliu audivelmente.

Dante riu enquanto empurrava suas calças de algodão para baixo em torno de seus quadris, soltando sua ereção em sua palma. Ele acariciou seu membro, o polegar rolando sobre a cabeça de seu pau toda vez que ele chegava à ponta. Entrando entre as coxas abertas dela mais uma vez, Dante disse:

— Última chance de recuar.

— De jeito nenhum — Cat disse.

— Eu estava esperando que você dissesse isso.

Dante não lhe deu nenhum aviso. Ele simplesmente deslizou a cabeça do seu pau entre suas dobras e entrou no calor de sua boceta com um impulso firme. Cat estava mais do que úmida o suficiente para aceitar sua intromissão, e cada parte dela o sentia. Suas paredes se contraíram ao redor do comprimento dele, levando-o tão fundo em seu sexo quanto dava para ele ir.

Sua circunferência a abriu, as mãos deles abrindo suas coxas ainda mais do que antes.

Os músculos dela queimavam, mas só aumentou a felicidade absoluta de seu pau começando a bater nela em um ritmo implacável. A cabeça de Cat caiu para trás, o ar saindo de seus lábios com um barulho do alívio imediato inundando sua corrente sanguínea.

Ela se sentia nas nuvens quando este homem estava dentro dela. Suas lembranças não lhe faziam justiça. Não do jeito que os músculos dela estremeciam enquanto ele a fodia, como ele a observava como se cada gemido e grito de seu nome fosse uma música perfeita, como as mãos dele a exploravam, a tocavam e a levavam mais perto do limite a cada golpe. Nenhuma de suas memórias preenchia os pontos escuros dentro de sua alma como Dante podia fazer quando ele a fodia.

Ele exigiu de seu corpo e o tomou sem perguntar. Era como se o corpo dela fosse as cordas de um instrumento e ele fosse o único músico que sabia tocá-la.

— Como está, gatinha? — Dante perguntou, sua boca chegando perigosamente perto da dela novamente.

— Tão bom — Cat conseguiu lamentar.

— Fale mais.

— Eu sinto você em *todos os lugares*.

Os olhos de Dante brilharam de satisfação quando ele sorriu.

— Eu acho que não sente não, mas eu vou fazer com que você sinta quando eu terminar.

— Oh meu Deus, *Dante*. — Os dentes de Cat se apertaram, calor tomando conta do centro dela e se espalhando para o sexo.

— Mais alto, baby. Eu quero ouvir sua voz gritando meu maldito nome por *dias*, Catrina.

Nem por um segundo seu ritmo brutal se arrefeceu. Cada batida da virilha dele encontrando seu centro ameaçou mandá-la para fora do balcão, mas os pulsos dele se fecharam bem acima dela e seus dedos segurando suas coxas abertas a mantiveram no lugar. Ela puxou suas amarras, amando como a suavidade da gravata de seda arranhava sua pele apenas o suficiente para aproximar seu orgasmo. Ele a preenchia tão bem —Cristo, era muito bom.

— Quase — Cat respirou.

— Perfeito — ela o ouviu assobiar.

Uma de suas mãos deixou as coxas dela, vindo para encontrar sua boceta. Ela sentiu a umidade nas pontas dos dedos dele sobre as dobras enquanto seu polegar pressionava seu clitóris rudemente. Qualquer oxigênio que ficou nos pulmões de Cat saiu, levando sua sanidade junto. Ela não podia ver, e também não havia muitos pensamentos em sua mente.

Nada além dele.

Tudo o que ela podia sentir era ele. Fodendo ela. Sua boca beijando a pequena covinha na bochecha direita dela, os dentes dele mordiscando o lado dos lábios dela. Sua respiração, forte e rápida no ouvido dela. Aqueles dedos molhados beliscando seu clitóris, enviando uma explosão de sensações disparando diretamente em seu ventre.

Então, a mão que estava abrindo sua perna no balcão agora estava agarrando sua mandíbula, sob o queixo. Dante forçou o rosto de Cat para cima, fazendo-a olhar diretamente em seus olhos inebriantes. Os dedos dele cavaram grosseiramente em sua carne, tão lindamente dura. Cat não podia falar, não com a força dele a deixando louca e do jeito que estava olhando para ela como se fosse seu dono.

— Você é minha.

As três palavras saíram pesadas e forçaram seus dentes cerrados enquanto os olhos dele procuravam os dela.

Tão simples, mas eles não eram.

— Você é minha, Catrina — repetiu Dante.

— Sua. — Cat assentiu

— Ninguém toca em você além de *mim*.

— Ninguém, *bello*.

O orgasmo de Cat veio tão forte e rápido que ela literalmente sentiu seu corpo se soltar. Toda a tensão se dissipou enquanto ela gozava, seus olhos se arregalaram para encontrar Dante olhando para ela com uma fome que deixou seus nervos em chamas. Seu corpo ficou quente, como se alguém a tivesse deixado cair em uma sauna. Ela tentou se acalmar quando a última parte da euforia atravessou seu corpo suado e trêmulo, mas não conseguiu.

Inferno, Cat não conseguia nem *pensar*.

Sem uma palavra, Dante estendeu a mão e desamarrou a algema improvisada. Ele pegou os braços dela com as mãos, envolvendo-os em volta do pescoço dele. O corpo inteiro de Cat estava mole. Ela precisava de um segundo para voltar ao chão.

Dante a pegou no balcão como se ela não pesasse nada. Foi só então que Cat percebeu que seu pau ainda estava duro e enterrado dentro das paredes encharcadas de seu sexo. Cada passo que ele dava em direção ao seu quarto a empurrava em seu comprimento, acordando-a, prometendo...

— Nós não estamos nem perto de terminar — sussurrou Dante em seu ouvido quando suas costas encontraram a cama.

Era tudo tão parecido com a noite de núpcias deles.

Cat mal podia esperar.

• • •

O olhar de Cat captou a placa de sinalização que a direcionava para o

aeroporto, mas ela não estava prestando atenção. Sua raiva estava fervendo, e a única coisa que a impedia de ficar furiosa era pensar em como Dante a mantivera saciada e completamente fodida na última semana.

Porque se ela não pensasse em sexo com ele, iria pensar em fatiar a garganta dele com sua faca. Simples assim.

Cat discou o número do celular do marido, agitando seu estômago. Dante atendeu no segundo toque, mas ela nem sequer deu a ele a chance de cumprimentá-la.

— Eu pensei ter dito que nenhum segurança me seguiria nesta viagem, Dante.

— Ele estava simplesmente garantindo que você chegasse ao aeroporto sã e salva, *Amore*.

Ela tentou manter a calma, mas nada parecia ajudar. Depois de pedir especificamente para deixá-la resolver suas coisas, especialmente uma vez que esta era — que ele sabia — sua primeira viagem de negócios em um tempo, ele ainda enviou alguém atrás dela.

Cat estava chateada.

— Bem, eu não estou nem na metade do caminho para o aeroporto e já nem o vejo mais — Cat informou, mantendo o tom frio. — Da próxima vez, escolha alguém melhor para cuidar de mim, Dante.

— Eu não estava tentando.

Ela desligou o telefone e o jogou no console, ainda fumegando. No momento em que surgiu um retorno na estrada para trocar de uma direção para outra, Cat o pegou. Ela estava indo na direção oposta do aeroporto agora.

Ah, Cat tinha negócios para fazer. Do tipo que seu marido não gostaria de saber.

Trinta minutos depois, Cat estacionou o carro em uma estrada de terra

perto da rodovia quando seu GPS apitou. Quarenta metros mais ou menos na estrada particular, um carro preto a estava esperando. Cat passou pelo carro preto e estacionou. Saindo, ela trancou sua Mercedes branca — o único presente de casamento que ela permitiu do marido — e caminhou até o sedan preto. Tocando o para-choque, Cat rapidamente encontrou a chave reserva que ela sabia que deveria estar lá. Cinco minutos depois, ela estava de volta à estrada novamente e ainda não dirigia em direção ao aeroporto.

Não, ela só precisava sair da cidade para chegar ao seu destino.

Ela se lembrou de agradecer a Gaetano por ser tão bom em manter seus planos em segredo. Ele merecia algum tipo de prêmio por ser tão leal a Cat. Ela não sabia o que faria sem ele e Pao.

Nada disso teria sido possível se não fosse por eles. Gaetano voou para Nova York, alugou um carro para Cat e o deixou onde ela pedira. Gaetano ficaria por alguns dias, até que Cat voltasse para Dante, que não saberia onde ela realmente estivera, e depois ele devolveria o carro antes de partir novamente.

Sim, ela devia muito àquele homem.

• • •

Cat parou na casa modesta, estilo bangalô. Ela só tinha estado dentro da casa uma vez antes. Na verdade, quando ela comprou com um nome falso. Havia dois quartos, um pequeno banheiro, cozinha e um quintal de tamanho decente, completamente fechado por uma cerca de três metros de altura. Junto com o bairro de subúrbio tranquilo e seguro em que estava localizada, o local e a casa combinavam perfeitamente para o que Cat precisava.

Ninguém presumiria que os moradores eram outra coisa senão uma mãe e um filho normais, desde que não chegassem perto demais. Cat tinha

certeza de que Isa conhecia as regras, de qualquer maneira. Ela não falaria com os vizinhos, a menos que fosse absolutamente necessário.

Bruno Savino nunca pensaria em procurar as pessoas que Cat mantinha escondidas dele se estivessem à vista de todos. Ele provavelmente achava que Cat os escondera em algum lugar bem longe. Ou inferno, talvez até mesmo que os escondeu na Itália.

Errado.

Bem, verdade seja dita, Cat não sabia o que Bruno pensava e não queria saber. Só de pensar no nome de Bruno, a raiva aumentava, a vontade de vomitar aparecia e a preocupação pressionava seu peito.

Ele era um homem vil, abusivo, que pouco se importava com as mulheres. Ele fora amante de sua irmã antes da morte de Catherine.

E era o suposto pai do sobrinho de Cat, o garotinho que ela roubou dele para ficar em segurança.

Cat bateu quatro vezes na porta da frente da casa e esperou.

— *Ciao*, Catrina! — Isa, a babá de seu sobrinho e cuidadora em tempo integral, abriu-a com um sorriso.

— Isa— disse Cat com um sorriso.

— Depressa, entre. Ele está com saudades.

Cat entrou na casa, imediatamente pegando o bebê dos braços de Isa. Michel se contorceu como qualquer menino de quase oito meses faria para ir para o chão, mas Cat não o faria. Ela queria abraçá-lo porque não teria muito tempo com ele. Para protegê-lo, ela precisava ficar longe. Para proteger essa criança... ela se casara com um homem cujo o sobrenome e a família assustariam o pai dela.

Ela não arriscaria tudo o que tinha conseguido para deixar essa criança — seu sangue — segura só porque ela queria visitá-lo com mais frequência.

Fazia quase sete meses desde a última vez que ela o viu. Ele era praticamente recém-nascido naquela época. Ainda tinha cheiro de bebê, um sorriso sem dentes que não era realmente um sorriso, e uma cabeça quase careca. Agora sua cabeça brilhava com cachos dourados, seus olhos castanhos estavam atentos e olhando diretamente para ela, e seu sorriso era verdadeiro.

Por um instante, ela pensou em Dante e como ele se sentiria ao saber que ela havia escondido suas verdadeiras intenções de se casar com ele. Traído, provavelmente. Já era tarde demais agora. Cat não poderia voltar no tempo. Se Dante soubesse toda a verdade quando ela se aproximara, ele teria pensado que ela não passava de um risco para sua família, e ele a teria afastado.

Cat precisava de alguém maior que ela para proteger Michel, mesmo que eles não soubessem que estavam fazendo isso. Dante era essa pessoa.

— Michel! — Cat fez cócegas na barriga gorda do bebê, observando suas bochechas rosadas. — Oh, você é um menino tão bonito!

— Ma! — O bebê gritou.

— Não, Michel... *Zia* Catrina, não sua mãe. — Cat piscou, chocada.

Seu coração doeu por dizer isso. Michel não teve mãe alguma, não depois que seu pai quase a espancou até a morte, a deixou para dar à luz a essa criança sozinha e, no final, não fez nada para ajudá-la quando ela sangrou.

Isa riu.

— Você deixou uma sacola com os pertences da sua irmã aqui. Você e Catherine se parecem muito, então talvez ele esteja confundindo você com ela.

— Talvez — Cat ecoou.

— Ele vai precisar de uma mãe e pai, eventualmente, Catrina. — O

sorriso de Isa desapareceu.

— Eu sei.

Eram as únicas duas coisas que Cat não sabia como dar a Michel.

A única razão pela qual ela se casou com Dante foi pela segurança de Michel. Todo o seu status e reputação como a Rainha que ela estava desistindo lentamente para ser Catrina Marcello, a esposa muito pública de um chefe da máfia, cujos clientes não confiariam nela agora, era por essa criança.

Mas ela não sabia como dar a Michel mais nada.

Capítulo Doze

— Oh, você não parece confortável.

Dante resmungou alguma coisa, mesmo sem conseguir entender em seu travesseiro a provocação de sua esposa.

— A que horas você chegou ontem à noite? — Catrina perguntou.

Virando a cabeça o suficiente para que suas palavras não fossem confusas, Dante disse:

— Por volta das três.

— Nossa, são dez horas agora.

— Maldito Gio — Dante murmurou.

— Noite divertida com seus irmãos, então? — Catrina riu. O som musical o acordou mais, mas ele se recusou a se levantar a menos que fosse absolutamente necessário.

— Demais.

Depois de algumas semanas particularmente estressantes, olhando currículos de empreiteiros que eram necessários no lado legal dos negócios, misturados com a porcaria constante do lado ilegal, Dante precisava de uma noite de folga. Catrina havia sugerido que ele levasse seus irmãos para um clube sem suas esposas acompanhando, já que ela voltou de sua viagem para LA, então ele foi quando encontrou tempo. Não era como se Dante tivesse uma ressaca ou algo assim na manhã seguinte, mas, Cristo, Gio sabia festejar quando queria. Pelo menos seu irmão parou com as drogas.

Mesmo assim, Gio era o único dos três irmãos Marcello com energia para ficar acordado por horas a fio, bebendo como um peixe, e não acordar péssimo de manhã.

Catrina ficou de pé junto à beira da cama. A palidez suave e cremosa de suas pernas chamou a atenção de Dante. Ele estendeu a mão para esfregar

a palma na coxa dela, ainda mantendo os olhos fechados.

— Nada de mulher, certo, *bello*? — As unhas que Dante amava sentir em suas costas dançaram em seu pescoço.

— Nem faça essa pergunta.

Os dedos dela saltaram pela espinha dele, fazendo seu pau endurecer contra o colchão.

— Ah, não duvido que não houvesse mulheres para as quais estivesse olhando. As mulheres, por outro lado, estão sempre olhando para você. Só estava me perguntando se há uma nova mulher que eu deveria ir atrás.

— Recolha suas garras, Cat. — Dante riu.

— Mas você gosta delas.

— Sim, quando são precisas. Que horas você disse que era? — perguntou Dante.

— Dez.

Dante pensou por um momento antes de despertar e pular na cama de joelhos.

— *Merda!*

— O quê?

— Missa — Dante latiu.

— Nós não vamos, Dante. — Catrina riu daquela maneira novamente.

— Não é realmente uma escolha, Cat.

Dante saiu cambaleante da cama, procurando cegamente o terno que havia largado na noite anterior, depois que chegou em casa. Não estava lá. Não que fosse apropriado para as missas de domingo, na verdade.

— Seu terno está na lavanderia — informou Catrina. — E não vamos.

— Como eu disse, não é uma escolha que podemos fazer, gatinha. — Dante balançou a cabeça, desejando que a sonolência deixasse seus olhos.

— Bem, já que todo mundo acha que estamos na cama com uma gripe

horrível esta manhã, sim, acho que estamos seguros.

— Você falou que estávamos doentes para a igreja. — Virando-se rapidamente, Dante olhou para a esposa como se ela estivesse falando bobagens.

— Igreja, sua mãe... tudo a mesma coisa, eu acho.

— Meus irmãos sabem...

— Eles podem te cobrir uma vez. — Catrina interrompeu, sorrindo maliciosamente. — Tire o dia e seja mau comigo, Dante. Você sabe o quanto eu gosto quando você é mau.

— Faltar a missa está no final da minha lista de coisas ruins, Cat. — Dante bufou.

— Eu sei, mas ainda assim, existem tantas regras que você absolutamente não vai quebrar e a igreja é uma delas. Posso pensar em uma dúzia de outras coisas sujas que podemos fazer hoje.

Ele levou muito tempo para perceber o que sua esposa estava dizendo. Virando apenas o suficiente para dar uma boa olhada em Catrina, Dante notou que ela estava usando uma de suas camisas com apenas dois botões fechados no meio. Ela parecia um pecado puro — as pernas, a cintura fina acentuada pela camisa dele, e os lábios pintados de vermelho como ele gostava. Suas mãos estavam escondidas atrás das costas, como se ela estivesse escondendo alguma coisa dele.

— O que você tem aí? — Ele perguntou, sorrindo maliciosamente.

— Calcinha de renda. — Catrina encolheu os ombros.

— Isso é tudo?

— E muita pele.

— Você disse à minha mãe que estávamos doentes para nos tirar da igreja e do jantar para que pudéssemos foder o dia todo? — Dante gemeu alto e forte.

— Basicamente. — Catrina sorriu maliciosamente.

— Nós vamos para o inferno.

— Vai ser um passeio divertido.

— Cristo, você é má — disse Dante, rindo.

— Oh, eu sei, *bello*.

Então, Catrina tirou as mãos de trás das costas, mostrando um dispositivo que Dante não esperava que ela tivesse. A câmera de nível profissional da Nikon, com uma lente de US\$6 mil, já estava ligada e, antes que ele pudesse pensar, ela foi erguida e o flash o cegou.

— Onde você encontrou essa maldita coisa? Não uso isso há anos. — Dante levantou a mão, impedindo que a esposa tirasse outra foto.

— No armário da TV. É bem chamativo.

— Chamativo?

— Você sabe, como sinos e apitos.

Dante se recusou a abaixar a mão. Ele gostava de tirar fotos de vez em quando, mas não gostava de ser fotografado. Manter seu rosto *longe* dos holofotes sempre foi um passatempo dele.

— Costumava ser um hobby meu, *Amore* — explicou Dante.

Catrina baixou a câmera, então Dante baixou a mão.

— Costumava ser?

— Os últimos anos têm sido movimentados para mim. Acabei perdendo o interesse quando outras coisas se tornaram mais importantes.

— Um fotógrafo, é? — Catrina perguntou, balançando a câmera.

Dante observou a câmera sendo balançada, esperando que ela não a derrubasse.

— Pare de brincar com essa maldita coisa como se fosse uma bola ou algo assim. Me custou quatro mil.

— Bem, eu não planejei ser a pessoa que usaria ela — disse Catrina,

piscando.

Ela jogou a câmera para ele como se fosse um brinquedo e não um dispositivo muito caro. Dante a pegou com facilidade, mas ainda a encarou, esperando que expressasse seu descontentamento com a provocação dela.

Quando os dedos de Catrina escorregaram e encontraram os botões da camisa que ela estava usando, a garganta de Dante apertou, suas calças de dormir de repente ficaram desconfortáveis, e ele não podia respirar. Ela desfez os únicos botões que seguravam a camisa, deixando o tecido se abrir. A pele clara estava exposta para ele, dando a Dante a vista do vale entre seus seios e o caminho suave que levava à nudez de seu sexo coberto por renda preta.

— Você só vai ficar aí, ou vai se divertir um pouco comigo?

— As pessoas não eram minha praia, Cat.

— Acho que você vai me fazer justiça.

— Por que isso? — perguntou Dante.

— Ninguém me vê como você. — Catrina o observou sob os cílios.

Sim, essa mulher era tão sexy que doía. Catrina nem precisava tentar, ela simplesmente era. Do jeito que o corpo dela se movia, de como ela o observava como se ele fosse um Deus... era fascinante.

Catrina girou nos calcanhares, olhando por cima do ombro ao mesmo tempo em que Dante levantou a câmera. Ele não se incomodou em verificar as configurações. Catrina não precisava de ajustes. Desligou o maldito flash, no entanto. Havia luz natural mais que suficiente entrando pelas janelas, banhando sua esposa em um halo de cor.

Quando os polegares dela deslizaram sob o colarinho para puxar a camisa sobre os ombros, Dante já estava tirando fotos. A camisa caiu no chão, expondo a renda preta contrastando com a pele branca. Catrina ficou o observando o tempo todo.

Ele tinha certeza e que ela esperava que tirasse fotos dela como um todo, mas ele tinha outros planos. Ela era tão linda — cada centímetro dela era incrivelmente bonito de uma forma que não conseguia explicar com palavras. Mas fotos? Isso poderia ser algo que Dante conseguiria capturar.

A curva de sua cintura. O vermelho de seus lábios e como eles se curvavam nos cantos quando ela estava pensando demais. A ondulação de seu traseiro, ou a pequena marca de nascença na parte de trás de sua coxa, onde sua bunda se fundia em seu quadril. Essas unhas com cristais colados brilhando na ponta bem cuidada quando ela se virou, traçando sua bochecha.

E os olhos dela.

Inferno, seus *olhos*... Sempre nele, querendo apenas ele.

Porra, Dante amava essa mulher.

Foi como um chute no coração. Rápido e doloroso e afastando-se antes que pudesse pensar nisso por muito tempo e reagir.

Mas estava lá e ele sentiu isso.

Dante soube, naquele momento, que ele estava fodido.

• • •

Quando isto aconteceu?

Como?

Dante ficava se fazendo essas mesmas duas perguntas várias vezes até que as palavras estavam permanentemente impressas no fundo de sua mente.

Outra foto saiu na impressora. Ele a puxou e absorveu o impacto que o sorriso sensual de sua esposa tinha em seu coração e alma, sem mencionar seu corpo. A fotografia colorida quase se transformara em preto e branco com o contraste natural da luz naquela manhã.

Dante se certificou de que a porta do escritório ainda estava fechada antes de

clicar em um botão em seu laptop para imprimir outra foto. Ele havia tirado a impressora e o papel fotográfico especial do armário antes, querendo ver como as fotos ficariam na forma física e não apenas na digital.

Elas eram perfeitas. Muito parecidas com Catrina.

Suspirando, Dante massageou a dor começando a pulsar na base do crânio.

Ele não conseguiu identificar o momento exato que começou a se apaixonar por Catrina. Não houve momentos particulares que se destacaram para explicar o porquê de ele ter pulado de cabeça em algo que sempre lutou contra.

A única coisa que sabia com certeza era que não tinha sido um amor rápido, mas sim algo que cresceu com o tempo. Lentamente, como uma semente plantada e brotando. Definitivamente, uma erva daninha, no entanto. Porque uma vez que uma erva daninha estava lá, não importava quantas vezes você a extraísse, ela sempre voltava a crescer.

Amor.

Era uma criatura tão doentia e terrível. Como se algo tivesse surgido, sentado-se no peito e agora não podia ser removido.

Há muito tempo, Dante confiava em si mesmo para fazer as escolhas certas, saber quando avançar ou recuar. Aparentemente, ele não sabia de nada se alguém como Catrina podia se infiltrar em suas veias sem que ele percebesse. O amor era o inferno. E meio que doía também. E não de um jeito bom, mas de um jeito muito ruim. Porque ele a amava, mas ela não o amava. As coisas *nunca* mais seriam as mesmas depois disso. Ela não queria amor.

Dante se preparou para o fracasso com Catrina. Ele ia perder tudo por causa disso, incluindo ela.

Simples assim.

• • •

— Bom dia — disse Lucian ao entrar no apartamento de Dante.

— Ei. — Dante ergueu o queixo para o irmão no sofá.

— O que você está fazendo ainda sentado na frente da TV às onze da manhã, cara? Nós temos coisas para fazer hoje.

— Não, você quer ir comer no Cazza, foder metade do dia, então talvez tentar trabalhar mais tarde. — Dante bufou. — Conheço você, então nem se incomode em tentar negar isso, Lucian.

— Eu trabalho. Cale a boca, *cafone*.

— Eu nunca disse que não, simplesmente disse que sabia quais eram seus planos para hoje. A reunião para recolhimento dos impostos está chegando e você sempre leva isso na boa.

— Porque é um dia longo. — Lucian olhou para o teto.

— Mais longo ainda agora que você é um subchefe.

— Exatamente.

— Cazza para o almoço? — perguntou Dante.

— Tem a melhor comida deste lado de Nova York.

— É o seu restaurante. Não é de surpreender que você pense assim.

— Ainda tem a melhor comida — salientou Lucian.

— Concordo com você — disparou Dante.

Dante se afastou do sofá, limpando a poeira invisível nas pernas da calça. Não havia poeira nenhuma no apartamento, não com Catrina por perto.

— Eu tenho que pegar meu paletó no escritório — disse Dante, inclinando a cabeça para o seu irmão mais velho o seguir. Lucian o seguiu, devagar. Um pouco quieto demais para o gosto de Dante. — O que está acontecendo com você?

— Você sabe onde Cat está hoje, certo? — Lucian pigarreou quando pararam do lado de fora do escritório de Dante.

— Visitando Jordyn — respondeu Dante. — Ela e Kim são as únicas mulheres que Catrina realmente gosta. Até a surpreende. Você sabe como ela é; os homens são mais fáceis de manipular que as mulheres. Por quê?

— Apenas curiosidade.

— Você tem algum tipo de problema com ela estar lá, ou o quê? — Dante cruzou os braços, esperando que seu irmão cuspsisse o que quer que ele estivesse remoendo.

— Não, eu só achei estranho ela ir para lá, mas você nunca vai.

Affe.

Esta não era uma conversa que Dante queria ter. Ele teve muita sorte em evitar isso desde o nascimento de Johnathan, mas aqui estava seu irmão basicamente perguntando, sem falar diretamente.

— É meu filho, não é? — perguntou Lucian.

— Não é John — respondeu Dante, honestamente.

— O que mais é?

O jeito que todos olham para mim quando estou perto dele, pensou Dante. *Como se eu pudesse quebrar por causa de uma criança.*

— Não é John — ele repetiu, querendo que a conversa acabasse.

Sem outra palavra, ele abriu a porta do escritório. Dante percebeu seu erro no momento em que entrou, mas já era tarde demais. As fotos que ele havia impresso na noite anterior ainda estavam espalhadas por toda o lugar. Nada estava oculto. Sua distração o levou a esquecer isso antes de convidar seu irmão para entrar.

— Puta merda — sussurrou Lucian.

— Fora — disse Dante, virando-se rapidamente para empurrar seu irmão mais velho para fora. — Agora, Lucian.

— De jeito nenhum. — Lucian se esquivou facilmente de Dante, entrando no escritório. — Puta merda, Dante.

Dante engoliu a raiva, dando uma olhada rápida nas fotos. Nenhuma delas mostrava o suficiente de Catrina, em seus vários estágios de nudez, para justificar sua raiva, mas elas eram muito reveladoras se alguém entendesse a mente de Dante. E esse alguém era Lucian.

Todas as fotos eram em preto e branco. O sorriso de sua esposa, a curvatura de sua testa ou o leque de seus cílios na bochecha. Fotos dela usando apenas sua camisa, todos os botões abertos, exceto um quando ela estava sentada com os joelhos em uma cadeira. Os dedos apertados nos lençóis da cama. Água descendo pela pele dela. Havia algumas que ele tinha tirado quando ela estava em cima dele, seu corpo torcido com a explosão de um orgasmo, mas em vez de uma foto de corpo inteiro, ele só focou na curvatura da boca dela quando chorou o nome dele.

— Eu não deveria estar olhando pra isso, deveria? — Lucian perguntou calmamente.

— Não — murmurou Dante. — Podemos sair daqui?

— Acho que não. — Lucian se virou para encarar seu irmão. — Eu sabia que vocês dois estavam... íntimos.

Dante o encarou abertamente. A única razão pela qual seu irmão sabia de alguma coisa sobre seu relacionamento físico com a esposa era porque Cecelia não conseguiu ficar quieta depois de ver Dante beijando Catrina, quase um mês atrás.

— Fodendo, você quer dizer.

— Não seja um babaca porque eu descobri o seu segredo, Dante.

— Vá se ferrar — alertou Dante sombriamente. — Você não tem a menor ideia.

— Olhe para este lugar! Olhe para ele. — Lucian balançou os braços e disse: — Você se casou porque precisava, então encontrou uma mulher tão durona quanto você. Sr. Coração de Pedra acabou tendo sorte o suficiente

para que a mulher que ele encontrou se sentisse atraída por ele. Você tem escondido bem o suficiente... fazendo funcionar.

— Jesus, você gosta dela, não é? — Lucian soltou uma gargalhada.

— Pare.

— Nem a pau, irmão. Ela sabe que você a vê assim?

— Não. — Dante engoliu em seco.

— Ela não sabe que você a ama?

— Não.

— *Cristo*, por que não? — Lucian exigiu. — Do que diabos você tem tanto medo quando se trata de se apaixonar?

— Eu não sou como você ou Gio — respondeu Dante.

— O quê?

— Foi tão fácil para vocês dois. Vocês dois encontraram quem queriam e pronto, deu certo. Não houve questionamentos ou recusas. Não demorou, Lucian. Você não teve que se apaixonar, você entrou nessa porque não sentiu que tinha algo a perder. E foi a mesma coisa com Gio e Kim.

— O que você poderia possivelmente perder, Dante?

— Eu. Não queria perder o que me faz quem eu sou. É algo pela qual me identifiquei por toda a minha vida, e se eu mudar, todas as coisas que eu pensava ter entendido desaparecerão. Então eu quero continuar sabendo as coisas que sei. Parte disso significava ser egoísta porque eu não podia dar a uma mulher a normalidade. Sem filhos. A vida dela seria maculada por regras e expectativas. Tudo ao seu redor seria instável por causa das minhas escolhas e profissão e isso não é justo para ela.

— Mas...

— Mas nada — disse Dante. — Você não pode discutir comigo sobre isso. Você não é eu, então você não pode saber o que se passa dentro da minha cabeça.

— Você está certo. Sinto muito. — Lucian olhou para o lado, pegando uma série de fotos. — Há outras maneiras de ter filhos, no entanto. É tudo o que eu queria dizer.

— Certo, porque adoção é completamente aceitável na Cosa Nostra. Não é. Nós dois sabemos disso. É como trazer um estranho para dentro e as pessoas ficarem desconfortáveis, mesmo que seja apenas uma criança. Isso torna tudo muito difícil, especialmente dadas as circunstâncias da adoção. Não comece a falar sobre como isso pudesse funcionar, não estou interessado.

— Eu quis dizer uma maneira mais clínica, Dante. Como um... doador.

Dante encolheu. Sim, porque ele queria totalmente escolher seu filho em uma porra de banco de esperma pela cor dos olhos e herança genética. Ou pior, discutir a opção de um de seus irmãos ser o doador. Não, obrigado.

— Não quero falar sobre essa merda. A questão toda era mais do que apenas crianças. Pare de se concentrar nessa porra. Sei há anos que filhos estão fora de questão e eu lidei com isso. Pare de cutucar esse maldito assunto.

— Tudo bem. Mas você é muito sensível ao assunto, então...

— Oh, *vaffanculo*, Lucian.

— Qual é o problema aqui? — perguntou Lucian, acenando para as fotos. — Qual é o problema com ela?

— *Nada*. Cat combina comigo. Não tenho que me preocupar em falhar com ela, ela quer a mesma merda que eu. Não tenho que mantê-la segura como se fosse uma boneca de vidro, porque ela pode cuidar de si mesma e não precisa de aprovação a cada maldito segundo do dia para se sentir digna. Tem seus próprios pés para ficar de pé e tem um poderoso conjunto de garras escondidas sob aquele bonito exterior. Ela é perfeita para

mim.

— Eu tenderia a concordar, exceto que o que você acabou de dizer parece inacabado, Dante.

— E se isso mudar? Ou ela poderia mudar. Daqui há cinco, dez anos. Poderia. Eu sempre serei essa pessoa e a Cosa Nostra é a minha vida. Ela pode acordar um dia e querer sair dessa vida, ou talvez queira uma vida normal. Não posso dar isso a ela. E eu não esperava isso.

— Amor, você quer dizer.

— Não sou como você ou Gio. Eu sou eu e levei tempo para entender. Você era como uma floresta seca e Jordyn era o fogo. Uma rajada de vento e você explodiu em chamas. Não tinha como parar. Cat e eu não éramos iguais. Ela era uma onda e eu estava na praia. Seus efeitos vieram em movimentos lentos, aumentando a força. Quando ele bateu em mim e percebi o que aconteceu, era tarde demais porque ela me tomou. E eu me afoguei — Dante terminou bruscamente.

— Estou tão confuso — disse Lucian, franzindo a testa.

— Sim, bem, imagine o que é viver dentro da minha cabeça.

Capítulo Treze

Cat se inclinou para entregar ao pequeno Johnathan seu urso de pelúcia. O bebê de dez meses segurou o brinquedo o mais forte que pôde com uma das mãos enquanto fazia gestos para agarrar a sua tia com a outra.

— Vá em frente — encorajou Jordyn em voz baixa. — Pegue ele.

— Ah... — Cat não queria ser chata, mas além do sobrinho, ela não tinha segurado muitos bebês. — Eu não sei.

— Por que não? O pior que ele vai fazer é babar em toda a sua camisa de seda ou usar seu celular como mordedor.

Cat riu antes de puxar o menino em seu abraço. Johnathan imediatamente começou a balbuciar incoerentemente e se agitar com o cabelo ruivo de Cat e seus brincos de prata. Contanto que ele não começasse a puxar, ela estaria bem.

— Você já pensou em crianças? — perguntou Jordyn.

— Não, definitivamente NÃO. — Cat fez uma careta. — Não estou no ramo certo para ter os próprios filhos. É um apego que não posso me dar ao luxo de ter.

Deus, ela era tão mentirosa.

— Eu sei que Dante não pode...

Jordyn deu a Cat um olhar simpático. Cat encolheu os ombros em resposta.

— Isso torna mais fácil para mim, eu acho. — Cat admitiu. — Eu odiaria recusar algo assim se ele pudesse e quisesse filhos, sabe. Agora é apenas uma opção que não temos e, portanto, não precisamos discutir nada. Simples.

— Parece triste.

— Para outros, talvez. Estamos bem como estamos.

— Eu não podia imaginar não ter Johnathan — disse Jordyn, estendendo a mão para acariciar a bochecha rechonchuda do bebê, balbuciando.

— Ele é um fofo. — Cat mexeu os dedos e o bebê imediatamente notou os minúsculos cristais cintilantes nas pontas de suas unhas bem cuidadas. Em um piscar de olhos, a pequena boca de Johnathan cobriu seus dedos e seus pequenos dentes morderam. — *Ai, piccolo!*

— A dentição — acrescentou Jordyn com um bufo. Ela soltou a boca do filho da mão de Cat antes de pegá-lo de volta e colocá-lo no chão mais uma vez. — Então, por que a visita? Não que eu me importe, mas você sabe, Dante não vem muito aqui desde que Johnathan nasceu e você está sempre ocupada.

— Notou isso sobre Dante, não é? — Cat perguntou, sorrindo.

— É meio difícil não fazer isso. — Jordyn parecia desconfortável. — Quero dizer, estamos morando nesta casa há mais de um ano e eu posso contar as vezes que ele veio. Antes de Johnathan, Dante era muito parecido com Gio, vindo pelo menos quatro dias da semana só para dizer oi. Então, sim, eu notei. E realmente machuca Lucian, mesmo que ele não admita isso.

Claro que sim. Cat podia ver, ela tinha olhos. Os irmãos eram evidentemente próximos. Dante estava simplesmente protegendo seus sentimentos da única maneira que sabia. Construindo mais paredes. Cat derrubaria algumas, ele querendo ou não. Ele precisava aprender que havia mais na vida do que negócios. Coisas importantes, como sua família.

Ela planejava lembrá-lo disso antes que ele esquecesse.

— Você já pensou que talvez não seja realmente Johnathan que mantém Dante longe? — Cat perguntou.

Jordyn não respondeu, mas pela sua expressão incrédula, deu para notar que a declaração de Cat não estava sendo bem recebida.

Cat se ajoelhou, agarrando Johnathan sob os braços pequenos e gordos e colocando o menino de pé. Ela manteve as mãos sobre ele para lhe dar estabilidade enquanto cambaleava.

— Estou falando sério — disse Cat, continuando a dar a atenção ao sobrinho enquanto falava.

— Estou ouvindo.

— Para Dante, é tudo sobre como todos os outros ao seu redor o estão percebendo. Outros podem pensar que é inútil, mas, para ele, sua imagem é a coisa mais importante. Emoções são fraquezas que quebram exteriores duros. As pessoas fariam, o achariam patético. Especialmente quando sua esposa, o padre e seu médico estão cientes de seus problemas de fertilidade. Ele pretende ser um homem frio, mas um homem, no entanto. Como os outros se sentiriam ao saber que não pode fazer uma coisa que todos os homens deveriam fazer? Será que ele seria considerado um homem inferior?

— Além disso, ele é um italiano vivendo em um mundo muito conservador — continuou Cat suavemente. — Os italianos amam suas famílias grandes. É uma parte de ser quem somos. Dante não é capaz de ter filhos e ele está muito ciente de que aqueles ao seu redor sabem disso também.

— Isso é ridículo.

— Será mesmo? — Cat perguntou incisivamente. — Você me deu um olhar triste não mais que cinco minutos atrás pelo fato de saber que meu marido não poderia ter filhos. Mesmo se eu te disser que estamos bem assim, e estamos por agora, em seu coração, você não acredita verdadeiramente em nós. Porque claramente não podemos estar satisfeitos e felizes apenas um com o outro em nossas vidas, precisamos de mais.

— Ok, é verdade. Me desculpe. Por favor, continue. — Jordyn pigarreou, recusando-se a encontrar os olhos de Cat.

— Quando ele está perto de Johnathan — Cat disse, colocando o bebê no chão —, todo mundo acredita que eles devem estar atentos aos sentimentos de Dante. Como se apenas estar perto de criança o machucasse ou que talvez suas conversas sobre Johnathan o incomodassem por causa de sua incapacidade de ter um filho. Tudo isso o faz pensar que os outros estão vendo apenas seus fracassos, incluindo a falta de filhos.

— Nunca pensei nisso dessa maneira — admitiu Jordyn. — É meio que verdade.

— Meu marido não é feito de vidro e ele não vai quebrar em pedaços se você não lidar com ele com luvas de pelica.

— Eu sei que ele não é.

— Então não o trate assim. Dante adoraria passar mais tempo com seu filho, conhecê-lo e fazer com que Johnathan se ligasse a ele. Mas também sei que Dante não vai lhe dizer isso, Jordyn. O que ele precisa é se conectar com Johnathan longe dos olhos dos outros. Longe de especulação pessoal e julgamento.

— Ele pode vir aqui quando quiser — começou Jordyn, parecendo confusa. — Lucian adoraria isso.

— Mas Dante, não. Pelo menos não a princípio.

— O que você gostaria de fazer, então? Sou toda ouvidos. — Jordyn olhou para o filho que estava se equilibrando com a ajuda de uma cadeira da cozinha.

— Ele dorme a noite toda? — Cat perguntou.

— Desde os três meses, graças a Deus. — Os dentes estão nascendo, então às vezes ele acorda por causa disso.

— E ele dorme em lugares diferentes sozinho?

— Nós nunca tivemos um problema com ele na casa dos pais de Lucian ou de Gio.

— Ótimo. Eu gostaria de levá-lo para ficar lá em casa uma noite ou duas. Estaria tudo bem, ou Lucian sentiria muita falta dele?

— Uh, sim, claro. — Jordyn piscou com surpresa. Nós nunca pensaríamos nisso se você não o dissesse.

— Claro que não.

— Legal. Ele é o único sobrinho que vocês têm por enquanto, então sim, acho que algum tempo juntos seria perfeito.

Único sobrinho. Certo...

• • •

— Pronto? Abra.

Os lábios cor-de-rosa de Johnathan se abriram para formar um pequeno e perfeito O. Cat colocou um pequeno pedaço de banana na boca dele e puxou os dedos para longe antes que pudesse mordê-los novamente. Ele estava muito interessado nos cristais das unhas dela e se recusou a comer, então Cat se tornou o garfo muito rápido.

— Hum — Cat murmurou, tocando o nariz de Johnathan.

Ela o colocou no balcão, já que não havia um cadeirão no apartamento. Johnathan chutou as pernas e deu uma risadinha, abrindo a boca para outro pedaço de banana e a chance de morder os dedos de Cat.

Alguém pigarreou enquanto passava por Cat, mas ela não reagiu à presença súbita de Dante. Ele mandou uma mensagem antes para que ela soubesse que estava a caminho de casa, e ela ouviu o elevador sendo acionado para deixá-lo entrar no apartamento.

— O que é isso? — perguntou Dante, permanecendo na entrada da cozinha.

— Este é seu sobrinho. Diga olá ao tio Dante, Johnathan.

— Estou ciente de que ele é meu sobrinho, Cat. Eu estava do lado de fora da sala de parto quando Jordyn o entregou e ele se parece com o pai. Eu quis dizer, por que ele está aqui esta noite?

— *Ciao, piccolo*. — Cat ignorou Dante.

— Catty. Catty. — Johnathan sorriu e suas pernas chutaram mais rápido.

— Bem, ele te conquistou — disse Dante.

— Seja legal, Dante. — Cat mostrou a língua para o bebê e fez uma careta. Agitando a mão como se quisesse dizer olá, ela disse: — *Ciao*, bebê.

Johnathan se recusou a falar novamente.

— Nós vamos trabalhar nisso, *piccolo*. Banana?

Johnathan sorriu antes de pegar o pedaço de fruta que Cat ofereceu.

— Há garfos a dois metros de distância em uma gaveta. — Dante parou ao lado de Cat.

— Ele está apaixonado pela minha unha. — Cat acenou com unhas brilhantes na frente do rosto de Dante provocativamente.

Antes que ela percebesse o que aconteceu, os dedos de Cat foram agarrados pela mão de Dante e seus lábios pressionaram suas unhas brilhantes. A ação era tão inocente, tão doce que doía. Algo rachou no peito de Cat enquanto olhava para o marido sorridente e ele virava a mão e beijava as pontas dos dedos dela.

— Eu sou muito apaixonado por elas, então eu suponho que posso entender o fascínio dele — murmurou Dante.

— É? — Cat molhou os lábios, mantendo a mão em Johnathan para ter certeza de que ele estava seguro, enquanto não tirava o olhar de Dante.

— *Ahan*, e eu também adoro o que você faz com elas. Especialmente nas minhas costas.

Cat riu envergonhada antes de puxar os dedos dele. Ela bateu no

marido com as costas da mão, rindo. Ela não podia negar o calor se formando em seu estômago, mas não demonstraria isso.

— Pare com isso, Dante. Essas orelhinhas repetem tudo. *Cazzo*. Eu não quero mandá-lo para a mãe e o pai dele e não poder trazê-lo de volta porque ele imita sua boca suja.

— *Cazzo*! — Johnathan balbuciou.

— Leve a culpa por isso, se alguém perguntar. — Os olhos de Cat se arregalaram e ela se virou para olhar para o marido.

— Absolutamente não. — Dante riu ainda mais. — Você estragou tudo, *Amore*. Acredito que isso é o que chamamos de karma.

— Por favor? Acabou saindo e ele não repetiu as outras palavras. Como ele...

Dante fechou a boca de Cat, beijando-a. Ela engasgou com a ferocidade de seu beijo e como parecia que ele reivindicava sua boca com cada pincelada de seus lábios e cada golpe de sua língua. As mãos de Dante se fecharam nos lados da camisa de seda dela enquanto a empurrava contra o balcão. Cat conseguiu manter o controle sobre Johnathan o tempo todo.

Cat não conseguia respirar com a pressão que crescia em seu peito, embora não fosse um mau pressentimento. O calor enrolado em suas entranhas estava de volta, inundando suas veias para o resto de seu corpo.

Dante salpicou o queixo de Cat com beijos antes de se afastar. Seus impressionantes olhos verdes a observaram quando ele perguntou:

— Não que eu me importe, mas quando a visita do meu sobrinho foi decidida?

— Hoje — Cat respondeu, sentindo-se sem ar. — Achei que seria bom para nós – você – passar um tempo com ele sem todo mundo por perto. Sei que eles fazem você se sentir como se estivesse andando em ovos, e isso não é justo para você ou Johnathan.

— Seria bom. Obrigado. Vamos levá-lo de volta esta noite? — Algo desconhecido brilhou nos olhos do marido.

— Não, ele vai ficar por algumas noites. Vamos entregá-lo no domingo no café da manhã antes da missa.

— Ele tem tudo de que precisa? — perguntou Dante.

— Sì.

— Ótimo. — Dante deu a Cat um beijo rápido antes de parar na frente de Johnathan. Apontando para Cat, Dante disse: — *Zia* Catrina, John.

— *Zia* Catty — Johnathan imitou.

— *Sì*, *Catty irato*, mal-humorada.

— Dante! — Cat assoviou, cutucando-o. Seu marido não recuou, apenas continuou sorrindo daquele jeito irritantemente e arrogante.

— *Zio* Dante. — Dante apontou para si mesmo.

— *Zio*!

— Por que ele não repete meu italiano? — O sorriso de Dante aumentou, mas Cat estava confusa.

— Acho que porque ele está acostumado com mulheres falando inglês para ele. Além dos apelidos que minha mãe o chama.

— Hã?

— Jordyn fala exclusivamente inglês com os outros, e em ocasiões escassas porque ela ainda está aprendendo, italiano só com Lucian. Lucian fala exclusivamente italiano para John. Dessa forma, ele crescerá com a compreensão de ambas as línguas. Nós fomos criados da mesma maneira. Bem, Gio e eu fomos. Lucian aprendeu com sua mãe e pai biológicos.

Cat sabia muito pouco sobre a educação inicial de Lucian ou as circunstâncias em que ele chegara à família Marcello, além do fato de ele sido adotado e seu pai verdadeiro ter sido um bom amigo de Antony. Ela não achava que este era o momento adequado para perguntar sobre o resto.

— Então, você não se importa de eu trazê-lo? — Cat perguntou baixinho.

— Não, claro que não. — Dante ficou olhando para Johnathan, sorrindo. — Não me esforcei muito e isso é vergonhoso, francamente. Ele não tem culpa dos meus problemas pessoais com os outros.

— Eu estava pensando em fazer disso uma coisa regular. Deixá-lo passar uma noite por semana conosco.

— Seria legal — disse Dante simplesmente.

Cat estava feliz por suas suspeitas sobre o que Dante precisava para se conectar com Johnathan.

— *Alzare?* — Dante perguntou ao sobrinho.

Os pequenos braços gorduchos de Johnathan se levantaram, suas mãos fazendo aquele movimento de agarrar novamente. Dante puxou o menino para cima, equilibrando o bebê que se contorcia em seu quadril antes de seguir em direção à sala de estar.

— Vem, Cat?

— Catty!

— Sim, eu estou indo. — Cat sorriu.

Mais tarde, à noite, Cat ficou encolhida na poltrona reclinável enquanto observava o marido e o sobrinho brincarem no chão. Johnathan estava de banho tomado, fizera sua refeição da noite e agora estava de pijama de moletom enquanto agarrava sua pequena manta azul. Um pequeno copo de canudinho com fórmula estava entre as pernas de Johnathan. Ele se sentou no chão ao lado do tio, embora Dante tivesse rolado de costas.

Dante empurrou três carros plásticos apropriados para a idade dele na frente de Johnathan.

— *Uno. Due. Tre.* — Johnathan tocou em cada carro enquanto seu tio contava. — *Ben fatto, John.*

O bebê bateu as palmas e saltou em seu lugar, fazendo Cat sorrir. Sua felicidade inocente em ser elogiado era muito fofa. Dante também parecia gostar da alegria do sobrinho.

— *Verde?* — perguntou Dante.

Johnathan enfiou o polegar na boca e estendeu a mão para pegar o carro verde.

— *Blu?*

O bebê bateu no carro azul com a palma da mão.

— *Brava* — disse Dante. As gargalhadas de Johnathan foram abafadas em torno de seu polegar quando seu tio o arrastou do chão e o colocou de barriga para baixo. Dante fez cócegas na criança enquanto Johnathan gritava e chutava. — *Mio ragazzo intelligente.*

Cat não pôde conter seu sorriso nem se tentasse. Sua alegria pessoal em jogar um jogo tão simples era doce e a aquecia de dentro para fora.

Também doía.

Sua mente se dirigiu para Michel. Algo doloroso cortou seu coração como uma faca. Dante pode ter aceitado seu destino de não ter filhos há muito tempo, mas e se não tivesse que ser assim? E se Michel...

Cat parou esse pensamento antes mesmo de começar. Não era possível. Havia muito perigo ao redor da criança se ele fosse levado para o espaço aberto onde seu pai poderia roubá-lo de volta.

Ela também pensou em Dante. A traição e a raiva que ele sentiria sobre suas mentiras seriam sufocantes. Ele nunca iria perdoá-la e, bom Deus, a própria ideia doía até o osso.

Cat piscou, entendendo algo que não tinha entendido antes. Ela não tinha motivo real para fazer as coisas que fez hoje pelo marido. Eles eram amigos, claro. Amantes agora que ela tinha cedido aos seus desejos. Mas eles eram principalmente parceiros em seu acordo para o casamento.

Exceto... que ela deixou se transformar em algo muito mais sem perceber.

O olhar intenso de Dante encontrou o de Cat do outro lado da sala. Ele ainda estava rindo com Johnathan saltando em sua cintura.

Doía tanto. Porque ela o amava.

O que ela fez?

• • •

Cat piscou, acordada no quarto escuro e imediatamente ficou rígida. Ela virou de lado na cama, procurando pelo pequeno Johnathan. Ele tinha sido um pouco exigente antes de tentar colocá-lo para dormir em seu cercadinho portátil, e Cat levou o bebê para a cama para ver se isso poderia ajudar.

Ela deve ter dormido com ele. Onde ele estava? *Merda*. Ela seria uma *Mamma* horrível para uma criança. Ela não conseguia nem cuidar de um menino de dez meses. Como diabos poderia criar um recém-nascido que precisava dela a cada segundo do maldito dia? Cat levou um minuto inteiro para perceber que Johnathan ainda não conseguia andar, ela o colocou no meio da cama entre ela e Dante para que ele não pudesse rolar, e ele não estava chorando no chão. Ela se sentiu estúpida.

— Acalme-se, *bella mia*. Levei John para a cama há um tempo, quando vi que ele estava dormindo. Ele já está dormindo faz uma boa hora.

Cat afundou nos cobertores felpudos, suspirando de alívio. Através da escuridão, ela olhou para Dante no outro extremo do quarto. Sentado numa cadeira com o queixo apoiado na mão e o cotovelo apoiado no joelho. Com a camisa de seda desabotoada, deixou o peito musculoso exposto. Ela adorava a águia tatuada com suas asas largas espalhadas por seus peitorais.

— O que você fez nessa última hora? — Cat perguntou.

— Observando você dormir — respondeu Dante.

— Por quê? — Cat levantou uma sobrancelha.

— Porque eu queria e esse também é meu quarto. Você ronca, a propósito.

— Absolutamente não!

— Ronca sim — respondeu Dante, assentindo. — Não é muito alto e você só faz quando está cansada. É fofo, na verdade.

— Sério? — Cat fez uma careta.

— Para mim é, eu acho. Sou tão idiota.

— Por que você diria isso? — Bem, isso não era o que ela esperava ouvir.

Dante não respondeu, em vez disso, disse:

— Obrigado por hoje. Estive tentando me manter longe de Johnathan e não percebi o quanto estava me machucando fazer isso.

— Você não precisa me agradecer por isso de novo, Dante.

— Eu sei. Eu queria filhos, Cat.

— Sério? — Cat respirou fundo, obrigando-se a se sentar na cama.

— Sim. Há uma diferença entre não poder e não querer. Eu nunca disse que não queria, só que não podia. Aceitei que isso não ia acontecer. Mas eu quero. Porque eu não posso, as pessoas assumem que eu automaticamente não as queira de forma alguma. Na verdade, não dei a ninguém uma boa razão para acreditar no contrário, então não culpo ninguém.

— Você parece se dar bem com Johnathan.

— As crianças não me deixam nervoso, se é isso que você quer dizer.

— Foi — disse Cat baixinho. — Não pretendia trazê-lo aqui e remexer com essa questão novamente.

— John estar aqui não fez isso. Isso está rolando há algum tempo, e guardei para mim mesmo.

— Você não precisa fazer isso. Você poderia falar comigo, Dante.

— Eu sei e isso torna muito mais difícil para mim — sussurrou Dante. Cat estava tão confusa que não sabia o que dizer.

— Eu sei que posso conversar com você — continuou Dante, colocando o pé no chão e sentando-se direito na cadeira. — Sobre qualquer coisa, certo?

— Claro.

— Exatamente. E nos encaixamos tão bem juntos. Na cama, no trabalho e na vida. Nós nos encaixamos. Funciona e é uma loucura. Odeio e preciso disso ao mesmo tempo. Isso não deveria acontecer. Não deveria ter acontecido e eu não entendo como você fez isso.

— Eu... — Cat engoliu em seco, sentindo um peso em seu estômago.

— Não, eu só preciso que você escute. Você está aqui agora. Em mim e em todos os lugares. É onde você está. De alguma forma você me faz melhor. É estranho que eu nem me importo que isso tenha acontecido também. Foi como se eu tivesse me virado um dia, piscado e tudo mudou, Cat. Quando começamos, concordamos que estaríamos bem juntos, porque os apegos emocionais não deveriam acontecer e nenhum de nós queria se atar. Sentimentos não faziam parte do acordo e eu sinto muito.

— Dante...

— Sinto muito porque eu te amo.

— Oh. — A tensão de Cat diminuiu, deixando-a cair na cama novamente.

— Sim, *oh*. Então, eu não sei o que você quer fazer com isso ou como quer fazer a partir daqui. Porque tenho certeza que sei onde estou, mas não tenho pista sobre você. Está me matando. Você está me matando.

— O amor não deveria doer, *bello*.

— Não dói. Acredite, isso não é o que dói agora. No começo eu pensei que sim, mas isso é porque eu não entendi.

— O que dói?

— Todo o resto. Estou exposto. Um alvo gigante. Minhas costelas parecem estar quebradas e abertas para que eu possa sangrar. É como eu me sinto. Eu me preparei para isso, mesmo que não consiga descobrir como. Estou vulnerável em mais de uma maneira. Para alguém me machucar por causa de você, para minhas próprias emoções me controlarem e para você me rejeitar. Eu fiz isso e *é uma* merda. Explodiu da pior maneira.

— Você não quer me amar?

— Não tem nada a ver com não querer — retrucou Dante, acenando com a mão no ar. — Parece que não temos muita escolha nisso. Apenas acontece, te chuta no maldito coração, e aí está você, *fodido*.

— Uau — Cat sussurrou.

— Eu sei. Estou tão confuso agora.

— Porque você me ama.

— Nós não acabamos de tirar isso do caminho?

— Não tenho certeza de nada no momento.

— Eu também — murmurou Dante. — Foi muito fácil para meus irmãos amarem. Eles não sentiram como se isso fosse matá-los. Não lutaram contra o que tudo isso significava. Cheguei à conclusão de que o amor não seria uma parte da minha vida porque tornava a coisa mais complicada do que o necessário.

— Não foi fácil para você se apaixonar por mim? — Cat se remexeu, escolhendo cuidadosamente as próximas palavras.

Nossa. Ela era tão difícil de ser amada?

— O quê? — A cabeça de Dante levantou, seus olhos verdes

encarando Cat. — Não, não foi o que eu disse. Não disse nada sobre me apaixonar, apenas amar. Sim, foi fácil para mim me apaixonar por você. Tão fácil, na verdade, que nem percebi o que aconteceu.

— Mas é difícil para você me amar? — Cat franziu a testa, desejando que essa conversa não fosse tão difícil. — Isso não melhora muito, Dante.

— Você ainda não entende — disse Dante, afundando-se na cadeira e parecendo derrotado. — E eu estou muito confuso para explicar isso direito.

— Foi fácil se apaixonar, mas é difícil amar. — Cat tentou ver da perspectiva dele o melhor que podia.

— É, mais ou menos isso.

— Dante...

— Ouça, estou ciente de como isso soa ridículo.

— Bem, ótimo, porque você não está me fazendo sentir particularmente bem com o jeito que está falando.

— Por que você quer se sentir bem com isso, Cat? Você não quer que eu te ame, lembra? É por isso que é difícil para mim. Você não quer nada disso e agora estou exposto. Não posso fingir que não dou a mínima. Não sobre você. Nós somos negócios. Sem sentimentos. Não afe...

— Afeto. — Cat interveio, assentindo uma vez. — Mas essa é a coisa sobre sentimentos, Dante, mesmo que não sejam fortes. Nós fomos tachados como casal no começo desse arranjo, e isso se transformou em ligação.

— Agora, estamos presos.

— Sim. E nós fizemos isso, fizemos essa escolha, então está tudo bem.

— Acho que deixei de entender alguma coisa, *Amore*. — A testa de Dante franziu enquanto ele olhava fixamente para a parede.

— Você ficou sentado aí por uma hora me vendo dormir e isolado em seu próprio inferno pessoal, não foi? — Cat perguntou.

— *Sim*. Foi terrível.

— Eu gostaria que você tivesse me acordado mais cedo, Dante.

— Para você ter feito uma saída mais rápida? Ainda estou esperando que você corra, a propósito.

— *Stolto*. Você está tão preso dentro de sua cabeça e tão preocupado que nem consegue ver o que está bem na frente da sua cara. Meu coração sofre por você. Você está certo, isso não deveria ser tão difícil para você como é. Eu sinto muito que tenha se afundado nesse terrível pânico por absolutamente nada.

— O quê? — Dante ficou quieto.

— Talvez tenha sido fácil se apaixonar por mim porque eu me apaixonei por você também.

— Como?

— Sem querer, claro, mas eu me apaixonei. Pense nisso. Nós progredimos. Isso ia acontecer de um jeito ou de outro.

— Você está dizendo que...

— Você não está sozinho, Dante. Só estou começando a perceber que estou apaixonada por você também. E só para você entender direito, sim, você facilitou.

Capítulo Quatorze

Mesmo depois da confissão de Catrina, havia uma pequena parte de Dante que sentia que caso ele se movesse ou piscasse, ela iria fugir.

— Você me ama — ele se ouviu dizer.

— Sim. *Ti amo*. Eu não vou te falar isso a cada segundo do dia ou ligar para você quinze vezes e deixar mensagens melosas no seu telefone. Eu simplesmente não vou. Mas eu te amo.

— Eu não preciso ou quero que você faça essas coisas.

— Ótimo. Porque eu não sou o tipo de mulher que precisa de um homem.

Dante levantou os olhos dos punhos cerrados para encontrar o olhar de Catrina.

— Então, por que estamos tendo essa conversa?

— Eu posso não precisar de um homem, mas quero um. Você, especificamente.

Todas as reservas de Dante e o estresse que mantinha seus músculos travados se soltaram, lavando-o a alguma louca sensação de alívio, amor, medo e alegria. Era uma combinação estranha. Grandes mudanças para os dois. Ele sabia, sem dúvida, que não seria um mar de rosas. Eles teriam que dar duro para fazer funcionar. Simples assim.

— Isso é difícil para mim — admitiu Dante em voz baixa. — Sinto que estou em um terreno novo e não é fácil, Cat. Você e eu somos pessoas equilibradas e focadas. E não estou nem perto disso agora. Como você pode ficar completamente tranquila?

— Eu vi você vindo e eu sabia — Catrina murmurou. — Você estava certo, *bello*. Nós nos encaixamos perfeitamente em todos os outros aspectos, então por que não neste também? É só amor.

— É perigoso.

— E nós também somos. Isso pode facilitar as coisas.

— *Dio*, como? — Dante soltou uma risada. — Estou constantemente me preocupando com você, e você indo contra tudo o que eu peço?

— Antes de nossa confiança ser construída, nosso relacionamento era simplesmente uma parceria, algo que nos dava benefícios e suporte mútuos. Agora, essa confiança deve incluir nosso apego e lealdade. O amor possui suas lealdades, esperanças e desejos. Sempre possuirá.

— Você faz parecer fácil.

— Para nós, acho que será. Nós só tivemos que descobrir isso, é tudo.

— Amor.

— Amor — ela repetiu. — Venha para a cama. É tarde. E temos uma criança de dez meses para acordar de manhã. Duvido que ele nos deixe dormir como costumamos fazer aos sábados.

Apesar de seus pensamentos atormentadores ainda correrem como loucos dentro de sua cabeça, Dante não discutiu com Catrina. Ele tirou as roupas e foi para a cama.

— Você vai ter um novo melhor amigo amanhã — Dante informou, ainda observando o teto como se pudesse desmoronar sobre si mesmo.

— Do que você está falando?

— Um guarda, ou melhor, um executor. Você vai ter um a partir de amanhã. Deixei você continuar sem um por tempo suficiente. Realmente não quero discutir sobre isso, *dolcezza*. Eu só... não tenho mais escolha. Você tem que ter um.

Dante se preparou para a raiva que certamente viria de Catrina. Surpreendentemente, isso não aconteceu.

— Porque você me ama, eu preciso de uma babá?

— Parcialmente — respondeu Dante. — Você disse isso, Cat. Você

não é o tipo de mulher que sente que precisa ser checada. Só porque estou bem com isso não significa que eu não precise saber que ainda está bem... segura. Podemos estabelecer algumas regras básicas sobre negócios, até onde ele precisa ficar longe e onde não deve te seguir em certos lugares, mas na maior parte, ele estará lá em segundo plano.

— Você disse parcialmente, Dante. Qual é o outro motivo?

— John. Lucian exigirá que seu filho tenha alguém para ficar de olho quando estiver conosco, especialmente em público. Não o culpo, realmente. John é a única criança na família Marcello atualmente e é um menino. Ele é incrivelmente importante e pode ser visto como o alvo perfeito por alguém que quer nos machucar. A segurança dele será sempre uma prioridade para mim.

— Quando John estiver com você, o executor estará muito mais perto — advertiu Dante. — Ele vai agir como seu motorista, por um lado.

— Podemos falar sobre isso de manhã? — Catrina puxou os lençóis mais acima de seu corpo.

— Podemos conversar, mas não vamos discutir — disse Dante.

— Não disse que iria discutir, mas quanto mais arrogante você é sobre a coisa toda, mais irritada eu fico.

— Entendido. Vou calar a boca até amanhã.

Uma Catrina irritada não era uma boa Catrina. Suas garras tendiam a ficar mais afiadas do que nunca. Ele tinha certeza absoluta de que ela daria o fora. Particularmente, essa era sua preocupação. Esta noite tinha sido muito fácil.

Virando-se de lado, a mão de Catrina encontrou o peito de Dante sob os lençóis.

— O que há de errado? Você está tenso.

— Pensei em me preparar para o fracasso. Eu te disse que não era isso

que eu esperava.

— Minha rejeição teria sido mais fácil?

— Não, mas eu estava preparado para isso.

— Isso é terrivelmente triste, Dante.

— Fale-me sobre isso. Minha cabeça é um maldito furacão.

Catrina sorriu quando se aproximou da cama, encarando os olhos de Dante. Seus lábios vermelhos pressionaram os dele suavemente, quase como um sussurro. Mesmo sendo tão leve, ele ainda sentia o beijo encontrar cada nervo em seu corpo.

— Deixe-me acalmar sua mente louca, *hmm?* — Catrina cantarolou, seu sorriso se tornando safado. Seus dentes mordiscaram o lábio inferior de Dante, fazendo a dor ricochetear em seu desejo se construindo. Sim, ele estava tão apaixonado por essa mulher que estava adoecendo. Ele nem se importou. — Então, podemos dormir.

Dante engasgou, mas seu acordo não dito travou em sua garganta quando a mão de Catrina mergulhou sob sua cueca boxer e apertou em torno de seu eixo semiduro. Suas costas se arquearam para fora da cama, um assvio escorregou de seus lábios quando ela apertou, acordando-o. A mão de Catrina estava quente e o envolvia de forma confortável, quando a mão dela deslizou até a cabeça de seu pau, a unha dela arranhou suavemente ao longo da abertura.

Um choque de prazer percorreu Dante como se a adrenalina tivesse sido injetada diretamente em seu coração acelerado. Todo o ar em seus pulmões saiu de uma vez quando sua mandíbula se apertou e ele gemeu. Ela segurou seu pau apertado o suficiente para que as sensações invadissem uma linha fina entre a dor e a felicidade. Uma dor —que era boa pra caralho — corria pelo seu comprimento até suas bolas.

Catrina sempre gostou do sexo com ele um pouco selvagem. Ela não

queria palavras suaves e lentas ou bonitas e mentiras sussurradas em seu ouvido. Não, ela só queria ele. Por mais selvagem que ele fosse, ela aceitaria.

Deus, Dante precisava fazer isso agora. Para tirar as coisas da cabeça e voltar à realidade, ele precisava *dela*.

— Isso é um sim? — Catrina murmurou ao longo da linha da mandíbula dele, a unha rolando sobre a fenda na cabeça de seu pau mais uma vez.

— *Cristo* — amaldiçoou Dante. — Sim, *bella...* muitas vezes *sim*.

Catrina não perdeu tempo em afastar os lençóis. Dante tentou agarrar a esposa e aproximá-la, mas ela foi rápida demais. Antes que ele soubesse o que acontecia, Catrina soltou sua ereção dos limites de sua cueca boxer e ela estava escarranchada em suas coxas. Dante não podia ver o rosto de Catrina, porque, quando ela se inclinou para pegar a ponta do pau dele na caverna de veludo de sua boca, o véu vermelho de seu cabelo criou uma barreira bloqueando a visão dele.

Dante não aguentaria. Enquanto lábios dela englobavam seu membro, a saliva molhava sua pele sensível. Quando a língua dela batia contra a abertura do pau dele, Dante agarrou o cabelo de Catrina, movendo-o para fora do caminho. Lindos e tímidos, os olhos castanhos encontraram os dele instantaneamente. A boca dela se curvou em um sorriso perverso ao tomar seu comprimento mais fundo na garganta. Dante sentiu seu peso afundar no colchão, o estresse deixando seu corpo com cada respiração ofegante. Ele agarrou o lençol da cama, torcendo-o em seu punho para lhe dar uma sensação de solidez.

Os dentes de Catrina raspavam ao longo da veia pulsante na parte inferior de seu eixo, levando consigo seu controle. Um tremor percorreu a espinha de Dante com a sensação. Ela chupou mais forte e continuou a encará-lo enquanto seus dedos envolviam a base do pau dele. A sensação dela

chupando-o era indescritível.

A língua dela batia contra seu pau. Um zumbido foi se construindo no fundo de sua garganta, vibrando a base de seu pau da melhor maneira. A mão dele no cabelo dela segurou mais forte, seu punho tremendo. Quando os dentes dela roçaram seu comprimento novamente e a mão livre espalmou suas bolas, ele sabia que não daria para segurar.

Dante amava a boca dela, sem dúvida. O que ele mais queria era estar enterrado profundamente dentro de Catrina o máximo que pudesse para que ela o sentisse lá por dias.

Ele puxou o cabelo de Catrina, forçando-a a soltar seu pau. Seu suspiro silencioso em sua dureza foi misturado com excitação e choque. A luxúria escureceu os olhos dela enquanto seus dentes pressionavam o lábio inferior. A pressão se construindo na espinha dele começou a diminuir, mas a felicidade ainda devastava seu sangue.

Dante soltou o lençol e agarrou a mandíbula dela com a outra mão, seus dedos cavando na pele clara dela apenas com força suficiente para deixá-la rosa sob a pressão. Ele forçou a cabeça dela para trás, mantendo seu olhar preso no dele. Catrina suspirou com a sua aspereza.

Por um momento, Dante simplesmente olhou para sua esposa, observando-a como ela estava. Os lábios avermelhados por causa dos dentes e ainda molhados por chupar seu pau. O cabelo estava uma bagunça por causa das mãos dele. Seu robe de seda escorregou por cima do ombro e amassou. Havia um tremor em suas coxas sobre ele, como se ela fosse uma bobina pronta para ser desfeita. Ele sabia que ela estava esperando por ele.

Catrina também o observou, em silêncio e imóvel. Aqueles olhos arregalados a fizeram parecer inocente e doce. Era tudo mentira. Dante sabia — conhecia *ela*.

Ela era infernal.

De longe, Cat parecia mansa. Como se qualquer homem pudesse fazê-la obedecer. Esse era o truque dela. Era exatamente como ela pegava sua presa.

Ela era um maldito demônio.

Se alguém cometesse o erro de chegar perto demais, ela não hesitava em afundar suas garras na jugular.

Ele amava isso.

— Porra, eu te amo — rosnou Dante.

— *Sempre?* O sorriso de Catrina floresceu promissoramente.

— Sim, *il mia amore*, sempre.

Dante puxou o cabelo dela mais uma vez, fazendo Catrina subir em seu torso. Ela se esticou sobre ele com a graça de um felino, as unhas dela marcando as asas da águia tatuadas em seu peitoral. A ação mostrou que o lado selvagem dela estava prestes a aparecer. Os músculos dele saltaram sob o toque dela. Ele a puxou para um beijo ardente, agarrando a cintura dela para segurá-la parada contra seu pau latejante.

— Vou foder você tão gostoso — Dante murmurou contra o contorno da boca dela.

— Sei que sim. — Catrina mostrou os dentes de brincadeira.

— Você não é uma mulher quieta.

— Não sou — ela concordou.

Dante não teve que dizer para Catrina entender. O sobrinho deles ainda estava dormindo no quarto ao lado, as paredes não eram grossas, e Catrina era uma gritadora. Dante adorava ouvir o que ele fazia com ela quando a fodia, mas não queria começar algo só para ser interrompido.

— Como você planeja me manter quieta? — Catrina perguntou.

— Vou descobrir um jeito.

A mão de Dante deslizou até o local onde o robe havia parado em

torno de suas coxas. Ele agarrou o tecido, soltou o cabelo dela e virou-se para ficar em cima e entre as coxas dela. Catrina não teve tempo de reagir à sua nova posição antes que Dante começasse a remover sua camisola.

Ele passou o tecido por cima da cabeça de Catrina e começou uma nova jornada de exploração pelo pescoço dela, pela sua clavícula e até os seios. Dante levou seu mamilo rosa na boca, girando a língua em torno do bico endurecido. Quando soltou seu seio, ele se moveu mais abaixo em seu estômago tonificado. A pele dela tinha um gosto doce com uma pitada de sal sob a língua dele. Repetidas vezes, ele beijava a carne dela, absorvendo sua essência. Aquela loção perfumada orgânica que usava fez com que ela tivesse cheiro de morangos e mel.

Os dedos de Dante deslizaram sob a calcinha de renda amarelo-clara de Catrina. Assim como ele sabia que estaria, o sexo dela estava encharcado de excitação. Ele usou os polegares para abrir os lábios da boceta dela antes de afundar os dedos até o fundo. Catrina ofegou bruscamente, levantando as costas da cama.

— *Shhh* — Dante silenciosamente alertou. — *Cristo*, você está tão molhada pra mim, Cat. O que é que te deixa assim, *hmm*?

Catrina choramingou baixinho quando Dante acariciou suas paredes internas com os polegares.

— Acho que sei. — Dante inclinou a cabeça para baixo e cobriu o sexo dela com a boca, deixando a língua dele encostar na textura macia. O corpo dela estremeceu com o contato. Beijando até onde seus polegares estavam lentamente trabalhando no sexo dela, ele murmurou: — Chupar meu pau te excita, não é, *bella*? Você ama estar de joelhos e me chupar. Isso te deixa louca, não é?

— Sim — ele a ouviu assobiar.

Dante riu, lambendo os fluidos que encharcavam seus polegares e a

calcinha dela.

— *Dio*, você tem gosto de paraíso. Você quer minha boca primeiro ou você prefere ir direto ao ponto com meu pau?

Ele deslizou os polegares para fora e os substituiu com três dedos apenas da sua mão direita, abrindo os dedos para esticá-la para ele. Catrina gritou quando ele afundou os dedos de novo, encontrando o local carnudo dentro de suas paredes para fazê-la tremer.

— *Dante*!

— Fique quieta, *Amore*, ou vou fechar sua boca para você não poder falar. Me responda. Meu pau ou minha boca? Depressa, ou eu farei a escolha por você.

— Boca — Catrina sussurrou. — Por favor, sua boca primeiro. *Por favor*.

— Como posso negar quando você me pede assim? Deus sabe que é a única vez que posso fazer você implorar por qualquer coisa, sua mulher teimosa. — Dante estava apenas brincando. Catrina poderia ser tenaz em qualquer outro lugar, mas na cama ela era toda dele. Mantendo o ritmo profundo e rápido de seus dedos fodendo ela, ele usou os dentes para raspar a renda que cobria o clitóris de Catrina. — Quanto você gosta dessas calcinhas, gatinha?

— Elas...

Dante não se incomodou em esperar que ela terminasse. Ele retirou os dedos, pegou a linha superior da calcinha e rasgou a renda bem no meio. Ele rasgou a renda até que pudesse puxar o tecido arruinado de seu corpo. Dante passou os dedos pelo sexo nu de Catrina, sentindo a suavidade de sua pele nua e sensível e a umidade cintilando nas dobras.

Ele a preferia totalmente nua. Dessa forma, não havia nada entre eles quando eles transavam. O cheiro almiscarado da umidade dela subiu, fazendo

Dante se tornar mais duro que aço. A boca dele ficou molhada só de pensar na excitação dela encharcando sua língua quando ela gozasse.

— Eu ia dizer que gostava muito dessas calcinhas, Dante. Você comprou para mim. — Catrina respirou fundo, dando ao marido um olhar descontente..

Dante encolheu os ombros, enganchando uma das pernas de Catrina sobre o ombro dele enquanto beijava seu osso púbico.

— Muito tarde. Vou comprar outras. Você estragou de qualquer maneira, molhando-as assim. Eu te fiz um favor. Pare com isso, Cat, ou você não conseguirá o que quer de mim. Seria uma coisa terrivelmente ruim se eu não pudesse dar isso a você. Estou com muita fome e sua boceta parece deliciosa.

Catrina prontamente fechou a boca.

— Aqui está minha garota inteligente — ele murmurou sombriamente. — Pronta?

— *Dio*, você sabe que eu nunca estou pronta quando você faz isso comigo, *bello*, — Catrina sussurrou. — Me deixa louca.

Ah, ele sabia. Dante riu.

— E você ama do mesmo jeito. — Dante riu. — Lembre-se, quieta, gatinha.

Dante não esperou pela resposta de Catrina. Ele baixou o olhar, deslizou uma mão sob a rachadura do traseiro dela, deixando a palma da mão descansar no fundo de seu sexo, e cobriu sua boceta escorregadia com sua boca. Instantaneamente, sua esposa gritou quando ele chupou seu duro clitóris entre os dentes. A umidade escorria para a mão dele.

Dante soltou seu clitóris imediatamente, olhando para cima com uma sobrancelha erguida como um aviso silencioso para o barulho dela. Catrina bateu as mãos enlaçadas na cama, tentando rolar seus quadris para mais perto

da boca dele novamente.

— Quieta, eu disse.

— Eu sinto *muito*.

— Não, você não sente.

— Ok, não. *Por favor*, Dante. Eu quero gozar. Por favor.

Dante sorriu e voltou para o paraíso entre as coxas de sua esposa. Os movimentos deliberados de sua língua varriam entre os lábios da boceta dela, abrindo-a para ele. Seu nariz se aninhou ao longo do clitóris, estimulando o broto inchado e palpitante enquanto ele entrava em sua entrada apertada. A essência quente dos fluidos de Catrina lavou suas papilas gustativas como se fosse o melhor vinho que ele já teve o prazer de beber. Dante pegou cada gota que podia com um gemido que só parecia aumentar de intensidade quanto mais ele a fodia.

De um lado para o outro, ele foi de sua fenda para o clitóris, os movimentos rápidos e duros de sua língua fazendo o corpo de Catrina tremer e sua boceta encharcar de excitação. Quanto mais ela a chupava, mais profundo o gemido se tornava.

— Oh meu Deus — Catrina gemeu.

Dante sabia que quanto mais perto ela chegasse de seu orgasmo, mais altos seus lindos gritos se transformariam. Ele usou sua mão livre, a que ele tinha fodido com ela mais cedo, para encontrar a boca dela, mantendo a atenção dele para baixo, onde ele mais queria. Três dos dedos dele desapareceram entre os lábios carnudos e vermelhos dela. Catrina sugou o que restava de sua umidade dos dedos dele, seus gritos de felicidade silenciados enquanto a língua dela girava tentadoramente em torno dos dedos dele.

O calor floresceu na virilha de Dante quando ele voltou para a abertura dela. Provocando sua entrada, ele podia sentir a boceta dela apertar

em torno da língua dele a cada golpe.

Recuando ao sentir que ela estava começando a ter tremores que a faziam balançar as coxas, Dante olhou para cima para encontrar o olhar castanho de sua esposa sobre ele e seus dedos ainda envoltos em sua boca quente. Porra, a visão disso o excitou como nada mais.

— Uma vez que você gozar por toda a minha boca, eu vou te foder até você vir estrelas, Cat. Parece bom?

Dante sentiu Catrina engolir em volta dos dedos dele enquanto assentia.

— Ótimo. Não se segure, gatinha.

Dante voltou a adorar Catrina com a boca, mantendo um aperto firme em sua bunda e os dedos na boca dela o tempo todo. O ritmo de sua língua contra o clitóris dela se tornou implacável, fazendo-a chegar perto novamente. Catrina mordeu seus dedos quando gozou, a perna apertando ao redor do ombro dele e seus lábios abafando seu grito. Dante lambeu cada parte dela antes de se levantar e cobrir seu corpo com o dele.

Seu peso pressionou Catrina no colchão abaixo dele.

Catrina sorriu para Dante, com os olhos brilhando de luxúria e excitação.

— Qual é meu gosto?

— O mesmo de sempre.

— É?

— Como pecado.

Dante apoiou as mãos na cama e segurou a cabeceira acima de Catrina. Ela se inclinou o suficiente para aceitar a boca dele com um beijo ardente. Seus lábios ainda estavam molhados dela, mas sua esposa não pareceu se importar nem um pouco. Quando ela finalmente se afastou, o pau de Dante estava tão duro que doía. Ele precisava ser enterrado dentro dela —

ele ansiava por ela.

— Vire-se para que eu possa te foder do jeito que você ama, *dolce ragazza*.

Catrina fez, demorando para rolar de barriga para baixo. Ela se esticou como um gatinho embaixo dele, certificando-se de esfregar sua bela bunda contra a ereção de Dante esticando através de sua cueca boxer. Quando ela encostou o traseiro ao longo de seu comprimento novamente, a mão dele foi da bochecha à bunda dela com um golpe rápido.

O estalo de sua palma encontrando a bunda dela ecoou. Catrina enterrou seu gemido de prazer nos lençóis da cama.

— Quanto mais jogos você jogar, mais você esperará, Cat.

— Mentiroso, mentiroso. Você me quer demais para esperar. *Sono la tua puttarella*, Dante. Me use. Me foda.

— Ah, essas são palavras muito sujas para uma boca tão bonita, gatinha.

— Você sabe que ama minha boca suja, *bello*. Especialmente quando se está envolto em torno do seu pa...

A palma de Dante bateu mais forte no mesmo lugar como antes. A carne tonificada de Catrina corou sob sua bofetada pela segunda vez. Ela suspirou, apoiando a bunda na palma da mão dele, enquanto baixava a parte de cima do copo na cama. Ele sabia o que ela estava fazendo. Provocando-o. Testando sua paciência. Fazendo com que ele ficasse mais selvagem.

Usando um braço para envolver as coxas dela, Dante puxou o traseiro de Catrina para sua virilha. Ela se levantou da cama, deixando suas costas pressionarem o peito dele. A pressão do corpo dela aliviou seu pau latejante, mas pouco. Ele empurrou a cueca boxer para baixo e libertou sua ereção na palma da mão. Uma única gota de pré-sêmen se reuniu na ponta, e ele esfregou o fluido pegajoso pela bunda de Catrina enquanto deslizava seu pau

até a boceta dela.

Catrina não foi capaz de se preparar para Dante quando ele enfiou o pau dentro dela, fazendo sua boceta apertar. Ela nem tinha respirado antes de ele sair e entrar de novo. A força dos impulsos fez com que ela voltasse para a cama com um grito.

Dante não permitiu que Catrina fizesse outro barulho. Ele rapidamente agarrou o robe de seda que jogou pra longe mais cedo. Com o pau ainda enterrado no fundo, ele torceu o tecido em uma corda improvisada, colocou-o em torno da boca dela para que ela ficasse calada e deu um nó na direção da nuca.

Seu movimento foi uma surpresa, então Dante precisava ter certeza de que sua esposa estava bem. Inclinando-se sobre as costas e acariciando a base da coluna dela com os dedos, ele perguntou baixinho:

— Você está bem, gatinha?

Catrina assentiu e ele pôde ver seu sorriso tentando se formar atrás da mordação. Porra, ela ficava linda assim. Sob sua misericórdia e controle. Querendo ele e tão malditamente disposta. A dor pulsante em seu pau aumentou. Dante se sentiu queimando por toda parte com uma febre que só parecia ficar mais forte quanto mais ele esperava. Ele precisava se mover — tinha que foder sua esposa.

Endireitando-se, Dante puxou gentilmente a mordação e as mechas vermelhas de Catrina em seu punho, puxando-a para cima com ele. As mãos de Catrina voaram para encontrar a cabeceira da cama, preparando-se para o que estava por vir.

Catrina olhou por cima do ombro, o calor em seu olhar quebrando Dante bem no peito.

— Eu sei que é difícil, *Amore*, já que você gosta de gritar, mas seja boazinha e fique quieta pelo menos uma vez, *hum*?

Uma piscadela maliciosa lhe respondeu de volta. Ela estava amando isso. Amando a força que ele estava usando e ser amordaçada enquanto ele a fodia com força por trás. A mão livre dele acariciou sua coxa e encontrou seu clitóris quando ele retirou seu pau e empurrou para dentro de sua esposa. Seu ritmo era brutal, mas bom pra caralho. Catrina apertou so pau dele com cada estalo dos quadris dele encontrando sua bunda. Ela se virou para ver Dante com os olhos arregalados e os dentes rangendo ao redor da mordaça.

De novo e de novo Dante afundou nela, a respiração dele era curta e áspera. A excitação de Catrina cobria seu pau e seu corpo se encaixava primorosamente em torno de seu eixo. Ele manteve os dedos pressionados firmemente em seu clitóris, mantendo seus nervos estimulados e seu corpo perto de explodir.

Não havia nada como os dois assim, decidiu Dante. Ele amava o jeito que ela o aceitava, sem hesitar. Os sons de seus corpos se encontrando e os gritos sufocados dela rolaram sobre seus sentidos como ouro derretido. Era perfeito, tão bom.

Quando os ombros de Catrina começaram a tremer, as paredes dela se apertaram em torno do eixo dele e uma lágrima escapou do canto do olho dela, Dante sabia que sua esposa estava gozando. Ele soltou a mordaça, ouvindo a respiração forte dela quando a seda caiu. Dante puxou Catrina para suas costas, virou a cabeça apenas o suficiente para pegar sua boca com a dele e a beijar enquanto ela gozava.

Os dedos dele entrelaçaram no cabelo dela enquanto sua outra mão segurava firme a mandíbula dela. Catrina gemeu e estremeceu, mas Dante não cedeu em seu ritmo. Aquele calor fantástico estava começando a aumentar com uma pressão na virilha. Suas bolas estavam apertadas e as costas tensas. Assim que as contrações do orgasmo de Catrina diminuíram, a liberação de Dante explodiu através de seu sistema nervoso. A intensidade

tirou a visão e a respiração dele por um breve momento.

— Porra, porra, porra, *sim* — murmurou Dante para os lábios trêmulos de Catrina. *Cristo, bella*. Você me mata.

— *Hmm* — Catrina cantarolou em resposta, sorrindo.

Dante lutou para respirar, caindo na cama e puxando Catrina com ele. Ele a abraçou com força, querendo-a o mais perto possível.

Catrina se virou para poder pressionar os lábios na parte inferior do queixo de Dante.

— *Ti amo tanto*.

— Eu pensei que você não ia dizer isso, a cada segundo do dia. — Dante riu.

— Já faz alguns minutos. Você é um homem com uma mente inconstante. Você pode esquecer.

• • •

— Onde está meu neto?

— Bem atrás de nós — Dante ouviu Lucian responder ao pai deles.

Johnathan se animou nos ombros de Dante com a voz de seu avô. Aquele garoto amava Antony como um louco. O pai de Dante podia ser um filho da puta, mas quando se tratava de Johnathan, ele se transformava no ursinho de pelúcia mais fofo.

Dante sabia que não deveria contar isso ao pai.

— Atrás de você? — A sobrancelha de Antony se levantou quando Dante entrou na cozinha com Catrina ao seu lado. A mão de sua esposa segurava a dele, enquanto ele usava a outra segurar o menino balançando em seus ombros. — Oh.

Dante levantou seu sobrinho de seu lugar e colocou o menino de

bunda no chão. Instantaneamente, Johnathan começou a rastejar até onde Antony estava do outro lado da sala. Cecelia sorriu para seu segundo filho mais velho, mas não disse nada, como o marido.

Honestamente, Dante ficou chocado que eles conseguiram não falar nada sobre ele aparecer com Johnathan no café da manhã, em vez de com Lucian ou Gio, como costumava acontecer.

Gio, no entanto, não ficou quieto.

— Isso é novo. Desde quando você carrega John por aí?

— Giovanni — Kim advertiu enquanto se inclinava sobre a ilha para pegar o açúcar de confeitiro. — Fique quieto.

— Está tudo bem, Kim — disse Dante, sem se preocupar com a intromissão de seu irmão mais novo.

— Ele foi bonzinho com você? — perguntou Jordyn, as mãos já enterradas em algum tipo de massa. — Tudo correu bem?

Dante sabia que a pergunta não era feita para sua esposa. Todos os olhos se voltaram para ele, que simplesmente deu de ombros em resposta. O que eles achavam que aconteceria com ele e Johnathan? Que uma festa de duas noites transformaria Dante em uma confusão emocional?

Certo...

Claro, Dante teve seus momentos idiotas quando descobriu que Lucian e Jordyn estavam esperando um bebê, mas foi principalmente por causa do choque de toda a situação. Não importava o fato de que todo tipo de merda se aproximava de Dante da pior maneira. A vida geralmente tinha esse tipo de efeito de merda.

— Ele foi bonzinho. Sério — disse Dante.

— Perfeito — Catrina concordou ao seu lado. — Provavelmente vamos buscá-lo na próxima sexta também. Podemos trazer alguns brinquedos que ele goste, eu acho.

— E Cat decidiu que ela precisa comprar uma cadeira alta e coisas assim — acrescentou Dante, rindo. — Outra coisa para ela gastar dinheiro.

Catrina bateu na barriga dele de brincadeira com as mãos unidas. Dante sentiu os dedos de sua esposa apertarem os dele antes de soltá-la. Catrina deu um beijo suave na parte inferior de sua mandíbula e se juntou às mulheres que estavam começando a fazer o que parecia ser um bufê de café da manhã.

— Sexta-feira, você disse? — perguntou Jordyn.

— Sim. Não temos nada pra fazer — respondeu Catrina.

— Tudo bem por mim — disse Lucian, deslizando para a cadeira ao lado de Gio. — Pelo menos eu não tenho que me preocupar com um cachorro engolindo a porra da cabeça dele ou algo assim.

— Lucian, olha a boca! — Cecelia berrou. — *Mio Dio*, isso é completamente ridículo e inaceitável. Seu filho está ali e você está na minha cozinha! Eu devia lavar essa boca com...

— Caim ama esse menino — disse Gio, dando um soco forte no ombro de Lucian. — Idiota. E ele nunca, nunca tentou machucá-lo.

— Giovanni... — Os olhos de Cecelia se estreitaram enquanto suas palavras se arrastavam com um tom perigoso que todo homem Marcello conhecia muito bem. Geralmente significava que alguém estava em apuros e ser um adulto não fazia diferença. Dante escondeu o sorriso com uma tosse falsa e a palma da mão, feliz por não ser ele. — É isso aí, vocês homens precisam sair da minha cozinha neste exato minuto.

— Mas, *Tesoro*, John e eu não estávamos fazendo... — Antony olhou para Johnathan em seus braços.

— Saiam!

Dante foi embora da cozinha antes de sua mãe realmente começar. Ele era um homem, mas ele não era idiota.

• • •

Dante fez caretas para o pequeno Johnathan enquanto quinze pessoas no banco da igreja atrás dele olhavam para ele como se estivesse doente. Ele os ignorou. O bebê poderia ter ficado no andar de baixo com o pessoal da escola dominical, mas aparentemente Lucian não confiava neles para deixar o filho.

— Você sabe, eu acho que nós, italianos, fazemos uma grande parte de todo esse catolicismo — Catrina murmurou ao lado de Dante.

— É?

Ela assentiu, cruzando as pernas e se reajustando no assento no banco.

— Talvez não o catolicismo em si, mas mais religião em geral. Não quero entrar no debate sobre religião e Deus. Só estou tentando dizer que toda essa farsa parece um pouco demais para pessoas como nós. Talvez virmos aqui seja distração demais para os outros, dada a forma como estamos sendo encarados constantemente.

— As máscaras que usamos são os fardos que suportamos, gatinha. Ir à igreja é uma delas.

Dante sentiu as unhas de sua esposa cortarem a palma da mão dele em advertência, mas viu um pequeno sorriso se formar com o canto do olho. Ele só a chamava de gatinha na cama, então as chances eram de que o apelido a deixasse tão excitada quanto durante o ato.

Nunca era coisa boa ficar excitado na igreja. Isso fazia uma pessoa se sentir como se estivesse indo para o inferno apenas por pensar.

Dante riu quando Catrina balançou a cabeça e olhou para o teto.

— Sentir-se como se estivesse sendo julgado com base no estilo de vida que você vive apenas por escolher vir para a missa está bem para você?

Aparentemente, a conversa deles não era tão privada quanto eles pensavam.

— Você não ama o cheiro de cristãos julgando outros cristãos na primeira hora da manhã, *piccolo*? — Lucian perguntou a seu filho, balbuciando.

— Sim — disse Dante, lançando um sorriso para o irmão à direita de Catrina. — Isso deixa um sabor distinto na parte de trás da sua língua, certo?

— Eu diria que sim — acrescentou Giovanni, olhando para o banco. Tipo...

— Autoconfiança e vergonha, tudo misturado em um só — interveio Antony em voz baixa.

Risadas baixas foram soltas.

— Silêncio — Cecelia exigiu.

Todos ficaram em silêncio com os olhos voltados para a frente, onde o padre Peter estava parado, continuando a tagarelar.

— Bem, foi bom enquanto durou — Catrina sussurrou tão suavemente que Dante se esforçou para ouvir.

— Máscara, gatinha. — Dante encolheu os ombros. — Coloque de volta e sorria como eu sei que você sabe fazer.

— Oh, pare com essa coisa de gatinha. Eu sei o que você está tentando fazer.

— Nada, *bella*. Não estou fazendo absolutamente nada.

— Sei. Se você for bonzinho, talvez possamos ir macular o confessionário mais tarde — murmurou Catrina no ouvido de Dante.

Era uma coisa que ele não tinha feito antes. Parecia incrível, no entanto. Dante endureceu em mais lugares do que um.

— Jesus Cristo, você é má.

— Eu sei. É maravilhoso. Imagine a diversão que poderíamos ter. Ir à

missa seria muito menos chato desse jeito.

Bem, Dante com certeza não iria discutir essa questão.

Mais quarenta e cinco longos minutos se passaram antes que a congregação se juntasse ao padre Peter na oração final. O padre abençoou os adoradores antes de lhes oferecer um bom-dia. Dante se virou para sair e ficou cara a cara com o pai.

— Sim? — Dante levantou uma sobrancelha, esperando que Antony falasse.

— Vai andando, alcançaremos você, Catrina — disse Antony. Então, ele acenou para o banco. — Sente-se, Dante.

Ele o fez, levantando as pernas para cruzar os sapatos de couro nos tornozelos em uma pose muito mais relaxada do que normalmente usaria na igreja. Antony se sentou em seu lugar regular ao lado do filho, ficando quieto por um minuto.

— Muito legal. O que aconteceu hoje. Rindo durante a missa. Há uma primeira vez para tudo.

— Cat... faz isso. Ela mantém minha vida divertida.

— Estou vendo — Antony respondeu, olhando para o filho. — Você está pronto, Dante?

— *Hmm*, para quê, *Papà*?

— Você conseguiu fazer tudo o que eu pedi, não é?

— Eu sempre consigo. — Dante deu de ombros, sem entender as divagações do pai.

— De uma forma ou de outra, claro. Mesmo assim, não posso deixar de me perguntar se teria feito qualquer coisa que eu pedisse a você se não fosse por sua esposa.

— Cat... — Bem, Dante não sabia disso.

— É igual a você, te testa, faz você considerar as coisas além do que

está à sua frente, e ela te faz feliz mesmo assim. É uma loucura, não é? Encontrar essa pessoa quando você menos espera?

— Sim, acho que sim. Ela *é uma* loucura. — Dante molhou os lábios, rindo baixinho.

— Ah, não há algo como achar, Dante. Eu sei muito bem disso. Então você está pronto, filho? A reunião da Comissão é daqui a um mês.

Oh.

— Eu quero estar — respondeu Dante, soltando um pouco de ar. — Eu acho que estou. Os últimos meses foram uma grande novidade para mim. Assumir oficialmente é o próximo passo, certo? É o que eu queria a vida toda.

— Você nem percebeu o quanto facilitei para você assumir até que estivesse bem no meio disso.

— Você deveria ter me dado um pequeno aviso sobre esse primeiro tributo. Eu ainda te odeio por me enganar desse jeito.

— Não, você não odeia. — A mão de Antony bateu no joelho de Dante.

— Mais ou menos.

— Um mês — Antony repetiu mais baixo. — Estou com esse pressentimento estranho. Algo que não experimentei muitas vezes antes. Estou nervoso por você.

Dante olhou para o pai, que ostentava uma expressão estoica.

— *Por que* está nervoso por mim? Não tive problemas com isso. Todo mundo parece amigável sobre eu assumir. Eu não vejo problema.

— Nossa família é nossa família, Dante. Os Marcello Cosa Nostra não são outras famílias.

— Verdade.

— E eu conheço você — acrescentou seu pai, suspirando. — Ela vai

estar ao seu lado, sem perguntas.

Dante não se incomodou em negar isso. Catrina era, como seu pai dizia, igual a Dante.

— A Comissão definitivamente não vai ser moleza, eu sei.

— Não, mas como sempre fizemos, os Marcello dominam a mesa. Você se encontrou com as outras famílias de Nova York, sim?

— Bem, os Calabrese com Cat. Foi... *divertido*. Eles passaram minha mensagem para a família Donati.

— Eu só perguntei porque senti que deveria, mas eu já sabia. — Antony riu.

— Não demorou muito para que eles gostassem dela.

— Claro que não. Quando você coloca a opção de comprar um bom produto de forma mais barata bem debaixo do seu nariz, eles sempre gostam. Quem se importa se é uma Rainha com os contatos, certo?

— Exatamente. Não há *capo di tutti capi* há muito tempo. — A mão de Antony pousou no ombro de Dante enquanto se levantava.

O chefe dos chefes. Dante manteve seu olhar em suas mãos cerradas.

— Quase seis décadas, na verdade. Não há necessidade de um com a Comissão.

— *Hmm*, eu discordaria. Há sempre a necessidade de ter o máximo de controle possível e você sabe por quê.

Por poder.

Dante se afastou do banco, endireitando-se. Ele arrumou o paletó e afrouxou a gravata, pronto para parar de falar sobre isso.

— Eu não quero ser um alvo, ou pior, fazer da minha esposa um alvo para superar as conquistas do meu pai.

— Ah — disse Antony, agitando um dedo no ar. — Mas você já fez, Dante. Superou minhas conquistas, quero dizer. Qualquer coisa além do que

você conseguiu realizar até agora será simplesmente você construindo seu império. Estou tão feliz, filho.

— Esse é o problema, porém, *Papá*. Não preciso mais da sua aprovação para garantir minha felicidade. — Os lábios de Dante se curvaram, torcendo quase amargamente.

— E é isso que me deixa orgulhoso. — Antony fez um gesto para o corredor. — Vamos lá. Estou faminto.

Quando Dante chegou ao final do corredor e fez um movimento para ir em direção à saída da igreja, Antony limpou a garganta.

— Você vai ir buscar Catrina?

— Hã?

— Eu disse a Catrina que você a encontraria. Ela não saiu com o resto da família. Ela foi em direção...

— Ao confessionário — Dante interrompeu, um sorriso malicioso aparecendo.

Capítulo Quinze

— Oh! Podemos parar no café antes de irmos para casa? — perguntou Cat.

O novo melhor amigo de Cat — de acordo apenas com seu marido — olhou para ela pelo espelho retrovisor e piscou muito arrogantemente para o gosto dela.

— Eu sabia que essa merda cheia de chantilly iria te aquecer, *princesa*.

— É rainha, Tino. — Ela bufou em resposta. — Cat passou a mão pelos longos cachos escuros de Johnathan, lembrando de não acordá-lo de sua soneca. — E cuidado com essa sua boca. Não importa se ele está dormindo.

— Ele está bem. Deixe-me adivinhar, você quer outro latte de baunilha de soja, certo? Negue o quanto quiser, *reginella* — disse Tino, provocando Cat chamando-a de *pequena* rainha. O maldito homem sabia como irritá-la como ninguém mais. Ela imaginou que ele tinha feito isso para mantê-la atenta às coisas com as quais ela não se importava. — Você sabe que meus dons fazem você gostar de mim.

— Não se orgulhe demais, *sorca*, ou sua cabeça vai explodir. Confie em mim, eu não me importaria com a bagunça, desde que você não manche o meu vestido.

— *Merda*, Catrina. Você fala sobre minha boca suja e depois usa palavras assim. O que seu marido diria?

— Dante sabe que eu posso falar coisas bem piores e ele gosta muito da minha boca suja. — Cat riu sombriamente.

Tino estalou a língua, mas manteve os olhos na estrada em frente a eles. Ele sabiamente escolheu ficar quieto e não irritar Cat mais.

Realmente, ela não se importava com Tino. Ele era seu novo companheiro por quase duas semanas. O homem podia irritá-la, mas Cat tinha certeza de que era exatamente por isso que seu marido o escolheu para ser seu guarda. Tino fornecia a Cat conversas desafiadoras e divertidas. Ele respondia a ela a altura. Na verdade, ele não era o que ela esperava de um guarda-costas, mas estava grata do mesmo jeito.

Como Dante prometeu, o guarda estava esperando por ela assim que ela saiu sozinha do apartamento depois da conversa tarde da noite sobre o assunto. Tino geralmente ficava atrás de Cat, mas como Johnathan estava vindo para passar a noite, ele agia como seu motorista.

— Qual é o plano para o *príncipe* John neste fim de semana?

— Cara, você está tagarela hoje — disse Cat. — Você sempre fala demais, Tino.

— Só estou conversando, então retraia suas garras. Seja legal e converse comigo ou esse passeio de carro se torna um saco.

— Acho que o seu silêncio seria fantástico.

— Claro que você acharia. Você gosta de mim, Catrina. Não importa o modo como você age. — Tino olhou para o retrovisor e o espelho lateral enquanto o carro percorria a longa rampa. — Onde está o chefe hoje, afinal?

— Dante está dando uma olhada em alguns empreiteiros para serem adicionados ao currículo da Empire Development.

— Está realmente crescendo, hein?

— Está. Ele está indo bem.

— Onde ele está hoje? — O olhar de Tino voltou para o espelho retrovisor, mas ele não estava olhando para Cat, mas sim além dela.

— Por que isso importa, Tino? — A testa de Cat se enrugou. — Ele está trabalhando. É o que ele faz durante a semana, como sempre.

— Catrina, onde ele está agora?

— Ele ainda está no escritório. Por quê? — Ela checkou o relógio, observando o horário no final da manhã.

— Ele vai atender sua ligação se você ligar para ele?

— Claro que sim.

Cat era a esposa de Dante, pelo amor de Deus. Sim, ele atenderia suas ligações.

— Faça isso, você faria? — Tino perguntou baixinho.

— Tino.

— Não discuta comigo, apenas ligue para o chefe, Catrina. Agora.

Algo no tom de voz do guarda provocou um arrepio em Cat. Quando Tino verificou o retrovisor novamente, estreitando os olhos, Cat sabia o que estava acontecendo. Ela se virou em seu assento para olhar pela janela de trás. Lá estava um sedan escuro a três metros do para-choque. As janelas, até mesmo o para-brisa dianteiro, ostentavam uma tonalidade tão escura que deveria ser ilegal. Também fez com que fosse impossível distinguir o motorista.

— Há quanto tempo eles estão nos seguindo? — Cat perguntou, semicerrando os olhos, mas ainda não entendendo quem poderia estar atrás deles.

— Pelo menos vinte minutos — respondeu Tino.

— E você não pensou em me dizer vinte minutos atrás?

— Eu não tinha certeza, Catrina. Eles estavam muito longe de nós para o carro ser distinguível. É um sedan preto. Pelo menos dez outros sedans pretos passaram pela gente desde que eu os notei. Não queria que você entrasse em pânico.

— Eu não estou em pânico, porra!

Catrina não entrou em pânico, ela só ficou chateada.

— Você deveria ligar para Dante — disse Tino.

— Você deveria calar a boca e me dar um momento para pensar!

— Não tem ninguém por perto que irá nos ajudar se quem estiver nesse carro quiser machucar você ou John. Preciso me concentrar na estrada, então você precisa ligar para o seu marido.

A mandíbula de Cat apertou ao, subconscientemente, cobrir Johnathan com os braços enquanto ele dormia no assento. Ela observou pela janela traseira enquanto o carro que os seguia acelerou até estar a apenas alguns metros de distância. As janelas do SUV deles eram escuras também, então Cat não achou que pudessem vê-la.

Uma sensação terrível brotou em sua barriga. Como se seu coração acelerado tivesse pulado de repente em sua garganta enquanto seu estômago caía no chão.

— Tino, Dante te avisou sobre alguém que queira me machucar? — Cat perguntou, sua voz quase um sussurro.

Ela não precisava ouvir a resposta dele porque já sabia, mas perguntou de qualquer maneira.

— Não — Tino murmurou.

Certo. Cat tinha quase certeza de quem eram os homens no carro, ou melhor, a quem os homens pertenciam.

Bruno Savino.

Cat tinha sido tão consciente das pessoas ao seu redor. Ela confiava nos homens com quem trabalhava para protegê-la. Jamais foi abordada pelos lacaios de Bruno desde que ela levou Michel oito meses atrás. Ela assumiu — talvez erroneamente — que seu casamento com Dante assustaria Bruno.

Ela tinha tanta certeza disso.

— Você vai ligar.

— Sim — Cat respondeu duramente, calando Tino instantaneamente.

Ela amaldiçoou baixinho quando Johnathan se mexeu em seu assento.

— *Merda... shhh* , tudo bem, *bambino*. Durma para *Zia Catty*, Johnathan. Durma.

Demorou muito tempo para Cat encontrar seu maldito celular em sua bolsa. Ela discou o número de Dante e fez com que Johnathan voltasse a dormir enquanto a ligação era feita. No quarto toque, o marido dela atendeu.

— *Ciao, bella mia*.

— Você está no novo escritório, certo? — Cat respirou fundo, o pânico que ela negou sentir mais cedo aparecendo.

— Sim. — Papéis farfalharam do outro lado do telefone antes de Dante mandar alguém para deixar suas coisas onde estavam. Então, sua atenção voltou para a ligação. — Por que, gatinha?

— Johnathan está comigo.

Foi a primeira e mais importante coisa que o marido precisava saber.

— Sim, Lucian ligou e disse que você o pegou mais cedo. Quer se encontrar em algum lugar para almoçar?

— Não, eu não acho que vamos conseguir fazer isso. Dante, estamos sendo seguidos por pelo menos vinte minutos pela estimativa de Tino. Estamos no meio da rodovia e a cinco minutos da saída de acesso para casa. Não há tráfego suficiente para despistar quem quer que seja e eles estão terrivelmente perto da traseira do nosso SUV.

Dante ficou em silêncio. Tão em silêncio que Cat não o ouviu nem respirar. Uma porta bateu e o marido perguntou:

— Você tem certeza?

— *Sim*.

— Não houve nada para eu acreditar que alguém...

— Porque isso não é sobre você ou os Marcello. É sobre mim. Sei exatamente quem é, Dante.

Cat não queria ter essa conversa. Não separados por quilômetros de

distância e sob estresse. Suas mentiras e segredos certamente machucariam seu marido, mas amá-lo significava confiar nele também. Ela precisava ter fé que ele iria perdoá-la e entender por que ela fez o que fez, incluindo prendê-lo em um casamento sob falsos pretextos.

Ele também a amava.

Cat se lembrou disso quando o tom de Dante tomou um tom agudo e ele perguntou:

— O que você quer dizer com isso? O que eles querem de você para matá-la?

— Ele quer o que roubei dele. Suponho que, se isso significa me matar para conseguir, então é o que ele fará.

Cat levaria Michel para o túmulo antes de devolver o sobrinho àquele bastardo, então o que quer que Bruno estava pensando em fazer, era inútil.

— Catrina...

Ela não teve a oportunidade de ouvir o que Dante disse, porque seu celular saiu voando da sua mão ao mesmo tempo em que o SUV se desviou para a direita. Sem cinto de segurança para mantê-la presa no assento, Cat bateu na porta, sua cabeça acertando a janela. A dor reverberou pelo crânio de Cat. Ela balançou a cabeça, sabendo muito bem que ela já esteve pior antes.

— *Cazzo!* — Tino gritou.

Cat se atrapalhou descontroladamente procurando seu celular, mas não o encontrou. Algo preto do lado de fora da janela chamou sua atenção, fazendo seu o ar travar em seus pulmões. O carro não os seguia mais, estava ao lado deles e ameaçava chocar contra eles novamente.

— Dirija mais rápido — Cat assobiou.

— Não dá. Estamos na maldita...

As palavras de Tino foram cortadas quando o carro preto virou de

lado e bateu no lado deles. Ele tentou mover o SUV para o sentido contrário, mas não conseguiu a tempo. Cat ouviu os pneus do SUV no cascalho. Ela caiu no chão do SUV como se não fosse nada mais do que uma boneca de pano.

Cat gritou, seu pulso esquerdo estava doendo. No impacto, ela tentou se apoiar, mas a gravidade assumiu e ela atingiu o teto. Ela bateu no espaço entre o banco de trás e o banco da frente novamente, sua parte inferior alojada sob o assento de Johnathan. Itens dentro do carro voaram em todas as direções. O vidro se estilhaçou com um estrondo, os cacos cobriam o chão e o assento. Tino amaldiçoou mais alto. Cat viu cores se mesclando do lado de fora de uma janela quebrada.

Ai, Jesus.

O veículo estava rolando, mas ela estava presa agora.

Cat cobriu a cabeça com os braços, tentou empurrar mais de seu corpo sob o espaço entre o assento do carro e o chão, e esperou que os movimentos descontroladamente rápidos parassem. Quando finalmente aconteceu, Cat sentiu enjoo e vertigem.

O silêncio cobriu o interior do SUV. Não durou muito tempo.

Gritos altos ecoaram de Johnathan. Soluços sufocantes de medo e confusão. A dor no pulso de Cat continuou latejando enquanto ela se contorcia para sair. O vidro cortou as mãos dela quando agarrou o assento para ajudar a puxar o resto do corpo para fora. Ela não dava a mínima. Ficar presa assim provavelmente salvou sua vida e a impediu de voar pelas janelas quebradas quando o carro rolou.

Quantas vezes eles rolaram?

Cat caiu no banco de trás, respirando fundo para acalmar a sensação de náusea. Seus pensamentos confusos não se ajeitaram o suficiente para deixá-la pensar com clareza e sua visão estava borrada. Ela tentou limpar os

olhos várias vezes, piscando, mas ainda assim a escuridão permaneceu.

Johnathan chorou mais alto. Cat finalmente saiu de seu torpor, inclinando-se sobre o assento para encontrar seu pobre sobrinho. Vidro estava espalhado pelo casaco dele. Lágrimas desciam por suas bochechas vermelhas. Seus grandes olhos cor de avelã procuravam por algo — qualquer coisa.

— Está tudo bem, *piccolo*. Oh, Johnathan, não chore, *dolce ragazzo*. Zia vai concertar as coisas, *bambino*.

Fazendo de tudo para não cortar Johnathan, Cat cuidadosamente tirou o máximo de vidro que conseguiu do corpo dele. Pequenos punhos se fecharam no ar quando Johnathan gemeu, chamando por sua *mãe*.

O som de um cinto de segurança da frente sendo destravado fez com que Cat se lembrasse de Tino.

— O *Principe* está bem? — O guarda perguntou rispidamente.

— Parece que sim — respondeu Cat. — Meu telefone está em algum lugar. Ligue para Dante e conte a ele o que aconteceu.

— Entendido. — Tino grunhiu enquanto se movia na frente. — Merda, pelo menos nós paramos de pé, né

— Essa é a parte positiva agora?

— Só estou falando, *reginella*.

Pela primeira vez, Cat não respondeu à provocação de Tino porque não parecia que ele estava zombando dela naquele momento. Cat continuou tirando os pedacinhos de vidro de Johnathan que ainda chorava. Ela estava com muito medo de movê-lo de seu assento e ele pudesse se cortar, ou pior, ter alguma lesão que poderia ser agravada com o movimento.

Ela limpou os cachos escuros da testa de Johnathan, estremecendo com o longo arranhão que seu cabelo manteve escondido. Não era fundo o suficiente para sangrar, então Cat agradeceu a Deus por aquele pequeno milagre.

— Droga — Tino xingou baixinho.

— O quê? Cat se assustou.

— Nós rolamos sobre a maldita mureta de proteção da pista. E você não estava usando o cinto de segurança. *Dio*, não diga ao chefe que eu permiti essa merda, Catrina. Ele me mataria. Porra, ele ainda pode me matar de qualquer maneira. Isto é ruim.

Cat não estava entendendo o que Tino estava dizendo. Ela estava muito ocupada olhando pela janela quebrada do SUV. Uma figura masculina alta, usando roupas escuras, estava descendo o talude de cinquenta metros que levava à estrada. Ela podia ver a mureta de proteção por onde o SUV tinha capotado atrás da pessoa.

Não teria sido um incômodo se a pessoa viesse ajudar, exceto que ela tinha a sensação estranha de que essa pessoa não estava lá para oferecer assistência. Especialmente considerando que uma outra pessoa pulou com facilidade a mureta de proteção quebrado e se juntou ao primeiro homem, que segurava o que parecia ser uma arma.

A boca de Cat ficou seca, ameaçando mantê-la quieta. Ela nunca mostrou medo — não sabia como permitir que a emoção transparecesse, mas não era a mesma coisa. Nada poderia protegê-los. Cat não tinha uma arma própria, apenas uma faca na coxa, e ela também tinha que pensar no pequeno Johnathan. Não havia para onde correr.

— Tino — Cat sussurrou, girando rápido no assento para tocar no ombro do segurança.

O celular que ele segurava caiu da mão dele sobre o painel do carro.

— Jesus, Catrina! Que diabos foi isso?

— Tino, me responda! — Uma voz grossa e familiar gritou do telefone.

Cat agarrou o ombro de Tino, as unhas cavando em sua jaqueta fina

para focar sua atenção nela.

— Tino, *olha!*

Tino olhou por cima do ombro, onde Cat apontou para os dois homens que estavam perigosamente perto da traseira de seu SUV.

— Merda! — Tino passou o cinto de segurança pelo ombro, se inclinou e bateu no compartimento no painel onde a arma era mantida. Claramente e em tom alto, Tino começou a falar. — Dante, dois. Homens. Provavelmente um e oitenta, mais ou menos. Ambos têm armas. Desconhecidos.

Tino colocou um clipe na arma e destravou a segurança. Cat se atrapalhou com as malditas do cinto de segurança de Johnathan. Não ajudava o fato de que a criança não parasse de gritar e se debater. Não que isso fosse culpa dele. Ele não tinha a menor ideia do que estava acontecendo ou do perigo em que estavam.

Um grito destinado a avisar Tino saiu da garganta de Cat quando um dos homens alcançou a parte de trás do SUV, seu braço já levantado para mirar.

— Tino...

As palavras de Cat foram cortadas na hora em que um tiro ecoou pelo espaço. Sangue e carne se espalharam pelo para-brisa dianteiro. A grande estrutura de Tino caiu sobre o volante, a arma disparando contra o piso do SUV. Instantaneamente, Cat afundou sobre Johnathan, precisando protegê-lo.

Se houvesse alguma vez que Cat desejou saber como orar, agora era hora. Ela nem sequer tinha ideia do que pedir a Deus quando o visitava todos os domingos. A porta dos fundos do veículo soltou um rangido horrível quando foi aberta.

— Mova-se!

Cat foi arrancada de Johnathan como se ela não pesasse mais do que

uma pena. Suas costas bateram na porta lateral com um estalo, a cabeça acertando o plástico duro. Sua visão, ainda nublada pela batida na cabeça, escureceu brevemente. Ela não conseguia se concentrar na figura agarrando Johnathan de seu assento de carro.

Sentindo-se cega e em estupor, Cat procurou a pequena e afiada faca na bainha em sua coxa sob o vestido. Quando a ponta da lâmina estava cortando as pontas de seus dedos, ela teve que se segurar para não mostrar a arma e jogá-la no homem. Johnathan se contorcendo, bloqueando seu alvo, foi a única coisa que a impediu. Ela não correria o risco de acertar ele.

— Ele não é Michel! — Cat chorou quando o homem se virou com o sobrinho dela nos braços. — Por favor, não o leve! *Ele não é Michel!*

— Não importa para Bruno. Os Marcello nos entregarão Michel se quiserem seu *principezinho* e sua nova rainha de volta.

— Não!

Cat saltou do assento na tentativa de chegar até Johnathan. Um braço envolveu seu pescoço pela janela, sufocando-a. Dedos arranharam seu cabelo e couro cabeludo, puxando sua cabeça para trás. Uma risada sombria e familiar ecoou em seu ouvido, enviando calafrios por seu corpo.

— Olá, *cagna*^[6]. Sentiu minha falta?

Vômito ameaçou subir pela garganta de Cat. Aquela voz — oh, Deus aquela voz.

Marc, o braço direito de Bruno, era um bastardo cruel e frio. Cat só o encontrou uma vez antes. A primeira vez que ela tentou ajudar sua irmã a se afastar de Bruno. Aquele encontro deixou Cat e Marc feridos. Marc exibiu uma cicatriz acima da sobrancelha por causa da faca de Cat. Cat conseguiu dois dedos quebrados.

— Ah, você ainda cheira a morangos e mel, *ragazza*. — Marc enfiou o nariz no cabelo de Cat, inalando profundamente. — Assim como a puta da

sua irmã.

O desgosto provocou uma guerra no interior de Cat. Ela cavou as unhas o mais forte que pôde no antebraço dele em volta do pescoço dela. Ela podia sentir a pele rasgar sob a força de suas unhas. Isso não o afetou nem um pouco. Quanto mais apertado o braço de Marc ficava, mais irritada ela se tornava. Ela não podia falar, gritar ou respirar, mas estava irritada como nada mais. A faca escondida na mão dela queimava na ponta dos dedos.

— Adivinha quais foram as instruções de Bruno para você, Catrina?
— Marc respirou em seu ouvido, a respiração quente em seu rosto.

— Você é um bastardo — Cat assobiou.

— Sì, nós sabemos disso muito bem, não sabemos? Continue cavando essas lindas unhas na minha pele, *cagna*. Você sabe o quanto eu gosto de um pouco de dor.

— Bruno prometeu que eu poderia te ensinar qualquer lição enquanto esperamos que os Marcello respondam às nossas exigências. — Marc riu, o som retumbando em algum lugar no peito dela. — Eu esperei muito tempo para fazer isso, Catrina. Você me deve pela cicatriz que me deu dois anos atrás.

Um dedo percorreu o rosto dela, cavando todo o caminho até chegar ao canto de seus lábios carrancudos.

— Eu acho que vou começar a cortar aqui, só para estragar seu lindo rosto. E quando você estiver bem machucada, vou enfiar sua boca completamente no meu pau só para te ensinar a servir adequadamente a um homem como a prostituta que você é.

Suas palavras não assustaram Cat. Ele iria se arrepender. Porém, as próximas palavras que proferiu a gelaram até a porra dos ossos.

— Fiz isso com sua irmã uma vez enquanto Bruno assistia. Ele a

compartilhava quando se comportava mal. *Merda*, talvez ele queira ficar com você mesmo depois de recuperar o filho, Catrina. Você se parece muito com ela e nós dois sabemos que você precisa pagar pelos seus erros.

— Vá para o inferno, Marc. — Cat ofegou, seu oxigênio se esgotando a cada palavra. — Meu marido vai cortar suas bolas e te dar para comer por me tocar. Mas só se eu não te matar primeiro.

— Pode tentar.

Cat não deu a Marc a oportunidade de fazer mais nada. Ela torceu a faca do lado dela, de modo que a lâmina ficasse fora de sua palma. O metal afiado cortou o antebraço dele e Cat recuou no momento em que feriu o braço dele, cortando de forma irregular, profunda e longo. Ela puxou a faca do braço dele com a mesma rapidez, não querendo arriscar que ele pudesse de alguma forma tirá-la dela.

Um uivo cheio de agonia e choque respondeu ao seu ataque, mas o braço segurando-a apertado se soltou. Cat não perdeu tempo ao arremessar o corpo para longe da porta. Ela praticamente pousou em cima do assento vazio de Johnathan. Virando-se, ela viu o rosto vermelho de Marc tentando puxar a porta torta. O acidente deve ter entortado o metal o suficiente para que ele não conseguisse abri-lo.

Quando Marc rugiu de raiva e encarou Cat, ela estava sorrindo. A ponta da lâmina da faca estava entre seu dedo indicador e o polegar, e o braço já estava recuado e apontado, esperando o alvo certo. O sangue quente e escorregadio na ponta afiada não a fez ceder.

— Você está fodida...

— Você perdeu sua chance de novo, Marc — disse Cat cruelmente.

A faca disparou com uma velocidade quase rápida demais para ver. Afundou tudo no olho esquerdo de Marc, fazendo-o voar para trás da janela quebrada. Seus gritos reverberaram quando ele agarrou a lâmina presa à sua

cabeça.

Cat riu quando o idiota agarrou o punho da faca e a puxou do olho. O sangue começou a jorrar pelo rosto dele, e mesmo quando ele pressionou a palma da mão no buraco sangrando, o sangue ainda vazava.

— Deveria ter deixado onde estava — Cat gritou para Marc enquanto ele se afastava do SUV. — Agora você vai sangrar até a morte, seu idiota.

Marc tropeçou para frente. Embora houvesse uma porta de metal entre eles, por instinto, Cat cambaleou para trás do assento do carro até que ela caiu do outro lado do veículo. Tremendo em seus saltos agulha, ela forçou-se a levantar do chão, deu a volta e puxou a porta do lado do motorista. Quando conseguiu, o corpo de Tino caiu do volante para o chão com um baque. A parte de trás do crânio tinha explodido.

Por um breve momento, Cat hesitou. Ela podia ouvir Marc gritando e se debatendo. O sangue de seu ferimento provavelmente estava derramando a um ritmo constante e cegando-o. Ela não se importava com ele.

Era com Tino que ela se importava.

Recomponha-se, sua mente ordenou. Vá em frente. É tarde demais.

Ainda assim, quando ela passou por cima de Tino para subir no banco da frente, Cat sussurrou:

— *Reposa in pace.* — Descanse em paz.

Cat encontrou a arma de Tino no chão, certificou-se de que a trava de segurança estava desativada e saiu do carro. Ela contornou o veículo até chegar onde Marc estava deitado de costas, segurando o rosto. O porco inútil gemeu, seu olho bom piscando rapidamente quando Cat pairou em cima dele.

— Que pena — Cat murmurou, apontando a arma com o dedo envolvendo o gatilho. — Eu queria muito ver você comer suas bolas.

Marc não disse uma palavra e não tentou fugir. A bala passou pela mão dele que cobria os olhos, e a cabeça acertou o chão com a velocidade do

tiro. O som da arma ecoou pelo pequeno campo nevado.

Cat se virou ao som de um grito. Por cima do ombro, ela viu o outro homem que levava Johnathan. Ele estava de pé perto do guard rail sem nenhum bebê em seus braços. O coração de Cat bateu dolorosamente em seu peito.

— Devolva meu sobrinho!

— Não posso. Você levou Michel, agora pague por isso.

— Você está cometendo um erro! — Cat gritou, o calor inundando seu corpo enquanto sua mão apertava ao redor da arma.

— *Inesatto*, Catrina. Você cometeu um erro. — O homem balançou a cabeça.

— Não, o erro é do Bruno. E você vai morrer por isso; os Marcello vão se certificar disso. — Cat apertou a mandíbula.

— Não se eles quiserem seu *principe* de volta, *cagna*.

Com isso, o homem se virou e desapareceu. Cat gritou, ouvindo o cantar de pneus segundos depois e os sons de sirenes.

Cat cambaleou de volta para a frente do SUV. Sua visão ainda estava embaçada e sua mente, lenta. A dor em seu pulso não tinha diminuído. Subindo no banco da frente mais uma vez, ela ignorou o sangue e o cérebro pulverizado em todos os lugares enquanto pegava o celular de Tino no painel. Seu coração parou quando ela olhou para a tela.

A ligação não tinha sido finalizada.

Oh, Deus.

Até quando seu marido ouvira? Ele provavelmente não ouviu a conversa do lado de fora do carro, mas as coisas que ela gritou, sim.

Ela deveria ter contado a ele... e não assim.

Cat pressionou o telefone ensanguentado no ouvido. Expirações lentas e irregulares davam para ser ouvidas.

— Dante...

— Nada de bebê — ela o ouviu rosnar.

A voz de Dante era uma mistura de raiva e medo.

— O-o quê?

— Quando os policiais chegarem aí, você tem que dizer que Johnathan não estava com você.

— Mas a cadeirinha dele está... — Cat engoliu em seco..

— Faça o que eu disse!

— Ok. Nada de Johnathan. Sinto muito, Dante.

— Um advogado irá te encontrar no hospital. Eu te encontrarei em casa.

A ligação foi finalizada. Pela primeira vez desde a morte da irmã, Cat chorou.

Capítulo Dezesseis

No momento em que Catrina entrou no apartamento, Lucian estava de pé. A raiva coloriu suas feições sombrias enquanto se aproximava da esposa de Dante. Catrina nem sequer recuou quando Lucian chegou mais perto. Ela simplesmente ficou ereta e manteve os olhos fixos nele o tempo todo, totalmente sem medo. Havia dor no olhar dela, no entanto. Dante podia ver, e isso o cortou até os ossos.

Independentemente de como estava com raiva de sua esposa e se sentia traído por ela, Dante nunca permitiria que alguém a machucasse. Não que ele achasse que Lucian o faria, mas em seu pânico, Dante sabia que o irmão faria qualquer coisa se achasse que seu filho voltaria.

Naquele mesmo instante, Catrina era a única com alguma resposta.

Dante se moveu rápido, parando na frente de sua esposa para impedir que seu irmão chegasse mais perto.

— Não, Lucian.

— Eu quero saber onde meu filho está!

— Eu sinto muito — Catrina disse calmamente. — Eu nunca pensei...

— Onde está meu filho? — Lucian rugiu.

Dante se irritou com o tratamento que sua esposa estava recebendo, mas se conteve ao encostar no irmão mais velho. Lucian estava com muita raiva.

— Saia, Lucian.

— O que diabos você acabou de dizer? — Lucian assobiou com os dentes cerrados. — Você não pode achar...

— Vá para casa, com Jordyn — Dante ordenou com firmeza. — Você está muito chateado para pensar direito. Caso contrário, veria o que está fazendo agora e ficaria envergonhado. Vá.

— Ir para casa, para minha esposa, sem meu filho, você quer dizer. — Os ombros de Lucian ficaram rígidos assim como sua mandíbula. — Dizer a ela que a tia dele, quem quer que ela seja, é a causa disso. Certo, tudo bem.

— Vou pegá-lo de volta — Catrina sussurrou. — Eu vou.

— Vivo e ileso — acrescentou Lucian sombriamente. — Porque se não, eu vou te matar.

Dante entendeu, sabendo que Lucian não queria realmente dizer isso.

— Vá para casa. Não me faça pedir de novo. Ligue para Gio. Ele já está trabalhando nisso.

Lucian lançou um olhar para Catrina antes de pegar o paletó na parte de trás do sofá e sair do apartamento. No momento em que a porta da frente se fechou, Dante se sentiu mal.

— Eu já falei com os advogados — explicou Dante. Você teve sorte de ter uma testemunha do sedan preto seguindo vocês, porque, do contrário, isso teria sido uma bagunça que eu não conseguiria limpar. Os detetives também querem me interrogar, o que é absolutamente ridículo. Espero que seu negócio esteja limpo há um longo tempo para manter o problema longe de nós.

— Eu sei. Está.

— Quem é Michel? — ele perguntou baixinho.

— Meu sobrinho — respondeu Catrina.

— A irmã que eu não consegui encontrar informações?

— Sim.

— Onde ela está?

— Morta — disse Catrina.

— Por que esse homem levou John?

— Porque eu tirei meu sobrinho dele, seu filho, vim para a América com Michel para mantê-lo em segurança, e casei com você para garantir que

Bruno ficasse longe. Ou pelo menos era o que eu esperava que acontecesse.

Dante sentiu como se alguém tivesse acabado de chutá-lo na porra do peito. Catrina lhe dera muita informação em frases simples. Dante demorou para absorver as palavras e o que elas significavam.

Mentiras.

Mentiras, mentiras, mentiras.

Deus.

Náusea acertou suas entranhas.

— Tudo o que você me contou é mentira? Tudo? — Dante soltou um suspiro forte, virando-se para encarar sua esposa.

— Não — Catrina se apressou em dizer. — Eu nunca menti, simplesmente omiti alguns fatos.

— É a mesma coisa! — Dante acenou para ela, sua exasperação afastando a capacidade de pensar direito, quem dirá falar. Quando ele finalmente conseguiu falar algumas palavras, elas saíram com raiva e amarguradas. — Quem é você, Catrina? Eu nem sequer sei quem você é!

— Eu sou sua esposa, Dante.

— Jesus Cristo, eu amo você, Cat.

— Eu sei. — Catrina inclinou o queixo para baixo, escondendo o rosto dos olhos dele.

— Não, você claramente não sabe — disse Dante, a dor cortando seu coração. — Eu amo você, Catrina. Compartilho minha casa, minha cama... tudo com você. E você continuou mentindo para mim assim. Tudo o que você fez foi me contar mentiras.

— Dante...

— Eu não quero ouvir isso — retrucou Dante. — Nada que você possa dizer agora melhorará as coisas. Não posso confiar em você como achei que poderia. Mais do que tudo, essa porra me mata. Está me *matando*,

Cat. Pensei que depois de tudo, eu te conhecia.

— Você me conhece. — A cabeça de Catrina se levantou, seu olhar queimando com descrença e medo.

— Eu realmente não conheço.

— Sim, você conhece. Nada do que eu te disse foi mentira, Dante. Eu só...

— Omitiu uma informação importante, crucial — Dante interrompeu bruscamente. — Me enganou para casar com você sob pretextos completamente falsos. Usou meu sobrenome e o poder da minha família como um escudo pessoal para protegê-la de qualquer vingança que esse Bruno tinha contra você por causa dessa criança. Com isso, colocou todos com quem me importo em perigo, Catrina, e você não deu a mínima pra isso. É exatamente o que você fez. Não tente negar.

— Não vou — ela sussurrou.

— Então como você pode ficar aí e dizer que eu conheço você? — Ele rugiu.

Deus, ele estava se despedaçando. Dante nunca se sentiu tão completamente dilacerado antes. Era como se sua alma estivesse se partindo por causa dessa maldita mulher. Como uma pessoa pode amar alguém e desprezá-la ao mesmo tempo?

— Venho de uma pequena aldeia na Itália. Meu pai era um ítalo-americano que minha mãe conheceu quando veio pela primeira vez aos Estados Unidos. Quando minha mãe engravidou de mim, eles ficaram juntos, mas quando eu nasci, não durou muito. Minha mãe não teve escolha senão voltar para a Itália. Minha dupla cidadania não era mentira. Nem a minha necessidade de ter plena cidadania nos Estados Unidos para evitar a possibilidade de extradição se algo vier a acontecer legalmente.

— Você já me contou sobre isso. — A mandíbula de Dante se

apertou.

— Então, escute de novo — Catrina respondeu, raiva aquecendo seu tom de voz. — Tudo o que eu fiz foi pela minha irmã.

— Sua irmã — Dante ecoou.

— Ela era minha meia-irmã, na verdade, do meu padrasto com a minha mãe. — Catrina pareceu entender sua pergunta não formulada.

— Bruno... o que ela era dele, esposa?

— Ela era o brinquedo dele — disse Catrina, a mágoa escurecendo seus olhos cor de avelã.

— Explique isso para mim.

— Eu chegarei lá. Quando saí de casa, não era tão ingênua quanto minha irmã. Entendi como ser uma mulher, uma mulher bonita, apesar da minha idade, poderia me levar a qualquer lugar que eu quisesse, desde que soubesse como usar minha beleza e inteligência. Não demorou muito para eu chamar a atenção de um senhor mais velho e rico enquanto trabalhava em uma boate. Menti sobre a minha idade e eles não eram tão exigentes quanto às regras, de qualquer maneira.

— Eu não quero ouvir isso, o que aconteceu com esse homem, nem comece. — Dante não pôde evitar a vontade de vomitar.

— Eu não era prostituta dele, se é isso que você está pensando.

— O que, então?

— Era o pai de Bruno, Vincenzo. Aqui, na América, quando as pessoas ouvem falar do cartel, pensam imediatamente no México. Na Itália, o cartel está em toda parte. Lá, o cartel é a máfia. Um é o outro. Não importa quão pequena seja a cidade, há alguém trabalhando por lá, usando as pessoas, escondendo os produtos... fazendo o que eles precisam fazer.

— Eu não entendo o que isso tem a ver conosco, Catrina.

— Quase dois anos atrás, o papa excomungou toda a máfia. Você

ouviu sobre isso?

Uma memória piscou na mente de Dante. Certa manhã, quando ele teve que acordar Giovanni para ir à missa, seu irmão deixou escapar essa informação, apesar de ainda estar com cheiro de maconha e cerveja.

— Eu lembro. E o que tem?

— Foi porque um menino, a irmã e a mãe foram mortos a tiros pelo cartel siciliano por causa do envolvimento de seu pai com a máfia. Ele roubou dinheiro ou drogas, algo assim.

— É terrível que seus filhos tenham sido mortos por seus erros, mas não posso dizer que estou muito surpreso.

— Essa é a vida de Bruno, e ele acredita que todos ao seu redor podem ser aterrorizados e controlados. Ele gosta do poder; seu pai também.

— Você estava envolvida com o pai dele. — Dante molhou os lábios, considerando cuidadosamente essas palavras.

— Ele precisava de um rosto bonito e inocente trabalhando em certos lugares. Uma garota que poderia chamar a atenção de um homem, agir como uma pessoa disposta a ser controlada, e depois arrancar tudo dele quando não estivesse parecendo com o lobo que ela realmente era. Eu consegui me encaixar na classe alta, entrar nas contas e camas de homens influentes.

Dante se encolheu com essa declaração.

— Sinto muito — disse Catrina rapidamente, suas bochechas ficando rosa. — Eu sei que tipo de mulher você deve imaginar que eu seja por causa disso.

— Não estou te julgando — Dante conseguiu dizer.

A honestidade andava de mãos dadas com a dor e, gostando ou não, Dante amava Catrina. Então, sim, ele precisava saber dessas coisas, mesmo que não gostasse delas.

Afastando esses pensamentos, Dante disse:

— Por favor, continue.

— Quando entrei, chantagem e manipulação eram minhas características. O que quer que Vincenzo quisesse, eu deveria conseguir. Gostei porque eu tinha tudo naquele momento. Dinheiro, status social e assim por diante. Não era mais uma criança pobre e desprivilegiada da aldeia. Eu era poderosa, os homens me adoravam tanto quanto eles me temiam... então, sim, eu gostei.

— E a rainha veio disso? — perguntou Dante em voz baixa.

— Nasceu daí, essencialmente — respondeu Catrina. — O erro de Vincenzo foi confiar em mim para sair sozinha sem ninguém me acompanhando e me colocar em lugares com homens que eram mais poderosos do que ele. Aos poucos, fiz contatos e, por fim, comecei a sair para fazer negócios com algumas dessas pessoas. Consegui fornecedores do meu lado que tinham pouco ou nada a ver com o cartel dele. Eu estava fazendo meu nome devagar.

— Rainha.

— *Sim*.

— E ele descobriu?

— Não, ele morreu. Tudo o que eu andava fazendo chegou aos ouvidos dele e seu coração parou.

— Oh. — Dante piscou, não esperando essa declaração.

— Na época, achei que foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Eu estava livre de suas restrições e exigências. Poderia continuar o que eu estava fazendo, e como eu já estava trabalhando nesse meio aristocrático, alguns dos meus contatos e clientes eram da América. Vir para cá foi a escolha lógica. Não precisava fazer quase nada, mas eu trouxe alguns homens que já trabalhavam ao meu lado há anos e não mantinham lealdade à família de Bruno.

— Como eles evitam ser deportados?

— Eles têm muito pouco ou nada para mantê-los amarrados. — Catrina riu, mas foi baixinho. — Não é como se eles estivessem perdendo por ficar comigo. Eu ganhei a lealdade deles. Documentação falsa os mantém seguros em solo americano, por enquanto.

— Você mentiu para mim sobre vir para a América, ou quantas vezes você esteve aqui?

— Não, eu tinha vinte e cinco na primeira vez que voltei. Só estou aqui há três anos.

— Você conseguiu muito aqui nesse tempo.

— Eu trabalhei para isso. Sacrifiquei tudo para ser essa pessoa.

— Sua irmã... — murmurou Dante.

— Mais importante — ela concordou suavemente. — Catherine era o nome dela.

Instantaneamente, Dante se lembrou da garotinha que Catrina o apresentou no jantar e na recepção depois do casamento. Ele — equivocadamente — achou que sua esposa havia se aproximado da criança porque o nome delas eram parecidos. Agora, ele acreditava que era provavelmente um pouco mais que isso.

— Catherine não tinha as garras que eu tinha, certamente não do tipo para mantê-la viva.

— O que aconteceu?

— Ela era muito mais jovem que eu — disse Catrina, juntando as mãos. — Cinco anos mais jovem e tinha apenas dez anos quando saí de casa. Achei que ela não se importaria, que talvez nem se lembrasse de mim e ele a amava também. Meu padrasto, quero dizer. Ele a adorava e eu sabia que ela seria feliz. Logo depois que fui para os Estados Unidos, minha irmã veio me procurar, mas ela não fazia ideia de que eu já estava fora do continente.

— E ela encontrou Bruno.

— Não demorou muito para eu ficar sabendo — declarou Catrina, trêmula. — Eu sabia como ele era, Dante. Eu o tinha visto com outras mulheres e como ele as tratava, era como um desgraçado trataria um cão abusado.

— Cat...

— Eu voltei. O primeiro voo que eu pude pegar, eu peguei. Ela o amava, ela tinha me dito. Ele não a machucou, ela prometeu.

O olhar de Catrina se encheu de água, mas ela afastou-se segurou. Dante não ficou surpreso. Sua esposa nunca demonstrava as emoções direito. Ele estava finalmente começando a entender o porquê. Porque antes dele, ela vivia em um mundo em que sentimentos matavam pessoas.

— Eu não tive escolha a não ser ir embora de novo. Bruno ficou pior do que antes de o pai morrer. A minha presença o deixava com raiva, e pude vê-lo culpando minha irmã por isso. Tentei levá-la comigo e quase fui morta no processo. Aquele homem que matei hoje... foi ele quem Bruno mandou atrás de mim.

Dante ainda podia ouvir as palavras de Marc para Catrina soando no fundo de sua mente. Como uma injeção de veneno diretamente em seu coração, a fúria correu por sua corrente sanguínea. De alguma forma, ele não demonstrou isso. Ela estava chateada o suficiente, mesmo escondendo isso.

— Tentei manter contato com Catherine quando voltei aos Estados Unidos, mas fui ignorada. Algo dentro de mim sabia, Dante.

— Sabia o quê?

— Que ele estava batendo nela, usando-a do mesmo jeito que fez com as outras.

A garganta de Dante estava tensa e seca, mas ele ainda conseguiu perguntar:

— Como você descobriu Michel?

— Alguém que gostava da minha irmã entrou em contato com um dos meus homens — explicou Catrina. — O informante estava com medo de Bruno e não deu muitos detalhes específicos. Foi o suficiente, no entanto.

— O suficiente para quê?

— Para me levar de volta. — Os ombros de Catrina abaixaram quando ela balançou a cabeça. Pressionando a palma da mão na testa, ela se sentou no sofá. Dante examinou sua esposa em silêncio, sem saber o que dizer ou fazer. Ele ainda estava tão dividido por causa do que ela havia feito e como mentiu para ele. — Eu fiquei de olhe nele e nela por semanas, nos homens dele também. Eu a encontrei grávida e espancada. A gravidez já avançada.

— Eu fui mais inteligente na segunda vez — ela continuou, olhando para Dante com um sorriso triste. — Voei em um jato particular fretado. Paguei por fora, certificando-me de que ninguém me reconhecesse. Achei que talvez pudesse trazê-la de volta comigo se eu conseguisse pegá-la quando ele não estivesse lá... e então ela o teve.

— Michel, você quer dizer.

— Sim. Catherine estava grávida, mas não era hora certa. Bruno bateu nela e ela entrou em trabalho de parto. Ela deu à luz sozinha e assustada, e minha irmã morreu antes da manhã devido a uma perda de sangue, e eu imagino que de choque. Mas ele era tão venerado, que seus empregados idiotas não puderam deixar de celebrar o nascimento do menino e foi assim que eu soube que ele havia entrado no mundo.

— Então, esperei mais um pouco. — Catrina encolheu os ombros. — Quando Bruno deixou o menino sozinho com a babá, eu entrei. Também trouxe a babá. Ela tentou ajudar minha irmã pouco antes de morrer, ou pelo menos foi o que ela disse. Acreditei nela porque ela falava de Catherine com

carinho. Ela também se importava com Michel.

— Você não deve ter fugido tão nas escuras como você queria, considerando que Bruno ainda está atrás de você — apontou Dante.

— Não, eu consegui despistar Bruno e seus capangas. O problema era que ninguém se importava com minha irmã além de mim. Até nossos pais, depois que ela foi me procurar, não deram a mínima. Ninguém teria desafiado Bruno como eu fiz. Ele sabia, Dante. Bruno não precisava me ver ou ser informado sobre quem tinha levado a criança.

— O filho dele.

— Não é filho dele. — Catrina sorriu, o olhar quase cruel. — Ele reivindica Michel, mas o bebê não pertence a Bruno.

— Como você pode saber disso? — A testa de Dante se enrugou em sua confusão.

— Michel tem olhos castanhos. Tanto minha irmã quanto Bruno tinham olhos azuis. Bruno tem cabelo preto, minha irmã tinha cabelos ruivos como eu. Michel é loiro. A pele é clara, não bronzeada como a de um siciliano.

— Você está assumindo, mas você não sabe ao certo se ele é ou não filho desse homem — disse Dante.

— De acordo com a babá, uma vez que consegui acalmá-la e prometi segurança, ela explicou algumas coisas também.

— Como o quê?

— Bruno compartilhava minha irmã com os outros como punição.

— *Cazzo*. — Aquele sentimento doentio bateu em Dante com uma vingança.

— Talvez ele não machucaria Michel. Talvez ele trataria o garoto como um reizinho. Quem sabe? Eu não estava disposta a arriscar a chance caso ele não cuidasse dele, Dante. Michel é meu sangue também, e a única

coisa que me resta de Catherine. Tudo o que posso fazer pela minha irmã agora é proteger aquele garoto, então fiz o que tinha de fazer. Sinto muito por ferir você, e pelo pequeno Johnathan, mas se você soubesse do que eu estava fugindo...

— Eu nunca teria me casado com você — Dante interveio, suas palavras um sussurro.

— Não, você não teria — Catrina respondeu. — Eu amo você. Muito mesmo.

— Eu sei, *Amore*.

Claro que ele sabia. Ainda doía.

— Como eu entrei no seu radar? — Dante perguntou, limpando a garganta.

— Eu te disse antes, quando fizemos a primeira reunião.

— Quando invadiu o apartamento, você quer dizer.

— Dá no mesmo. Eu também não menti sobre isso. Nós trabalhamos em algo parecido, alguns dos nossos negócios tendem a se misturar em certos pontos. Fiquei sabendo que o sucessor dos Marcello poderia estar procurando algum tipo de casamento. Era a única coisa que eu pensei em fazer quando trouxe Michel aos Estados Unidos. Uma vez que estava tudo bem com ele, e eu sabia que ele estava seguro, fiz a minha jogada para colocar meus homens em seu radar, e então procurei você.

— Quantos anos tem a criança? — perguntou Dante.

— Fez oito meses segunda-feira passada.

— Jesus, ele era praticamente recém-nascido quando te conheci.

— Não tive escolha a não ser deixá-lo. Não queria correr o risco de que Bruno aparecesse, mais cedo ou mais tarde, e não podia correr o risco de ter Michel perto de mim se ele aparecesse.

— A babá ainda cuida dele, então?

— Sim, Isa cuida dele.

— Você foi ver ele desde que se casou comigo? — perguntou Dante.

— Uma vez. A viagem para Los Angeles foi um disfarce para eu ir vê-lo.

— Uma mentira, você quer dizer. Outra.

— Ok, uma mentira — admitiu Catrina.

Dante esfregou círculos em sua testa. Ele tinha feito isso o dia inteiro.

— E onde ele está?

— Não muito longe da cidade.

— Se arrume, Cat, vamos até lá. — Dante nem precisou pensar sobre isso. Sua decisão foi tomada instantaneamente.

— O que, para onde? — Catrina parecia atordoada.

— Eu disse, se arrume, é hora de trazê-lo para casa.

— E quanto a Johnathan?

— Coloquei pessoas nas ruas procurando informação. Agora, é o melhor que podemos fazer, a menos que os homens que o levaram nos contatem diretamente antes que algo surja.

— Você não está planejando trazer Michel para cá para tirá-los do esconderijo, certo? — Catrina hesitou.

— Eu nunca faria isso — disse Dante com firmeza. — Ele é apenas uma criança, que merece ser bem cuidada, não mantida longe da única família que restou.

Catrina levantou do sofá. Dante se virou, precisando de um segundo para pensar sem que sua esposa avaliasse todas as suas reações. Catrina era muito boa em ler as ações de outras pessoas e o que elas realmente significavam.

Um garotinho...

Essa era a única chance dele para algo que era impossível?

— Eu entendo por que você escondeu isso de mim, mas eu não gosto nada disso. — Dante olhou por cima do ombro.

— Eu sabia exatamente do que estava desistindo ao me casar com você. Minha reputação, ser a rainha. Eu estava pronta para isso, Dante. — Catrina ficou quieta, apertando os dedos ao redor da bolsa.

— Mas? — ele perguntou.

— Mas eu não estava pronta para você.

— Eu não estava pronto para você também.

— Eu não queria me apaixonar por você. Pensei que se pudéssemos manter isso estritamente como negócio, você não seria ferido por mim no final. Todo mundo está sempre se machucando por minha causa.

Talvez ela tivesse machucado ele.

Mas ela o salvou e o tornou muito melhor de várias maneiras também.

• • •

— *Grazie*, Isa — disse Catrina, beijando a bochecha da mulher mais velha. — Sinto muito por não ter visitado mais. Eu não pude. Era muito perigoso.

— *Lo so*^[7] — respondeu Isa, sorrindo. — Acho que ele sentiu sua falta depois da última visita.

— Ele era pequeno demais para lembrar de mim. — Catrina fez uma careta.

— Eles nunca são pequenos demais, *ragazza*.

Isa observou Dante quando ele se encostou na parede, observando a conversa das mulheres.

— *Il marito?*

— *Sì* — disse Dante, respondendo à pergunta de Isa, se ele era o

marido de Catrina.

— Ele é bonito — Isa sussurrou, embora não muito silenciosamente, para Catrina com um sorriso conspiratório.

— Ele é — Catrina concordou.

Dante balançou a cabeça, achando graça das duas mulheres, enquanto a conversa era apenas em italiano. Catrina perguntou sobre o bem-estar de Michel, quanto ele havia crescido e se ele estava falando alguma coisa. Quando a conversa se voltou para a família de Isa na Itália, Dante deu às duas um pouco de privacidade.

Isa provavelmente iria querer voltar para casa se pudesse, dada a tristeza em seu tom quando falava sobre sua filha e seus dois filhos adultos que ela deixara para ajudar Catrina.

— Você estará em segurança — Dante ouviu Catrina murmurar em italiano. — Eu prometo, vamos garantir isso, mesmo que tenhamos que começar tudo de novo em algum lugar. Depois do que você fez por Michel, você merece, Isa.

— Você não pode permitir que esse homem o leve de volta, Catrina.

— Nós não vamos.

Dante ouviu as palavras cuidadosas de sua esposa. Não era *ela* que não permitiria que isso acontecesse, seriam *elas*. Ele e ela juntos, porque eram uma parceria, mesmo que ele estivesse terrivelmente bravo com ela pelas coisas que ela fez.

Ao olhar ao redor da pequena casa de estilo bangalô, Dante ficou aliviado ao notar que o lugar estava bem conservado. Estava limpo, quente e aparentemente seguro. Alguns brinquedos estavam espalhados. Um cercadinho estava no canto, vazio, exceto por um cobertor azul. Isa parecia ter mais ou menos a mesma idade que Cecelia. Ele adivinhou, pela vizinhança tranquila, que Isa provavelmente parecia ser uma mãe mais velha

quando ela levava a criança para fora.

Era o lugar perfeito, Dante sabia. Catrina acolheu bem a mulher e Michel durante o tempo que precisaram. Ele sorriu. Eles não precisariam disso mais. Não depois desta noite.

— Mas ele não é americano e não tem documentos — argumentou Isa em voz baixa, chamando a atenção de Dante. — E agora?

— Nós vamos cuidar disso — afirmou Dante, virando-se para encarar as mulheres. Catrina ofereceu um sorriso grato ao marido, estendendo a mão para ele. Dante se aproximou sem questionar. — Eu tenho conexões mais do que suficientes para conseguir para Michel a documentação de que ele precisa. Até mesmo o governo não poderia fazer uma falsificação tão boa quanto a que eu consigo.

— Sei. — Isa bufou. Sei.

— É verdade.

— Não se preocupe, Isa — disse Catrina. — Bruno é o único perigo que Michel enfrenta e eu...

Dante estremeceu, sabendo o que sua esposa ia dizer antes que ela parasse. Engolindo seu orgulho, Dante disse para Catrina:

— Cat cuidou disso, e ela se casou com um homem que não tem medo de alguém como Bruno, para que Michel pudesse estar seguro.

— Sim — disse Catrina suavemente. — E eu amo esse homem.

Os dedos de Dante se entrelaçaram com os da esposa, que apertou os dedos gentilmente, mas ele ficou quieto. Mais tarde, ele sabia. Eles teriam tanto tempo depois para falar o que tinham que falar. Ou ele falar, na verdade.

— Ele está dormindo? — Catrina perguntou.

— Ele dorme bastante. — Isa assentiu.

— E as vacinas dele? — Dante perguntou à esposa. — Estão em dia?

— Não, acabei não conseguindo os documentos para uma criança da idade dele, os quais passariam pela inspeção.

— Você poderia ter pago por um médico para cuidar dele.

A culpa de Catrina era evidente, mas, como sempre, a mulher era teimosa.

— Eu não tive tempo de encontrar alguém que você não conhecesse. Quanto mais dinheiro eu colocava por aí, maior era a probabilidade de você perceber que algo estava acontecendo.

Dante reprimiu sua carranca, sabendo que ela estava certa. Com as contas juntas e tendo acesso livre a tudo, ele não tinha como não checar se Catrina estava fazendo as coisas pelas costas dele.

— Cat, meus pais atrasaram alguns meses de uma vacina muito importante e isso me custou muito.

— Eu sei que sim — Catrina respondeu, ignorando o olhar curioso de Isa. — Podemos colocar em dia.

— Há um cronograma para esse tipo de coisa e isso precisa ser seguido — destacou Dante.

— Dante, *por favor*. Agora não.

— Sim, *agora sim*, Cat. Isso é importante para mim.

Catrina suspirou, encontrando seu olhar com um aceno de aceitação.

— E Paulie? Ele poderia...?

— Possivelmente — disse Dante. — Ou pelo menos dar uma olhada em Michel. Pode levar alguns dias até que ele consiga as primeiras doses.

Soltando a mão de Catrina, Dante pediu licença às duas mulheres por um momento. Ele entrou no banheiro pequeno, observando a banheira de bebê dentro da grande banheira e os brinquedos alinhados ao longo do balcão. Fechando a porta para ter privacidade, Dante pegou o celular e ligou para o *consigliere*.

Depois do quarto toque, Dante se perguntou se Paulie ia atender a maldita ligação. Era tarde e Dante normalmente não incomodava Paulie com bobagens, a menos que fosse importante. É para isso que Lucian servia agora. Ele deveria atender — o chefe estava ligando. Mesmo que Paulie tivesse quase três décadas de vida a mais que Dante, ele nunca se esquivaria da ligação de seu chefe.

— *Ciao*, chefe — respondeu Paulie, piadista como sempre.

Dante não pôde deixar de sorrir com a saudação.

— Dentro da sua cabeça, você está realmente me chamando pelo meu nome.

— Sim, mas eu me pego antes que escorregue. Eu conhecia seu pai muito antes dos negócios e jamais atendi suas ligações com nada menos que a palavra chefe na ponta da minha língua. Está tudo bem?

— Bem, é uma situação delicada.

— Sempre é quando se trata de vocês.

— Eu não quero que ninguém saiba ainda — disse Dante.

— Tudo bem, então. Desembucha.

Ele rapidamente contou os detalhes importantes da relação de Michel com Catrina e como ele chegou aos Estados Unidos. Dante deu uma versão resumida do que eles estavam lidando e do que era necessário. Paulie, sempre paciente, ouviu tudo e ficou em silêncio até que Dante terminasse.

— Não estou surpreso que essa seja uma das primeiras coisas em sua mente — disse Paulie, referindo-se às vacinas. — Dado tudo o que aconteceu com você, eu quero dizer.

— Sim, bem...

— Eu não te culpo. Não vou falar nada até que esteja pronto para apresentá-lo ao resto da família. As vacinas podem ser obtidas com bastante facilidade e seu cronograma iniciado até que você consiga a documentação

adequada dele. Você vai criá-lo como seu filho?

— Eu quero, sim. — Dante seria um maldito mentiroso se dissesse que esse pensamento nunca lhe passou pela cabeça.

— As mulheres sempre dão um jeito de virar nossas vidas completamente de cabeça para baixo, não é? — Paulie riu profundamente.

— Eu nunca disse nada sobre essa criança em relação à minha esposa.

— Nem precisa, eu posso dizer sem que você precise falar — respondeu Paulie. — Eu também sei que você nunca faria uma coisa dessas, a menos que fosse absolutamente necessário. Além disso, não há razão para uma mulher do calibre de Catrina se estabelecer em um casamento arranjado com um homem como você, a menos que ela tivesse algo incrivelmente importante para manter em segurança. Mesmo que vocês dois tenham encontrado... bem, amor, suponho.

— Ele não é filho dela — admitiu Dante. — Ele é da irmã falecida dela.

Paulie ficou em silêncio por mais tempo do que Dante gostava.

— Para seu bem, assim como para o bem da sua esposa, sugiro que o apresente como biologicamente dela para qualquer pessoa fora da sua família. Você sabe tão bem quanto eu que a Cosa Nostra não...

— Vê com bons olhos a adoção de uma família fora do nosso círculo. Sim, eu sei.

— Isso tornará a integração um pouco mais tranquila, pelo menos. Menos questionamento, na verdade.

— Obrigado — disse Dante, aliviado e satisfeito com a conversa.

Dante estava quase certo de que ele podia ver o sorriso de Paulie quando o homem disse:

— É meu trabalho mantê-lo feliz, chefe. Vejo você e o garotinho dentro de alguns dias. Boa sorte.

Com a ligação finalizada, Dante saiu do banheiro. Imediatamente, seu olhar captou o pacote azul se contorcendo nos braços de Catrina. O bebê deve ter acordado enquanto estava ao telefone ou alguém o acordou, mas Dante não ouviu a criança. Catrina segurou o bebê, de costas para Dante. Braços gordinhos se mexeram, a mão acariciando os lábios da tia, fazendo o sorriso de Catrina florescer.

Era uma visão que Dante nunca tinha visto antes. Claro, ela sorria para ele e certamente para os outros quando a situação exigia isso. A máscara de Catrina nunca caiu, mas esse sorriso não era o mesmo. Era inteiramente de amor, alegria e libertação.

Catrina pegou Dante observando-a do outro lado da sala. Cuidadosamente, ela virou o menino de oito meses enquanto Dante cruzava a sala para encontrar a criança que sua esposa havia dado tão duro para proteger.

Olhos castanhos inocentes encontraram Dante. Michel sorriu amplamente para Dante como se ele fosse a única pessoa que estava procurando e do nada...

O coração de Dante começou a acelerar. Calor inundou suas veias. Qualquer resquício de raiva se dissipou como se nem tivesse existido, para começar. Impossibilidade de repente se transformou em realidade em um piscar de olhos.

Então, Dante se apaixonou novamente.

Capítulo Dezessete

— Por um minuto, senti como se eu fosse apenas mais um peão do seu tabuleiro de xadrez, Catrina.

— Você não é.

— Eu sei, mas *você* me fez sentir assim.

Cat se sentou na beira da cama e permitiu que o marido soltasse sua raiva. Quando chegaram ao apartamento e acomodaram Michel no cercadinho portátil para dormir a noite, retiraram-se para o quarto.

E então o marido dela começou a falar. Sua confusão e dor sobre as ações e os segredos dela saíram dele como ondas, afogando-a em mágoa. Dante merecia a chance de dizer o que tinha a dizer e ela estava mais do que disposta a aceitar isso.

Claro, ele a surpreendeu.

— Venha aqui — exigiu Dante em voz baixa.

Cat se levantou da cama e caminhou para encontrá-lo onde estava sentado na cadeira no canto. As mãos de Dante se estenderam e agarraram as dela em seu aperto forte. Cat sentiu a tensão deixar seu corpo ao toque gentil de seu marido, enquanto seus polegares rolavam suavemente sobre os dedos dela.

— Você não é um dos meus peões, Dante.

Dante assentiu e silenciosamente a puxou para o colo dele. Cat montou nele com os joelhos apoiados. Ele segurou o roupão, ajeitando a seda ao redor de seus quadris.

— Estou tão bravo com você.

— Eu sinto muito.

— Sabe, pela primeira vez eu realmente acredito em você quando você diz isso. — Uma tristeza nebulosa coloria os olhos verdes de Dante

enquanto a olhava sob a luz.

Cat se inclinou e beijou seus lábios carrancudos, sussurrando contra sua boca:

— Você teria me afastado, Dante.

— Eu não teria você agora.

— Não.

— Eu ainda estou tão zangado com você.

— Tudo bem — Cat murmurou. — Eu sou uma menina crescida... posso lidar com isso.

— E você merece isso.

— Isso também. — Quando as mãos puxaram o roupão, Cat perguntou: — É isso que você quer agora, foder?

— Não.

Cat não o impediu de tirar a peça do corpo dela. Ela levantou os braços para que ele pudesse tirá-lo completamente, mostrando sua nudez para seu marido. Ela não usava nada sob o roupão.

As mãos de Dante exploraram a extensão de seu corpo com o toque quente e suave de um homem que a amava. Ao redor das curvas de seus seios, sua cintura e os quadris sobre ele. Sua carícia era tão gentil, era quase como se não estivesse lá.

Exceto que estava.

Ela sentiu em todos os lugares.

Luxúria e amor queimaram por todos os lugares que ele foi tocando. A necessidade começou a vibrar, correndo até sua boceta e deixando-a molhada.

— O que você quer fazer se você não quer me foder, então? — Cat perguntou.

— Eu quero amar minha esposa.

O ar de Cat ficou preso em sua garganta ao mesmo tempo em que a tensão persistente em sua espinha se soltou.

— Eu não quero te foder, eu quero amar você — disse Dante.

— Ok, *bello*.

Ele se inclinou para encontrá-la, seu olhar mantendo-a presa no lugar. O segundo beijo de seus lábios e sua língua procurando a dela eram tão tenros quanto antes. Cat suspirou quando ele inclinou a cabeça para trás, sua boca caindo sobre o queixo dela e descendo pela garganta fizeram com que o peito dela zumbisse.

Cat se levantou da cadeira, deixando Dante tirar as calças e a camisa que usava antes de voltar para seu colo novamente. Dante a guiou para cima do seu pau com a mão, segurando o queixo dela na outra, assegurando que seus olhos nunca se desencontrassem.

Ele entrou lentamente, deixando seu sexo sensível sentir cada centímetro dele deslizando para dentro. O membro dele pulsava dentro de sua boceta apertada, a excitação dela encharcando seu comprimento quando seu pau a encheu ao máximo.

Os dedos de Dante dançaram ao longo da espinha dela, até os ombros, enquanto ele soltava o cabelo preso em um coque bagunçado. Cat esperava que ele segurasse as mechas vermelhas como costumava fazer, puxar e fazê-la implorar e gritar.

Não houve nada disso.

Dante a tocou como se ela fosse tão frágil quanto uma pena. Como se não houvesse raiva em sua alma pelas coisas que ela havia feito. Como se ele a amasse.

Ela era a rainha dele, e Cat deixou ele mostrar isso a ela.

Nem uma vez, quando ela o cavalgou, o sexo se tornou áspero, como costumava acontecer na cama, do jeito que Cat geralmente gostava que seu

marido transasse com ela.

Nem quando ele a beijou como eles amavam em seu ritmo sem pressa, seu pau fazendo o desejo dela correr; nem quando ele gemeu o nome dela em seus lábios entreabertos, os suspiros dela ofegantes quando seu estômago torceu mais forte; e nem quando ele a encorajou a um final calmo, o orgasmo furioso através do sangue dela mais intenso do que nunca.

Dante nunca tinha sido tão carinhoso e amoroso quando ele beijou as lágrimas caindo dos cantos dos olhos dela. Mesmo que ele estivesse com raiva, ele não demonstrou. Seu marido só se importava com ela.

Cat não tinha percebido o quanto precisava até que ele deu isso a ela.

Ela aceitou tudo o que o corpo dele deu para ela quando ele gozou com o nome dela na boca. Ela deixou que ele limpasse a umidade restante em suas bochechas com as pontas de seus polegares. O lábio inferior de Cat ficou preso entre os dentes quando ele a puxou e a beijou.

— Eu sempre vou amar você.

— Mesmo quando você me odiar? — Cat perguntou em um sussurro.

Porque às vezes, ela sabia que ele a odiaria.

— Sim, mesmo assim.

• • •

Grogue, Cat caminhou pelo corredor do apartamento. Não era comum que o marido deixasse a cama à noite.

Não demorou muito para encontrar Dante. Esparramado no grande sofá, Dante estava dormindo com Michel em seu peito. Um braço descansava sob o pijama do menino, enquanto o outro estava protetoramente enrolado nas costas de Michel, como se para mantê-lo onde dormia. Os dedos minúsculos de Michel estavam enrolados em punhos, sua bochecha

pressionada acima do coração de Dante.

A visão era tão doce que doía.

— Conversei com ele para dormir.

Cat pulou ao ouvir a voz sombria de Dante. Seus olhos ainda estavam fechados como se ele estivesse dormindo, mas um sorriso sensual curvou seus lábios.

— Sério? — Cat perguntou.

— Sim, nós tivemos uma longa discussão principalmente sobre ele bater na minha boca e ele ficava babando enquanto balbuciava. Os dentes deles estão nascendo, eu acho. Coloque aquelas coisas de morder na lista, sim? Provavelmente vou esquecer. — Lucian disse algo sobre Tylenol também.

— Você ligou para o seu irmão?

Cat tinha certeza de que Dante queria manter Michel escondido por mais algum tempo. Pelo menos até que eles tivessem notícias sobre Johnathan.

— Lucian merecia saber a verdade sobre por que seu filho foi levado. Deixei que ele processasse a raiva sozinho para que pudéssemos voltar aonde precisávamos estar. Agora, podemos trabalhar para levar John para casa.

— Eu sinto muito.

— Você deve isso ao meu irmão e à esposa dele, e então você pode parar de dizer isso. — Os olhos de Dante se abriram, pousando em Cat. — Eu também liguei para ele porque eu sabia que Lucian não estaria dormindo, ele não consegue. E quando ele está com raiva, ele fica muito perigoso. Dei a ele a chance de descontar a raiva em mim, mesmo que apenas verbalmente. Jordyn está assustada pelo filho e irritada com o marido. Eles estão esperando, mas não estão bem.

— Nem você, acredito.

— Não, mas Michel é uma boa distração para minha mente.

— Vamos trazer Johnathan de volta.

— Eu sei. — A mão de Dante esfregou para frente e para trás no traseiro de Michel. — Assim que Lucian terminou de gritar comigo, ele disse que Tylenol ajudaria Michel a dormir. Aparentemente, Jordyn colocou uma mamadeira na bolsa de John que guardamos aqui.

— Você poderia ter me acordado.

— Claro — concordou Dante.

— Por que não acordou?

— Eu precisava de tempo para pensar. É difícil fazer isso com você ao meu lado.

— Ah.

— *Hhmm*. Giovanni ligou logo depois que eu falei com Lucian. Outro Marcello não consegue dormir quando as coisas dão errado.

— O que ele tinha a dizer? — Cat perguntou.

— Há conversa nas ruas — respondeu Dante vagamente.

— Sobre o quê?

Dante suspirou, ajeitando Michel para que ele pudesse envolver a pequena mão do bebê com a sua.

— Gio não tem certeza, mas algumas empresas menores do distrito mencionaram recém-chegados falando baixo quando estão por perto, o que não é frequente. Eles são italianos, mas isso não é incomum para essa área. O que é incomum é o fato de serem tão desconhecidos. Pareceu estranho para algumas pessoas, o suficiente para elas mencionarem isso, de qualquer maneira.

— Poderiam ser os homens de Bruno?

— Talvez. Gio mandou alguns homens para aquele lado para procurarem saber. Vamos ser alertados caso alguém alugue um lugar ou faça

negócio.

— Você não vai voltar para a cama, vai?

— Não — murmurou Dante. — Não vou.

— Quer que eu pegue Michel?

— Não.

— Você ainda está bravo comigo? — Cat não sabia do que seu marido precisava e isso a desestabilizou.

— Eu quero estar, mas não estou. — Dante sorriu.

— O que posso fazer por você agora?

— Você pode voltar a dormir e me deixar pensar um pouco mais — Dante respondeu baixinho. — E quando ficarmos sabendo de algo, porque vamos, eu preciso que você fique aqui, cuide de Michel, e me deixe fazer o que preciso fazer, sem discussão.

— Eu posso fazer isso.

— Ótimo. Porque eu não suportaria a ideia de você ficar no meio do que quer que fosse. Eu não esperava nada disso.

— Esperava o quê? — Cat perguntou.

— Manter você segura porque eu te amo. Não passou pela minha cabeça, só isso. Mesmo dentro da minha cabeça, você é essa força formidável, uma criatura imbatível. Se eu continuar pensando dessa maneira, independentemente de você ser ou não, eu terei seu sangue em minhas mãos.

— Dante...

Seu marido soltou um forte suspiro, olhando-a tão intensamente, que suas palavras e seu coração ficaram detidos.

— Se você discutir comigo sobre deixar você saber o que faremos, vou deixar você ganhar. Por favor, não discuta comigo, só assim não vou deixar você ganhar.

— Não vou.

— Outra coisa... — Dante tirou o cabelo caindo no rosto de Michel, olhando para o menino.

Deus, o que ele disse não era suficiente? Para Cat, certamente era.

— O que é?

— Eu quero ser pai dele.

Cat parou no lugar.

— Eu quero que ele me ame como se eu fosse o pai dele. Não me importo que ele não se pareça comigo ou que ele um dia possa não seguir meus passos porque parte de sua herança é incerta. Nada disso importa para mim. Eu quero que ele seja meu filho.

— De verdade?

— Sim, mas só se você quiser também. Olha, se eu sou o pai dele, significa que você é mãe dele. Não tenho certeza se você está aberta a isso ou não. Ele merece pais, Cat. Pais que lhe darão tudo o que ele precisa e deveria ter. Gostaria que nós fôssemos essas pessoas, não apenas sua tia e seu tio.

— Eu adoraria isso. — Cat nem precisou pensar.

— Eu estava rezando para que sim. — Dante sorriu, fechando os olhos novamente.

• • •

Cat aconchegou a bochecha com cheirinho de Michel, apreciando o cheiro de sabonete e de loção de bebê na pele do menino. Quente e suave, Michel sorriu alegremente, todo aconchegado nos braços de Cat. Ela ficou surpresa, embora talvez não devesse, pelo quão fácil seu lado afetuosos floresceu quando seu sobrinho...

A noite anterior inundou sua mente.

Michel não era seu sobrinho, não mais. Ela poderia lhe dar as coisas

de que ele precisava, uma mãe e pai também.

— Mamãe já sabe? — Cat ouviu uma voz perguntar. Giovanni.

— Não, só o papai — respondeu Dante. — E ele ainda a tirou do estado para que ela não descobrisse.

— Melhor mesmo — acrescentou Lucian.

O coração de Cat despencou quando ela escutou a conversa dos irmãos. Para ela, parecia que eles estavam falando sobre o pobre Michel. Ela não tinha dormido bem na noite anterior e quando os irmãos apareceram batendo cedo na porta do apartamento, Cat rapidamente se afastou com Michel antes de Dante deixá-los entrar.

Pelo menos as próximas palavras de seu marido acalmaram sua preocupação sobre Cecelia desaprovando Michel.

— A última vez que uma merda dessas aconteceu, Antony teve que convencer Paulie a sedá-la apenas para impedi-la de ter um ataque de pânico — disse Dante, suspirando. — Ela não precisa se preocupar com Johnathan até que tenhamos boas notícias para ela.

— Eu concordo — disse Lucian. — Vamos continuar com isso.

— A notícia se espalhou das ruas quase na mesma hora em que deixaram a mensagem — disse Giovanni quando Cat passou pela porta do escritório. Ninguém notou sua presença, então ela ficou quieta.

— Ótimo, então estávamos certos? — perguntou Dante.

— O armazém no distrito de expedição — Giovanni confirmou com um aceno de cabeça. — O lugar muito grande, então deve ser lá.

— É do *meu filho* que estamos falando. — As mãos de Lucian bateram com força na mesa de Dante. — Podemos, por favor, não agir como se estivéssemos servindo uma merda de jantar aqui?

— Lucian. — Dante estremeceu.

— Não, cale a boca. Eu não me importo com o maldito problema que

você tem com isso. Não mesmo. Minha esposa nem fala comigo agora por causa disso. Ela me culpa, Dante, e ela nem sabe o que está se passando pela minha cabeça. Jordyn olha para mim como se ela me odiasse e isso está me matando. E sabe de uma coisa, vá se foder por achar que é bom ficar sentando pensando no que quer que seja que você está pensando. É meu filho, não é qualquer garoto. *Meu.*

— Minha esposa — murmurou Dante. — Estou pensando em minha esposa.

A espinha de Cat se endireitou com a confissão do marido.

— Ela que causou isso, porra! — Lucian rugiu.

Michel se contorceu nos braços de Cat com a voz alta de repente. Antes que ela pudesse impedi-lo de chorar, ou mesmo se esconder, Michel chorou. Lágrimas gordas deslizaram por suas bochechas enquanto Cat o aninhava em seus braços e acariciava suas costas, murmurando em seu ouvido suavemente.

Quando ele se acalmou, fungando, Cat se virou para os irmãos. Todos os olhos se voltaram para ela.

As posições defensivas de Giovanni e Lucian foram desfeitas quando viram Michel.

— Bom dia. — Cat cumprimentou.

— Bom dia, Catrina — respondeu Giovanni.

Lucian não disse nada.

— Sinto muito por todo o problema que minhas escolhas causaram a você, Lucian — disse Cat, querendo que ele soubesse. — Nunca achei que Bruno fosse tão longe a ponto de pegar o filho de outro homem, e esse erro foi meu. Julguei mal a crueldade dele e não há desculpas dignas para sua dor.

— Você está certa, não há — afirmou Lucian friamente. — Prefiro que você não tente nada. Não quero suas desculpas, quero meu filho. Assim

como minha esposa.

Cat se encolheu por dentro, mas ela sabia que merecia toda sua raiva e seu ressentimento.

— Ele já comeu, tomou banho e está pronto para você — Cat disse calmamente, encontrando o olhar de Dante.

— Então é ele? — perguntou Lucian.

— É ele. Michel. — Dante acenou para Michel, que estava se virando para encontrar a voz do pai.

— Marcello — disse Giovanni para seu irmão quando Dante não falou o sobrenome de Michel.

— Bem, não oficialmente — disse Cat.

— Pelo menos até eu conseguir a documentação dele — Dante acrescentou. — Então ele será completamente meu. Nosso, quero dizer.

— Ele é lindo — disse Giovanni, sorrindo. — Ninguém vai acreditar que ele é seu, cara. Não com uma aparência dessa.

— Vá se foder, idiota. — Dante riu.

— Olha a boca — alertou Cat.

— Desculpe, *bella*.

Lucian pigarreou, ainda olhando para Michel.

— Ele se parece com Catrina, exceto os olhos castanhos. Até o cabelo dele fica um pouco vermelho na luz.

— Um pouco — concordou Dante.

— Isso vai ajudar com a história de ele ser dela, de qualquer maneira.

— Esse é o plano. — Dante sorriu apesar de ter desaparecido rapidamente. — *Dolcezza*, você poderia nos dar alguns minutos?

— Ela deveria saber, Dante — insistiu Giovanni.

— Cala a boca. — Dante encarou seu irmão mais novo com um olhar.

— Mas...

— Cala a boca — repetiu Dante, mais firme dessa vez. Ele se virou para Cat. — Por favor, nos dê alguns minutos para conversar.

— Saber o quê? — Cat perguntou.

— Bruno está na cidade também — comentou Giovanni, recusando-se a olhar para Dante.

— Eu não sei como papai não te matou por desobedecer a tudo que ele te pedia, Gio — Dante rosnou.

— Você está atrasado para o jogo, *cafone*. Acostume-se com isso — Giovanni retrucou. — Eu não vou mudar e um novo chefe não vai fazer diferença.

— Eu não estou surpresa por Bruno estar na cidade. — Cat ignorou a conversa deles.

Lucian foi o único que notou o comentário de Cat.

— Por quê?

— Porque Marc não conseguiria nem limpar a própria bunda sem a permissão de Bruno. Ele jamais viria para América sem Bruno seguindo atrás.

— Por que você não mencionou isso para mim na noite passada? — perguntou Dante.

— Talvez eu tenha assumido que você já saberia disso, Dante. Você mandaria seus melhores homens sem você? — Cat encolheu os ombros, deixando Michel morder as pontas dos dedos.

— Entendi.

— Então, como você descobriu que Bruno está na cidade?

— Mantenha sua boca fechada. — O olhar de Dante foi rapidamente para Giovanni.

— Ela merece *saber* — disse Giovanni novamente.

Cat não estava a fim de ouvir esses homens teimosos, então se virou para Lucian. Ele estava zangado com ela, mas se tivesse informações para Cat que poderiam ajudar a trazer Johnathan para casa, ele diria a ela.

— Sabe de alguma coisa, Lucian?

— Lucian... — Dante nem chegou a terminar a frase.

— Um dos homens de Gio foi morto ontem à noite perto da área em que acreditamos que os homens que levaram John estão se escondendo. Quando o corpo dele foi encontrado por seu parceiro, que estava conversando com algumas pessoas no distrito, havia um bilhete no bolso.

Cat nem piscou com a terrível história. Homens morriam. Era uma parte infeliz de seus negócios.

— O que dizia?

— Dizia que se os Marcello quisessem seu *principe* de volta, sua rainha precisava ir buscá-lo.

— E nós sabemos em qual depósito eles estão? — Cat perguntou baixinho.

— Sim, agora sim — disse Dante, apertando a mandíbula. — Eles praticamente se esconderam bem debaixo dos nossos olhos, funcionou até que não precisassem mais disso.

Cat encarou o marido com uma determinação de ferro. As palavras dele na noite anterior inundaram seus pensamentos e coração, mas ela não tinha escolha. Sem dúvida, Dante também sabia disso.

Por favor, não discuta comigo, senão vou deixar você ganhar.

O sangue dela, as mãos dele.

— Sinto muito — Cat disse ao marido, vendo a dor cintilando em seus olhos.

— Não discuta comigo, Cat. Não sobre isso.

Muito tarde.

• • •

— Ele está com raiva de mim.

Doía quando Dante estava bravo com ela.

— Ele vai superar isso — respondeu Giovanni.

Cat não achava o mesmo.

— Kim não se importou de cuidar de Michel? — Cat perguntou, precisando tirar sua mente de Dante por um momento.

— Claro que não. Ela ama crianças, você sabe.

Gio não tirou os olhos do laptop em que estava trabalhando. Ela não tinha a menor ideia do que ele estava fazendo, mas sabia que tinha algo a ver com câmeras de segurança, transmissão sem fio e hacking. Além disso, Cat não entendeu nada quando ele explicou o que ia tentar fazer.

— Merda, merda, merda — Giovanni murmurou.

— O quê? — O coração de Cat acelerou.

— Nada, apenas hackeei a câmera errada, isso é tudo. Próxima, espero.

Cat checkou o relógio, notando que eram quase onze da manhã. Virando-se no banco do passageiro, Cat inspecionou os edifícios do armazém no meio do distrito. Cada um tinha um sistema de segurança diferente, mantendo-o seguro, e a maioria era sem fio, então não era surpresa que outros aparecessem no programa de Giovanni até ele encontrar a correta.

— Você acha que ele está bem? — Cat perguntou.

— Dante está.

— Não, Johnathan.

— Ah. — Giovanni parou de digitar por um breve segundo antes de retomar. — É melhor que ele esteja.

— Lucian me mataria caso contrário. — Cat se encolheu.

— Ele está em pânico. — Giovanni respondeu tranquilamente. — John está bem. Essas pessoas não são estúpidas o suficiente para machucá-lo, e se forem, eu sinceramente espero que uma de nossas balas acerte eles antes que Lucian os pegue.

— Se John estiver bem, o que acredito que sim, ainda espero que os idiotas morram antes que Lucian os pegue. Porque esse homem é capaz de ser um serial killer quando quer ser. Ele parece ser calmo por fora e é doce com sua esposa e mãe, mas dentro da cabeça, ele pode ser um pouco assustador.

— Obrigado por aumentar minha preocupação. — Um arrepio sacudiu os ombros de Cat.

— Lucian pode estar com raiva de você agora, mas ele nunca iria machucá-la, não importa qual seja o resultado deste dia de merda.

— Engraçado, eu não acredito em você.

Giovanni tirou os olhos do laptop, encarando Cat.

— Deveria. Dante te ama e ele te considera a mãe de uma criança que ele quer que o resto do mundo veja como filho dele. Você é da família, um Marcello. Nada é mais importante para nós do que a família. Lucian nunca te machucaria. Pare de se preocupar. Muito em breve tudo isso vai acabar.

— *Grazie*. — Cat mordeu o interior da bochecha, desacostumada a se sentir tão nervosa.

— De nada.

Mais alguns minutos se passaram em silêncio antes que Cat perguntasse:

— Qual é exatamente o plano depois que eu chegar ao depósito?

— Alguém precisa executar isso e ficar de olho em tudo enquanto mantém comunicação com Lucian e Dante. Sem mencionar que se há

câmeras do lado de fora, há câmeras lá dentro. Eu posso localizar John no depósito. Por mais que eu odeie ser o desgraçado longe de toda a diversão, eu sou o único de nós três que sabe alguma coisa sobre esse tipo de merda, então esse é o meu trabalho.

— E Lucian e Dante?

— Um cara deu uma olhada pelo telhado de outro prédio antes de chegarmos. Há uma entrada principal na frente, duas nas docas na parte de trás e uma porta de saída ao lado. Você vai na da frente, Dante vai na que está ao lado, e Lucian vai por trás.

— Isso não me diz muito sobre o plano, Gio.

— Porque nós não temos um.

— *Perfetto* — Cat assobiou. — Parece brilhante e completamente infalível.

— Fazer o que — Giovanni respondeu, sem tirar os olhos do laptop — ... não sabemos o que tem lá dentro, em quantos estão, ou se John está lá. Quando eu tiver mais informações, trabalharemos a partir daí. Se conseguirmos ser só nós quatro, melhor ainda. Desculpe se não funciona para você, mas é assim que vai acontecer.

— Eu acho que eu entendi... merda, sim, eu entendi. — Então suas feições se iluminaram.

Cat se inclinou sobre o assento enquanto a tela aparecia em vários ângulos diferentes. Giovanni clicou em uma em particular, aproximando o máximo que podia antes de a imagem começar a ficar granulada. Um carro branco parecia estar dentro do prédio também, mas Cat não entendia como ele teria chegado lá.

— Cabelos negros, um e oitenta, tatuagem na parte de trás do pescoço e forte como uma casa de tijolos?

— Bruno.

— Sim, bem, ele acabou de colocar uma mochila preta no porta-malas do carro, então ele está se preparando para sair ou fazer alguma coisa.

Giovanni ligou o celular e clicou em um botão. No carro ao lado, Cat observou quando Lucian colocou um pequeno fone no ouvido, acenando com a cabeça quando Giovanni disse:

— Chegou a hora; conecte Dante à ligação também.

Estendendo a mão, Giovanni abriu o porta-luvas, tirou um par óculos de sol feminino e os entregou a Cat. Sua expressão confusa deve ter chamado a atenção dele.

— São da minha esposa, mas com um toque especial.

— Como o quê? — Cat girou os óculos escuros nas mãos, sem ver nada fora do comum.

— Aqui. — Giovanni girou os óculos e apontou para a parte interna que ficava logo atrás da orelha de Cat. Lá, ele mostrou um pequeno círculo preto que parecia embutido nos óculos. — GPS. Kim foi boazinha o suficiente para me deixar roubar seus óculos de sol favoritos, então agradeça a ela.

— Você rastreia sua esposa? — Cat ficou espantada.

— Não é como você pensa, mas se alguém a levasse ajudaria. Ela sempre anda com eles, e ela sabe que há um chip neles. Coloque-os.

— Por que eu precisaria disso, afinal? — Cat colocou os óculos, empurrando-os para o topo da cabeça.

— Apenas por precaução. — Giovanni encolheu os ombros. — Pronto para pegá-lo?

— Sì.

— Vejo vocês daqui a pouco, então.

Cat saiu do carro e foi recebida pelo marido. A cara feia de Dante demonstrava sua ansiedade e dor.

— Você conhece as regras, *Amore*.

— Não entrar no prédio. Se eu tiver a chance, trazê-lo para fora, mas só se estiver tudo limpo.

— E não faça nenhum movimento estúpido ou deixe que ele te leve — acrescentou Dante, arqueando uma sobrancelha.

— Sim, eu entendi, *bello*.

— Estamos no segundo prédio, então é uma pequena caminhada. — Dante lançou um olhar para as botas de Cat. — *Cristo*, mulher. Saltos, sério?

— Outra coisa não faz o meu estilo — disse Cat, sorrindo.

— Eu te amo, tá? — A expressão severa de Dante atenuou.

— Eu sei. Eu também te amo.

— Não faça idiotices, Cat.

— Não cheguei tão longe na minha vida agindo como uma idiota, Dante.

— Essa é a única coisa que me ajuda a respirar agora.

— Você vai me desejar sorte? — Cat perguntou.

— Não. — Dante deu um passo à frente e agarrou o rosto de Cat em ambas as mãos, beijando-a tão ferozmente que quase doeu. Ele se afastou, relutância preenchendo seu olhar. — Nada de boa sorte, você não precisa disso.

À prova de balas, pensou Cat. Ele sempre a veria assim, mesmo que ela não fosse.

— Não faça idiotices — disse o marido uma última vez antes de soltar a mão dela.

Cat não conseguiu olhar para Dante enquanto se afastava. Ela tinha que consertar o que ela quebrou — sua família.

Era uma caminhada de uns bons dez minutos pelas ruas vazias para chegar ao armazém em questão. Nos fins de semana, pouco trabalho era feito

por aqui, aparentemente.

Cat reconheceu a placa na frente de um armazém cinza e monótono que lhe disseram para procurar. Além do acesso da frente com uma janela escurecida com tinta, havia também uma pequena porta de garagem de metal e uma câmera de segurança quase escondida no beiral da entrada. Ela não teve que esperar muito. Um barulho de metal estremeando sinalizou a abertura da porta da garagem.

Um carro branco saiu assim que a porta estava alta o suficiente para que ele passasse por baixo. Com as janelas escuras, Cat não conseguia distinguir quem estava sentado ao volante, mas ela sabia.

Quando o carro parou a apenas 30 centímetros dela, Cat olhou de frente para o para-brisa. A janela do lado do motorista desceu alguns centímetros.

— O dinheiro compra muitas coisas, Catrina — ela ouviu uma voz familiar dizer.

Bruno.

— Sim — disse Cat.

— *Hmm*, como vidro à prova de balas e um esconderijo. Foi o dinheiro mais bem gasto em muito tempo. Tire o casaco.

Cat hesitou. Havia um pequeno revólver no bolso interno do casaco, destinado a ser uma ajuda extra. Mesmo assim, ela se perguntou se o pequeno Johnathan também estava no carro. Era uma possibilidade.

— Tire — repetiu Bruno.

O casaco caiu no chão em um segundo.

— Linda, Catrina. Como sempre, você se veste para impressionar sua presa. A faca na sua coxa, jogue pra cá.

O queixo de Cat ficou tenso, sua única demonstração de irritação. Claro que ele saberia sobre a faca dela. Era, geralmente, a única arma que ela

mantinha com ela e tinha feito isso por anos. Sempre tinha duas ou três como substituta. Cat suspendeu o vestido e puxou a faca da bainha em sua coxa. Ela caiu no chão.

— As botas também.

— Não há nada em minhas botas — disse Cat.

— Sim, bem, eu não confio em você. Prostitutas como você mentem sobre tudo. Tire elas se você quer seu *príncipe* de volta.

— E o seu *príncipe*?

— Tire as malditas botas, Catrina.

Ela tirou as botas de camurça, perdendo uns bons quatro centímetros de altura no processo. Agora Bruno seria capaz de olhar para ela se parasse na frente dela. Incomodava-a pensar que ele poderia ficar mais alto que ela de qualquer maneira.

— Entre no carro, agora.

Mais uma vez, Cat vacilou. Ela não ouviu um único gemido vindo de dentro do veículo. Nada para sugerir que seu sobrinho estava lá dentro. Além disso, ela não viu o marido ou Lucian desde que saíra do carro deles. Ela certamente não podia ver porra nenhuma, dada a posição dela.

Não deixe ele te levar.

Não faça idiotices.

No fundo de sua mente, Johnathan apareceu como o estrondo de uma arma. Ele poderia estar no carro. Talvez dormindo, o que seria a melhor escolha.

— Olha só — murmurou Bruno, trazendo Cat de seus pensamentos.

— Você tem cinco segundos para colocar sua linda bunda dentro desse carro, Catrina Danzi.

— Marcello. Meu nome é Catrina *Marcello*.

— Entre no carro.

— Não — disse Cat, recusando-se a deixá-lo vencer.

— Faça isso, ou eu vou explodir esse prédio.

— O quê? — O coração de Car parou.

— Você me conhece, Catrina. Não deixo as coisas pra lá. Eu tenho reforços, como sempre. Não tenho dúvidas de que alguém está tentando entrar naquele prédio. Você é só a porcaria da isca. E se você não entrar neste carro e me levar até o meu filho, eu vou explodir seu sobrinho e quem quer que esteja tentando pegar aquele garoto. Entre.

Cat entrou.

Olhos frios e cruéis a examinaram quando ela fechou a porta. O calor soprava do aquecedor, aquecendo seus pés frios, mas Cat não se importava. Ela estava muito focada em Bruno e no desprezo maligno que ele ostentava.

— Vamos dar uma voltinha, *cagna*.

Cat não falou quando o carro se afastou do armazém. Ela manteve um olho em Bruno, notando a arma e o celular que ele segurava em uma mão enquanto dirigia com a outra. Por uns bons dois minutos, ele dirigiu em silêncio. Cat não tinha certeza de onde eles estavam indo quando entrou e passou por ruas que ela não reconhecia.

Quando Bruno finalmente falou, uma sensação de náuseas inundou Cat.

— Cuidado, ou vou apertar o botão. Se eu fizer isso, o prédio atrás de nós vai explodir.

— E os seus homens lá dentro?

— Eles não são importantes para mim e não fazem ideia dos meus planos. — Bruno deu de ombros. — Esperei muito tempo para falar com você, Catrina.

— Suspeitei.

— Sì, e você deveria saber que eu vou aproveitar isso.

— Eu não vou te dar Michel — disse Cat, na esperança de distraí-lo de alguma forma. Quanto mais longe do marido ela ficava, pior ficava o medo dela.

— Eu não me importo.

— Como é? — Cat endureceu no assento.

— O filho de Catherine, não me importo com ele. Nasceu com olhos castanhos e cabelos loiros, como se eu não soubesse. *Cristo*, aquele desgraçado não é meu.

— Mas você comemorou...

— Os outros sim, eu simplesmente entrei na dança. — Bruno respirou fundo, estreitando o olhar. — Ela ia embora, sabe.

— O quê?

— Catherine. — A mão de Bruno apertou o volante. — Eu sabia disso. A próxima vez que você viesse, ela ia embora com você. Eu não podia deixar.

— Ela era minha irmã e você a machucou. Não podia deixar que você continuasse machucando-a.

— Eu a amava!

Cat se afastou levemente por causa da raiva emanando do homem ao lado dela.

O amor vinha de muitas formas e, às vezes, uma dessas era na forma terrível de abuso. Na maioria das vezes, porque o abusador não conhecia outra coisa.

— Você a machucou, Bruno — repetiu Cat. — Você é horrível e nojento e...

A mão dele deixou o volante rapidamente, acertando o rosto de Cat. Ela bateu contra a janela do passageiro com um baque, não conseguindo recuperar o equilíbrio. O movimento do carro indo para o lado até parar foi a

única coisa que Cat sentiu antes de Bruno estar em cima dela. A arma na mão dele apareceu na frente do rosto dela, o celular perdido em algum lugar no chão. Quando o pé de Bruno pisou no chão como se ele estivesse se preparando, algo rangeu e ele xingou.

Ela sinceramente esperava que fosse o maldito telefone. Cat sacudiu a cabeça de um lado para o outro para afastar o cano da arma em sua cabeça. Tudo o que ela precisava fazer era permanecer viva.

A raiva de Bruno fez suas mãos tremerem, incapaz de manter a arma firme.

Cat usou a fraqueza dele como uma vantagem, derrubando a arma com a palma da mão e enviando-a para o banco de trás em algum lugar. Bruno riu sombriamente em cima dela, dando um tapa em Cat antes que as duas mãos dele estivessem no pescoço dela. Ele apertou apenas o suficiente para lhe tirar o oxigênio.

— Não importa — Bruno murmurou, um pequeno sorriso aparecendo em sua boca. Ele apertou com mais força e Cat cravou as unhas em seus antebraços, tirando sangue. Deus, ela não conseguia respirar. — Eu também configurei a bomba em um relógio sem fio através de Wi-Fi. Vai explodir independentemente se eu fazer a ligação ou não. Começou a contar no momento em que a porta da garagem se abriu.

— N-não.

— Ah sim. Quantos vieram pelo menino, Catrina? Dois, cinco, talvez? Mais? *Dio*, espero que sim. Aposto que o pai do garoto e seus tios vieram. Um deles é seu marido também. Tchau, tchau Marcellos.

Cat tremia sob o peso dele em seu peito e as palavras saindo de sua boca. Fracamente, Cat tinha certeza de que podia ouvir o som abafado de uma criança chorando, mas o sangue corria em seus ouvidos. Talvez sua mente estivesse pregando peças nela.

— Você me fez bater nela, Catrina. Foi você quem fez isso colocando ideias idiotas na cabeça dela. Seu coração pelo meu.

Este homem era louco.

— *Boom* — sussurrou Bruno.

Capítulo Dezoito

Dante abriu o porta-malas do carro roubado, tirando dois itens. Ele entregou um dos coletes de Kevlar para Lucian. Era melhor prevenir do que remediar. Uma coisa era se meter em algo quando você sabia o que estava esperando por trás das paredes, outra coisa completamente diferente era se meter em algo quando você não tinha a mínima ideia.

Lucian tirou o paletó e passou o colete por cima da cabeça. Dante fez o mesmo. Aproximando-se do carro, ele pegou as duas armas que Lucian trouxera. Nem Gio nem Dante carregavam qualquer arma de verdade com eles, além das pistolas de que mais gostavam. Eles não precisavam da extensa coleção de Lucian na mão.

As Uzis eram uma arma rápida de ataque de fogo que poderiam e causariam muito dano em um curto período de tempo. Também era praticamente incontrollável nas mãos erradas. As Uzis não estavam nas mãos erradas hoje. Junto com o clipe cheio para a Uzi, Dante também tinha sua magnum nas costas.

— Você está bem? — Dante perguntou ao seu irmão quieto.

Lucian não encarou os olhos de Dante, mas sua mandíbula estava tensa e suas mãos estavam firmes, apertando a Uzi com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

— Não.

Honestidade era a melhor resposta, supôs Dante. Além disso, era uma boa indicação de que tipo de pensamentos seu irmão mais velho estava tendo.

— *Cazzo merda.* — A maldição de Gio passou pelo Bluetooth no ouvido de Dante.

— O que é? — perguntou Lucian.

Gio não respondeu, saindo do carro com o laptop na mão. Ele colocou

o computador no capô do carro, virando-o para que os irmãos pudessem ver a tela. Quatro vistas da câmera estavam separadas e ampliadas do restante. Todas eram do interior do edifício.

— O que você está vendo? — Gio perguntou.

. — Três homens, armas e um monte de caixas. — Dante deu uma rápida olhada nas imagens. — O que estão nessas caixas?

— Exatamente — Gio estalou.

— Não estou vendo John — disse Lucian baixo. — Nós nem sabemos se ele está lá. Poderia ser uma armadilha.

Gio apontou o dedo para as caixas, fazendo as cores desabrocharem na tela.

— Não, atrás daquelas caixas. Tá vendo?

— O que seria isso, um escritório? — Dante estava vendo. O que parecia uma porta estava coberta por caixas de metal empilhadas.

— Acho que sim — afirmou Gio.

— E não há câmera nesse escritório? — perguntou Lucian.

— Não.

— Droga — Dante grunhiu, esfregando a testa. Ele olhou para Lucian, decidindo deixar seu irmão dar a palavra final, já que era seu filho. — O que você quer fazer?

— Quero saber se meu filho está atrás daquela porta — resmungou Lucian.

Dante assentiu.

— OK. Gio, Cat já chegou lá na frente?

— Ela está chegando. — Gio virou o laptop e clicou em algumas teclas. — Vocês dois precisam se apressar.

— Fique de olho na minha esposa — avisou Dante.

Catrina nunca soube seguir as regras dele direito.

— Dê a ela algum crédito.

Gio levantou uma sobrancelha. — Há uma câmera nos fundos onde Lucian está indo. Eu tenho controle sobre ela e vou desligá-la, mas eu só posso fazer isso por um tempo antes de parecer suspeito para quem está de olho nelas. Vá em frente. Seja esperto.

Lucian e Dante saíram sem falar mais nada. No segundo armazém, os dois se separaram. Não demorou muito para Dante passar por um segundo beco e encontrar o depósito em questão. Ele passou pelas paredes estreitas até chegar à porta de saída.

— Tem madeira ao redor da porta — observou Dante.

— Você pode atirar na fechadura sem ricochetear? — perguntou Gio.

— Sim — confirmou Dante.

— Merda — Lucian assobiou.

— O que há de errado? — Dante não gostou do que ouviu.

— O da minha é de metal. — Lucian amaldiçoou novamente, mais irritado da segunda vez. — Você vai ter que me deixar entrar, Dante. Não podemos nos dar o luxo de perder tempo comigo.

— Um dos caras está andando na direção dos fundos — observou Gio. — Ele é o único olhando as câmeras, eu acho. Apaguei a de trás por um minuto inteiro e posso ver através do código que ele estava tentando consertar, mas meu controle sobre o programa se sobrepõe ao dele. Precisamos nos mover agora.

— Sim, sim — disse Dante, tentando pensar. — Você pode ver a minha porta?

— Com outra câmera. Há alguns caixotes ao redor, por quê?

— Isso é tudo que eu precisava saber. — Dante só precisava de alguma forma de proteção quando ele abriu a porta.

— Só uma coisa para você saber antes de entrar — Gio acrescentou

calmamente.

— O quê? — Dante apontou a Uzi para a caixa de madeira ao redor da porta.

— Só consegui ver três antes, mas há pelo menos cinco. Eles estão esperando com poder de fogo como o nosso, eles sabem. Um carro saiu pela frente e Catrina está na frente dele.

— Ela não está entrando no carro, certo? — Dante hesitou.

— Não.

— Então ela está fazendo o que precisamos, atrasando-o.

— E se John estiver no carro? — perguntou Lucian.

— Ele quer Michel, certo? — Dante perguntou de volta. — E cinco homens lá dentro me fazem pensar que há algo que ele não quer que a gente pegue, então...

— Exploda a porta — disse Lucian.

O gatilho da Uzi recuou suavemente sob o dedo de Dante. As balas cravaram-se no revestimento de madeira ao redor do trinco, rasgando o caixilho, explodindo a fechadura.

— Eles estão se movendo como ratos lá dentro — disse Gio.

— E nós estamos entrando — disse Dante a seus irmãos quando a porta se abriu.

— Dois estão vindo direto para você, mas há uma caixa no caminho.

— Entendi. — Dante correu para a porta, abrindo o metal pesado com sua Uzi ainda apontada para a frente. No momento em que ele entrou no armazém, balas acertaram a caixa que Gio mencionou. Seus joelhos bateram de chão, abaixando-se para evitar que seu alvo fosse óbvio, enquanto amendoins caíam pelo chão. — Merda.

— Você está bem?

— Ótimo — Dante respondeu a Gio.

— Vá logo — Lucian rosnou. — Um idiota está atirando na minha porta, e eu nem entrei.

— Tá, estou indo, cara.

O barulho dentro do armazém era ensurdecedor. Um tiroteio na parte nos fundos, em algum lugar à sua frente, e gritos davam para serem ouvidos da entrada do prédio. A situação confundiria um homem assustado, mas Dante não se assustava facilmente. Ele já estava de joelhos e movendo-se para o lado, protegido por outro caixote. Além dos sons, Dante podia ouvir o grito familiar de seu sobrinho, mas ele não conseguia localizar a direção de onde vinha. Parecia que estava vindo de todos os lugares ao mesmo tempo.

Quando Dante deslizou pelo outro lado do caixote, fragmentos de madeira passaram pelo seu rosto.

— Eu posso ouvir John, mas...

— Eu quero meu filho. — O alívio de Lucian foi instantâneo pelo fone.

— Sim, sim, depressa — Dante praticamente rosnou. — Estou tentando não levar um tiro aqui.

— Um par de balas no peito não vai te machucar — latiu Gio.

Na verdade, mesmo com o colete de Kevlar, machucaria. Poderia não matá-lo, mas doeria pra cacete.

Quando Dante chegou à parte da frente, ele olhou rapidamente para o lado, notou dois homens que não podiam vê-lo, sacou sua Uzi e atirou. Seu batimento cardíaco era como um tambor em suas orelhas. Ele puxou o gatilho da Uzi mais uma vez, usando as duas mãos para acalmar o movimento da arma enquanto as balas disparavam rapidamente.

Porra, ele deveria ter trazido tampões para os ouvidos.

No momento em que Dante ouviu dois gritos distintos de surpresa e dor, ele atravessou o corredor sem olhar os tolos que estavam atirando nele.

As pilhas de caixas escondiam sua posição.

— Gio, para onde estou indo?

— Você está no caminho certo, apenas continue avançando a partir do seu ponto atual — disse seu irmão mais novo. — O problema é que os dois da frente estão descendo e o da porta de Lucian também está virando.

— O que diabos ela fez? — Gio xingou em voz alta, teclas estalando do outro lado da linha.

O coração de Dante parou quando ele bateu as costas em uma parede de caixas. O calor no depósito parecia saltar para um nível insuportável. Havia apenas uma pessoa de quem ele poderia estar falando... Catrina.

— Porra, porra, porra. — A frustração de Gio ficou mais alta nos ouvidos de Dante.

O choro de Johnathan continuou a ecoar pelo espaço.

— Eu deveria perguntar? — Dante perguntou. — Ou eu deveria continuar?

— Eu estava de olho nas câmeras mais importantes e ampliei o zoom. — Gio fez um som horrível que atravessou o peito de Dante. — Desculpe, acabei de olhar a da frente e ela desapareceu. Ela está no carro.

Oh Deus, não.

— Eu...

— Deixe-me entrar! — Lucian rugiu.

O tiroteio soou antes de as balas atravessarem as caixas ao lado de Dante.

— Puta que pariu!

— Mova-se! — Gio gritou.

Dante fechou os olhos com força, decidiu confiar que sua esposa sabia o que estava fazendo, mesmo que ouvi-lo pudesse salvar sua maldita vida, e começou a se mexer novamente. O pânico saturou suas entranhas

enquanto passava pelas caixas. Repetidamente ele olhava por cima do ombro tentando encontrar os dois caras que Gio mencionou, mas ele não os viu.

Passando pelos corredores improvisados, Dante pôde ver as luzes vermelhas que indicavam as docas de carga e a saída dos fundos onde Lucian estava esperando.

— Tem um virando a esquina três metros à frente e um à sua esquerda a menos de dois metros — advertiu Gio. — Os outros dois ainda estão olhando os corredores nove metros atrás de você. Você tem pouco tempo antes de eles entenderem o que está acontecendo.

— Obrigado.

Dante abaixou sua Uzi e puxou a magnum do coldre em suas costas. Não havia necessidade de desperdiçar balas. Tirando a trava de segurança, Dante continuou a andar e levantou a magnum. No momento em que o idiota apareceu no canto, a arma de Dante encontrou sua cabeça.

A bala se alojou na testa do homem, matando-o instantaneamente. O sangue espirrou quando o cadáver voou para a outra parede com caixas. Mais amendoins foram derramados quando as caixas caíram. A arma que o homem segurava caiu no chão de cimento. Dante a pegou e colocou com a alça por cima do ombro. Não havia necessidade de dar àqueles filhos da puta mais munição do que eles já tinham.

Gritos ecoaram de algum lugar atrás de Dante. Gritos italianos e zangados.

— Sim, agora eles estão vindo — disse Gio. — Você está definitivamente limpo para ir até Lucian, mas fique de olho em suas costas.

Dante correu pelo labirinto de caixotes e caixas.

— Consegui.

— E... — As palavras de Gio se interromperam brevemente antes que ele murmurasse: — Que merda é essa?

— Gio, o que está acontecendo? — Dante perguntou quando finalmente chegou à saída dos fundos. Seu pé aterrissou na barra do outro lado da saída, derrubando-a e permitindo que a porta fosse aberta.

Lucian ficou sem palavras. Sua cabeça se levantou, seu olhar varrendo o lugar ao ouvir o som do grito de Johnathan ainda reverberando ao redor deles.

— Gio? — perguntou Dante.

— Tenho que desligar as câmeras — Gio disse baixinho.

— O que, por quê? — Lucian exigiu.

Dante se sentiu tão confuso. As habilidades de Gio com computadores e hackers haviam ajudado bastante hoje e, além disso, ainda tinham dois filhos da puta chegando rápido.

— Eu já desliguei, então vocês estão por conta própria — explicou Gio. — O programa de codificação...

— Nós não somos os únicos que entendem dessa merda — Lucian interrompeu bruscamente.

— Meu roteador está tentando pular para outro ponto de acesso, um tão perto que só pode estar dentro do prédio também. Tudo o que posso dizer dos códigos é que algo está contando, cara. Para que eu descubra o que é, preciso sair desse acesso e entrar nesse outro.

— Contagem regressiva — Dante repetiu, olhando para Lucian. — Puta que...

Lucian esbarrou em Dante, derrubando os dois no chão. O ombro de Dante floresceu em agonia enquanto sua cabeça se chocava no cimento. O som de balas vinha de todas as direções. Ambos os irmãos correram pelo cimento escorregadio até que finalmente encontraram equilíbrio. Tão rápido quanto um raio, eles desapareceram de volta ao labirinto de caixas. Uma caixa de transporte tombada se tornou o escudo deles, mas Dante sabia que

pouco lhes ajudaria.

Dor percorria o maxilar de Dante, a umidade escorreu para sua mão quando ele tocou o local. Assobiando, ele afastou a mão para ver o sangue cobrindo as pontas dos dedos.

— Ah, merda — respirou Dante, tocando de novo em sua mandíbula para saber o quanto a bala rasgou. Pelo menos uns dez centímetros.

— Merda. — Lucian agarrou o rosto de seu irmão, inclinando a cabeça de Dante. — É apenas uma ferida superficial, nada sério.

— Está sangrando pra caralho para ser apenas uma ferida superficial.

— Porque foi na cara — respondeu Lucian completamente desassossegado, soltando Dante. — Agora cale a boca e me deixe escutar.

Lucian se virou, pulando a caixa para olhar em volta. Quando ele fez, Dante se encolheu. Duas balas foram alojadas no colete de Kevlar que Lucian usava. Isso com certeza doeu.

— Ai, cara.

— Não é nada. — Lucian se recostou com um baque, mas seus fortes suspiros disseram que aquelas balas provavelmente lhe tiraram o fôlego.

— Certo.

— Algo está errado — disse Lucian, respirando fundo.

— Concordo — Gio respondeu, lembrando seus dois irmãos que ele ainda estava lá.

— Você primeiro? — perguntou Lucian.

— É uma contagem regressiva — Gio disse simplesmente.

— Você nos disse que era algum tipo de relógio. — Dante rangeu os dentes.

— Sim, e tem quase dois minutos e meio no relógio. O que quer que esteja dentro do prédio, há uma segurança rígida em torno da codificação, então se eu tentar tocar nela, o relógio vai automaticamente para zero e...

— E o quê? — Dante se forçou a perguntar.

— Eu acho que é uma bomba — disse Gio. — Vocês precisam sair daí agora.

— Mas, John...

— Esses gritos são gravados. — Lucian agarrou a camisa de Dante.
— Está se repetindo a cada vinte segundos e está sendo tocado por vários alto-falantes para confundir. Na terceira vez, comecei a prestar atenção. Meu filho não está neste prédio.

Onde diabos ele estava, então?

— Mas nós estamos. — Dante piscou, finalmente entendendo.

— Acabei de voltar para a câmera Wi-Fi — disse Gio. — Oh, olhem isso. Eles vão facilitar as coisas para vocês.

— O quê? — perguntou Lucian.

— Abaixem-se, rolem, apontem e disparem. Fácil. — Gio riu. — Então corram o mais rápido que puderem para a frente do prédio.

— Por que para a frente? — A testa de Dante franziu.

— Ainda acho que há uma razão pela qual eles fizeram parecer que o escritório estivesse bloqueado. Talvez porque alguém queria vocês bem naquela área quando a bomba explodisse. Além disso, a entrada da frente não irá bloqueá-los com a explosão como as outras vão. Pare de dar voltas por aí e vamos nos mexer. Vocês provavelmente estão com cerca de um minuto e cinquenta segundos ou menos, agora.

Lucian assentiu Dante e deslizou de costas. Dante fez o mesmo.

— Encontre minha esposa, Gio. Se ela entrou no carro, talvez tenha tido um bom motivo.

— Beleza.

— Mais duas coisas — disse Gio.

— Sim?

— Vou me desconectar para ligar para o cara que temos como reforço. Talvez ele tenha seguido o carro com Catrina.

— E? — perguntou Lucian.

— Sim, continuem vivos porque eu amo vocês, e não quero ter que lidar com a mamãe sozinho pelo resto da minha vida. Isso seria uma merda.

— Você também, idiota. — Dante abafou o riso na palma da mão. Típico de Gio.

O telefone desligou.

— No três — disse Dante a Lucian.

Erguendo a mão, Dante levantou os dedos um de cada vez. Ao três, os irmãos se afastaram um do outro e saíram do esconderijo atrás do caixote caído. Os disparos da Uzi iluminaram o espaço na frente do rosto de Dante, cortando o ar rapidamente. Então, acabou a munição da arma e, assim que o fez, ele pôde ver o idiota enfiando a cabeça do lado de um caixote para verificar o paradeiro e a arma de Dante.

Imediatamente, Dante tentou pegar a arma que tinha colocado atrás das costas, mas não estava lá. Deveria ter caído quando Lucian caiu sobre ele. Dante jurou que podia sentir seu coração na garganta quando também não conseguiu encontrar sua magnum no coldre.

— Vai! — Lucian gritou.

Dante fez o que seu irmão mandou, ficando em pé assim que o homem saiu de trás do caixote com um rifle apontado diretamente para ele. As balas da Uzi de Lucian acertaram o idiota bem na cara, empurrando-o contra a caixa antes que batesse no chão. Dante não perdeu tempo procurando pelo último homem. Ele correu para a frente do prédio, esperando que Lucian não estivesse muito atrás dele.

A bagunça de caixotes não era tão ruim do outro lado do armazém. Foi muito mais fácil abrir o caminho que não parecia um labirinto. Dante

alcançou o espaço aberto onde o carro deveria ter estado estacionado. No fundo de sua mente, ele ainda estava contando. Talvez uns trinta segundos?

A visão das barras pesadas que bloqueavam a entrada da frente sumia e aparecia com a raiva em Dante. Uma mão pousou em seu ombro, fazendo-o gritar.

— Jesus, Lucian!

— Olha — disse Lucian, apontando a cabeça para a parte de cima da porta da garagem de metal. Dante seguiu sua direção, notando que a porta foi levantada e fechada por um motor mecânico. Não havia nenhum botão em nenhum lugar à vista, no entanto. — Nós podemos forçar, mas vai ser difícil.

— Você acertou o último cara, certo? — Dante perguntou. Lucian assentiu. — Tudo bem, vamos abrir essa porra e dar o fora daqui.

Lucian jogou sua Uzi para o lado, curvando-se com Dante para forçar a parte inferior da porta de metal. Levantar as folhas de metal conectadas não era nada fácil. Todos os músculos do corpo de Dante protestaram contra o peso que vinha da porta. Quando a porta abriu um pouco, Dante acenou para que seu irmão fosse primeiro. Com Lucian do outro lado, segurando a parte de baixo da porta novamente, Dante saiu rapidamente também.

O metal acertou o piso de cimento com um estrondo assim que ele o soltou.

Em pé, Dante percebeu duas coisas imediatamente. Primeiro, o casaco, os sapatos e a faca de sua esposa estavam todos jogados em uma pilha no chão. Segundo, um carro preto familiar estava estacionado, o motor ligado e a porta de trás aberta a poucos metros da frente do armazém. Lucian riu ao ver o carro de Gio, mas estava tenso. Dante podia perceber e isso despedaçou seu coração.

Eles ainda não tinham pego John.

E Deus, onde estava Catrina?

— Entrem! — Gio gritou de dentro do carro.

Dante e Lucian não precisavam ouvir duas vezes. Eles pularam na parte de trás do carro de Gio, pousando um em cima do outro. Gio empurrou o pedal do acelerador até o talo, forçando a porta dos fundos a se fechar, o cotovelo de Lucian foi direto para a costela de Dante. Ele chutou seu irmão para longe dele.

— Ai, seu imbecil!

Lucian não disse nada quando se levantou no banco.

— Onde está meu filho?

— Eu acho que sei, — disse Gio. — Talvez... *Cristo*, espero que sim, de qualquer maneira.

Gio não parecia estar entusiasmado com sua ideia do paradeiro de Johnathan, que isso preocupou Dante ainda mais.

— O que...

Lucian não conseguiu terminar sua pergunta. O impacto da bomba explodiu atrás deles foi como uma onda de pressão que atingiu a traseira do carro. O som estrondoso de antes nem chegava perto dessa explosão. Tanto Lucian quanto Dante se abaixaram instintivamente, embora estivessem muito longe para serem impactados pela bomba.

— Puta merda — Gio sussurrou, o carro indo de lado quando ele fez uma curva acentuada para a direita. — Bem, isso facilita a limpeza para o nosso lado.

— Para onde estamos indo? — perguntou Dante.

— Pegar sua esposa e John.

— Ele estava no carro? — Lucian perguntou, sua voz se tornando mortal.

Dante podia ver Gio se encolher quando seu irmão mais novo disse:

— Uh...

— O quê? Me conte! — Lucian bateu a mão na parte de trás do ombro de Gio.—

— Quando invadi as câmeras, vi que Bruno colocou uma mochila grande no porta-malas.

— *Uma mochila?*

— Foi o que eu vi, nada mais — Gio disse, rapidamente.

Os olhos de Lucian ficaram praticamente negros com sua fúria. Dante afundou no assento, a ansiedade batendo forte em seu peito novamente. Ele se recusou a mostrar seu medo, mas era difícil ignorá-lo completamente.

— Não estamos longe de Catrina pela localização do GPS. — Gio olhou para o espelho retrovisor. — Só foram três ou quatro quarteirões.

Dante permaneceu em silêncio enquanto o carro serpenteava pelas ruas secundárias, passando por armazéns. Gio parecia saber onde estava indo, sem sequer olhar para o mapa com um único ponto vermelho em seu laptop no banco do passageiro. Dante não ficou surpreso que Gio conhecesse a área. O distrito de expedição sempre foi uma especialidade dele e de Lucian.

Gio pisou nos freios e estacionou o carro, empurrando Lucian e Dante para a frente. Dante não precisou perguntar por que seu irmão parou tão de repente. Um carro branco estava estacionado em um beco estreito entre dois prédios. Algo estava acontecendo dentro do veículo, porque ele balançava com o movimento.

Dante estava saindo do carro de Gio antes de seus irmãos. Lucian foi atrás. Ele foi pegar sua arma quando se aproximou do carro, mas lembrou que a tinha perdido. Dante não dava a mínima se ele tinha uma arma ou não.

Muito menos quando ele viu um homem que não reconheceu sufocando sua esposa no banco da frente. Dante se moveu rapidamente ao redor do veículo, a raiva fervendo em seu sangue. Sua esposa estava lutando porque o rosto do homem — Bruno — estava coberto de arranhões e marcas

de unhas.

Dante abriu a porta do passageiro ao mesmo tempo que Gio abriu a do motorista. A primeira coisa que seu irmão fez foi encontrar o trinco e abrir o porta-malas. O rosto de Catrina estava vermelho, lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto tentava inutilmente respirar. As mãos ao redor de sua garganta estavam ensanguentadas pelas unhas de Catrina.

Instantaneamente, os grandes olhos castanhos assustados de Catrina encontraram os do marido acima dela. Choque apareceu no olhar de Bruno.

Lucian sufocou um soluço na traseira do carro.

— Oh, Deus, John. *Papà* está aqui, John. Papai está aqui, meu amor.

— Você vai morrer — rosnou Dante, seu punho esmagando o nariz de Bruno no momento em que as palavras saíram de seus lábios.

Gio agarrou as pernas do homem, tirando-o do carro quando Dante agarrou a esposa pela cintura e a puxou para o lado. Gritos saíram do outro lado do veículo antes de dois estalos fortes calarem o filho da puta. A bota do Gio, provavelmente.

As mãos de Dante voaram sobre o rosto de sua esposa, notando o roxo sob o olho e o lábio cortado que vazava sangue. A raiva dele se aprofundou ainda mais quando as lágrimas caíram dos olhos de Catrina novamente, seus soluços aumentando. Dante só tinha visto a esposa chorar uma vez.

Catrina não chorava, e ele sabia que ela não iria querer que ninguém, nem mesmo a família, a visse naquele estado. Dante limpou a umidade do rosto de sua esposa, beijando seu lábio machucado suavemente.

— *Shhh*, te peguei, *dolcezza*.

— Eu sei, você sempre faz isso. — Catrina assentiu descontroladamente.

Sim, ele sempre faria isso.

— Garota maluca.

— Eu te amo, *bello*.

— *Ti amo, Catrina. Sempre.*

— Sempre — ela repetiu em inglês.

— Achei que você conhecia as regras — disse Dante, verificando a mão dela e as marcas de dedos em torno de seu pescoço pálido.

— Sinto muito. — Catrina chorou, seus soluços começando a surgir novamente.

— Não, você não sente.

— Não, não sinto. — Catrina balançou a cabeça.

Dante olhou por cima do ombro da esposa e viu Lucian embalando Johnathan, que gritava.

— Temos que sair daqui logo — disse Gio, apoiando os braços no topo do carro. — Nós ainda precisamos pegar o outro carro também.

— Ele está morto? — perguntou Lucian.

— Não, mas ele deve estar sentindo o gosto da sola da minha bota agora.

Lucian deu uma olhada em Dante, fazendo uma pergunta sem sequer dizer uma palavra.

Posso fazer isso ou você quer ter as honras?

— É seu, cara. — Dante não queria soltar Catrina.

Lucian se moveu para o lado do carro, entregando Johnathan a Gio. Enquanto Gio se afastava, ele cobriu o sobrinho com o casaco. Lucian forçou Bruno, que estava sangrando pra caramba, a se levantar. Dante não se incomodou em fazer sua esposa desviar o olhar quando o homem foi apoiado na parede de tijolos do prédio.

A arma que seu irmão mais velho amava — a sempre fiel Eagle de Lucian — foi empurrada na boca de Bruno, fazendo o homem engasgar.

Quando Lucian segurou o gatilho, o olhar de Bruno foi para Catrina.
— *Pow* — sussurrou Catrina, sorrindo.

• • •

Dante ficou congelado no hall de entrada da casa de seus pais. Parecia que tinham jogado cimento em seus sapatos, tornando-o incapaz de se mover. Catrina pareceu não notar a situação quando tirou a jaqueta e os saltos, deixando os itens no armário do corredor.

Depois de terminar de arrumar as coisas, ela começou a tirar o casaco de Michel, chapéu e botas enquanto Dante segurava o menino. Michel tagarelava enquanto sua mãe mexia nele, a maioria de suas palavras ininteligível. Uma palavra, no entanto, se destacou acima do resto e foi tão clara como o dia: *papá*.

Michel já tinha chamado Catrina de *mamãe*, aparentemente pelo incentivo de uma foto que a babá mostrava, pelo que Dante sabia. Na medida em que os dias se passavam, a criança começou a chamá-lo de *papai*. Era surreal demais, lindo e aterrorizante ao mesmo tempo. Por quê? Porque Michel olhava para Dante como se ele fosse sua pessoa favorita e a mais importante em todo o mundo. Para Dante, não havia duas pessoas mais importantes para ele do que Catrina e Michel.

Michel sorriu, mostrando um dentinho que começava a aparecer. Estava irritando o garoto, Dante sabia disso. Ele passara três noites inteiras com Michel, porque o garoto só parecia se acalmar com Dante.

Dio, o menino era seu filho por completo. Sangue ou não, ele simplesmente era.

— Você está nervoso, *bello*?

Dante olhou para a esposa, encarando o lenço que ela usava no

pescoço para esconder as marcas amareladas que as mãos de Bruno tinham causado uma semana antes. Pelo menos a maquiagem cobria a marca que agora desbotava sob seus olhos e aquele lábio cortado. Mesmo assim não ajudava. A raiva de Dante era profunda e veloz como uma onda destrutiva.

Mas esse era o mundo deles. O homem estava morto, assim como sua ameaça. Poucas pessoas sabiam o que havia acontecido, e essa era a melhor opção. Quanto menos pessoas soubessem, menos pessoas falaria entre si. Não havia necessidade de deixar que os funcionários soubessem. Eles já tinham coisas o suficiente para lidar com a investigação do acidente.

— Sim — Dante finalmente respondeu.

Catrina deu um tapinha na bochecha dele com a palma da mão, atraindo o olhar dele para o dela.

— Não fique. Eles são a sua família e vão amá-lo porque ele é seu.

— Nosso, você quer dizer. — Dante respirou fundo.

— Sì, mas não sou eu quem está nervosa aqui.

É verdade, Dante pensou com um sorriso.

Dante sabia que sua ansiedade era inútil em alguns aspectos. Michel já havia conhecido a maioria dos membros de sua família mais próxima, como suas tias e tios. Como sempre acontecia, não importava o quanto eles tentassem manter o garoto em segredo até que tivessem os documentos para ele, a notícia de que Dante havia adotado um menino que era filho biológico de Catrina se espalhou.

Pelo menos a maldita história estava sendo contada.

Infelizmente, a adoção de Michel não seria bem vista por algumas pessoas, e Dante não queria isso. Ele queria esperar mais uma semana antes de confirmar os rumores, mas eles não tinham escolha por causa dos burburinhos. Hoje, eles o apresentariam adequadamente como o filho de Catrina, fazendo com que a transição da adoção por parte de Dante fosse vista

com mais facilidade.

Dante desprezava o fato de que precisava da aprovação de todos, mas não era assim que *la famiglia* funcionava.

A Cosa Nostra era mais do que apenas uma coisa, mais que uma profissão escolhida. Era uma cultura de pessoas que se juntavam com um objetivo comum; pessoas que acreditavam na vida que viviam. Todos eles existiam sob um constante conjunto de regras e expectativas, com a lealdade e a honra sendo tudo para um homem. Ser um chefe não importava, não no grande esquema das coisas. *La famiglia* era mais do que um homem — eram todos os homens. Sempre seria assim.

Dante estava extremamente grato por sua mãe, mesmo que ela tivesse sido um pouco dura no começo sobre o casamento dele. Depois de ouvir falar de Michel, ela veio conhecer o menino e, assim como Dante, se apaixonou instantaneamente. Cecelia gentilmente avisou que, se ela sabia, outros provavelmente também estavam sabendo sobre o bebê. Um grande café da manhã de domingo foi organizado por Cecelia em apenas alguns dias. A mulher era uma tirana.

Não era uma reunião privada apenas com os irmãos e as esposas, mas, em vez disso, era um convite aberto para qualquer um na *la famiglia*. Não havia um idiota na Terra que se esquivaria da esposa de Antony Marcello. Dante sabia que um convite aberto significava que todos viriam.

Pelo som de vozes vindo do grande corredor, a maioria das pessoas já estava lá.

— Pronto? — Catrina perguntou.

Dante engoliu o nervosismo e assentiu. Ele não queria que as pessoas rejeitassem seu filho porque Michel era tão perfeito e amado inteiramente por seu pai. Outros deveriam amá-lo também.

— Sim, *Bella*.

Catrina ofereceu sua mão e Dante aceitou sem questionar. Juntos, eles caminharam pelo vestíbulo e pelo corredor, indo para a grande cozinha ligada à sala de jantar. No momento em que apareceram na entrada da cozinha, cabeças se viraram e vozes se silenciaram rapidamente.

Michel, aparentemente indiferente à tensão que seu pai estava sentindo, puxou o colarinho de Dante e enfiou o tecido na boca. Dante riu, soltando a mão da esposa para tirar a roupa da boca do filho e beijando seu nariz minúsculo.

— Não coma o papai, *piccolo*.

— Não *Papà* — Michel balbuciou.

Alguém pigarreou ao mesmo tempo que a mão de Catrina encontrou a de Dante novamente. Seu nervosismo se dissipou quando ele virou o rosto de Michel para as pessoas que enchiam a cozinha e a sala de jantar. Ele queria que vissem o rosto de seu filho para que pudessem tirar suas próprias conclusões sobre sua aparência, especialmente o fato de Michel ter algumas características de Catrina. Ajudaria com a história deles.

A maioria dos convidados não sabia da incapacidade de Dante de ter filhos. Não era da conta deles. Mesmo assim, Dante tinha que lembrar a si mesmo que eles também não sabiam como era importante o menino em seus braços; quanto ele precisava e queria essa criança.

— O que você tem aí? — Antony perguntou, entrando na linha de visão de Dante com os braços estendidos para pegar seu mais novo neto. Ele já havia conhecido Michel no início da semana, mas Dante reconheceu as palavras de seu pai como uma maneira de quebrar o gelo. Dante apreciou o esforço do pai.

— *Mio figlio*. — Dante sorriu.

Meu filho.

Capítulo Dezenove

Michel se contorceu no colo de seu pai, tentando conseguir sair do abraço apertado que Dante tinha sobre ele. Quando ele não conseguiu, Michel soltou um gemido de raiva, que ecoou na igreja, provavelmente chamando a atenção da maioria dos paroquianos.

Cat resistiu ao desejo de falar umas poucas e boas com quem estava de olho neles. Ela duvidava de que padre Peter apreciaria esse tipo de comportamento.

— Ah, nada disso, *mio ragazzo* — Dante repreendeu o filho em voz baixa.

— Me dê ele — disse Lucian, pegando seu afilhado.

— *Zio!* — Michel gritou, seus pequenos dedos apontando na direção do tio.

Cat não se incomodou em esconder o suspiro aliviado quando Michel se acalmou com Lucian. Dante riu, sua mão encontrando a da esposa no banco. A missa sempre era um pouco mais difícil com crianças, ela acabou aprendendo isso. Os bebês não tinham paciência para cultos que ocupavam a maior parte da manhã.

Uma manhã que poderia ser melhor gasta rastejando pelo chão tentando encontrar coisas para comer. Cat não tentou entender seu filho, ela simplesmente o amava.

— Adivinha, *bambino* — disse Lucian, balançando Michel em seu colo. — Tenho uma surpresa para você.

Jordyn sorriu ao lado do marido, observando-os. Johnathan cochilava no colo dela, seu cobertor favorito enrolado em volta do braço e sobre a cabeça, mantendo seu rosto protegido da luz da igreja.

Cat estava grata pelo fato de seu irmão e sua cunhada a terem

perdoado pelas coisas que havia feito. Família, eles disseram. Era disso que se tratava — era o que os *Marcello* eram. No último domingo, Jordyn e Lucian haviam se tornado padrinhos de Michel. Infelizmente, eles tiveram que esperar um pouco mais do que gostariam para a papelada estar em ordem, mas uma vez que estava, eles não perderam tempo em batizar o filho.

Ainda assim, Cat estava feliz. Apesar de cansada de correr atrás de seu filho, sentindo falta do marido, já que ele parecia estar trabalhando com mais frequência ultimamente, e sentindo-se estressada de ser puxada em tantas direções... ela estava feliz.

— Que surpresa? — perguntou Cat a Lucian em voz baixa, olhando para trás do banco.

— Pergunte ao seu marido. — Lucian encolheu os ombros.

— Michel vai voltar para casa com Lucian e Jordyn depois do jantar hoje à noite. — Os dedos de Dante se entrelaçaram com os de Cat.

A boca de Cat se abriu para protestar imediatamente, mas o olhar de seu marido a fez engolir o que ela estava prestes a dizer. Não era que ela não confiasse em Lucian e Jordyn, mas Cat ainda não tinha passado nenhuma uma noite longe de Michel desde que o levaram para casa, para onde ele pertencia, há um mês. Ela não tinha certeza se estava pronta para deixá-lo com outra pessoa.

— Dante, eu não...

— Sem argumentos — interrompeu Dante. — Seja uma boa menina e ouça o padre.

Cat apertou o interior da mão do marido, irritada.

— Essas garras que eu amo. — Dante sorriu, sua voz transformando-se em um sussurro. — Afie-as, gatinha.

Jesus amado.

• • •

Assim que entraram na cozinha do apartamento, as costas de Cat atingiram a parede com um baque surdo. O ar deixou seus pulmões em um lufar ardente enquanto as palmas mornas de seu marido começaram a explorar suas curvas. Instantaneamente, os dedos de Dante se enroscaram na bainha do vestido de Cat, apertando o tecido em suas mãos e puxando-o por cima de seu corpo. O frio da cozinha lhe arrepiou a pele e endureceu seus mamilos sob o sutiã de renda que usava.

Esse sentimento não durou muito tempo. Sob o olhar intenso de Dante, Cat se aqueceu num piscar de olhos. As pontas dos dedos dele cavaram a cintura dela, viajando para o seu traseiro, onde ele apertou a carne de sua bunda rudemente.

Querendo sentir mais dele nela, Cat se arqueou contra Dante, mas ele a empurrou de volta para a parede sem dizer nada. Seus lábios se chocaram contra os dela com uma intenção possessiva, a língua dele varreu o contorno dos lábios dela para reivindicar sua boca. Cat o beijou e suspirou quando as mãos dele encontraram o cabelo dela, puxando os fios entre os dedos.

Cat adorava quando Dante puxava seu cabelo; adorava quando ele era safado na cama. O homem era um perfeito cavalheiro fora de sua vida sexual. Ele abria as portas, puxava cadeiras e sua esposa era sempre a primeira escolha de tudo. Dante nunca desrespeitava Cat e a tratava como um igual.

Na cama, porém... Deus, na cama ele era o dono dela. A fodia lindamente. Ele não se continha, e ela não queria que ele fizesse isso. Ela sempre implorava por mais. Dante exigia do corpo dela; ele a consumia.

Não houve outro homem no planeta a quem Cat se entregou, como fez com Dante Marcello.

— Me conte o que você quer que eu faça com você, *dolcezza* —

Dante rosnou contra seus lábios.

— Pior hora para você estar me chamando assim, você sabe.

— Acho que não.

Cat se atrapalhou com a fivela do cinto de Dante, precisando que suas calças saíssem o mais rápido possível.

— Não tem nada de doce na cama, *bello*. Especialmente quando você está me fodendo.

— Errado.

Dante pontuou a palavra mordendo com força o lábio inferior de Cat. Ela choramingou com o choque da dor se derretendo em êxtase, enquanto atravessava sua corrente sanguínea como uma droga injetada diretamente em seu coração. Surpresa, ela esqueceu sua missão de tirar as calças dele. Ele puxou o cabelo dela novamente, mais firme na segunda vez. Uma dor gostosa irradiava sobre seu couro cabeludo. Foi o suficiente para forçar a cabeça de Cat a se inclinar de volta para a parede, seu coração martelando rápido. Os dentes dele encontraram a clavícula dela, beliscando e chupando até que sua pele estava marcada e formigando.

— *Deus* — Cat respirou.

— *Mmm*, não, Dante.

Antes que Cat pudesse dizer outra palavra, seu marido caiu de joelhos. As mãos dele se arrastaram ao longo da espinha dela antes de puxar sua calcinha até seus tornozelos. Dante levantou a sola do pé de Cat alto o suficiente para soltar a renda de sua perna. Então, sua perna foi enganchada por cima do ombro dele e sua boca pairou no sexo exposto dela.

Dante lambeu a parte interna da coxa de Cat. A ação foi uma promessa gritante do que estava por vir, e ela estremeceu ao pensar nisso.

— Você está tão errada sobre nada ser doce em você, gatinha.

— É mesmo?

— Sim, muito errada. Sua boceta é a coisa mais doce que eu já provei, e se eu pudesse, eu viveria nela.

Cat engasgou, olhando para os olhos verdes dele brilhando maliciosamente. Sempre que ele a fodia com a boca, os sentidos dela aceleravam. Ela podia literalmente sentir a pressão de sua respiração pulsando em seu sexo.

— Dante.

As palavras dela foram cortadas junto com sua capacidade de pensar quando a boca dele cobriu seu sexo. Imediatamente, uma língua talentosa passou por entre os lábios de sua boceta e mergulhou em seu núcleo. O ritmo de Dante era implacável, com movimentos rápidos nas partes mais sensíveis. O nariz dele encostou no clitóris dela, dando ao pacote pulsante de nervos fricção suficiente para enviar ondas de prazer percorrendo seu canal.

Cat sabia, sem dúvida, que seu sexo estava encharcado e ficando mais molhado a cada segundo. Não havia nada como a língua de Dante trabalhando em sua boceta. Seus dedos cavaram com mais força na bunda dela. Cat inclinou os quadris para a boca dele. Um sorriso safado torceu os lábios de Dante enquanto ele a observava entre as coxas dela.

Um suspiro entrecortado ficou preso na garganta dela quando as mãos em seu traseiro se soltaram e os dedos de Dante se juntaram à boca dele em seu sexo. Ela sentiu dois dedos se enfiarem em seu núcleo, curvando-se para procurar o local para fazê-la gozar. Seus dedos a foderam no ritmo da língua, espalhando-se quando eles se retiraram e depois se contorceram para estimular seu ponto G. Precisando de apoio, ela apoiou as palmas das mãos na parede atrás dela. Não demorou muito tempo para que Cat conseguisse seu primeiro orgasmo.

Dante não avisou antes de se levantar, pegar a mulher e a virar depressa. Em três longos passos, as costas de Cat encontraram a mesa. Ela se

esparramou no tampo de carvalho, o cabelo voando descontroladamente. Mais uma vez, Dante passou a perna dela por cima do ombro, inclinando-se sobre ela e fazendo seus músculos queimarem.

Os dedos de Dante encontraram seu sexo novamente. Ele provocou sua fenda com golpes longos em seu clitóris até a entrada.

— Sempre compre carvalho.

— O-o quê?

— Sempre compre de carvalho. É a única madeira forte o suficiente para isso.

A mão livre de Dante apareceu, encontrando a mandíbula e a garganta de Cat. Ela engoliu em seco ao ver o olhar de seu marido escurecendo com a luxúria quando ele a prendia na mesa. Seus dedos deixaram seu sexo e Cat ouviu o barulho de suas calças sendo abertas.

— Oh meu Deus.

— Não, ainda é com Dante. — Dante sorriu.

Ele era o único Deus que ela se importava em adorar, de qualquer maneira.

Cat se viu puxada para a beira da mesa, com a perna enganchada sobre o ombro dele, e então a mão dele em sua garganta a apertou brevemente. Foi o único aviso que ela recebeu antes de Dante entrar nela.

Suas costas saíram da mesa, um grito de felicidade na ponta da língua. Seu sexo estremeceu ao redor de sua intrusão, o salto de sua sandália arranhando o ombro dele. O prazer se arrastou por suas veias, ameaçando dominá-la no momento em que seu marido começou a se mover, golpeando-a a um ritmo brutalmente gostoso.

— *Cristo*, sim — gemeu Dante.

— Mais forte, Dante — Cat ofegou. — Me foda *mais forte*.

Dante obedeceu.

Ele sempre obedecia.

• • •

Exausta, Cat permitiu que Dante entrelaçasse seus dedos enquanto ele a levava até o peito dele. A umidade do suor na pele dela a gelou, mas o calor do marido e o cobertor que ele puxou sobre seus corpos foram o suficiente para impedi-la de encontrar roupas. O sexo na mesa levou ao corredor e finalmente terminou na cama.

Dante beijou a testa de Cat antes que ela enfiasse a bochecha na curva do pescoço dele. O delicioso aroma de sexo e da colônia dele a cercaram. Um suspiro contente escapou. As risadas roucas de Dante balançaram os dois.

— Porra, isso foi... intenso. — Dante traçou círculos sobre os ombros de Cat debaixo do cobertor. A ação calmante provavelmente a faria dormir se ela se permitisse. — Precisamos fazer isso com mais frequência. Ou arrumar tempo para isso, de qualquer maneira.

Cat concordou, inclinando-se o suficiente para apoiar o queixo nas mãos no meio do peito dele. Ter um filho para cuidar certamente era um empecilho totalmente novo em sua vida sexual. Não era que eles não se conectassem fisicamente, porque sim. Mas com o trabalho, a família, a vida e Michel, o tempo era limitado. Uma foda rápida era mais fácil de gerenciar e conseguir do que horas de sexo suado, puxões no cabelo, mordidas na pele.

Claro, ainda era muito bom — claro que era — , mas às vezes Cat precisava do exercício que só o marido podia oferecer. Afastava o estresse, as preocupações e as coisas que bagunçavam seus pensamentos, e a deixava nua com nada além de sensações e emoções.

— Sim, definitivamente precisamos de mais tempo para isso — Dante murmurou, seu olhar caindo nos lábios sorridentes de Cat.

Apesar de seu cansaço, a felicidade ainda estava cantando sua linda melodia através do corpo dela.

— Sim, e depois nos arreponderemos de manhã, quando dormimos apenas duas horas, certo? — Cat perguntou provocativamente.

— Ei. — Sem aviso, a palma dele acertou a bunda dela.

— Ai. — Cat fez beicinho.

— Não finja que você não gosta de ser espancada, gatinha.

— Você sabe que eu gosto. — Um arrepio percorreu a espinha dela quando a voz sombria dele assumiu.

— Não reclame disso — disse Dante.

Suas mãos apertaram a bunda dela para reforçar sua declaração, puxando-a para seu pau semiduro ainda dentro de seu sexo. A ação fez sua boceta apertar em torno de seu eixo. Dante gemeu e Cat sentiu seu pau se contorcer.

— Ah sim, nada de reclamação — ele repetiu. — Por favor, me diga que você não está cansada ainda, porque eu estou prestes a te foder de novo.

— Um pouco. — Cat mordeu o lábio inferior. — Você me fez suar muito.

— Você não estava reclamando. — Dante bufou, arqueando uma sobrancelha. — Chuveiro, então?

— Você vai se juntar a mim?

— Nem precisa fazer essa pergunta, *Amore*.

Vinte minutos depois, Cat quase afundou na água fumegante e borbulhante enquanto seu corpo rugia através de outro orgasmo. A água espirrava nas bordas da banheira. O cabelo de Cat, preso no topo de sua cabeça, estava úmido com o suor e a mão úmida de Dante agarrada aos fios. Ele manteve a cabeça dela para o lado enquanto ele a fodia, permitindo que ele marcasse seu pescoço com seus beijos.

Ela tentou recuperar o fôlego quando os dedos de Dante brincaram com seu clitóris e seu pau continuou empurrando profundamente em seu canal. Tremendo e fraca, Cat se entregou ao êxtase pulsando em suas entranhas. Nem por um segundo seu marido reclamou, seus dedos a tocando no ritmo mais doce em sintonia com seu pau. Atrás dela, Dante finalmente soltou seu cabelo antes de envolver o braço em torno da cintura dela. Cat deixou a cabeça apoiar no ombro dele, beijando a parte inferior de sua mandíbula.

— *Madonn* — Cat suspirou, inclinando-se ao pedido do marido. Dante seguiu logo atrás, segurando-a o tempo todo. Ela agarrou suas coxas para se apoiar. — Você vai me matar.

Dante riu de forma sexy. A língua dele rastejou na junta do pescoço e do ombro de Cat.

— Eu quero foder você até que me implore para parar, Catrina.

— Eu nunca imploraria para você parar.

— Eu sei — ele respondeu, parecendo divertido e excitado ao mesmo tempo. — É o que eu amo em você. Mais uma vez, gatinha. Goze para mim mais uma vez.

Cat não se incomodou em responder. Ela simplesmente deixou Dante trabalhar em seu corpo da melhor maneira que ele sabia. Seu orgasmo final não veio facilmente como os outros. Não, foi se construindo devagar, subindo até o topo enquanto todo o seu corpo balançava com tremores. A voz de Dante em seu ouvido, suas palavras em italiano, um bálsamo para sua alma, a estimulou até o fim, enquanto ele implorava para ela gozar em seu pau.

O orgasmo foi cegante, transformando todos os músculos de Cat em nada além de gelatina. Suas paredes internas se fecharam e ela gritou o nome de Dante.

— Levanta, levanta — sussurrou Dante.

— *Não consigo* — ela murmurou enquanto se derretia.

Cristo, ela tentou e simplesmente não podia se mexer.

— Está bem. Respire, gatinha.

Dante não pediu pra Cat se mover novamente. Em vez disso, ele a ergueu do pau como se ela não pesasse nada, a virou de modo que ficasse de frente para ele, e então entrou nela de novo. O beijo mais suave e mais gentil arrancou Cat de seu atordoado estupor. O olhar contente que o marido dava a ela era tão bonito que doía.

Devagar, segurando a bunda dela para levantá-la e abaixá-la em seu comprimento, Dante fodeu Cat. Ela sentiu seu pau se contrair bem antes de ele gozar. O gemido de Dante se transformou em um suspiro satisfeito, o som abafado contra o pescoço de Cat.

— *Cazzo*, você é perfeita pra caralho. *Ti amo, bella mia*.

— *Ti amo* — Cat cantarolou, plantando um beijo em seu pulso acelerado.

O pé de Dante se mexeu, tirando a tampa da banheira. Enquanto a água começava a escorrer lentamente, Cat se deleitou com a atenção de seu marido, agradecida por tê-la durante o resto da noite e até o dia seguinte. Dedos esfregavam círculos em seus músculos doloridos. Seus beijos salpicaram em seu cabelo e rosto.

— Obrigada. Eu precisava disso e não teria pedido a alguém para ficar com ele — confessou Cat calmamente.

— Eu sei. Eu também precisava disso. Por isso pedi a Lucian que ficasse com Michel. Além disso, com a reunião da Comissão em dois dias, nossas cabeças precisavam descansar. Foder você sempre me coloca no lugar certo.

— Verdade. Mesmo assim... — Cat balançou a cabeça, rindo. — Nós não somos egoístas por tirar uma noite de folga para que pudéssemos fazer

isso, certo?

— Com certeza não acho isso. — Dante riu. — Nós merecemos esse tempo, Catrina.

— Ainda me sinto um pouco culpada.

— Não. Você é uma boa mãe, *Amore*.

— Sou?

— Claro.

Dante era um pai ainda melhor, na opinião de Cat. Michel era tão ligado a Dante que raramente deixava seu *papà* fora de sua vista quando eles estavam na mesma sala. Dante mimava o menino constantemente, alimentando todos os seus caprichos e desejos.

Às vezes, embora fosse raro, Cat até se sentia uma estranha quando observava os dois juntos. Eles eram perfeitos como pai e filho. Para Dante também era tudo natural. Ele nunca recuava ou se esquivava da paternidade ou da responsabilidade que Michel acrescentou à sua vida.

Ele amava a criança. Assim como Cat. Muito parecido com a forma como eles se amavam, ela supunha.

Dante merecia mais filhos, se a forma como ele amava Michel era qualquer indicação de como ele amaria os outros. Até mesmo a casa que eles estavam querendo comprar era construída para uma grande família, mas eles não tinham filhos além de Michel para preencher os quartos vazios. Um fio de tristeza atingiu Cat, diminuindo sua alegria.

— Sabe, você sempre fica tensa quando algo te incomoda — disse Dante enquanto a última gota de água era drenada da banheira. — Especialmente seus ombros. E você tem uma pequena ruga entre as sobrancelhas, mas não fica por muito tempo.

— Você é o único homem a notar essas coisas porque você é o único homem que eu deixo me abraçar assim — respondeu Cat. — Mais

importante, você é o único homem que eu permiti me ver quando estou chateada com alguma coisa. Mesmo que seja por bobeira.

— Imaginei.

Dante se levantou, ajudando Cat a ficar de pé e depois saindo da banheira. Ele também saiu, pegando uma toalha para secar sua esposa antes de envolvê-la em seu corpo. Puxando a segunda toalha da prateleira, ele enxugou o corpo e segurou o tecido em volta da cintura.

— Fale comigo — exigiu Dante.

— Não é importante, e não quero trazer sentimentos ruins.

— Você já está chateada, então vamos falar sobre isso. — Dante acenou para ela, encolhendo os ombros. — Nós tivemos uma ótima noite. Você realmente quer acabar discutindo sobre alguma coisa?

— Não há necessidade de discutir porque não há nada a dizer. Foi apenas um pensamento que passou na minha cabeça, e eu não estava esperando por isso. É uma ideia que nenhum de nós pode ter, então por que se preocupar em falar sobre isso?

— Que ideia? — O olhar de Dante se estreitou.

— Eu estava pensando em crianças. — Cat molhou os lábios, imaginando como expressar seus pensamentos sombrios.

— Uh... — Uma carranca estragou as feições de Dante, sua própria tristeza escurecendo seus olhos. — Desculpa, mas você vai precisar explicar isso, Cat, porque nós dois sabemos que não há nada para conversar.

— Exatamente — Cat murmurou. — Apenas o olhar em seu rosto disse tudo.

— Porque nós temos um filho. Nosso filho. Não entendo por que você está pensando em mais crianças.

— Estava pensando que você é um pai tão bom e ama crianças, então eu gostaria de poder lhe dar mais.

— *Dolcezza*, entre nós, sou eu quem não pode te dar mais filhos. — Dante limpou a garganta, dando a sua esposa um olhar confuso. — Está tudo certo com você. Comigo que não está.

— Não gosto quando você fala desse jeito, Dante.

— Mas é verdade. Você estava certa, por que se preocupar em falar sobre isso? Não podemos ter filhos.

Cat afastou as lágrimas que ela não tinha percebido que estavam lá até que apareceram em seus olhos. Quietamente e sombrio, Dante passou por ela, deixando-a sozinha no banheiro. Respirando profundamente para afastar as emoções que ameaçavam levá-la, Cat levou alguns minutos para repensar o que queria de Dante. Mais importante ainda, no que dizia respeito às crianças.

Dante continuou dizendo que a possibilidade estava morta. Conhecendo os avanços sobre o tratamento da infertilidade, Cat duvidou que realmente fosse o caso. Tinha que haver algum tipo de tratamento para ajudá-los além dos doadores. Isso estava fora de questão.

Se ela fosse verdadeiramente honesta, estar com o marido e amá-lo também a fazia querer ser mãe. Suas razões para considerar ter mais crianças não eram apenas para Dante, mas para si mesma. Michel não tinha mudado só Dante, ele também mudou Cat.

Cat agarrou seu robe de seda do gancho na parte de trás da porta do banheiro. Ela o puxou e amarrou a faixa em sua cintura. Dante já estava sob os cobertores na cama, de costas para ela.

— Você está com raiva de mim agora. — Ela praticamente podia sentir sua irritação do outro lado da sala.

— Não com você, mas comigo mesmo — disse Dante. — Eu nunca te culparia por querer algo normal. E como eu sempre soube que não iria, fico me desculpando com uma mulher que me ama por ser incapaz de dar a ela o que quer e merece. Minhas falhas só te impedem e isso me irrita, Catriona.

— Isso não é um fracasso de sua parte, e não quero seu pedido de desculpas. Eu não preciso disso. Eu quero fazer o teste — Cat disse antes que sua paciência acabasse.

— Como é? — Os ombros de Dante endureceram antes de girar na cama para encarar Cat.

— Foi o que você ouviu. Devemos saber se a possibilidade é completamente nula ou não.

— É — disse Dante, as palavras sibilando por entre os dentes. — Fiz duas rodadas de testes. Não quero passar por isso de novo só para falarem que eu não tenho o que é preciso para engravidar uma mulher, Cat. É embaraçoso e indigno pra caralho.

— Você fez a última rodada de testes há quase uma década.

— E daí?

— Eles não lhe disseram que sua fertilidade poderia voltar, mesmo que fosse em menor potência? — perguntou Cat.

— Como você sabe disso? — A mandíbula de Dante endureceu.

— Porque eu queria entender, Dante. Sei que os resultados não dão uma visão clara da questão, mas me dá uma ideia sobre as coisas. O fato é que há uma chance de que sua fertilidade possa retornar.

— O retorno é quase tão raro quanto ser infértil por rubéola.

— Estou ciente disso também.

— O que você quer de mim, Cat?

— Quero que você faça o teste novamente, e não apenas para você, mas para mim também. Seria bom saber se a opção de outro filho poderia estar aí no futuro.

— E se não for, você vai acabar se ressentindo de mim por isso?

— Não. Como poderia quando te amo?

— Certo. Venha para a cama, *bellissima donna*. — Dante acenou com

a cabeça uma vez.

• • •

— Antony não vai se juntar a nós hoje? — Uma voz masculina perguntou.

— Não — respondeu Giovanni. — Nem Paulie, e é por isso que estou aqui para ocupar o seu lugar.

— É bom ver você de novo, Giovanni.

— Igualmente, Max.

— Maximo Sorrento, Vegas — Dante disse rapidamente para sua esposa. — Gio teve alguns problemas nesse setor.

Cat assentiu.

Sim, Kim. Ela sabia.

— Eu não esperava ver você aqui — Maximo Sorrento disse com um toque de desdém em suas palavras. — Você perdeu a reunião da Comissão do ano passado.

— Eu estar aqui vai ser um problema? — Giovanni perguntou.

— Absolutamente não. Como está a sua esposa?

— Feliz. Muito amada.

— Maravilha — Maximo murmurou. — O irmão dela ficará satisfeito em ouvir isso.

Cat tinha certeza de que ela podia ouvir o sorriso na voz do cunhado quando Gio disse:

— Envie nossos cumprimentos.

— Vou pensar nisso.

Um suspiro ressoou na sala de jantar privada de um restaurante de propriedade de uma família nova-iorquina. Homens se mexeram em seus

assentos, um sinal de inquietação e impaciência. O restaurante parecia o melhor lugar para a reunião da Comissão a ser realizada este ano, segundo o marido de Cat, e o mais seguro.

— Lucian... — uma nova voz disse quando o irmão Marcello mais velho entrou na sala à frente de Cat e Dante. — Eu ouvi dizer que as felicitações estão em ordem.

— Terrance, Chicago; Lucian não é muito chegado nele por causa de alguns problemas que aconteceram há alguns anos — explicou Dante.

A mão de Cat em Dante apertou em reconhecimento. Ela já conhecera as famílias de Nova York, mas essa tinha sido a maneira de o marido deixar os homens ainda mais confusos com a presença de Cat. Ninguém gostava de ser conhecido antes de se apresentarem.

— Ah, por que eu mereço felicitações? — perguntou Lucian.

— Seu garotinho.

— Ah, sim. Obrigado.

Quando Cat ouviu Lucian se sentar, outra voz nova perguntou:

— Se Antony não vem e nem seu *consigliere*, posso seguramente assumir que a Comissão estará dando nossa aprovação ao seu novo líder, sim?

— Líder de Guzzi, Canadá. Tranquilo de lidar, pois ele não precisa de muito; geralmente calado — disse Dante.

— Por um lado — Gio respondeu vagamente ao Don canadense.

— *Hmm* — Maximo sussurrou baixinho. — Ouvi dizer que havia algumas coisas interessantes acontecendo por este lado, mas não consegui nenhuma confirmação real.

— Como o quê? — perguntou Lucian.

— Acho que você sabe — disse Maximo. — E eu não tenho certeza se gosto.

— O que estou deixando passar? — perguntou Terrance.

— Uma mulher. — Maximo riu.

— Uma mulher, isso é tudo? — Terrance bufou. — Dante teve que se casar, não foi? A vergonha é que praticamente ninguém foi convidado para o casamento.

— *Sì*, uma mulher... mas nos negócios. Você pode imaginar isso?

— Ninguém, incluindo Dante, está pedindo permissão de alguém sobre a nova esposa do meu irmão e a profissão dela se misturando com a dele — afirmou Lucian, como se não houvesse ninguém em torno dele que importava.

— Pronta? — Dante sorriu para sua esposa. O sorriso de Cat combinava com o dele.

— Sempre, *bello*. — Cat piscou.

— Tente se comportar, OK? — Então, Dante revirou os olhos. — Deixa para lá, nós dois sabemos que você não vai.

— Você adora, admita.

— Mais tarde. — Os dedos de Dante teceram com os dela.

— O que você quer dizer, Maximo? — Terrance perguntou. — Você está dizendo que a esposa dele é...

Cat entrou na sala de jantar privada ao lado do marido, captando imediatamente todos os olhos da sala. Havia mais homens do que ela esperava, já que apenas alguns conversavam. Cada chefe exibia uma equipe de homens à sua disposição para a reunião.

Ela quase riu da cara deles, mas se absteve quando todos, de maneira educada, se levantaram de suas cadeiras. Mafiosos, claro, mas homens, no entanto. Um homem adequado sempre se levantava ante uma dama, mesmo que ela não devesse estar onde estava.

— Olha — Cat sussurrou para o marido, brincando. — Eles estão me

dando as boas-vindas.

— Quieta — disse Dante, sorrindo maliciosamente.

A sala estava mortalmente quieta enquanto Dante se aproximava com a esposa até a cabeceira da mesa. Várias mesas estavam juntas para criar uma longa área de conferências. Lucian lançou a Dante um olhar que Cat não conseguiu decifrar, enquanto se sentava no assento que Giovanni ofereceu. Dante parou atrás de sua esposa com as mãos nas costas da cadeira. Ela não gostou de não poder ver o rosto dele, mas decidiu que não era hora de falar disso.

Quando Dante empurrou a cadeira de Cat, o resto dos homens se sentou.

— Boa noite, senhores — cumprimentou Dante.

Silêncio.

Dante havia dito a ela para se comportar, mas ele não disse nada sobre deixar os outros homens desconfortáveis. Não havia nada que Cat fizesse melhor do que perturbar os homens. Cat se mexeu na cadeira, cruzando as pernas e examinando os homens que a observavam como se ela fosse um objeto estranho prestes a se alojar em um de seus olhos.

Vários olhares a encaravam. Cat não se importava, ela estava acostumada a ser olhada como um pedaço de carne premiada. Apesar de o marido protestar mais cedo naquela manhã sobre a escolha do que vestir, Cat fez um esforço especial para a reunião dos chefes. Seu vestido era apertado, preto, ela usava salto alto para acentuar as pernas, olhos esfumados e lábios vermelhos.

Claro, Dante teria que resistir à vontade de bater em algumas pessoas, mas isso não era nada novo. Cat precisava fazer do jeito dela, o que significava que ela precisava que os homens ao seu redor estivessem completamente absortos em sua aparência. Uma mulher como ela faria

exatamente isso.

Seu marido, no entanto, não tinha o mesmo tipo de paciência que ela. Dante era um homem ciumento e Cat adorava.

— Eu sei que minha esposa é linda e eu vou tomar isso como um elogio, mas agora vocês estão me irritando — disse Dante, alertando. — E pior, se vocês continuarem olhando para minha esposa como se quisessem transar com ela, eu vou começar a pregar as pessoas na parede com balas.

Pigarros foram ouvidos ao redor da sala e os olhares foram do corpo de Cat para o rosto dela.

— Obrigado. — A mão de Dante pousou no ombro de Cat, seus dedos roçando o pescoço dela.

— Quem precisa se comportar mesmo? — Cat estendeu a mão e deu um tapinha na mão do marido.

Dante bufou baixinho.

— Alguns de vocês já conhecem minha esposa, mas para quem não conhece, seu nome é Catrina Marcello. Minha família e eu a chamamos de Cat, então não se surpreendam se meus irmãos a chamarem assim. Cuidado, chamem ela de Cat sem a permissão dela e vocês estarão encrencados. Ela é meio siciliana, meio americana e italiana. Nos casamos há alguns meses na igreja de nossa família com amigos próximos e familiares como nossos únicos convidados.

— Cat é uma Rainha extremamente bem-sucedida e sua profissão a leva por todo o país lidando com uma variedade de clientes que alguns homens nesta sala morreriam para ter — continuou Dante, mantendo o tom de voz confiante. — Ela é, em todos os aspectos da família Marcello, minha parceira. E não apenas como minha esposa. Acreditem em mim quando digo que ela já conquistou o respeito de dois homens nesta sala, assim como a dos meus homens, simplesmente por ser quem ela é.

— E eu sou maravilhosa — Cat acrescentou, rindo levemente. — De uma forma muito terrível.

— Eu acho que a palavra que você está procurando é infernal. — Giovanni riu à esquerda de Cat.

— Seja bonzinho, Giovanni.

— Você é. — Dante ignorou seu irmão e puxou uma mecha do cabelo de Cat suavemente. Voltando sua atenção para a mesa, Dante disse: — Meu pai formalmente renunciou e já faz um tempo. Meu assento foi escolhido e dado sem problema ou refutação. Cumpri todos os requisitos exigidos pela Comissão para que eu fosse um Don adequado aos Marcello. Alguém gostaria de se opor à minha liderança em Nova York?

Mais uma vez, nada além de olhares lhe respondeu de volta. Cat estava ficando entediada.

Cat inclinou a cabeça para trás e sorriu para Dante de uma maneira que ela sabia que parecia tão sarcástica quanto suas próximas palavras.

— Se eles continuarem quietos assim, será uma reunião bem breve.

— Verdade, *Amore* — seu marido concordou.

— Não que eu me importe, — Cat acrescentou, tirando a lixa de unhas da bolsa. Nada irritava mais os homens que uma mulher agindo como se não importasse. Ela começou a lixar as unhas. — Eu tenho coisas para fazer, então quanto mais rápido isso terminar, melhor.

— Como o quê? — perguntou Terrance. — Fazer as unhas?

Cat mostrou os dentes para o homem em um sorriso de escárnio, inclinando a cabeça como se ele fosse uma criança precisando de uma bronca.

— Talvez elas estejam se sentindo terrivelmente subutilizadas esta semana. Eu estive procurando pela garganta certa para arrancar, e a sua deve servir.

— Chega, Catrina. — Dante riu.

— Não tenho nenhum problema com o seu novo status — declarou Maximo, sua voz se tornando perigosamente calma. — No entanto, tenho problema com você trazendo uma mulher para isso.

— Esta mulher é minha esposa — interrompeu Dante bruscamente. — E ela não é como sua a de qualquer outra pessoa nesta sala hoje. Como já disse, ela também é minha parceira, o que significa que, se eu escolher trazê-la como conselheira, porque nossos negócios tendem a se misturar, e o que me beneficia também é bom para ela, tenho todo o direito de fazer isso.

— Ela é uma mulher! — Terrance latiu. — Mulheres não são permitidas em...

— Você não é Cosa Nostra — Dante respondeu, calando o homem instantaneamente. — Seria extremamente sábio da sua parte se lembrar disso agora, Terrance. Você escolheu não seguir as regras que o resto dos homens nesta sala segue, então não jogue na minha cara quando for conveniente para você.

— Eu também não gosto disso — disse o líder da Guzzi, erguendo a sobrancelha na direção de Cat. — Mulheres nos negócios nunca acaba bem.

— A minha sim. — Dante se moveu para o lado, puxando uma cadeira e sentando ao lado de Cat.

— Você está sujando o nome da Cosa Nostra e não posso aceitar isso — disse Maximo do outro lado da mesa.

— Então me peça para sair. — Dante encolheu os ombros sob o paletó preto.

Os homens ficaram quietos.

— Você não vai, vai? — Dante perguntou, humor colorindo suas palavras. — Porque se os Marcello deixarem esta mesa, o resto de vocês também vai ter que ir. De uma forma ou de outra, muito do seu negócio está

ligado a Nova York e às famílias daqui. Sem nossos contatos no porto, muitos de vocês precisariam repensar suas importações.

— Sem nossos contatos na cena política, alguns de vocês não seriam tão integrados ao lado político das coisas como vocês são — acrescentou Lucian.

— Eu estou aqui apenas para ver o show. — Giovanni riu.

Dante olhou para o irmão mais novo, e Cat reprimiu seu sorriso.

— Independentemente disso, é algo para eles considerarem — disse Dante, apoiando as mãos na mesa e entrelaçando os dedos. — Quantas vezes os Marcello ofereceram proteção a um de vocês, ou mesmo ajudaram com as conexões para concertarem seus erros? Nós somos a família dominante nesta mesa tanto em tamanho quanto em território. Somos os mais lucrativos e, como tendemos a trabalhar com os outros, se tirarmos vocês de algumas áreas, suas conexões com Nova York cairão como moscas. Confie em mim quando digo que as famílias neste estado não têm problema em aceitar minha esposa para o próprio benefício.

— Você está tentando sugerir que podemos pensar em você como o *capo di tutti capi* nesta mesa? — perguntou Maximo.

— Absolutamente não — respondeu Dante.

Cat não se incomodou em esconder o sorriso daquela vez. As palavras não ditas de Dante eram muito mais altas que as reais: *Mas nós dois sabemos que sou.*

— Gostaria de esclarecer uma coisa — disse uma voz à extrema esquerda de Cat.

Ela ficou tensa com o tom arrogante de Carl Calabrese. Ela não gostou dele desde o primeiro encontro, mas também sabia que ele não causaria problema com ela. Não depois do jantar e da oferta de Dante.

— O que é, Carl?

— Um boato circula — disse ele.

— É mesmo?

— Sim, de que você adotou um garotinho.

Dante se endireitou na cadeira enquanto cada olhar pousava nele. Ele havia avisado a Cat que o filho deles poderia ser citado na reunião, mas ela não gostou da maneira como a palavra *adotado* estava praticamente sendo cuspidada dos lábios do homem. Como se Michel valesse menos do que qualquer outra criança por causa da maneira como ele se tornou o filho de Dante.

— O que tem isso? — perguntou Dante.

— É verdade?

— A adoção não é muito apreciada — disse Terrance, balançando a cabeça. — E não apenas pela Cosa Nostra, Dante.

— Ele é meu filho — disse Cat, querendo tirar a atenção do marido por um momento. — E não adotado, mas biologicamente, ele é meu. Minhas razões para afastá-lo do meu marido foram pela segurança do garoto contra o pai biológico dele.

— Onde está o pai dele? — perguntou Maximo.

— Dante é o pai dele, — disse Lucian instantaneamente.

— Seu verdadeiro pai, então.

— Morto — murmurou Dante. — E meu filho não vai perder nada com a morte do homem. Tecnicamente, a adoção por mim pode ser considerada segura, e já que ele não tem família, além da minha esposa, não haveria nenhum problema futuro com mais ninguém. Podemos seguir em frente? O status de Michel como meu filho é sólido, não vou discutir sobre isso.

— Sabe de uma coisa — Cat disse baixinho, trazendo todos de volta para ela quando começou a lixar as unhas novamente. — Discutir se eu tenho

ou não a coragem de sentar nessa mesa com o resto de vocês é inútil. Tenho pouco a provar para qualquer um de vocês, nem preciso fazer isso. Então vocês podem optar por continuar agindo como se estivessem com medo do que um par de peitos e os ovários possam ter algo importante a dizer, ou podemos nos sentar como pessoas de negócios que somos e começar a trabalhar. A escolha é de vocês, meninos.

— Eu acho que ela está certa, não está? — Dante se recostou na cadeira, imperturbável ao lado de Cat.

Os homens começaram a conversar.

Capítulo Vinte

Johnathan, de dois anos, passou pelas pernas do tio, a testa passando de raspão no canto do balcão da cozinha. Dante tentou não rir quando o garoto perdeu o equilíbrio e tombou de pernas para o ar. Nem deu tempo de piscar os olhos e Johnathan já estava de pé, limpando a bunda como se nunca tivesse caído, e correndo para fora da cozinha.

Dante balançou a cabeça, imaginando de onde Johnathan tirou essa energia constante. Lucian sempre foi tão tranquilo. Bem, a não ser que alguém o irritasse, mas isso nem chegava perto da hiperatividade de Johnathan, que era como uma criança supersônica.

Havia algo em seu sobrinho mais velho que sempre deixava Dante feliz, não importava como tinha sido o dia dele. Johnathan parecia causar esse efeito em todos. O garoto estava sempre fazendo algo engraçado. Certamente, ele dava a Lucian e Jordyn um trabalhão.

Dante se virou para as três mulheres sentadas em volta da nova mesa da cozinha, jogando um jogo de cartas. Os irmãos, suas esposas e as crianças ainda iam para o jantar de domingo de Antony e Cecília, mas os sábados estavam reservados para as famílias se reunirem e fazerem o que quer que fosse. Este sábado era o de Dante e Catrina, o que normalmente significava churrasco, cerveja e nada de negócios para os irmãos.

Catrina e Dante haviam se mudado para sua nova casa meio ano antes. Às vezes, ele sentia falta de seu apartamento, mas ele amava essa casa. Porque ele a construiu com sua esposa e filho.

— Jesus, ele tem muita energia para queimar — disse Dante, rindo.

— Nem me fale. — Jordyn sorriu do lugar dela na mesa. — Ele bem que poderia gastar ela toda enquanto estamos em sua casa. Só assim ele fica menos propenso a quebrar alguma em casa.

— Muito legal isso — Catrina respondeu, levantando o dedo do meio.

— Ei, só estou falando a verdade.

— Claramente você tem passado muito tempo perto de Giovanni — disse Kim, olhando para as cartas viradas para cima ao redor da mesa e depois para suas próprias mãos. Ela cantarolou indecisa antes de dobrar a mão. — Você deveria parar com isso antes de se contagiar com a burrice dele.

— Você está contando as cartas de novo? — perguntou Jordyn, estreitando os olhos. — Você é uma trapaceira!

— Não sou!

— Pegou dele — Catrina respondeu, sacudindo o polegar na direção de Kim. — Ela faz isso toda vez, e você continua esperando que ela pare. Ela nunca vai parar. O vício é uma doença, você não sabe?

— Eu não estava contando! — Kim meio que gritou, rindo.

— Mentirosa — murmurou Jordyn. — Não sei por que eu jogo pôquer com você. Até seu próprio marido se recusa a jogar com você.

— Não é por isso que ele não joga. Gio simplesmente não gosta de perder.

Dante escondeu o sorriso das mulheres, sabendo que elas se voltariam contra ele. Apoiando-se no balcão, Dante assentiu para Jordyn e perguntou:

— Como você vai dar conta de Johnathan quando o próximo chegar?

— Café. Muito café. — Jordyn encolheu os ombros, a mão caindo na barriga redonda.

— E uma droga ou outra — Kim brincou.

— Ei, não descartei isso, ainda. — Jordyn bufou baixinho.

Jordyn tinha pouco mais de oito meses de gravidez. Não demoraria muito para que a primeira *princesa* Marcello da próxima geração chegasse. Havia um novo nível de entusiasmo para a família com esse bebê.

Bom Deus. Uma *filha*. Dante esperava que seu irmão estivesse pronto para esse mundo de problemas.

Catrina viu o olhar de Dante do outro lado da sala, a sobrancelha arqueando.

— O que você está fazendo aqui, afinal?

— Esqueci meu molho.

— Bem, pegue e saia. Nós estávamos tendo uma boa conversa feminina antes de você entrar.

— Esta é a minha casa! — Dante podia ver o humor brilhando no olhar de sua esposa, mas ele ainda agia como se estivesse ofendido.

— Minha cozinha — retrucou Catrina. — As únicas coisas que você possui neste lugar é a sua prateleira na geladeira, sua cadeira na mesa e aquela xícara de café feia no armário. Agora saia.

Droga. Era como crescer na casa dos pais mais uma vez.

— Além disso, Dante, você está interessado em discutir sobre o pós-parto?

Dante se encolheu. Não, ele certamente não estava interessado.

— Até mais tarde, senhoras.

O riso o seguiu enquanto ele pegava o recipiente de que precisava na geladeira e saía apressadamente. Havia algumas conversas que os homens não precisavam ouvir. Essa era uma delas.

Dante não se meteria nessa confusão.

• • •

Dante se sentou na cadeira do jardim, pegando a cerveja que lhe foi oferecida por Lucian e entregando o recipiente de molho enquanto se sentava. Quando seu irmão fez o movimento para ir em direção à casa, Dante

murmurou:

— Eu não faria isso, cara.

— Por quê? — Lucian se virou, levantando a sobrancelha.

— Elas estão conversando sobre algo desagradável hoje.

— Mas... meu uísque está no freezer. Não posso fazer frango com uísque sem uísque, Dante.

— Não é a minha cozinha — respondeu Dante, repetindo as palavras de sua esposa. — Você deveria ter colocado na minha prateleira na geladeira. E adivinhando o discurso de Catrina esta manhã antes de vocês chegarem aqui, ela está *perto* de rotular a maldita prateleira. Então logo, logo você nem terá que adivinhar qual é a minha.

— Ela é como a mamãe. — Gio riu à esquerda de Dante.

— Não diga uma merda dessa. — Dante franziu o cenho. — Isso realmente fode com a minha cabeça. Não há nada sexy sobre esse pensamento.

— O que, como você ter se casado com sua mãe...

— Eu disse para não falar isso!

Lucian nem tentou esconder sua diversão.

— Elas ficam cada vez piores cada vez que se reúnem na mesma sala. Eu juro que put... — Seus olhos voaram para seu filho correndo pelo gramado com um bastão de beisebol de madeira em miniatura na mão. — Jesus amado, elas se alimentam uma da outra.

— Como se Johnathan nunca tivesse ouvido a palavra puta merda — Gio disse, zombando.

— Verdade. — Dante tirou a tampa da cerveja, jogou a tampa em uma lata de aço e tomou um longo gole.

— Porque você ensinou a ele, Gio — resmungou Lucian. — Jordyn ainda não acredita em mim quando eu digo isso a ela, a propósito.

— Ei, pelo menos eu tive a percepção de ensiná-lo a usar corretamente. Dê-me crédito onde é devido.

— Nada a ver, Gio. Você deveria ter cuidado com a língua, considerando... — Lucian parou, lançando um olhar penetrante para o bebê que se aconchegava no peito do irmão mais novo.

— Eu ainda tenho tempo antes de precisar me preocupar. — Gio encolheu os ombros, sua mão tocando ritmicamente o traseiro de Andino para mantê-lo dormindo. — Eu deveria saber que seu filho acabaria puxando alguns dos meus defeitos, cara.

Dante balançou a cabeça, ainda não acreditando que Giovanni era pai de um bebê de nove semanas. Não que Gio fosse um pai ruim, porque ele não era. Ele era ótimo, na verdade, e era surpreendente também. Talvez não devesse ter sido, mas merda, *Gio* era.

Gio era o mais bagunceiro dos três irmãos. Não havia autocontrole ou restrição. Sua atitude em relação à vida em geral era assustadora às vezes. Se alguém dissesse a Dante que seu irmão mais novo amadureceria e se tornaria pai — um muito bom que estava totalmente apaixonado por seu filho —, ele poderia não ter acreditado naquela época.

Pai. Gio era pai. *Pai*.

Muito louco isso.

— Beisebol! — Johnathan gritou repetidamente quanto mais perto chegava de Lucian. — Eu quer beisebol, *papà*!

— Você quer jogar beisebol — corrigiu Lucian.

— *Eu disse isso!* — O pé de Johnathan bateu no chão.

— Você precisa da bola também. — Lucian suspirou. — Vá encontrá-la e vamos jogar.

Johnathan jogou o bastão no chão e girou, correndo de volta para a garagem onde estavam guardados todos os brinquedos. Uma vez que o garoto

estava fora de vista, Dante se voltou para seu irmão mais novo.

— Quando vai ter o próximo? — Dante perguntou a Gio, brincando.

— Não vou. — Gio sorriu. — Eu fiz uma vasectomia na consulta de duas semanas de Andino. Zerei, Dante.

— Sério? — perguntou Lucian.

— Sim. Fiz no consultório do médico. Se você não ver, não é tão ruim.

— Não, quero dizer, você não quer mais filhos?

— Eu acabei de dizer isso, Lucian. Limpe seus malditos ouvidos.

— Mas você é um ótimo pai. — Dante estava confuso como o inferno.

— Vou ser ótimo para apenas Andino. — Gio acenou com o comentário. — Um já está bom. Kim e eu estamos bem com isso.

Murmúrios e risadas de criança vindas do monitor do bebê ao lado de Dante o impediram de questionar Gio ainda mais. Sabendo que Catrina estava se divertindo completamente com as outras garotas, Dante não queria pedir sua esposa para pegar Michel. Desculpando-se, ele entrou na casa e subiu as escadas, encontrando seu filho adotivo de quase dois anos saltando para cima e para baixo no berço.

Ele provavelmente deveria parar de usar essa maldita coisa e usar uma cama, mas Michel era muito curioso e se enfiava dentro de tudo.

— O que você está fazendo, *piccolo*? — Dante perguntou, pegando o menino de olhos castanhos.

— Fora, *papà*.

— Venha com papai, Michel.

O grande sorriso que seu filho demonstrava ao estar na presença de seu pai aqueceu instantaneamente Dante. Havia tantas coisas na vida que Dante achava que ele teria de viver sem — um filho em seus braços era uma

dessas coisas; a mulher no andar de baixo com seu sobrenome que ele amava inteiramente era outra.

Afinal de contas, se ele não podia oferecer a uma mulher as coisas normais que vinham junto com o amor e o casamento, o que ele realmente tinha para dar?

Não muito.

Dante não poderia estar mais errado.

Sempre foi ótimo para Dante ver como seu pai, Antony, nunca tratara Lucian de maneira diferente de seus outros filhos. Não que ele achasse que seu pai amava menos Lucian, mas talvez não seria o mesmo com a criança que ele ajudou a criar.

Mais uma vez, Dante estava errado.

Para Dante, Catrina e Michel eram *tudo*. Ninguém mais lhe dava esses sentimentos ou esse desejo. Ninguém no mundo poderia trazer à tona a necessidade quase possessiva de proteger, estimar e amar como sua esposa e seu filho.

E Michel... Deus, *Michel*.

Os olhos castanhos, cabelos loiros e aqueles dedinhos.

Cada centímetro dele era incrível.

A criança poderia não compartilhar o sangue de Dante ou seus genes, mas ele com certeza compartilhava todo o resto. A partir do momento em que segurou o menino pela primeira vez, Dante não se importou com nada mais. Ele deixou sua raiva persistente da sua esposa pelas suas mentiras de lado — ele amava.

Mais do que ele jamais imaginou ser possível, ele *amava*.

— Adivinha quem está aqui? — Dante perguntou ao filho enquanto trocava as roupas de Michel por algo adequado para brincar lá fora. — Tio Lucian... Johnathan... e...

— *Tio Gio!*

Dante riu. Havia algo em Gio que as crianças adoravam. Era provavelmente a falta de filtro e o fato de todo mundo estar sempre zoando com ele, muito parecido com o que as crianças faziam. Gio também era desinibido em basicamente tudo o que ele fazia, então a diversão era garantida sempre que ele estava por perto.

Puxando as calças de Michel e colocando um par de pequenos tênis Adidas, Dante colocou o filho no chão. Michel estava fora do quarto num piscar de olhos, os pés minúsculos batendo no chão pelo corredor. Dante correu para alcançá-lo, mantendo-se perto enquanto seu menino descia as escadas.

Dante estava passando pela cozinha e percebeu que sua esposa não estava sentada à mesa com Kim e Jordyn. Ele deixou Michel ir em frente, esperando que o filho abrisse as portas da varanda e desaparecesse do lado de fora.

— Onde está Cat? — perguntou Dante, entrando na cozinha.

— Você não a viu lá em cima? — Jordyn tirou os olhos do celular.

— Não.

— É para onde ela foi, eu acho. Algo sobre roupas na máquina de lavar.

Dante assentiu e saiu da cozinha. Ele foi em busca de sua esposa. Catrina era louca por limpeza, queria que as roupas estivessem todas limpas e tudo em ordem, mas nunca nos dias em que sua família estava lá. Algo estava errado, então ele seguiu seu intestino.

Claro que a lavanderia no andar de cima estava vazia. O banheiro anexo ao quarto principal, no entanto, não estava. O olhar ansioso de Catrina junto com os dentes mordiscando o lábio inferior disse que Dante estava certo ao imaginar que algo poderia estar errado.

— O que foi? — Dante perguntou a sua esposa, inclinando-se na porta.

— Eu não consigo olhar. — Catrina sentou-se na beira da banheira, as mãos escondidas no colo.

— Hã?

Um pedaço fino de plástico rosa e branco apareceu no ar antes de desaparecer sob as mãos de Catrina em seu colo. Dante entendeu na hora. Ele não tinha certeza do que dizer para aliviar a tensão dela.

Naquela noite, tempos atrás, sua esposa pediu a ele que fizesse o teste de viabilidade do esperma para que eles pudessem saber se mais crianças eram possíveis. Para Dante, o procedimento era simples, apenas um pouco estranho. Ele esperava os mesmos resultados que recebera antes: esterilizado, nenhum esperma viável e absolutamente nenhuma chance de ter filhos no futuro.

Mais uma coisa para adicionar a sua lista de coisas que ele estava errado.

Os resultados não foram exatamente bons, mas também não tinham sido como antes. O jeito natural funcionaria? Provavelmente não. Depois de repassar o que poderia ser feito para ajudar, Dante e Catrina optaram por um procedimento seletivo. Os espermatozoides mais saudáveis foram coletados e armazenados, o que levou muito tempo para separar uma quantidade decente. Durante um período fértil, eles foram inseminados diretamente no útero, perto do local que precisavam estar.

Dante odiou isso. Para ele, era desconfortável ter repetidas sessões com a palma da mão apenas para entregar o resultado a um especialista, que examinaria seu esperma sob um microscópio. Para sua esposa, era invasivo ter aquelas mesmas pessoas exigindo que ela tomasse hormônios e remexesse em seu útero.

Por meses eles tentaram... e nada.

O procedimento padrão era que Catrina começasse a usar testes de gravidez caseiros, os quais poderiam mostrar uma gravidez. Isso poderia levar até cinco dias antes do primeiro ciclo perdido.

Daí, o teste escondido no colo de Catrina.

Mesmo assim, ele ficou surpreso ao vê-la realizando um teste de gravidez. Depois de todo esse tempo de decepção, ele pediu à esposa que parasse de testar e esperasse para ver se seus ciclos vinham naturalmente. Era emocionalmente desgastante ficar excitado de novo e de novo apenas para se decepcionar de novo e de novo.

— Eu pensei que tínhamos conversado sobre isso. — Dante franziu a testa, ficando tenso. Uma discussão com sua esposa não estava no topo de sua lista de merda.

— Eu sei — Catrina sussurrou. — Mas as garotas estavam conversando sobre as coisas no andar de baixo. Isso me fez pensar e me incomodou. Não fiz nenhum teste este mês, Dante. Não estou atrasada ainda. Mas não chequei nenhuma vez.

— Você disse que não ia — ele respondeu baixinho.

— Eu não pude evitar.

— Ouça, Cat, eu amo Michel.

— Eu sei que sim! — A cabeça de Catrina se levantou, os olhos arregalados.

— Não, eu só quero dizer que eu amo esse menino. — Dante entrou no banheiro, fechando a porta atrás dele no caso de alguém subir e acidentalmente ouvir a conversa deles. Apesar de seus problemas de fertilidade serem conhecidos por seus irmãos, Dante não discutia abertamente o que ele e sua esposa estavam fazendo. — Ele é meu menino, sabe?

— Sim, eu sei.

— Ok, então saiba que estou bem com apenas ele.

— Você tem certeza? — Catrina mordeu o lábio inferior novamente.

— Absolutamente. Não quero continuar fazendo esses procedimentos e passar por esse inferno todo mês quando realmente não precisamos. Nós temos o nosso filho. Ele é saudável, feliz e perfeito. Ele é tão amado. Quem se importa se ele não é meu biologicamente?

— Esta é a última vez que eu quero ver uma dessas coisas em minha casa — continuou Dante, acenando para o pedaço de plástico na mão de Catrina. — Não quero continuar fazendo isso. Nós tentamos. Não funcionou. Acabou. Eu estou bem com isso. Michel é o suficiente para mim, Cat. Ele é.

— Ainda há a opção de fertilização *in vitro* — disse Catrina. — Tem chances melhores.

— Isso é algo que você quer? — Dante suspirou pesadamente.

— Na verdade, não. Imaginei que se isso não funcionasse, não funcionou.

— Ok, então deixe pra lá, *Amore*. Nós temos o nosso filho. Ele é o suficiente para nós. Certo?

— Ok, você está certo. Eu sei que você está certo. — Catrina se levantou da beira da banheira e colocou o teste de gravidez voltado para baixo na bancada. — Última vez, eu prometo.

Então, ela não fez nada.

— Não quer olhar?

— Não. Provavelmente porque eu sei que é a última vez. Isso torna ainda mais difícil. Já está doendo, *bello*.

— Poderíamos jogar fora e esquecer — sugeriu Dante.

— Sim, certo. — Catrina bufou. — E então um de nós voltará, cavando a porra do lixo em cinco minutos. Só olhe a maldita coisa para mim.

Dante riu, estendendo a mão para agarrar sua esposa pelos ombros e

puxá-la para seu abraço. Catrina enterrou o rosto no peito dele e relaxou imediatamente. Isso o lembrou de todas as razões pelas quais ele amava sua esposa.

Catrina era uma mulher forte. Ela era mal-humorada pra caralho, não dava a mínima para ninguém, podia se controlar em algumas das situações mais assustadoras sem piscar. Dê a ela uma faca em uma sala cheia de armas e saiba que ela faria o trabalho, independentemente das balas voando.

Ela era durona — mais dura que a maioria dos homens com quem Dante trabalhava. Ela era nascida em um mundo governado pela Cosa Nostra e aprendeu sozinha a ser a Rainha. Ela estava do seu lado nos negócios e no prazer, e ele não dava a mínima para o que qualquer homem na sala achasse sobre isso. Ela mereceu o seu lugar, mais do que qualquer um.

Mas... ela também era esposa, mãe, mulher, amante e melhor amiga. Era macia como algodão sob aquele exterior afiado como vidro. Houve lágrimas que ele limpou do rosto dela que ninguém mais veria. Proteção, conexão e amor eram as coisas que ela pedia e também fornecia. Às vezes, era apenas o simples ato de sua mão na dela que ela precisava, porque ela tinha sido criada em um ambiente no qual coisas assim não eram dadas livremente.

No mundo de Dante, em sua casa e na família da Cosa Nostra que ele governava, Catrina era sua rainha. E ela sempre seria. Ele fazia questão disso. Era o mínimo que ela merecia.

Eles não eram pessoas boas; nem fingiam ser. Eles poderiam ser implacáveis e cruéis; eles eram sem lei e impiedosos.

Essa era a vida deles.

Mas porra, ele não queria compartilhar isso com nenhuma outra mulher.

Apenas com sua Cat.

— Amo você — Dante murmurou na curva do pescoço de sua esposa.
— Amo você — ela repetiu.

Segurando Catrina ainda mais forte, Dante beijou seu pescoço e silenciosamente virou o teste de gravidez. Olhando de relance, havia apenas uma linha. Dante soltou um suspiro e não deu atenção ao resultado.

Não havia tristeza por ter dado negativo. Nenhum arrependimento pelos testes e procedimentos. Não havia dúvidas sobre a escolha de interromper as tentativas de terem outro filho. Ter Michel era o suficiente para eles. Nada mudaria esse fato. Nunca.

— Negativo? — Catrina abraçou a cintura de Dante com mais força.

Dante pegou o teste, prestes a confirmar a pergunta de sua esposa, mas algo o impediu. Que loucura — a linha era fraca demais para ser vista no banheiro mal iluminado, com apenas o olhar de relance que Dante dera ao teste a princípio.

O braço de Dante nos ombros de sua esposa se apertou. Ele lembrava claramente os médicos sendo muito claros sobre os testes. Não importava quão fraca fosse a linha, só havia uma visível a olho nu. Estar fraca significava simplesmente que não havia uma quantidade altamente concentrada de hormônios na urina, mas, independentemente disso, o teste ainda mostrava uma sugestão dos hormônios.

Ainda era um *positivo*.

— Puta merda. — Dante riu. O som começou em algum lugar em seu peito e saiu.

— O quê?

Catrina se virou rapidamente em seus braços, as mãos espalmadas no balcão de cada lado do teste, quando Dante o colocou de volta.

— Olha — ele ordenou, excitado. — Oh meu Deus, Cat. Olhe para isso.

A respiração de Catrina ficou presa. Dois pausinhos.

— Sim.

— Meu Deus!

Catrina repetiu as palavras enquanto se contorcia nos braços de Dante e o beijou com força. A alegria que varria as veias de Dante consumia tudo. Depois de se apaixonar por Catrina e de novo por Michel, nada tinha sido tão incrível.

— O que eu disse sobre Michel ainda está em pé — murmurou Dante, segurando o rosto de sua esposa em suas mãos. — Eu estava falando sério, Cat.

— Eu sei. Isso torna tudo ainda melhor. Deus, há muito que tenho que fazer. A clínica vai querer me ligar e marcar uma consulta para que eles possam confirmar por meio de exame de sangue.

— Não. — Dante a calou com outro beijo.

— Não?

— Não — ele repetiu com firmeza. — Tenho certeza de que você tem mais uma dúzia desses malditos testes escondidos em algum lugar. Pegue outro, mas nós dois sabemos o que vai aparecer. Então vamos apenas aproveitar isso, Cat. Em particular sem os médicos e todas as suas bobagens. Por favor, nos deixe curtir esse momento juntos o máximo que pudermos, mesmo que seja apenas alguns dias.

— OK. — Catrina acenou com a cabeça bruscamente, a umidade em seus olhos.

— Não corra com Michel.

— Entendido.

— Me conte se você estiver cansada ou se sentindo mal para que eu possa deixá-la descansar ou relaxar.

— Pode deixar.

— E você vai me odiar por isso, mas nada de negócios, Cat. É arriscado demais em um bom dia, mas quando você está envolvida, o nível de perigo aumenta em uma dúzia.

— Estou grávida, não doente. — Catrina levantou uma sobrancelha desafiadoramente.

Dante riu. Ela não teve problemas com os outros pedidos dele, mas falar em removê-la do lado que administrava a família do crime para evitar que ela fosse ferida, ela estava disposta a lutar com unhas e dentes. Essa era a garota dele. Louca como o inferno.

— Exatamente — disse Dante suavemente. — Você está grávida do meu filho, e nós dois sabemos que esta é a última chance que teremos de ver isso se concretizar. Não seja ridícula. Não é seguro. Se eu precisar colocar dois guarda-costas na sua cola, farei isso. Não comece, *Amore*. Isso vai acontecer.

— Você é tão teimoso — ela respondeu, fazendo beicinho.

— E muito apaixonado por você, você quer dizer.

— Bem, isso também. — Catrina sorriu.

— Mantenha apenas entre nós por agora, certo? — Dante pediu.

— Só entre nós. — Catrina fungou. — Bem, não... eu tenho que ligar para sua mãe. Ela morreria se eu não contasse a ela no exato momento em que soubéssemos.

Dante riu. Demorou um pouco, mas quando Cecelia percebeu o quanto Catrina estava feliz e satisfeita, ela aceitou sua terceira nora. Dante ficou grato e sabia que Catrina estava satisfeita por sua mãe finalmente ter dado a ela o respeito e o amor que merecia.

— É melhor você ligar para mamãe.

• • •

— O que te deixou tão feliz? — Gio perguntou quando Dante finalmente retornou para a área externa.

— Nada. — Aparentemente, manter sua excitação em segredo não seria tão fácil quanto ele imaginava. Nada.

— Mentira. Parece que alguém acabou de lhe dar comprimidos da felicidade ou algo assim.

— É um bom dia para mim, Gio. Isso é tudo.

Michel correu até o pai, as mãos batendo nos dois joelhos de Dante. Inclinando-se, Dante beijou o filho na testa antes de mandá-lo novamente brincar com Lucian e Johnathan.

— Não deixe que o bastão acerte meu filho — avisou Dante.

Lucian não respondeu, simplesmente se virou e voltou para as crianças.

Dante nem se importou. Gio percebeu isso imediatamente.

— Sêrio, que porra é essa?

— Nada, eu já falei. Então, voltando, você não quer ter mais filhos?

A melhor maneira de tirar Gio de um assunto era distraí-lo com outra coisa. Especialmente se isso significasse que alguém estava questionando suas escolhas.

— Parece cedo para tomar grandes decisões como essa — acrescentou Dante.

— Considerando que havia uma agulha e uma faca nas minhas bolas para ter certeza de que isso não iria acontecer de novo, sim, não quero mais filhos. — Gio franziu o cenho.

— Ai. — Dante se encolheu.

— Ainda bem que você não precisa se preocupar com isso, cara.

Bem, talvez não. Dante não corrigiu seu irmão mais novo.

— Kim estava realmente bem com isso?

— Kim odiava estar grávida. Não foi fácil para ela. Ela vomitou desde o dia em que descobriu até cinco minutos antes de Andino nascer. Sem contar que ela não podia fazer quase nada por causa dos enjoos, depois a hemorragia pós-parto e a depressão de sentir que faltava alguma forma, então ela não queria fazer isso de novo. Eu não queria que minha esposa fosse infeliz, e meu filho é mais do que suficiente.

— Eu entendo — disse Dante, olhando o próprio filho no gramado.

— Além disso, estava pensando em algumas coisas.

— E?

— E talvez eu queira voltar para a faculdade daqui a alguns meses e me formar em direito. — Gio encolheu os ombros. — Afinal, Paulie não está ficando mais jovem e está pronto para se aposentar do cargo de *consigliere* desde que meu pai renunciou. As coisas estão tranquilas para mim agora, e tem caras cuidando das coisas para mim por toda a cidade. Quem você vai escolher para dar essa posição, hein?

— Ainda com foco na defesa criminal, irmãozinho?

— Claro — Gio respondeu com um sorriso. — Deus sabe que algum dia um de nós vai precisar.

— Papai nunca precisou.

— Papai não é nós.

— Verdade. — Dante exalou pesadamente.

— Kim me quer fora das ruas também.

— Faz sentido — disse Dante em voz baixa. — Você vem fazendo isso há anos. Hora de algo novo. Gostaria que você fosse minha mão direita agora que está tudo bem com você.

— Você acha que papai planejou isso? — Gio lançou um olhar ao irmão, ainda com um sorriso maroto. — Que nós três acabaríamos com uma família?

— Eu não tenho nenhuma dúvida sobre isso.

— Ele me disse uma vez que ele daria a vida para a Cosa Nostra.

— Qual é a sua vida?

— Andino.

— E nós somos a vida dele, Gio. — Dante assentiu.

— Sim, eu sei.

— Pronto, *piccolo*?

— Pronto!

Dante olhou para cima ao ver Lucian segurando uma bola, parado a poucos metros de distância de Johnathan, que segurava o bastão de madeira em miniatura. Dez metros atrás, Michel estava sentado na grama, esperando o mais pacientemente possível sua vez.

Dante não tinha certeza se a proximidade de Lucian era um bom plano depois que a bola tivesse sido jogada fora. Afinal, o bastão de Johnathan tinha a altura certa para acertar a virilha de seu pai.

— Ah, Lucian, eu não acho que seja uma boa ide...

Gio balançou a cabeça ao lado de seu irmão, parando-o.

— Deixe ele, Dante. Eu vivo para ver essas coisas. Além disso, se ele for estúpido o suficiente para fazer isso, deixe que ele sofra enquanto rimos às custas dele.

E ali estava o motivo pelo qual as crianças amavam Gio.

Johnathan bateu a bola, enviando-a diretamente para seu pai. Felizmente para Lucian, ele viu a bola chegando e conseguiu evitar o pior, mas acertou a parte interna da coxa bem perto daquele lugar.

Tanto Gio quanto Dante soltaram risadas, acordando Andino, que ainda se aconchegava no peito do pai.

— Jesus Cristo! — Lucian gritou.

— Isso é palavrão. — Johnathan largou o bastão.

Uma mãozinha gorda bateu as palmas das mãos.

— O que diabos ele está fazendo? — perguntou Dante.

Gio riu, mas não respondeu.

— Essa é uma palavra *feia, papà* — repetiu Johnathan, a mão ainda à espera. — Me dá.

— Johnathan Antony, eu te disse.

— Me dá agora, *Papá*.

As risadas de Gio ficaram mais altas quando ele tentou conter o riso e falhou miseravelmente. Dante estava tão confuso, mas se divertindo ao mesmo tempo. Ele não sabia o que estava acontecendo. Com certeza tinha a ver com Gio.

— *Mamãe!*

— Tudo bem — Lucian retrucou. Sua mão desapareceu no bolso, puxando o que parecia ser um pedaço de doce embrulhado em papel brilhante. Ele entregou para seu filho, o que parou a chantagem da criança instantaneamente. — Aqui, pegue e vá.

— Deus, isso é ouro. Meu melhor trabalho. — Gio riu mais alto.

— Você é horrível, Gio. — Finalmente, Dante entendeu, seu próprio riso sacudindo seu corpo.

— Eu sei, eu sei. Mas é incrível, não é?

— Eu te odeio por ensinar isso a ele. — Lucian andou pelo gramado, olhando para o irmão mais jovem durante todo o tempo.

— Não, você não odeia não — respondeu Gio. — Você acabou de fingir que odeia isso.

— Com que frequência você xinga na frente dele? — Dante perguntou a Lucian.

— Obviamente, muitas vezes. Gio não conseguiu ensinar nada útil a ele, como um maldito palavrão ou algo assim. Não, tinha que ser doce.

A energia constante de Johnathan de repente fez muito mais sentido.

— Você pensa tão pouco de mim, Lucian. Muito em breve vou te ensinar por que o dinheiro é mais valioso que doces — Gio informou como se não fosse nada. — Jordyn vai precisar de um descanso, de qualquer maneira. É isso que você ganha quando me escolhe como padrinho. Deveria ter pensado mais nisso.

— Ainda odeio você. — Lucian franziu o cenho.

— Como eu disse, você não odeia.

Gio se levantou, estendeu um cobertor na grama e colocou Andino que agora estava acordando. O bebê piscou para o mundo ao redor dele, os braços minúsculos acenando e pernas chutando. Gio deu um tapinha na barriga do bebê antes de se sentar com os irmãos.

Por muito tempo, Dante observou os três garotos no gramado e percebeu algo. A ordem etária dos filhos dos irmãos seguiu o mesmo padrão que a ordem de nascimento de seus pais. Lucian era o mais velho, Dante era o do meio e Gio era o caçula. Quais eram as chances disso?

É claro que ainda haveriam mais dois nascimentos no próximo ano, talvez mais se Lucian e Jordyn continuassem a fazer filhos. Estranhamente, Dante sentiu que esses seriam os únicos garotos.

— Você sabe que Michel nunca poderá se juntar *a la famiglia* — disse Gio baixinho, olhando para Dante.

— Eu sei.

As regras para La Cosa Nostra eram claras. O homem tinha que ser pelo menos metade italiano e precisava vir da parte do pai. A linhagem completa de Michel era desconhecida e, embora pudessem seguramente presumir que ele era siciliano por completo, alguém poderia tentar contestá-lo. Dante não deixaria seu filho ser desprezado por causa de seu sangue.

— E eu realmente não me importo — acrescentou Dante, rindo. —

Uma coisa a menos para eu me preocupar quando ele ficar mais velho.

— E Cat? — perguntou Lucian, levantando uma sobrancelha. — Ela pode estar diminuindo o ritmo, mas ainda tem uma equipe de pessoas trabalhando com ela. Ela sempre vai ser uma Rainha, Dante. Michel poderia seguir seus passos. Pense nisso.

Dante não precisava.

— Eu acho que ele vai ter uma professora incrível, então. Desejo a ele boa sorte e estou feliz por não ser eu.

— Sim, considerando o quão peculiar ela é, eu também. — Gio riu.

— Recebi uma ligação interessante hoje de manhã — informou Dante aos irmãos.

Os dois olharam para ele, esperando que ele continuasse.

— Algo sobre Chicago — disse Dante.

— O que tem? — Gio perguntou.

— Aparentemente, o terreno para o nosso sindicato está... instável.

— Terrance Trentini, você quer dizer — disse Lucian.

— Sim. — Dante suspirou, chutando as botas e cruzando os tornozelos. — Estão infiltrando gente na Comissão. Entendem o que estou dizendo?

— Sério? — Lucian tossiu, escondendo sua surpresa.

— Sim. Aquele capo está a poucos passos de encontrar seu criador, cara.

— Merda — Gio murmurou.

— Quem colocou eles lá? — Perguntou Lucian.

— Não é importante e não é da nossa conta. — Dante balançou a cabeça. — Nós poderíamos colocar um novo líder no sindicato de Chicago, de qualquer maneira. Terrance já nos irritou bastante. Não tive problema em enviar uma resposta afirmativa.

— E os outros membros da Comissão? — perguntou Gio.

— Espere e verá — respondeu Dante. — E enquanto esperamos, fiquem fora disso. Especialmente se isso acontecer. Só porque eu afirmo positivamente sobre a morte de um chefe, não significa que quero me envolver em uma guerra em Chicago.

— Por que haveria uma guerra? — Gio franziu a testa.

— O único filho dele não é um homem feito, seu neto é um grande idiota e ninguém sabe quem ocupará o lugar. Metade dos homens vão querer alguém que possa manipular, enquanto a outra metade vai querer um homem que possa ser o manipulador. Vocês sabem o que isso significa.

— Sangue — respondeu Lucian.

— Não nosso, no entanto — disse Dante.

Gio assentiu, descansando em sua cadeira. Sim, entendemos.

— O que devemos ensinar a eles, hein? — perguntou Dante, não direcionando sua pergunta para nenhum de seus irmãos em particular. Ele olhou para as crianças na grama, até mesmo o pequeno Andino ainda chutando as pernas e agitando os braços.

— Para quem, os meninos? — perguntou Lucian.

— Sim.

— Sobre o quê?

— A vida, eu acho.

— A mesma coisa que papai nos ensinou — respondeu Lucian, olhando para seus irmãos.

— Ter honra — disse Gio.

— Amar ferozmente — acrescentou Lucian.

— Ser imoral. — Dante sorriu.

Epílogo

— Você é tão idiota, Michel!

— Olha essa boca — disse Catrina quando o carro parou.

— Me deixe em paz, Catherine. Não vou te pedir de novo.

— Calma, Michel — gritou Dante para seu filho de quase dezessete anos. — *Cazzo*, você está me irritando, filho.

As palavras nem sequer saíram de sua boca antes que a porta do SUV se fechasse, abafando o aviso de Dante. Ao olhar para o banco de trás, onde seu filho adolescente havia sentado, Dante suspirou duramente.

— Dê um tempo a ele, *bello* — disse Catrina, desafivelando o cinto de segurança. — Ele está tendo dificuldade com tudo isso.

— Posso sair? — Catherine perguntou, seu sarcasmo escorrendo muito docemente. — Ou alguém quer gritar comigo também?

A frustração de Dante aumentou quando ele olhou para sua filha de treze anos de idade. Adolescentes eram a pior invenção que a humanidade já criou. Ou Deus, que seja. Não havia como satisfazer esses pequenos monstros. Desrespeito e insolência eram comuns. O desafio constante era uma batalha que Dante ainda não vencera.

Ele era o chefe da máfia, pelo amor de Deus, controlava centenas de homens, mas não conseguia controlar os próprios filhos.

Deus sabia que Dante amava seu filho e filha. Ah, ele amava mesmo. Catherine e Michel eram seu orgulho e alegria. Tudo o que ele tinha de bom dentro de sua alma foi colocado naquelas crianças. Eles não precisavam de nada, o que pode ter sido parte do problema, e seus pais o adoravam todos os dias de suas vidas.

Eles eram um verdadeiro *príncipe e princesa*.

Mas isso não significava que ele tinha que gostar deles todo o maldito

tempo.

— Catherine Cecelia... — Dante avisou, olhando para a filha esperando que estivesse expressando seu desprazer com seu desrespeito.

— Sim, papai?

Doce como açúcar, Catherine sorria como um anjo. Ela se parecia incrivelmente com a mãe, mas com olhos verdes e cabelos escuros. Dante não iria cair na armadilha aparentemente inocente de sua filha. Ela era sua mãe da cabeça aos pés. Catrina não podia negar que aquela garota era dela nem se quisesse. Dante se sentiu mal pelo desgraçado que iria se apaixonar por sua filha.

Que Deus salve a alma daquele pobre homem, porque Dante com certeza não faria isso. Contanto que ele fosse um bom homem, Dante planejava entregar Catherine de bom grado.

— Papai? — Catherine perguntou novamente.

— Saia do maldito veículo, Catherine — Cat estalou, esfregando círculos em sua testa.

Catherine fez o que lhe foi dito. Não importava o quão zangado a garota deixasse seu pai, ela nunca tinha medo dele. Da sua mãe, no entanto, era uma história completamente diferente. Catherine e Catrina eram muito parecidas para o seu próprio bem.

Assim que a porta se fechou, Catrina bufou no banco do passageiro.

— Eles estão me deixando de cabelos brancos.

— Você continua ruiva como sempre foi — Dante bufou, olhando para a esposa.

— Graças a minha visita mensal ao salão. Por que concordamos em ter um filho depois de Michel?

— Você a ama.

Assim como ele.

— Talvez sim, mas eu não tenho que gostar muito dela.

— Se vocês duas não fossem tão parecidas, vocês não brigariam com tanta frequência.

— Duvido. Quando é que isso vai acabar? — perguntou sua esposa em voz baixa, a dor transparecendo em seus belos traços.

— De acordo com minha mãe, nunca.

— *Não*. — Catrina ofegou em falso horror.

— Desculpe, gatinha. Você que perguntou.

— Podemos trancá-los em seus quartos até que completem dezoito anos e depois expulsá-los para a vida selvagem como outros animais fazem com seus filhotes?

— O serviço social diz que não. — Dante riu.

Apesar da agitação de sua esposa com sua filha, Dante sabia que Catrina amava Catherine com cada fibra de seu ser. A partir do momento em que sua filha deu o primeiro fôlego, Catrina se apaixonou. Catrina ensinara a Catherine a mesma independência, ferocidade e confiança que ela tinha desde o momento em que a menina aprendeu a falar e a andar. Foi apenas nos últimos dois anos que uma distância foi colocada entre as duas e a parede foi ficando cada vez mais alta.

Dante entendia exatamente por que isso estava acontecendo, mesmo que Catrina não gostasse de falar sobre isso. Sua esposa não mexia com os negócios há muito tempo — não de forma direta, de qualquer maneira. Claro, ela ainda estava do lado de Dante, mas Catrina há muito havia passado sua coroa para outra pessoa.

Realmente, ele estava grato por isso. Com o passar dos anos, Catrina ganhou mais inimigos em seus negócios do que amigos. As pessoas pareciam confiáveis e amigáveis o suficiente até que queriam se tornar concorrentes. Catrina nunca competia. Ela ainda era Rainha, no entanto. Nos bastidores,

gerenciando mulheres que treinava e preparava para serem fantasmas bonitas no mercado como ela tinha sido uma vez.

No entanto, Catherine era curiosa. Esconder quem você era para seus filhos quando eles tinham acesso ao seu passado com apenas um clique era uma tarefa impossível. Dante não escondia as coisas de seus filhos, nunca precisou, mas esperava que eles o entendessem também. Às vezes, isso significava fingir que você não sabia de nada.

Não, não foi Catherine que construiu essas paredes e colocou distância entre ela e sua mãe. Foi Catrina. Porque se ela não conseguisse reprimir a curiosidade da filha sobre seus negócios, seu próximo passo seria acabar com a ideia por completo. Infelizmente, isso significava se fechar para a filha também. Gostando ou não, Catrina sempre seria a Rainha. Talvez um tipo diferente, mas ainda uma rainha.

De certa forma, Dante sabia que sua esposa estava protegendo Catherine de algo que não queria que sua filha se envolvesse. Às vezes, o estilo de vida deles não lhes dava uma escolha.

— Ela está trocando mensagens com um menino Donati, *hmm* — disse Dante, inclinando a cabeça para o lado para que pudesse avaliar a reação de sua esposa às suas notícias.

— Sério? — A sobrancelha de Catrina se levantou.

— Eles vão para a mesma escola. A família dele é sólida, no entanto. Eu prefiro um Donati do que um Calabrese.

— Você acha mesmo? — Os lábios de Catrina murcharam.

— Não nos negócios, se é isso que você está perguntando.

— E é.

Claro, Dante imaginou.

— Você falou com ela sobre isso? — Catrina perguntou baixinho.

— Sim.

— E?

— E nada. Eu aprovo e é o que mais importa.

— Não para mim — Catrina murmurou. — Quantos anos ele tem?

— Fez 14 no mês passado.

— Muito cedo para dizer, então.

— Muito cedo para dizer o que, Cat?

— Cosa Nostra.

Ah.

— Tivemos sorte com Michel, *bella*. — Dante soltou um suspiro pesado.

— Eu sei.

— Não acho que você sabe. Não de verdade. Nós tivemos muita sorte com ele, Cat. Ele não tinha interesse em se ligar à *la famiglia*, não importava o tipo de negócio, ele quer ser médico, e ele é um ótimo garoto. Focado e seguro.

— *Ahã*.

— Catherine não é Michel e você não pode forçá-la a ser.

— Eu não quero que ela seja como eu.

— Tem certeza? — Dante perguntou rapidamente. — Porque você com certeza a tratou como uma *reginella*. Aquela garota é você, e você não aguenta mais.

— Não é isso. Isso me assusta. Eu me preocupo.

— Você está machucando-a com essa distância, e o comportamento dela está mostrando isso mais e mais. Essa garota perversa e maldosa não é a filha que criamos, Cat.

Catrina franziu a testa, tristeza colorindo seus olhos cor de avelã.

— Independentemente do que possa parecer, não há nada de glamouroso em ser um Rainha, Dante. Ela tem apenas treze anos e eu me

recuso a alimentar esse fascínio ridículo que ela tem com as coisas que faço.

— Então talvez você devesse ter escondido melhor enquanto ela crescia, Catrina. Francamente, ela é uma adolescente, a filha de um chefe da máfia e uma Rainha, e como qualquer garota da idade dela, quanto mais você nega seus interesses, mais provável é que ela procure por conta própria. Isso pode ser perigoso e você sabe. É assim que você quer que ela entre nesse tipo de coisa, de forma errada e estúpida?

— O que eu deveria fazer? O que você sugere, hein?

Dante não tinha certeza. Mas o que Catrina estava fazendo em relação a Catherine, com certeza, não estava funcionando.

— Isso magoa você também, Cat. Não gosto quando você fica assim.

— Você está certo, *bello*. — Catrina sorriu, mas sua tristeza ainda permanecia. — Eu odeio tanto quando você está certo.

Dante riu, estendendo a mão para pegar a mão de sua esposa.

— Eu tenho falado isso com você por anos, se você simplesmente admitisse esse fato com mais frequência, as coisas seriam muito mais fáceis. Mas no que estou certo desta vez?

— Ela é como eu, acho, mas de uma maneira diferente.

— Vai dar tudo certo, Cat. Talvez o fascínio dela seja mais sobre o lugar de onde ela vem do que para onde quer ir.

— Eu espero que sim. — Catrina apertou os dedos de Dante. — Suponho que eu deveria abrir o vinho tinto que nós trouxemos. Vai ser um jantar longo como vimos durante a viagem de carro até aqui.

— Esses adolescentes estão fazendo a gente beber.

— Nós os criamos assim, você sabe. — Catrina sorriu maliciosamente.

— Pare de me lembrar disso.

— Amanhã vai ser...

— Não vamos falar sobre isso agora. — Dante se encolheu.

Dio me salve, pensou Dante enquanto sua esposa o encarava do seu assento. Ele não queria que Catrina ficasse chateada com ele agora. Mesmo assim, esperava desesperadamente que conseguissem passar por este maldito dia sem que pelo menos uma pessoa falasse sobre sua audiência de sentença amanhã.

Sim, o chefe foi pego.

Não havia absolutamente nada limpo em viver no caminho da Cosa Nostra. Não havia garantias. Giovanni estava certo todos esses anos atrás quando disse a Dante que eles não eram como o pai deles. Eles nem sempre saem ilesos das coisas.

Um ano antes, a casa de Dante havia sido invadida por agentes do FBI em circunstâncias que não tinham nada a ver com o que encontraram em sua casa. Algumas armas ilegais, nada de mais. Um pequeno delito, na melhor das hipóteses. Ele deveria ter pego algumas multas bem altas e talvez liberdade condicional. Mas essa era a quarta vez que pegavam a carga de armas ao longo de uma década. O sistema judiciário não gostava muito de infratores reincidentes, nem se fosse o Don da Cosa Nostra, como Dante Marcello.

Sem mencionar que Dante deu um soco em um agente por vasculhar a gaveta de roupas íntimas de sua esposa. Esse incidente piorou sua situação.

Maldito filho da puta.

Dante pegaria quatro anos no máximo, e se recebesse a maior penalidade, passaria esse tempo em uma prisão domiciliar, não na merda da cadeia. Ele não se declarou culpado das acusações, mas também não precisou disso. As provas contra ele estavam ali para o mundo ver. Culpado.

Havia uma coisa boa em ser um Marcello, no entanto. Dinheiro. Eles o tinham aos montes e, nos últimos meses, Giovanni estava fazendo seu

trabalho como advogado de defesa de Dante e seu *consigliere*. Os subornos estavam em jogo, mas nem sempre era certo se um juiz aceitaria ou não.

Porra, eles foram direto ao assunto — literalmente, dado que amanhã era o grande dia — e o juiz de Dante ainda tinha que morder a isca com a promessa de uma sentença reduzida.

— Chega de armas em nossa casa — disse Catrina, tirando Dante de seus pensamentos.

— Concordo.

Ele saiu do carro sem dizer outra palavra.

• • •

— Me devolva isso, Cella!

Dante saiu do caminho a tempo de não esbarrar em suas sobrinhas passando correndo por ele.

— Não! — Cella ergueu o dedo do meio para a irmã, segurando o tablet longe da mão de Lily.

— Eu deveria ter parado em John, cara. — Lucian olhou furioso para o teto.

— Você as ama. — Dante riu.

— Às vezes — Lucian murmurou baixinho.

Cella e Lily brigavam pelo tablet, cada uma querendo jogar o jogo que ainda estava piscando na tela.

— Tudo bem, dê para mim agora — ordenou Jordyn às suas duas filhas mais velhas. — Já deu por hoje. Cella, se eu te vir fazendo isso com sua irmã mais uma vez, vou cortar esse maldito dedo.

Aos quinze e treze anos, as meninas mais velhas de Lucian davam uma trabalhadeira. Elas eram lindas, com certeza. Todas as garotas Marcello

eram, mas elas continuavam sendo uns diabinhos. Provavelmente não ajudava nem um pouquinho o fato de que Lucian se derretia todo quando suas filhas piscavam. Elas o tinham na palma da mão.

— Papai!

Dante sorriu quando Lucian se abaixou até sua filha mais nova. Com os braços para cima, Lucia — o nome que o pai dela escolheu — subiu em seus braços abertos. Lucian se levantou, equilibrando a menina de quatro anos no quadril quando os convidados do jantar entraram na sala.

— Eu não posso acreditar que você tem três meninas — disse Dante, balançando a cabeça.

— Eu também — respondeu seu irmão. — Estou cansado de tentar um segundo menino. Cansado. É claro que essa porcaria de 50% é tudo besteira. Isso, ou Deus tem um senso doentio de humor do caralho. Ele sabe o quanto eu sou possessivo e protetor e, em vez de me dar outro filho, me deu três meninas para estourar minhas bolas diariamente e me manter acordado à noite me preocupando com elas.

— Palavra feia — Lucia sussurrou, batendo na boca de Lucian com a palma da mão.

— Desculpe, *dolcezza*. Beija o papai?!

Lucia beijou a bochecha do pai antes que Lucian a colocasse de volta no chão. Lucia foi imediatamente correndo para o avô à cabeceira da mesa da família. Antony deixou que sua neta mais nova, e provavelmente a última, subisse em seu colo para pegar o prato que Cecelia colocara na frente do marido.

Lucian ficou olhando com um brilho de orgulho nos olhos.

— Você as ama — repetiu Dante.

— Sim. Eu amo.

Cecelia gritou para os convidados restantes virem e tomarem seus

lugares para jantar, mas Lucian e Dante não se moveram da parede oposta.

Dante observou as pessoas entrarem na grande sala de jantar, tomando qualquer cadeira que estivesse disponível. Como de costume, Johnathan e Andino foram os dois últimos a entrar. Andino se sentou ao lado de Giovanni, roubando um pedaço de pão de queijo do prato de seu pai. Giovanni brigou com seu único filho, pegando o pão de queijo de volta. Isso fez Kim se aproximar do filho e bater na mão do marido em refutação.

O sorriso de Lucian se desvaneceu ao ver o sorriso arrogante de seu filho de dezessete anos para uma menina bonita de sua idade do outro lado da mesa. Ela era filha de um dos capos dos Marcello que sempre era convidado para o almoço de domingo. Johnathan sabia que não deveria mexer com as filhas de homens feitos, mas ele não seguia as regras muito bem.

— Jesus amado, ele é como Giovanni — disse Lucian, mais para si do que para seu irmão. — E ele veio de mim!

— Isso não é uma coisa ruim — respondeu Dante. — Não se você considerar como Gio ficou mais tranquilo depois de encontrar Kim.

— Sim, mas quanto tempo isso vai levar? Ele já quer terminar os estudos e fazer coisas que não o entendiam pra caralho.

— Ele falou assim?

— Eu que não fui.

— Dê tempo a ele — disse Dante.

— Sua influência sobre ele ajuda muito.

Bem, tecnicamente, Johnathan era o herdeiro de Dante para o trono Marcello. De jeito nenhum ele deixaria aquele garoto tropeçar na vida.

— Ainda bem que ele tem você pra conversar quando não quer falar comigo — admitiu Lucian. — Mas as coisas que ele às vezes faz ainda me assusta. Jordyn também.

— Eu sei. Pronto para comer?

— Sim. Você está pronto para amanhã?

Dante sentiu um peso pressionar seus ombros.

— Não vamos falar sobre isso agora. — Ele repetiu o que disse a sua esposa no carro.

• • •

— Eu chequei, eles estão dormindo. — Catrina fechou a porta do quarto atrás dela silenciosamente. — As luzes estão acesas e os eletrônicos, ligados, e eles estão roncando na cama, mortos para o mundo. Um maldito furacão não os acordaria.

— Nada de novo — observou Dante.

— Eu gosto mais deles quando dormem. Menos discussão.

Dante teve que concordar. Ele ficaria tão feliz quando esses anos de adolescência passassem. Não havia dúvida de que quando passassem, ele os desejaria de volta.

— O engraçado é que eles não acordam se o despertador toca, mas se o celular deles vibra com uma mensagem, é como se alguém despejasse água gelada neles.

— Eu era do mesmo jeito. — Dante riu.

— Acho que nunca tive tempo para agir como um adolescente normal.

Algo no tom de sua esposa chamou a atenção de Dante. Quando ele se virou para encará-la, Catrina já estava dentro do closet escolhendo as roupas que usaria no dia seguinte. Dante foi até lá e se encostou no batente da porta, cruzando os braços.

Catrina checava roupa por roupa.

— Terno preto para amanhã?

— Claro — respondeu Dante. Catrina tirou três ternos, segurando-os para que Dante inspecionasse. — O terceiro, acho.

Catrina jogou o item em cima de um banquinho coberto de couro e recolocou os outros no lugar.

— Camisa preta por baixo também?

— Não, melhor uma branca.

Uma camisa branca foi puxada de um cabide e colocada sobre o traje. Catrina abriu uma gaveta da cômoda, expondo fileiras de gravatas de seda.

— Gravata branca?

— Não, preta.

Dante não estava indo a um casamento. Aparentemente, sua esposa estava indo na direção oposta.

— Você está tentando parecer que vai a um funeral? — Catrina perguntou.

Talvez amanhã fosse como um funeral; quem saberia? Dante certamente sentiu uma iminente sensação de desgraça sobre o que estava por vir no dia seguinte. Ele confiava nas pessoas ao seu redor e, ao mesmo tempo, se preocupava com as pessoas mais próximas a ele, como sua esposa e seus filhos. O ano passado não foi fácil para eles. Amanhã era a última peça do quebra-cabeça. Isso determinaria os próximos quatro anos de sua vida e da deles.

Honestamente, esse era o motivo exato pelo qual Dante lutou contra o casamento e o amor por tanto tempo. Sua família estava sofrendo em razão das suas escolhas por causa da Cosa Nostra, e ele não gostava nada disso.

— Você é quem me deu a opção de uma camiseta preta por baixo — respondeu Dante. — Qual é a diferença?

— Ir todo de preto é como fazer uma declaração. Mas se você misturar preto com branco, não.

— Tudo bem, uma camisa azul-marinho e uma gravata preta.

— Muito melhor. — Catrina sorriu.

— Você está bem? — Dante perguntou.

Sua esposa nem se virou quando disse:

— Ótima, *bello*.

— Tem certeza?

— Sim. Por que eu não estaria bem? — Catrina tirou uma gravata preta da gaveta antes de pegar uma camisa do cabide. Ela recolocou a camisa branca junto do resto, pegou as roupas de Dante e pendurou tudo em um gancho na parede. Ela agiu como se estivesse tudo normal e amanhã não haveria uma possível grande reviravolta em suas vidas. — Eu sei que você queria que eu ficasse aqui com as crianças já que elas não vão para a escola amanhã, mas eu quero ir com você, Dante.

Se Dante fosse um homem estúpido e não conhecesse sua esposa tão bem quanto ele conhecia, teria argumentado sobre ela ficar em casa. Catrina não era o tipo de mulher que aceitaria receber ordens sobre o que ela poderia ou não fazer, então ele escolheu deixá-la fazer o que queria.

— Não faça nenhum comentário — disse Dante.

— Sim, eu sei.

— Não, escute. Não importa o que aconteça, Cat, sem comentários.

— Eu disse que eu sei — ela disse baixinho. — Você ouviu alguma coisa de Giovanni sobre os acordos que ele fez?

— Nadinha.

Dante tentou manter o tom calmo e a ansiedade contida. Não era comum Catrina perguntar sobre as partes mais privadas dos negócios de Dante, especialmente sobre esse tipo de coisa. Para ele, era um grande sinal de sua preocupação, mesmo que ela não fosse sincera ao expressar isso.

— Vou ligar para ele mais tarde. Mas você conhece as regras, nada de

negócios aos domingos — acrescentou ele, humor colorindo suas palavras.

— Eu sinceramente espero que você não faça piada com isso. —
Catrina se virou, levantando uma sobrancelha de um jeito que parecia repreendê-lo.

— Sinto muito, Cat, eu estava apenas tentando evitar qualquer besteira que esteja passando na sua cabeça agora. — A culpa bateu em Dante.

— Você é meu marido, Dante.

— Bem, pelos últimos dezesseis anos.

— E pelos próximos cinquenta, mais ou menos, — Catrina respondeu, sorrindo.

— Não sei se meus genes italianos vão me deixar viver tanto tempo.

— Sexo é bom para o coração, e nós fazemos muito isso.

Dante não conseguiria conter o riso nem se tentasse. Era muito bom rir naturalmente. Uma vez que ficou sério, ele olhou para a esposa com curiosidade. Catrina sorria como uma gatinha que havia comido o creme.

— Quem está fazendo graça agora, *Amore*?

— É diferente quando eu faço isso, você sabe.

— Como assim?

— Porque somos sempre sérios e você nunca esconde as coisas de mim. Eu sei que você está escondendo como você se sente, então em vez de ficar séria como eu normalmente faria, fiz algo diferente.

— Você me faz rir — argumentou Dante.

— Principalmente quando não sou muito gentil com outras pessoas.

Dante pensou nisso por um momento. Catrina ainda odiava as mulheres, a menos que fossem da família. Ainda era a melhor amiga dele.

— Tudo bem, é verdade. E sim, estou preocupado, mas é tarde demais para fazer muito a respeito. Foi feito tudo o que poderia ser, acredite em mim.

— Você não pode me deixar aqui sozinha, Dante — disse Catrina,

apontando para ele com a mesma atitude decisiva que ela sempre ostentava. — Dois ou três meses é uma coisa, mas quatro anos é algo totalmente diferente. Você... não pode me deixar aqui sem você por tanto tempo. Estou falando sério.

Se Dante não soubesse o quanto sua esposa estava machucada por dentro, mesmo que não demonstrasse isso do lado de fora, ele teria se divertido com a indignação dela. Catrina também não gostaria que ele fizesse muito alarde com suas preocupações, porque, como ele, a imagem que ela exalava era sua defesa mais forte junto com sua personalidade durona.

Era assim que eles faziam juntos. Nenhum dos dois gostava que alguém os visse em qualquer estado que pudesse ferir o outro. Mesmo quando estavam sozinhos na privacidade de sua própria casa, o casal nunca quebrava essas regras. Bem, na maioria das vezes. Houve momentos na vida deles em que não puderam se ajudar e, realmente, esses eram os momentos que Dante mais gostava entre ele e sua esposa.

Porque Catrina era forte — implacável. Mas quando ela não era, ele era a única pessoa que ela precisava. Como agora.

Catrina voltou a examinar as roupas do seu lado do armário em silêncio. Ela escolheu um vestido de seda azul-marinho que parava logo abaixo dos joelhos para combinar com a camisa do marido. O vestido foi pendurado junto do resto das roupas para amanhã, antes de Catrina apertar um botão na parede e fileiras de sapatos deslizassem para fora da parede.

— Não preciso de sua opinião para isso — disse Catrina, arrancando um par de sapatos pretos de couro italiano para Dante. Ela sabia que ele tinha bom gosto. — Para mim, no entanto... O que você acha, saltos ou não?

— Saltos, é claro.

— Por quê? — Catrina o encarou.

Porque mesmo em seus quarenta anos, Catrina ainda ostentava as

melhores pernas que ele já tinha visto. Quando ela usava um par de saltos, ela praticamente acabava com qualquer controle que ele tinha.

— Porque sim — disse Dante com voz rouca.

— Pra te dar algo para encarar enquanto eles levam você embora?

— Cat... — Dante sentiu seu corpo murchar contra a parede.

Catrina carregou os sapatos que escolheu até o banquinho e colocou os dois pares lado a lado. Ela não olhou para ele e, em vez disso, manteve o olhar no banco de couro.

— Você não pode me deixar aqui sozinha. Não por tanto tempo.

Dante cruzou os poucos metros de espaço entre ele e sua esposa em um piscar de olhos com dois passos largos. Ele pegou as mãos dela, empurrando-a para o closet até que seus ombros encontraram o espelho. Ela ofegou bruscamente quando ele a beijou dolorosamente com força, puxando o lábio inferior entre os dentes. Dante não falou o que queria fazer, ele simplesmente fez porque era exatamente assim que Catrina gostava. Seu vestido caiu no chão junto com as calças dele, os saltos dela cravaram em suas coxas quando ele a ergueu contra o espelho...

E então ela implorou para ele ficar.

• • •

— Malditos adolescentes — Dante rosnou, tropeçando em um par de Nikes rosa no meio do chão da cozinha. — Eles deixam as coisas espalhadas em todos os lugares!

— Com que frequência você diz isso em um dia? — Antony riu do outro lado do telefone.

— Mais do que eu quero admitir. — Dante chutou os sapatos debaixo da mesa para que eles não estivessem no caminho. — Eles são piores do que

crianças, pai.

— Ahã, eu sei. Eu tive três, lembra.

— Nós não éramos tão ruins — disse Lucian.

— Bem, eu era — Gio murmurou, ainda meio adormecido.

— Você era mesmo — Antony concordou com o filho mais novo.

Dante riu baixinho. Sua preocupação o fizera telefonar para o pai, que colocara Lucian na linha, que então acrescentara Gio à conversa para ver se alguma informação nova chegara nas últimas horas. Nada.

— Poderia ser pior — disse Lucian.

— É mesmo, como? — perguntou Dante.

— Você poderia estar se perguntando onde seu filho está hoje à noite. A linha ficou muda.

— Dê um tempo a ele — disse Antony por fim, depois de uns bons trinta segundos. — Johnathan sairá desta fase difícil um dia. Ele está apenas traçando seu próprio caminho, filho.

— Minha aposta é que ele está com aquela morena que conheceu no jantar — Gio disse calmamente.

— Ela é da família — disse Lucian acaloradamente. — E ele não é um homem feito, então não é como se ele precisasse evitar que seu traseiro fosse chutado só porque queria molhar o pau.

— Eu poderia dar um cargo a ele — sugeriu Dante.

— Só por cima do meu cadáver. Quando eu disser que ele merece, aí sim. Ele tem muito o que amadurecer ainda.

— Deixe-o se formar primeiro — adiantou Antony.

— Eu não entendo. — Lucian bufou. — Como meu filho acabou sendo tão desafiador... ainda mais quando o filho de Gio é praticamente um anjo?

— Meu filho não é um anjo. — Gio riu. — Acredite em mim. Andino

sabe que não adianta esconder nada de mim ou mentir. Além disso, não há nada que ele possa fazer que eu já não tenha feito uma dúzia de vezes. Sei quando meu filho está fazendo alguma coisa, e ele sabe o que espero dele.

— E eu pensei que Gio seria o negligente em regras e disciplina — Antony observou mais para si mesmo do que para os filhos.

— Eu não disse que tinha regras — respondeu Gio. — Eu disse que tinha expectativas que ele deve seguir sem eu ter que mandar.

Uma porta se abriu, mas Dante não sabia dizer de onde o som vinha. As próximas palavras de Gio explicaram isso.

— Levante-se, Andino.

— *Dio*, que porra, *papà*? Pare de encher meu saco.

— Cuidado com essa sua boca, *stolto*^[8]. Levante-se, já mandei.

— Por quê? São... duas da manhã!

— Precisamos ir. John, você sabe.

— Gio, você não precisa... — As palavras de Lucian foram cortadas pelo grunhido de desprezo de seu irmão mais novo.

— Já foi. Já acordei o garoto e deixei Kim na cama sozinha, então acho que você me deve. Além disso, você conhece Andino. É louco pelo John, certo? Talvez eu deixe que ele ponha juízo na cabeça do garoto esta noite quando o encontrarmos.

Gio se despediu, prometeu se encontrar com Dante bem cedo, e depois desligou. Lucian foi rápido em dizer adeus pouco depois também. Só Antony e Dante ficaram na linha.

— A história se repete — murmurou Antony. — Não dá para contar a quantidade de vezes que um de vocês, garotos, me deixou preocupado. Inferno, você ainda me preocupa, Dante.

— Desculpa. — Dante sorriu, embora seu pai não pudesse ver.

— Não precisa.

— E se...

— Não vamos começar a jogar esses jogos hipotéticos, Dante — Antony interrompeu gentilmente. — Eu sei o que você está pensando, e sei por que você me ligou, filho.

— É mesmo?

— Sim, e se depois de todo esse tempo, você ainda não descobriu, provavelmente nunca descobrirá. Você não é como eu, Dante. Nunca será. Não importa o quão cuidadoso você seja, nada garante sua liberdade nesta vida. Você escolheu essa vida, agora lide com ela. Eles tentaram fazer isso comigo. E fui ficando cada vez mais inteligente.

— Mas você nunca ficou atrás das grades, pai.

— Foi sorte — respondeu Antony, como se fosse óbvio. — Você ficará poucos meses, Lucian ficou um ano e meio, para desgosto de Jordyn.

— Gio é o único que não foi preso nenhuma vez e essa é a maior surpresa de todas.

— Na verdade, não. Gio tem muita sorte em dar conta do recado. Sempre foi assim. Ainda bem, senão ele já estaria morto.

— Não dá para jogar um pouco de sorte em cima de mim?

— Confie em seu advogado, filho. — Antony riu. — Eu sempre confiei.

— Meu advogado é Gio.

— Ei, eu não criei nenhum idiota.

• • •

Dois dias depois...

O chefe da máfia sai ileso das acusações com liberdade condicional,

dizia a manchete.

— Dante Antony Marcello, o Don da Cosa Nostra da família mafiosa Marcello, que reinou há muito tempo, saiu ileso de mais uma rodada de acusações.

— Não foi bem assim. — Dante bufou. — Dois anos com liberdade condicional não é sair tão ileso assim.

— Pare de reclamar — ordenou Catrina, estendendo a mão para tocar no ombro de Dante. — Seja voluntário em um maldito abrigo de animais ou algo assim. Você gosta de gatos.

— Eu odeio gatos.

— Você gosta de cães.

— Eu odeio cães.

— Cale a boca, Dante. Você está me irritando.

Não querendo irritar sua esposa e fazer com que Catrina começasse um discurso, Dante tomou um gole de seu café quente. Seu filho e sua filha circulavam pela cozinha, ouvindo a mãe lendo o jornal da manhã enquanto se preparavam para a escola. Felizmente, seus filhos estavam muito interessados na reportagem para discutir um com o outro. A história de Dante estava na primeira página, como geralmente acontecia quando algo ia à público na família Marcello.

— A promotoria cita as prisões e condenações anteriores de Dante Marcello como razões pelas quais o suposto Don deveria estar atrás das grades. Catrina continuou a ler. — O juiz do caso se recusou a comentar. Quando saiu do tribunal, ele permaneceu em silêncio enquanto a mídia se reunia à espera de uma declaração.

Dante suspirou, olhando para o teto.

— Sua esposa, por outro lado... — Catrina sorriu perversamente. — Eu não fiz nenhum comentário, Dante, do jeito que você mandou.

— E levantou o dedo do meio!

Catherine e Michel riram de onde estavam na beira do balcão.

— Tem foto disso, mãe? — Michel perguntou.

— Não — respondeu Catrina, jogando o jornal na mesa. — Que pena, eu com certeza iria guardar.

— Não tenha tanta certeza disso — murmurou Dante.

— Acho que o tio Gio conseguiu subornar, não foi? — Catherine perguntou.

Dante captou o olhar de sua esposa diante da pergunta de sua filha, as palavras dele de dias atrás sendo repetidas em silêncio. Nem ele nem Cat mencionaram a Catherine sobre Giovanni pagar alguém para que Dante pegasse uma pena mais leve. Era mais uma prova sobre as habilidades de observação da filha e o interesse nos negócios deles.

— Não sei do que você está falando — Catrina respondeu, dando à filha um sorriso que era tudo menos inocente.

— Claro, mãe. — Catherine pulou do balcão, pegando a mochila do chão. Ela apontou para o jornal esquecido no meio da mesa. — Você deveria recortar e pendurar na geladeira ou algo assim.

— Catherine, eu não preciso me lembrar disso todos os dias — disse Dante, balançando a cabeça. — Pode jogar fora.

— Mas nós somos Marcello, *papà*.

— E daí?

— Podemos muito bem ser donos dele.

[1] Uma palavra usada para referir-se a alguém da máfia ítalo-americana que tem uma posição mais alta do que a da pessoa que fala. Um soldado chama um capo de "skip". Um capo chamaria um *consigliere* de "skip". Um *consigliere* chamaria o chefe de "skip" e assim por diante.

[2] No italiano, “doçura”.

[3] Em inglês “Queen Pin”, o mesmo que chefe, só que do sexo feminino.

[4] Do italiano, “rainha”.

[5] Uma espécie de amante dos mafiosos.

[6] Do italiano, “cadela”.

[7] Em italiano, “eu sei”.

[8] Em italiano, “tolo”.